

# BRINCAR HEURÍSTICO E O CESTO DOS TESOUROS

A abordagem à brincadeira espontânea em contexto de creche

---

**MAFALDA AZEVEDO VIEIRA**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar

Agosto de 2020

**VERSÃO DEFINITIVA**

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a  
Docência em Educação Pré-Escolar

### **BRINCAR HEURÍSTICO E O CESTO DOS TESOUROS**

A abordagem à brincadeira espontânea em contexto de creche

Autora: Mafalda Azevedo Vieira

Orientador: Professora Doutora Ana Patrícia Almeida

Agosto de 2020

*“Play is more than just fun for children. Play is the way children learn, and the significance of this cannot be underestimated. It allows children to learn about themselves, about their world and about the people around them”. Shanahan Kerrie (2005, p.5)*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, profundamente, a todos os que estiveram presentes desde o início de toda esta caminhada, pois, sem eles, a concretização deste relatório não teria sido possível.

Obrigada de coração, ao meu PAI, à minha MÃE, ao meu IRMÃO e ao meu NAMORADO, bem como aos meus familiares, amigos e professores que estiveram sempre ao meu lado e a encorajar-me para continuar o meu caminho em frente e em direção ao sucesso, independentemente, das “*pedras no caminho*”.

Quero ignorado, e calmo  
Por ignorado, e próprio  
Por calmo, encher meus dias  
De não querer mais deles.

Aos que a riqueza toca  
O ouro irrita a pele.  
Aos que a fama bafeja  
Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade  
É sol, virá a noite.  
Mas ao que nada espera  
Tudo que vem é grato.

*Fernando Pessoa*

Dedico este poema a vocês, a todos, um bem-haja!

## RESUMO

O presente estudo apresenta o Brincar Heurístico (BH) e o Cesto dos Tesouros (CT) como uma aproximação à importância do brincar espontâneo em contexto de creche. A investigação teve como finalidade primária responder às seguintes questões:

- **Em que consiste e como pode ser aplicado o método Brincar Heurístico?**
- **De que forma o Brincar Heurístico influencia o desenvolvimento das crianças nos seus primeiros anos de vida?**
- **Quais as apreciações dos educadores de infância acerca do método Brincar Heurístico?**

Perante estas questões, definimos três objetivos para o presente estudo:

- **Conhecer o Brincar Heurístico em contexto de creche;**
- **Perceber como o Brincar Heurístico influencia o desenvolvimento infantil;**
- **Compreender como os profissionais de educação vêem o Brincar Heurístico.**

Neste trabalho é apresentado o conceito do Brincar Heurístico, e de como este tem um papel promotor no desenvolvimento infantil. É fundamentado a nível teórico, mencionando as teorias de referência nesta área e a sua importância no âmbito da educação. Trata-se de uma investigação de carácter qualitativo, orientando-se por observações naturalistas a crianças entre os oito meses e três anos de idade e à formulação de um modelo compreensivo das conceptualizações (crenças e teorias implícitas) de um grupo de educadoras acerca desta temática. Através deste estudo, apurámos que o BH é um método relevante para o desenvolvimento psicossocial, cognitivo e motor da criança, podendo assim, contribuir para uma aprendizagem lúdica e prazerosa.

**PALAVRAS-CHAVES:** Brincar, Heurístico, Cesto dos Tesouros, Creche.

## ABSTRACT

The following study presents Heuristic Play (HP) and Treasure Basket (TB) as an approach to the importance of heuristic play in early childhood education. The present research had as a primary goal to answer the following questions:

- **What does Heuristic Play consist of and how can it be applied?**
- **In what ways does Heuristic Play influences children in their development in their early years of life?**
- **What were the appreciations of the nursery schoolteachers concerning the Heuristic Play method?**

From these questions, we defined three objectives for this research:

- **Knowing HP in early childhood education;**
- **Recognizing how HP influences child development;**
- **Understanding how education professionals see HP.**

In this research, the concept of the HP method is presented, and how it has a promotor role in child development. It is theoretically substantiated, mentioning the theories of reference in this field and its importance in the context of education. This research is qualitative in nature, guiding itself by naturalist observations of children between eight months old and three years old and by formulating a comprehensive model of the conceptualizations (beliefs and implicit theories) of a group of nursery schoolteachers regarding this subject. Through this research, we ascertained that HP is a relevant method to the psychosocial, cognitive and motor developments of children, contributing to a ludic and pleasurable learning.

**Keywords:** Play, Heuristic, Treasure Basket, Education.

# ÍNDICE

<b>RESUMO</b>	iii
<b>ABSTRACT</b>	iv
<b>LISTA DE SIGLAS</b>	vii
<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO 1 – QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO</b>	3
1.1 – A CRIANÇA DOS 0-3 E O CONTEXTO DE CRECHE	3
1.1.2 – A creche e o bebé	6
1.2 – O BEBÉ ENQUANTO BRINCA	8
1.3 – O BRINCAR HEURÍSTICO	10
1.3.1 - Aspetos fundamentais para uma sessão BH	14
1.4 – BRINCAR HEURISTICAMENTE ATÉ AOS TRÊS ANOS, PORQUÊ?	16
1.4.1. A importância para o desenvolvimento físico	17
1.4.2. A importância para o desenvolvimento cognitivo	19
1.4.3. A importância para o desenvolvimento psicossocial	22
<b>CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA</b>	26
2.1 – PROBLEMÁTICA EM ESTUDO	26
2.2 – PARADIGMA	27
2.3 – PARTICIPANTES	28
2.3.1 – Educadoras Entrevistadas	28
2.3.2 – Grupo de crianças observado	29
2.4 – INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	30
2.4.1 – Entrevistas	31
2.4.2 – Observações	32
2.4.3 – Diários de bordo, Conversas informais e Registo fotográfico	33
2.5 – TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS	34
<b>CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	37
	v

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	51
<b>ANEXOS</b>	54
1. Guião da Entrevista a Educadoras que conheciam o Método;	55
2. Transcrição das Entrevistas;	57
3. Análise Conteúdo destas Entrevistas;	105
4. Guião da Entrevista a educadoras que não conheciam o Método;	113
5. Transcrição das Entrevistas;	115
6. Análise Conteúdo destas Entrevistas;	139
7. Diários de Bordo;	143
8. Observações Naturalistas;	152
9. Análises de Conteúdos das Observações;	184

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1 - Caracterização das Crianças Observadas;

Tabela 2 - Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo das entrevistas a Edu. que conheciam o método;

Tabela 3 - Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo das entrevistas a Edu. que não conheciam o método;

Tabela 4 - Categorias e Subcategorias das Observações.

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1 – TC a um cérebro com muitos estímulos;

Figura 2 – TC a um cérebro com poucos estímulos.

## **LISTA DE SIGLAS**

BH – Brincar Heurístico;

CT – Cesto dos tesouros;

TC – Tomografia Computadorizada.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo surge no âmbito da unidade curricular de Relatório Final do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar no Instituto Superior de Educação e Ciências de Lisboa.

O seguinte estudo ocorreu em contexto de creche com crianças desde a sala do berçário à sala dos três anos. Esta investigação sucedeu com o intuito de perceber qual o grau de importância e aplicabilidade das atividades inspiradas na brincadeira heurística.

No processo da globalização, a creche deixou de ser considerada um recurso de carácter assistencial aos pais, passando a ter uma identidade própria e, assim, tornando-se um recurso essencial na comunidade, atuando ao serviço da mesma e representando uma resposta educativa às crianças desta faixa etária, empregando profissionais que orientam as primeiras aprendizagens significativas da vida de um ser humano (Melchior e Biasoli-Alves, 2002).

Uma vez que não existem orientações curriculares destinadas em exclusivo a crianças em idades compreendidas entre os zero e três anos de idade (creche), nesse sentido, o brincar heurístico, torna-se numa metodologia que vem auxiliar os profissionais de educação a apresentar um método de brincadeira infantil, reconhecendo a criança como o sujeito ativo da sua formação (com necessidades, gostos, interesses e competências) e mantendo o Educador de Infância como o mediador das práticas educativas (Carvalho e Portugal, 2017).

A escolha deste tema deveu-se a alguma falta de conhecimento acerca do mesmo, e também à curiosidade de experimentar e conhecer esta abordagem destinada às crianças como um “brincar espontâneo”, ao invés do “brincar dirigido”, reforçando a ação do brincar no seu modo mais natural sendo livre e, portanto, espontâneo.

Para dar início a esta investigação, surgiram três questões:

- **Em que consiste e como pode ser aplicado o método Brincar Heurístico?**

- **De que forma o Brincar Heurístico influencia o desenvolvimento das crianças nos seus primeiros anos de vida?**
- **Quais as apreciações dos educadores de infância acerca do método Brincar Heurístico?**

Com base nestas questões, definimos os seguintes objetivos para nos fornecerem as respostas:

- **Conhecer o Brincar Heurístico em contexto de creche;**
- **Perceber como o Brincar Heurístico influencia o desenvolvimento infantil;**
- **Compreender como os profissionais de educação vêm o Brincar Heurístico;**

O presente relatório encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo eles o Enquadramento Teórico, Problematização e Enquadramento Metodológico, Apresentação e Discussão de Resultados e as Considerações finais.

No Enquadramento Teórico, refletimos sobre a creche em contexto educativo, sobre o desenvolvimento global do bebé e sobre as teorias dos autores dos quais sustentam o BH.

No que diz respeito ao Enquadramento Metodológico, será apresentado a Problemática de Estudo, o Paradigma, os Participantes e, por fim, os Instrumentos de Recolha de Dados.

No terceiro capítulo, apresentamos o Resultado e a Análise das Entrevistas às Educadoras de Infância e das Observações Naturalistas relativamente ao BH.

Terminamos o presente relatório com a apresentação das Considerações Finais, em que abordamos todo o nosso parecer face à realização deste estudo, bem como as aplicações e implicações do mesmo e, finalmente, sugestões de continuidade de exploração deste tema.

Encontram-se, por último, as referências bibliográficas e os anexos.

## **CAPÍTULO 1 – QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO**

Com o enquadramento teórico pretende-se expor a informação obtida através da consulta e análise bibliográfica que se julgou relevante para a compreensão da temática em estudo e ajudar a responder cientificamente às questões de partida.

Neste sentido, e num primeiro momento, foi feita uma análise à creche como oferta educativa, nomeadamente a sua função, bem como os objetivos estipulados para orientar o desenvolvimento infantil, apresentando alguns estudos relacionados com o mesmo. Num segundo ponto, evidencia-se a importância da brincadeira em creche, e como esta visa responder ao desenvolvimento infantil, apresentando algumas diferenças entre o brincar, a brincadeira e o jogo. Num terceiro momento, sublinhamos, através da apresentação de vários estudos empíricos e abordagens teóricas, a relevância do método BH na primeira infância. Assim sendo, apresentamos algumas estratégias pedagógicas para a prática da metodologia. Num quarto ponto, complementando o método BH, são evidenciados os benefícios que o contacto com o mesmo e com elementos da natureza refletem no desenvolvimento infantil a nível motor, cognitivo, social e emocional.

### **1.1 – A CRIANÇA DOS 0-3 E O CONTEXTO DE CRECHE**

No início da Revolução Industrial, a creche começou por ser uma valência que veio responder a algumas carências da sociedade, uma vez que as famílias sentiram uma necessidade de ter um local onde pudessem colocar os seus filhos em segurança enquanto trabalhavam. Como menciona Cardona (2006), com a falta de mão de obra neste período, as mulheres entraram no mercado de trabalho deixando de poder estar em casa com os filhos, ou seja foram “(...) criadas as primeiras instituições para as crianças pequenas, tendo como principal finalidade assegurar a guarda dos mais pobres (...)” (Cardona 2006, p. 130).

Atualmente, as creches e jardins de infância mantêm-se imprescindíveis para o dia a dia das famílias, isto porque ambos os pais estão empregados e necessitam de recorrer a instituições educativas, onde os seus filhos possam estar em segurança. Carvalho e Portugal (2017) mencionam que em Portugal, “A creche é a resposta mais utilizada pelas famílias – entre 85% e 100% (...)” (p.12), ou seja, as mesmas necessitam de recorrer a estas instituições desde muito cedo para poderem ir trabalhar.

Visto que a creche é uma mais valia para a comunidade, Carvalho e Portugal (2017) consideraram relevante o desenvolvimento de determinados objetivos para apoiar a valência de creche. Entre outros, estas autoras referem os seguintes objetivos:

- Partilhar os cuidados e as responsabilidades com as famílias, facilitando a articulação familiar e profissional;
- Ter uma dedicação individualizada e personalizada a cada criança;
- Estar alerta a despistar deficiências ou situações de risco, garantindo a orientação adequada;
- Disponibilizar um ambiente seguro, a nível físico e afetivo, proporcionando um desenvolvimento rico à criança;
- Promover a interligação entre a creche e serviços existentes na comunidade.

A creche é para muitas crianças o primeiro contacto diário com outras crianças e com adultos diferentes do meio social em que estão inseridos. Esta valência é também um espaço que proporciona às crianças desenvolverem-se a nível emocional, psicológico, motor, social, pois nesta fase a criança tem um grande crescimento e desenvolvimento nos vários domínios.

Carvalho e Portugal (2017) complementam que na faixa etária dos zero aos três anos, observa-se uma acelerada evolução no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Nesta fase, devem ser acompanhadas não só por familiares, mas igualmente por profissionais de educação que consigam compreender as suas ações e comportamentos de forma a adaptar o ensino-aprendizagem às suas necessidades, tornando-o mais significativo e eficaz a cada criança.

É nesta perspectiva que Melchior e Biasoli-Alves (2002) afirmam que “(...) o bebê do século XXI precisa de um sistema de apoio suplementar ao da família, e que tenha qualidade porque a ele será atribuído um papel de extrema relevância (...)” (pág.43), e, por isso, as creches têm evoluído cada vez mais nos últimos anos, pois dada a sua importância, tanto para o desenvolvimento do bebê a nível físico, cognitivo e psicossocial, como para os pais sendo que é um importante apoio.

Uma vez que a creche em si é uma valência de extrema relevância quer para o desenvolvimento infantil quer como apoio familiar, Laevers (2005, citado por Carvalho e Portugal, 2017) apresenta seis características base, que os profissionais de educação devem compreender e apresentar, pois a frequência na creche para a criança deve ser um momento prazeroso. Estas características são:

- Reconhecer a criança como um ser pensante, respeitando as suas necessidades e interesses;
- Apresentar uma abordagem em constante evolução, a criança deve ter abertura para a tomada de iniciativa e ação própria;
- Um clima rico, tanto em diversidade como em espaços livres;
- Valorização do processo de representação, uma vez realizado a criança deve ter liberdade de representar novamente;
- O diálogo, a comunicação, a partilha, estes pontos são muito importante para o desenvolvimento da linguagem nestas idades;
- A constante observação por parte do educador, como mencionado anteriormente é o elemento mais forte de uma prática pedagógica.

Na creche também se deve ter em consideração a existência de orientações pedagógicas a seguir, pois o educador deve ter em conta que o seu trabalho é muito importante. As orientações curriculares irão permitir a este que monitorize e aperfeiçoe a sua prática educativa, sendo que este para ser um bom profissional deve estar em constante avaliação e reflexão diária perante a sua prática pedagógica (Carvalho e Portugal, 2017).

Como o papel do educador é crucial na vida das crianças, como já mencionado, este necessita de estar especificamente qualificado para ter a capacidade de transmitir

conhecimentos e fornecer experiências de aprendizagem e desenvolvimento às crianças (Portugal, 2000, citado por Azevedo, 2011).

Portugal (1998, citado por Azevedo, 2011), afirma que o papel dos educadores e auxiliares presentes na creche não é forçar o desenvolvimento, mas sim garantir que o bebé usufrua das experiências vivenciadas e que as rotinas diárias lhe transmitam confiança e segurança emocional, sendo estas experiências e rotinas fundamentais para a vida futura do bebé.

Tudo isto implica que o educador tenha um papel orientador e facilitador da ação da criança, tendo em conta a orientação base para uma boa prática educativa. A criança na faixa etária de creche tem a oportunidade de experienciar novas vivências, será importante referir como é que a criança desenvolve as mesmas competências. Assim sendo, passamos ao seguinte tópico, abordando a criança em creche, explicitando como esta atua na evolução da criança.

### **1.1.2 – A creche e o bebé**

Os bebés dos quatro aos vinte e quatro meses, em geral, têm uma boa adaptação a um ambiente coletivo, a creche. Quando frequentam a creche começam a habituar-se a conhecer outras crianças e adultos. O bebé procura o outro e envolve-se em ambientes e experiências diferentes quando se sente seguro no novo ambiente que está a ser exposto (Melchior e Biasoli-Alves, 2002).

A creche oferece uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de capacidades e apresenta diferentes experiências que desenvolvem o bebé em todos os domínios.

Hay, Pederson e Nash (1982, citado por Anjos et al., 2004) afirmam que, no primeiro ano de vida do bebé, existe um misto de evoluções a nível da locomoção, da fala e das habilidades cognitivas, sendo que este desenvolvimento passa pela interação dos bebés em creche, pois eles interagem entre si.

Estando a criança na creche, esta passará a estar em contacto diário com outras crianças e adultos estranhos ao seu meio familiar (Gesell 2000). Segundo Anjos et al.

(2004), o bebé começa a ter um grande interesse por crianças da mesma idade, sendo muito relevante para o seu desenvolvimento como ser comunicativo. Como afirma Carvalho e Beraldo (1989, citado por Anjos et al., 2004) este contacto entre crianças é cada vez mais precoce devido às transformações socioeconómicas e culturais, sendo uma mais valia para estes, pois a interação desde muito cedo é muito importante para o seu desenvolvimento social.

Para comprovar estas informações, Anjos et al. iniciaram um estudo em 2004, no qual abordam a interação dos bebés em creche. No início, achavam que a definição de interação era “(...) fazer algo juntos (...)” (p.520), no entanto, os autores salientam nos seus resultados que, durante a observação aos bebés, perceberam que estes procuram-se uns aos outros, resultando assim, numa interação social. Esta interação social na prática refere-se à ação do brincar, ou seja, os autores mencionados acreditam ser fundamental esta interação para o desenvolvimento da criança em todos os domínios, daí que a creche seja uma mais valia na vida dos bebés.

Ao percebermos que a brincadeira é tão importante para a criança, esta deve ser implementada e recorrente no seu dia a dia, tanto em casa como na creche. Carvalho, Alves e Gomes afirmaram (2005) que é a “(...) função das instituições de educação infantil resgatar o brincar, criando oportunidades e espaços, seja para o brincar pedagógico seja para o brincar livre” (p. 225), pois como mencionado anteriormente é um momento muito rico.

Sendo a função, segundo Carvalho, Alves e Gomes (2005), das instituições recorrer à brincadeira quer lúdica, quer pedagógica, a ludo-educação tornou-se recorrente e tem vindo a ganhar espaço no ensino-aprendizagem devido à sua natureza descontraída. A ludo-educação, torna-se assim, numa aprendizagem muito mais significativa e entusiasmante para a criança. Além da criança ser o centro da ação, ela está em constante participação quer com o adulto quer com outras crianças, estabelecendo uma relação entre todos os parceiros da ação educativa (Dohme, 2002, citado por Cordazzo e Vieira em 2007).

Em suma, a creche é uma valência fundamental para o desenvolvimento infantil, quer para a criança na sua individualidade, quer em grupo, uma vez que na creche se reúnem vários bebés da mesma faixa etária no mesmo espaço. Dado que a ação do brincar é um elemento fundamental para a interação das crianças, o capítulo seguinte

servirá para compreender a forma como este influencia a criança no aspeto cognitivo. Demonstrando assim, como a criança se desenvolve enquanto usufrui de momentos de brincadeira e diversão.

## **1.2 – O BEBÉ ENQUANTO BRINCA**

A brincadeira é o “ato de brincar”<sup>1</sup>, é durante esta ação que a criança desenvolve inúmeras capacidades. Na brincadeira, o brinquedo pode ou não ser utilizado, pois brincar é uma atividade livre e espontânea na qual a criança desenvolve a sua imaginação/criatividade.

Sendo o brincar uma atividade espontânea para a criança, podemos observar esta ação desde o berço, uma vez que, com apenas alguns meses, o bebé já brinca tanto com o seu próprio corpo, como com o adulto, sem necessitar de nenhum objeto, já que é através dos seus órgãos sensoriais (Cordazzo e Vieira em 2007) que a criança explora o meio envolvente.

Portanto, para a criança, o brincar é uma atividade importantíssima para o seu autoconhecimento e para conhecer o meio que a rodeia, desenvolvendo assim, os domínios motores, sociais e emocionais (Crespo, 2016).

Leontley (1994) e Vygotsky (1991) explicam que a brincadeira evolui ao longo da idade da criança, explicando que, começarão com brincadeiras sensoriais, depois, seguem-se para os jogos de exercícios que levam a mesma a explorar todo o tipo de construções e brinquedos. Consequentemente, a criança começa a interessar-se por jogos simbólicos, onde a mesma passa a explorar e testar papéis sociais existentes no seu dia a dia, começando então, a replicar o que o adulto faz no seu quotidiano (citado em Cordazzo e Vieira, 2007).

---

<sup>1</sup> Fonte: Dicionário Priberam, utilizado a 13/12/2018

A brincadeira está presente em toda a vida da criança, pois, como menciona Garvey (1992, citado por Crespo, 2016), brincar é alegre e divertido, fazendo com que o sujeito em ação esteja bem disposto e se mostre voluntário perante esta atividade.

Ferreira (2014, citado por Crespo, 2016), menciona que a criança interage e brinca consoante o contexto, pois o contexto influencia a sua ação naturalmente. Sabemos que é ao brincar que a criança comunica e desenvolve suas interações e relações sociais, neste sentido, o profissional de educação teve ter em atenção os interesses das crianças quando proporciona estas interações (Barriga 2010, citado por Crespo, 2016).

Como afirma Kishimoto (2010, citado por Crespo, 2016) é fundamental respeitar uma criança quando quer brincar sozinha ou em grupo, visto que uma brincadeira nunca deve obrigar a criança a fazer algo que não queira. Kishimoto (2010, citado por Crespo, 2016) defende que, ao brincar, a criança desenvolve capacidades sensoriais e cognitivas. Paiva (1995, citado por Crespo, 2016) menciona que, ao brincar, a criança cria laços afetivos, aprende a respeitar o outro, adquire e compreende a importância de cumprir as regras, descobrindo assim, as potencialidades do seu corpo, bem como dos cinco sentidos que se desenvolvem dentro de si.

As brincadeiras contribuem para o conhecimento do esquema corporal, através dos movimentos que consegue realizar. Ao brincar, a criança desenvolve-se muito a nível físico, pois a brincadeira requer que ela se movimente, que conheça o seu corpo e, aos poucos, a mesma vai evoluindo e conseguindo fazer cada vez mais movimentos com cada aprendizagem que faz.

É importante referir que, além dos benefícios intrínsecos na interação entre crianças, as mesmas, muitas vezes, enquanto brincam, experimentam, manuseiam objetos, observam-nos e inventam qualquer brincadeira, seja com um brinquedo de plástico, seja com um objeto do quotidiano.

Segundo Brougère e Wajskop (1997, citado por Cordazzo e Vieira, 2007), o brinquedo não tem de ser o único objeto para brincar, esclarecendo que, o valor simbólico dado a um objeto ou brinquedo depende apenas da ação da criança. Por exemplo, um cabo de uma vassoura pode exemplificar e demonstrar esta relação entre função do objeto e o valor simbólico que a criança dá ao objeto. Estes autores explicam que o cabo da vassoura tem uma função específica, no entanto, nas mãos de uma

criança, pode se transformar em qualquer coisa, como por exemplo “(...) um cavalo” (p.91).

Em suma, compreende-se que o brinquedo influencia ou não a brincadeira, e que este tem um valor simbólico para a criança, pois qualquer objeto pode ser um brinquedo. A brincadeira é a ação da criança enquanto brinca, mas esta pode ou não envolver brinquedos.

No geral, podemos afirmar que a brincadeira é o ato de brincar, e como afirmam Cordazzo e Vieira (2007) este tem uma enorme importância, pois é justificada através da recorrência com a qual é praticado e pelo desenvolvimento que incute na criança.

Continuando a desenvolver e a apresentar a ação da brincadeira, no próximo capítulo, será abordado o BH, como método de aprendizagem e de desenvolvimento infantil.

### **1.3 – O BRINCAR HEURÍSTICO**

A origem da palavra heurístico é grega, deriva de *heurisko*<sup>2</sup> e o seu significado é “descobrir, inventar, obter”<sup>3</sup>, e, sobretudo, o “(...) processo pedagógico de encaminhar o aluno a descobrir por si mesmo o que se quer ensinar (...)”<sup>4</sup>.

Segundo Jackson (2009) num artigo publicado<sup>5</sup> menciona que, Elinor Goldschmied, a principal fundadora do método BH, durante a guerra em Inglaterra regressou a Itália (o país de origem do seu cônjuge) e que, durante essa época, visitou alguns orfanatos que a melindraram devido à ausência de objetos e brinquedos para as crianças explorarem, bem como a falta de relações afetivas entre os adultos e as crianças que frequentavam o espaço.

Consequentemente a estas visitas, Goldschmied (1948), conheceu uma instituição para mães solteiras em Milão. Neste espaço, teve a oportunidade de “(...)

---

<sup>2</sup> Fonte: Dicionário Priberam, a 20/12/2018

<sup>3</sup> Fonte: Dicionário Priberam, a 20/12/2018

<sup>4</sup> Fonte: Dicionário Priberam, a 20/12/2018

<sup>5</sup> Fonte: Artigo escrito no “The Guardian”, 12 junho 2009;

<https://www.theguardian.com/society/2009/jun/12/obituary-elinor-goldschmied>

supervisionar a educação em creche e o treino de profissionais, liderando a transformação dos cuidados das crianças em Itália” (Jackson, 2009, p.1).

Hughes (2019) menciona num artigo<sup>6</sup> que foi nesta instituição para mães solteiras que Goldschmied introduziu o cesto dos tesouros (CT) a vários bebés, começando assim, a ensinar e a treinar noutras instituições pelo resto país.

Segundo Jackson (2009), no artigo publicado no “The Guardian”, Goldschmied formulou o cesto dos tesouros através da observação dos bebés enquanto aprendem acerca do mundo à sua volta e como os pais lhes disponibilizam “(...) coisas para brincar e investigar” (p.1).

Goldschmied (1989, citado por Jackson no “The Guardian”, 2009) afirma que os bebés “(...) sugam, agarram, tocam e sentem objetos, (ensaiando) comportamentos que criam as suas primeiras aprendizagens” (p.1).

Neste sentido, Goldschmied, tirou partido desta forma de agir natural dos bebés perante os objetos e das observações realizadas, para criar o BH e o CT como um método de aprendizagem para crianças entre os zero e os três anos de idade.

O BH é um método que se divide em duas fases do desenvolvimento infantil, **sendo o primeiro: o Cesto dos Tesouros (CT)**. O CT está disponível para quando o bebé se encontra na transição de desenvolvimento e autonomia dos seus movimentos corporais, pois é relevante que o bebé consiga permanecer sentado para usufruir da exploração do CT de forma satisfatória. Quando o bebé já tem capacidades para se locomover pelo espaço, o CT perde as suas características base, pois o cesto é um objeto estático que vai limitar o potencial do desenvolvimento físico da criança.

A palavra “tesouro”, segundo Araújo (2018), é escolhida por estarmos perante uma brincadeira livre de exploração de objetos do uso quotidiano. Esta diversidade de objetos leva o bebé a uma exploração rica, possibilitando assim momentos ricos para a aprendizagem e desenvolvimento do mesmo.

Um cesto de tesouros bem abastecido, oferecido por um adulto atento, pode proporcionar experiências que são interessantes e absorventes, capacitando o bebé a buscar uma aprendizagem vital para a qual ele está pronto e ansioso (Goldschmied e Jackson, 2007, p.115).

---

<sup>6</sup> Fonte: Artigo “Rediscovered Treasure” em Froebel Trust, 2019;  
<https://www.froebel.org.uk/resources/elinor-goldschmied-s-treasure-basket/>

Goldschmied e Jackson (2006) completam que o CT reúne e oferece um conjunto variado de objetos do cotidiano que são escolhidos com o objetivo de transmitir estímulos e assegurar experiências significativas, pois nesta fase o cérebro do bebê está preparadíssimo para captar e receber todos os tipos de estímulos facultados.

Quando um bebê explora um CT, conclui-se que ele realiza inúmeras ações perante os objetos: ele observa, toca, pega, coloca na boca, agita, atira para o chão, junta ou separa os objetos, descarta ou atrai os objetos que lhe interessa, entre muitas outras ações momentâneas.

Goldschmied e Jackson em 2007, defenderam que o CT envolve a criança num contexto real, do dia a dia, pois é através da utilização de objetos do cotidiano que o bebê explora os materiais, proporcionando experiências significativas para o seu desenvolvimento. O CT leva, também, o bebê a interagir com o outro, pois várias crianças exploram o mesmo cesto, entre cinco a seis, podendo ser esta interação solitária ou com o outro.

Esta estratégia promove variedade e qualidade ao brincar, levando o bebê ao encontro deste desenvolvimento farto, uma vez que o mesmo consegue estar nesta atividade concentrado durante trinta minutos a uma hora.

Quando a criança já tem capacidades para se movimentar livremente pela sala, deixamos de dar à criança o CT e passamos para a **segunda fase: a do Brincar Heurístico (BH)**, na qual se disponibiliza o material no espaço e onde a criança se desloca sozinha até aos materiais.

O BH, segundo Goldschmied e Jackson (2007), “(...) é uma abordagem, e não uma prescrição. Não há uma única maneira correta de fazê-lo, e pessoas em centros diferentes terão as suas próprias ideias e juntarão os seus próprios materiais” (p.149).

Esta abordagem é muitas vezes mencionada como uma proposta de jogo ou brincadeira livre, pois, como aborda Araújo (2018), o BH tem como objetivo principal a exploração de objetos, estimular a criança a investigar/pesquisar todas as possibilidades e propriedades de um material que lhe é oferecido e, assim, brincar livremente.

Segundo o Dicionário Oxford (citado por Goldschmied e Jackson, 2007) o aprendizado heurístico é determinado por “(...) um sistema de educação sob o qual o pupilo é treinado para descobrir as coisas por si mesmo” (p. 147).

O BH, como menciona Jackson (2007), vai muito mais além do que o cesto, pois a criança já interage com os materiais de forma diferente, ou seja, já lhes fornece uma utilidade. Goldschmied e Jackson (2007), mencionam que através dos objetos fornecidos, as crianças passam por inúmeros processos de observação, onde algumas agrupam os objetos, discriminam outros, arrumam ou desarrumam, fazem torres, empilhando os objetos e testando o equilíbrio dos mesmos. Através deste manuseamento dos materiais, a criança desenvolve a sua concentração e a sua habilidade de manipulação, desenvolvendo assim, a motricidade fina.

Na obra de Goldschmied e Jackson (2007), é mencionado que o BH tem muitos benefícios para a criança, principalmente para a aptidão da criatividade/imaginação e concentração, destacando que, em muitas explorações, as crianças foram observadas e encontravam-se entretidas e envolvidas na ação por cerca de trinta minutos ou mais, conseguindo estar integradas e concentradas.

Uma das características relevantes deste método é a repetição, pois quando a criança repete, consegue adquirir melhor as competências trabalhadas, sendo este um exercício realizado por satisfação e prazer próprio, tornando esta aprendizagem muito mais significativa para a criança.

É importante ter em atenção que este método é uma forma de brincar e explorar que é apresentada à criança, mas deve-se sempre respeitar e valorizar os focos de interesse das crianças, sendo que, nesta atividade, podemos observar a essência do brincar inerente à criança a sobressair e facilmente identificamos os seus pontos de interesse.

Fochi et al. (2016), defendem que “(...) aprender por meio da descoberta é produzir conhecimento, é produzir corpo e subjetividade” (p.15). A criança quando explora através da sua pesquisa e procura pelo saber, ela constrói o seu corpo, porque a criança desenvolve-se através do corpo, das explorações e dos sentidos. Como nos diz Fochi et al. (2016), “(...) o corpo que pensa não pode ficar parado (...)” (p.18), pois tanto a criança, como o bebé, necessitam de pesquisar, sentir, testar e tirar as suas próprias conclusões das explorações.

Estes autores defendem que não existe uma hierarquia entre o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento físico, pois nós nascemos como um todo: com sentidos, emoções, corpo, intelecto, razão, entre muitas outras funções. Em conclusão, a criança,

enquanto ser humano, não nasce só com o corpo, mas sim com todas estes sentidos. Ou seja, o bebé, através das mãos, dos pés, da boca, do nariz, etc., está a explorar, não só com as partes do corpo, mas, também, com todos os sentidos e emoções.

Em síntese, o BH é uma forma de explorar que é essencial para dar asas à imaginação e à criatividade da criança (Fochi et al., 2016).

De seguida, irá ser apresentado o BH em prática, ou seja, como se pode organizar uma sessão e o que se deve ter em conta quando se idealiza um momento de exploração como este.

### **1.3.1 - Aspetos fundamentais para uma sessão BH**

Neste subcapítulo será apresentado como é disponibilizado o CT e o BH, referindo aspetos fundamentais na preparação de uma sessão. Passando por explicar em que consistem os materiais, a organização do espaço, tempo e o papel do adulto.

Quando se pensa na organização de um CT, é fundamental ter em atenção quais os materiais que irão ser fornecidos aos bebés. Primeiramente, os objetos não devem ter qualquer propriedade perigosa (naturalmente). De seguida, devem apresentar propriedades que estejam interligadas com o desenvolvimento dos sentidos, ou seja, por exemplo, pode-se disponibilizar materiais mais duros outros moles ou materiais como, por exemplo, a lixa, que é áspera, ajudando assim à estimulação do tato. Por fim, quando o adulto prepara o cesto deve ter em atenção que esses materiais devem chamar e atrair a atenção do bebé para que, no momento da exploração, este se sinta encorajado a explorá-lo de livre vontade e que não seja o adulto a incentivar/obrigar a exploração (Araújo, 2018).

Araújo (2018) menciona, também, que os objetos não se limitam a brinquedos que se comprem, podem ser materiais do dia a dia que se pode encontrar em qualquer lado, na rua ou em casa, sendo que podem até ser criados ou adaptados. Alguns destes materiais podem ser naturais, de madeira e de metal, criando assim um cesto rico, apresentando objetos que proporcionem o desenvolvimento do bebé.

Numa sessão de BH, ambos os autores Goldschmied, Jackson (2007) e Paulo Fochi et al. (2016), defendem que não podem faltar alguns aspetos importantes para obter uma atividade exploratória excelente, estes são: os materiais, o espaço, a organização, o tempo, o adulto e o silêncio.

Passando a explicar estes aspetos defendidos por Goldschmied, Jackson (2007) e Fochi et al. (2016):

- **Materiais:** A escolha dos mesmos é fundamental para esta abordagem e para uma boa sessão. Trata-se do resultado da observação de um educador atento, pois se este observar o grupo e os seus interesses espontâneos, ele consegue encontrar os indícios e os indicadores que as crianças desejam explorar e pesquisar. Durante uma sessão, deve então existir muita variedade de materiais em quantidades excessivas, pois os materiais devem-se apresentar em abundância e em pleno estado de conservação, para não haver acidentes. Deve-se ter em conta cinco critérios quanto à escolha dos materiais: a quantidade, a diversidade, a qualidade, a segurança e a continuidade. Estes autores defendem que os materiais devem ser naturais, orgânicos e do quotidiano, não introduzindo materiais de plástico e artificiais. Exemplo de alguns materiais sugeridos: tampas, bacias, jarros, conchas, peneiras, colheres de pau, medidores, funis, formas, apitos, pedras, areias, folhas secas, nozes, esponja, penas grandes e pequenas, frutas e legumes.
- **Espaço:** É essencial existir uma área definida para ocorrer a sessão. Este deve ser abundante, de forma que a criança se sinta livre para pesquisar e explorar sem restrições ao seu movimento. É importante que o espaço transmita calma e seja silencioso para que a criança se concentre.
- **Organização:** É muito importante que o adulto tenha a organização em atenção, pois é essencial que o educador prepare previamente a sessão, através da escolha dos materiais, da organização do espaço e do tempo. Na organização, pode-se incluir a constituição dos grupos das crianças para cada exploração, pois estes devem ter entre quatro a seis crianças no mesmo grupo.
- **Tempo:** Depois da organização, dos materiais e da escolha do espaço, é essencial que o educador dê relevância ao tempo e que disponibilize uma hora para cada sessão.
- **Adulto:** Não nos podemos esquecer do papel do educador nesta abordagem, não obstante, que o trabalho deste é realizado fora da sessão, enquanto organiza todos

os pontos acima assinalados. O educador tem um papel de facilitador e observador neste método, uma vez que durante uma sessão este deve encontrar-se à parte apenas a observar e em silêncio, não devendo influenciar qualquer ação da criança. Enquanto o educador observa pode registar o balanço da sessão, para que a organização de próximas sessões seja mais clara. O adulto não deve esperar nenhum resultado, o esperado é apenas que, em cada sessão, a criança viva e usufrua do processo de aprendizagem e não necessariamente que surjam resultados ou conhecimentos. Fochi et al. (2016), defendem que o adulto:

Não interfere, não brinca junto, não sugere e, preferencialmente, não conversa com as crianças durante a sessão. O ato explorador requer concentração e liberdade das crianças para que explorem livremente os elementos dispostos (p.45).

- **Silêncio:** Como já referido anteriormente, o silêncio é uma característica muito importante na sessão, dado que facilita e aprofunda a capacidade de concentração do bebé e da criança.

Em conclusão, durante uma sessão desenvolvida especificamente para um grupo de crianças, devemos observar uma concentração e uma entrega total de cada criança. Caso isto não aconteça, podemos afirmar que o espaço, os materiais e o ambiente não estiveram adequados às necessidades e aos interesses do grupo.

Estes são os seis aspetos que Goldschmied, Jackson (2007) e Fochi et al. (2016) acreditam ser importantes para se desenvolver e fornecer uma boa sessão exploratória ao grupo de crianças. Explicando como deve consistir uma sessão BH, passamos a abordar no capítulo seguinte o que uma sessão de BH desenvolve nas crianças dos zero aos três anos de idade.

#### **1.4 – BRINCAR HEURISTICAMENTE ATÉ AOS TRÊS ANOS, PORQUÊ?**

Brincar é uma fase natural nos primeiros anos de vida e é fundamental que o bebé passe algum tempo a fazê-lo, uma vez que, além de ser divertido e prazeroso para

a criança, segundo Shanahan (2005), é muito mais do que isso. A autora defende que brincar desenvolve competências importantes, tais como: sociais, intelectuais, de resolução de problemas e habilidades de linguagem.

Através da exploração e da brincadeira, tanto livre como heurística, o bebê é capaz de desenvolver inúmeras áreas. Assim sendo, iremos abordar estas áreas e como a brincadeira heurística influencia a aquisição de muitas competências entre as idades dos zero aos três, salientando o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial e a sua evolução desde muito cedo.

#### **1.4.1. A importância para o desenvolvimento físico**

Como menciona Papalia, Olds e Feldman (2001) “(...) durante os três primeiros anos de vida, sobretudo nos primeiros meses, o crescimento da criança é mais acentuado do que em qualquer outro período” (p.160) e, por isso, devemos proporcionar à criança o máximo de oportunidades para o seu desenvolvimento ser mais produtivo. O CT pode ser uma mais valia pois oferece momentos de exploração de brinquedos ou materiais naturais adequados à sua idade.

Ao longo dos primeiros meses de vida, o bebê já começa a conseguir controlar os braços, as pernas e começa a mexer a cabeça (Brazelton, 1995). Quando o bebê começa a conseguir controlar os seus membros superiores ele já tenta agarrar os brinquedos e, quando não consegue, o bebê irá querer mais, exigindo a si próprio desenvolver-se devido ao desejo de querer pegar nos objetos.

Passados apenas dois ou três meses, eles começam a conseguir manter-se sentados com as costas em posição ereta, mas necessitando de ajuda de algum acessório para se manterem nesta posição. Alcançar e pegar objetos será sempre uma conquista, mas transferi-los de uma mão para a outra ou colocá-los na boca é sempre uma forma de explorar, adquirindo novas competências e desenvolvendo a aprendizagem (Brazelton, 1995). Enquanto o bebê vai desenvolvendo as suas capacidades motoras, como tentar agarrar nos objetos, ele deixa de observar e escutar

e passa a conseguir mexer, mandar, colocar na boca, observar de perto e, através destas ações, novas capacidades são desenvolvidas como também são adquiridas aptidões óculo manuais (Cavicchia, 2010).

É nesta altura, também, que o bebé começa a desenvolver os seus cinco sentidos, pois ele começa a descobrir e a conhecer os objetos através da brincadeira exploratória. Durante as suas explorações diárias, eles usam a visão, o olfato, o tato, o paladar e a audição, e a brincadeira heurística que estamos a defender, torna-se assim, muito importante para o desenvolvimento destes cinco sentidos, visto que o bebé utiliza-os para descobrir novos conceitos como o tamanho, a temperatura, o sabor, o som e a sua textura (Shanahan, 2005).

Aos sete/oito meses, o bebé já consegue sentar-se sozinho sem apoio e já domina o equilíbrio (Brazelton, 1995), ou seja, ele já se sente tão confortável com esta posição que está pronto para estar à frente a um CT e desenvolver novas competências. Nesta idade, o bebé analisa os objetos, mas começa a utilizar os dedos para examinar melhor os brinquedos que tem ao seu redor, pois estes despertam o seu interesse. Papalia et al. (2001), defendem que entre os sete e os onze meses os bebés têm mais controlo nas mãos e controlam movimentos minuciosos, tais como pegar nos brinquedos pequenos, usando a preensão de pinça (motricidade fina).

A nível dos membros inferiores, Papalia et al. (2001), afirmam que após os sete meses os bebés começam a gatinhar, e, com o auxílio de um adulto, já se mantêm em pé. Por volta dos onze meses e meio, conseguem levantar-se apoiando-se num objeto fixo. Com as várias tentativas desse movimento, vão ganhando equilíbrio e confiança para se soltarem, aguentando-se sozinhas em pé, mesmo que por poucos segundos. Continuando com este processo de aprendizagem, o bebé começa a dar pequenos passos, agarrado a móveis, e com isso ganha alguma coragem para se soltar, aventurando-se a largar os objetos aos quais está habituado. Quando finalmente consegue fazê-lo, vacila e cai, mas este é todo o início de uma nova experiência que o bebé irá repetir diversas vezes, sem desistir (Brazelton, 1995).

O bebé com quinze meses tem adquirido o equilíbrio, resultando num menor afastamento dos pés, e num andar com estes paralelos (Brazelton, 1995). Chegamos a um momento da faixa etária bastante importante na brincadeira heurística porque passamos de um CT para o BH, onde os objetos estão separados pelo espaço, levando o

bebé a ir ao encontro deles, ou seja, incentivando o bebé a andar sozinho para alcançar os materiais.

Segundo Papalia et al. (2001), por volta dos vinte meses, o bebé começa a ter interesse por construir torres com apenas dois blocos/cubos. Passados cerca de quatro meses, a locomoção do bebé evoluiu bastante, pois já consegue subir degraus. No início, ele começa a subir um degrau de cada vez, colocando um pé antes do outro, mais tarde, começa a alternar os pés. Descer as escadas é algo que vem mais tarde, pois o bebé desta idade tem muita dificuldade em descer os degraus, mesmo apoiado por um adulto ou pelo corrimão. Aos dois anos, o bebé, através do jogo e da brincadeira, começa a correr e a pular no mesmo sítio, desenvolvendo e habilidades físicas fundamentais (Kerrie Shanahan, 2005).

Desenvolvendo as capacidades motoras, a criança desenvolve-se também a nível cognitivo, pois para conseguir atingir alguns patamares do desenvolvimento físico, o cognitivo está em constante evolução, sendo assim iremos abordar o desenvolvimento cognitivo e a sua evolução.

#### **1.4.2. A importância para o desenvolvimento cognitivo**

Segundo Cordazzo e Vieira (2007), a criança, enquanto brinca, exercita-se a nível cognitivo, pois numa brincadeira esta pode testar e praticar a relação causa-efeito desenvolvendo assim capacidades intelectuais.

Em 2001 Papalia et al. mencionam que com as descobertas acerca do desenvolvimento do cérebro, concluiu-se que os pais são os primeiros professores das crianças, pois se os pais proporcionarem momentos sensoriais e sociais aos seus filhos, isso irá fornecer um importantíssimo estímulo cognitivo.

Em seguida, são apresentadas duas imagens que, segundo Papalia et al. (2001)<sup>7</sup>, se tratam de dois cérebros pertencentes a duas crianças distintas. Foram feitas

---

<sup>7</sup> Fonte: Livro “Mundo da criança” – Papalia et al., 2001, p.167

tomografias de emissão computadorizada (TC<sup>8</sup>) a uma criança dita normal (fig. 1) e a uma criança órfã romena que foi institucionalizada após o seu nascimento (fig. 2).

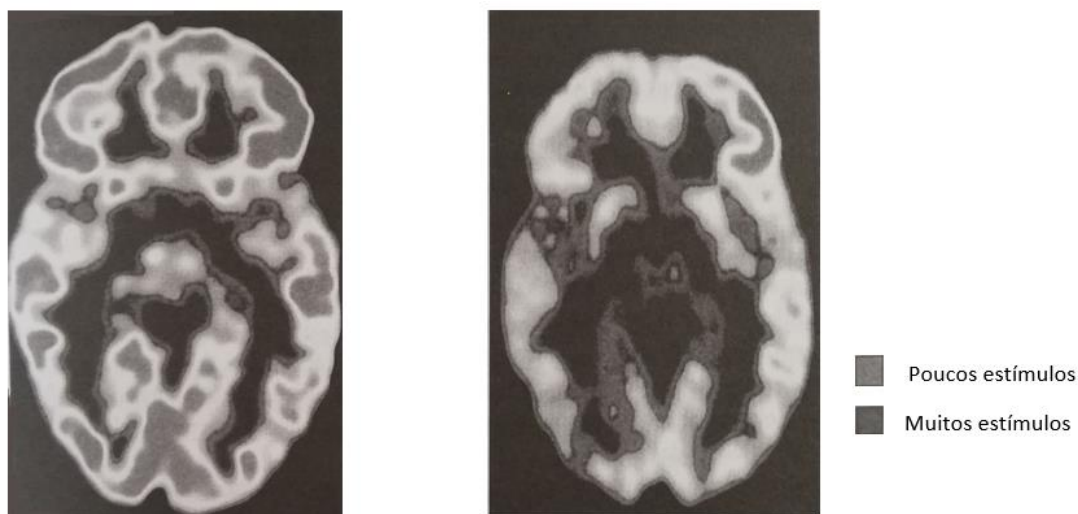


Figura 1 – TC a um cérebro com muitos estímulos

Figura 2 – TC a um cérebro com poucos estímulos

O que se pode observar nestas duas imagens é que a “(...) privação ambiental extrema durante a infância pode afetar a estrutura do cérebro, provocando problemas cognitivos e emocionais” (Papalia et al., 2001, p.167), ou seja, com esta afirmação, entende-se que quando uma criança é exposta a estímulos, quer através de brinquedos, de brincadeiras, de conversas com os pais ou de música, a mesma apresenta ter um maior desenvolvimento cognitivo.

Segundo Brazelton (1995), o bebé numa faixa etária compreendida entre as seis a as oito semanas, já começa a conseguir distinguir os seus pais de um estranho, quando os vê ou ouve. Nesta fase, o bebé começa a interessar-se pelo mundo à sua volta, sendo importante os pais estimularem os bebés através do contacto com o seu meio envolvente, da conversa e da demonstração das suas reações ao exterior.

Por volta dos cinco meses, o bebé apercebe-se do conceito de causa-efeito, ou seja, por exemplo, este sabe que, se chorar, irá obter uma reação do adulto. Isto é um enorme progresso a nível cognitivo, pois ele começa, além de antecipar uma ação,

---

<sup>8</sup> TC – Tomografia Computadorizada

começa a fazer jogos e brincadeiras com os pais com as suas novas aquisições (Brazelton, 1995).

O bebé aos sete meses, gosta muito de brincar ao esconde-esconde. Quando ele brinca, está a testar as suas novas capacidades cognitivas. Ao esconder o brinquedo debaixo de um pano, o bebé tenta encontrá-lo e surpreende-se ao visualizá-lo novamente. Com esta pequena brincadeira, o bebé adquire novas habilidades e passa a ter noção da permanência do objeto, ou seja, o bebé começa a perceber que só porque não vê o brinquedo, isso não quer dizer que ele não esteja lá ou que tenha desaparecido (Brazelton, 1995).

Piaget através de pesquisas realizadas no final da década de 70, segundo Papalia et al. (2001), afirma que o bebé começa a imitar o seu meio envolvente por volta dos nove meses. Segundo o mesmo autor, existem três tipos de imitação: a imitação invisível, que é realizada através da utilização de partes do corpo que o bebé não vê, tais como a boca; a imitação visível, usando partes do corpo que o bebé consegue observar, como as mãos ou os pés e, por último, existe a imitação induzida. Esta última consiste em imitar ações que tenham sido observadas anteriormente, usualmente as do adulto.

O bebé desenvolve-se assim a brincar, imitando o que observa diariamente. Kerrie Shanahan (2005), menciona também que brincar ao jogo da imitação ajuda o bebé a compreender melhor o mundo que o rodeia e a trabalhar o senso de identidade, sendo que passa a conhecer-se melhor a si perante o mundo envolvente.

Segundo o psiquiatra Harold Kaplan (1997, citado por Lopes, Nascimento, Souza e Mallet, 2010), a criança dos sete aos onze meses exhibe um controlo sobre as próprias reações aos estímulos auditivos, mostra interesse e foco na música/canto e na fala, não se distraíndo com estímulos alheios.

Brazelton (1995) mostrou indícios que, no início deste mesmo estágio, os bebés conseguem compreender um “não”, não conseguindo, porém, formular uma resposta a este.

No que toca à vocalização, Kaplan (1997, citado por Lopes et al., 2010) observou que os bebés nesta fase já respondem ao seu próprio nome, já imitam melodias de vozes próximas e utilizam linguagem própria, acompanhando estas vocalizações com gestos.

Por volta dos quinze meses, o nível cognitivo do bebé está cada vez mais desenvolvido, ele já se sente livre para brincar. Nestas idades, o jogo simbólico começa

a aparecer nas interações do bebê com os brinquedos que tem à sua volta e através destas brincadeiras o adulto pode observar como se encontram as capacidades motoras e o desenvolvimento emocional do bebê (Brazelton, 1995).

Nesta idade quando a criança brinca e explora alguns objetos expostos de forma organizada num espaço, sendo este o BH que permite a criança que explore o espaço, os materiais, levando esta a desenvolver a capacidade de observar, estando concentrado e a criatividade.

No final do primeiro ano e início do segundo, o bebê já compreende um maior número de palavras, tais como algumas partes do corpo e nomes de objetos comuns conseguindo reproduzir e formar palavras singulares, ficando esta altura conhecida como o estágio da palavra única (Kaplan, 1997, citado por Lopes et al., 2010).

Brazelton (1995) defendia que o bebê por volta dos dois anos deveria começar a participar nas lidas de casa, como ajudar a pôr a mesa, entre outras atividades. Ele defende que o bebê, ao começar a ajudar em casa, sente-se útil e capaz, aumentando a sua autoestima. Além disso, quando os pais brincam, ensinam ou partilham conhecimentos, os seus filhos recriam e criam os laços afetivos. É também importante os pais elogiarem os filhos por contribuírem nas tarefas de casa e nas suas conquistas diárias, tanto numa brincadeira como em qualquer ação que o bebê faça e seja promotor do seu desenvolvimento. Quando os pais ou os educadores lhes transmitem atividades valorizadas eles sentem que são capazes e isso fortalece a sua confiança e o sentido de responsabilidade. É aqui que se pode incutir a arrumação dos brinquedos, para estes se sintam autónomos e responsáveis pelos seus pertences (Shanahan, 2005).

### **1.4.3. A importância para o desenvolvimento psicossocial**

A brincadeira heurística é uma atividade social onde se coloca em prática competências como a imaginação e a criatividade, levando o bebê, através do quotidiano e dos seus brinquedos, a estar perante aprendizagens significativas, tornando-se assim numa ocasião educativa única para as crianças (Gisela Wajskop, 2012).

O desenvolvimento psicossocial está sempre presente durante uma brincadeira, pois o bebê enquanto brinca, quer sozinho quer acompanhado, desenvolve-se a nível psicossocial.

É importante também salientar Erik Erikson (1950/1985), o psicanalista responsável pela teoria do desenvolvimento psicossocial, que, citado por Fleming (2018), criou oito estágios do desenvolvimento psicossocial do qual só importa salientar dois estágios: o primeiro será acerca do primeiro ano de vida, e, o segundo, acerca dos dois/três anos de idade. Os restantes estágios não se adequam às idades abordadas neste estudo.

Erikson (1950/1985, citado por Fleming, 2018) defende que no primeiro ano de vida, o bebê debate-se entre a confiança e a desconfiança. Erikson menciona que a confiança básica, que depende da relação afetiva com a mãe, é muito importante para o desenvolvimento do bebê. A relação entre ele e os seus progenitores, é um dos pilares basilares da sua educação. A desconfiança básica existe se houver uma falta de cuidados básicos ou por uma inconsistência maternal. Se o bebê não tiver confiança nos seus progenitores, ele vai sentir-se desamparado (1950/1985, citado por Fleming, 2018).

Erikson (1950/1985, citado por Fleming, 2018) refere que, entre os dois e os três anos, a autonomia e a vergonha tornam-se muito presentes. A autonomia desenvolve-se através do sistema muscular, pois o bebê começa a ganhar controlo por algumas funções corporais, tais como, a alimentação, a fala, a locomoção e os esfíncteres. A vergonha pode despertar caso haja uma lacuna no suporte parental, sendo necessário a ajuda dos pais no desenvolvimento das aprendizagens acima mencionadas.

Depois de demonstrados os estágios relevantes para o estudo criados pelo psicanalista Erikson, passaremos para a evolução do bebê desde os zero anos de idade até aos três.

Papalia et al. (2001), menciona que os recém-nascidos expressam as suas emoções claramente: se estiverem descontentes choram, agitam os braços e as pernas tornando o seu corpo tenso; e sossegam e acalmam quando ouvem a voz humana ou quando são pegados ao colo.

Segundo Brazelton (1995), o meio mais eficaz para o bebê de seis semanas comunicar com os pais é através do sorriso, já que este percebe que, se sorrir, irá obter

uma resposta segura e compensadora por parte dos pais, brincando assim, sem saber, com os seus progenitores.

Tal como às seis semanas o bebé percebe determinadas coisas, com o desenvolvimento cognitivo em evolução o bebé de quatro meses já adquiriu que se tossir, se espirrar, se der guinchinhos as pessoas ao seu redor irão reagir e isto começa a ser um comportamento exploratório. Ao longo do tempo, o bebé entende que se disser “pa>pa>pa” irá surgir o pai, se disser “ma>ma>ma” irá surgir a mãe, e, com isto, o bebé irá aproveitar-se para manipular as pessoas à sua volta (Brazelton, 1995).

Por volta dos seis meses, segundo Sroufe (citado por Papalia et al., 2001), o bebé envolve-se em jogos sociais, tentando obter respostas, o bebé conversa, toca, tenta atrair outros bebés/adultos para as suas brincadeiras ou para captar a sua atenção, e consoante a reação do público alvo, este demonstra alegria, medo, raiva, tristeza, surpresa, entre outras, pois existem inúmeras emoções associadas a mudanças fisiológicas e comportamentais.

Com um ano, o bebé compreende se lhe pedirmos para fazer uma determinada tarefa, como ir buscar um objeto, ele transmite-nos que percebeu quer obedeça ou não, pois eles demonstram muito as suas vontades. São capazes de responderem a pedidos mais simples do que a pedidos mais complexos (Brazelton, 1995).

Brazelton (1995) menciona ainda que, com um ano de idade, normalmente o bebé começa a dizer algumas palavras, como “papá”, “mamã” e “não”, mas associados a estas palavras estão sempre gestos ou expressões faciais muito presentes na linguagem do bebé.

O bebé, com um ano, gosta muito de brincar e manusear os objetos. E a realização de uma brincadeira heurística com várias crianças é uma forma de levar o bebé a interagir e comunicar com os outros, através da exploração dos materiais, o bebé tenta produzir alguns sons para chamar a atenção quer dos outros bebés quer do adulto.

O bebé a partir do segundo ano de vida começa a adquirir vocabulário com uma enorme rapidez e quando quer falar muito rápido tende a balbuciar as palavras levando a uma possível frustração. O adulto deve ter em atenção para não estar constantemente a corrigir o bebé, possivelmente levando esta ação ao aumento da carga emocional e este poderá vir-se a sentir pressionado. Tempo deve ser dado ao bebé, segundo o pediatra Brazelton (1995), porque o desenvolvimento das palavras e dos diálogos dos

bebés (Silva e Oliveira, 2012) podem ser abordados durante a brincadeira, através da reprodução de papéis e funções sociais (jogo simbólico).

Aos dois anos, as mudanças de humor ocorrem muitas vezes. A criança desta idade perde muito facilmente o controlo das suas emoções, subitamente a criança pode perder o controlo e irritar-se bruscamente (Brazelton, 1995).

Thomas, Chess e Birch, (1968, citado em Papalia et al. em 2001) defendem que o temperamento é o:

Modo característico da pessoa de abordar ou reagir a pessoas ou a situações, tem sido denominado o *como* do comportamento: não o que as pessoas fazem, mas o modo como estão naquilo que fazem (p.237).

Estes autores desenvolveram um estudo pioneiro acerca do temperamento que podia ser visível logo após o nascimento. Neste estudo identificaram nove aspetos ou componentes do temperamento que se desenvolvem desde muito cedo, levando mais tarde a mudanças de humor repentinas e descontrolos emocionais.

Durante uma sessão do CT ou de BH, as crianças têm tendência para estarem calmas e concentradas, por isso estas sessões são tão importantes para as mesmas, ajudando-as a adquirir competências ao nível de conseguir controlar o seu temperamento. Isto porque quando é apresentado às crianças o BH, estas têm tendência para se exaltar, no entanto, ao longo da sessão, vão se acalmando sozinhos, fruto do prazer, da concentração e do silêncio.

Segundo Shanahan (2005), o jogo exploratório, ou seja, o BH, ajuda o bebé a melhorar a sua atenção, ele passa a escutar mais os outros e o que está a sua volta. Melhorando a sua capacidade de observação, o bebé envolve-se no BH com outras crianças desenvolvendo-se também a nível social.

A capacidade de socialização da criança provém da sua experiência ao longo da primeira infância. Os bebés que passam muito tempo com outros bebés, quer em creche ou em casa, têm mais probabilidade de se virem a tornar futuros adultos mais sociáveis do que os que estão mais tempo sozinhos em casa, sem estímulos de outras crianças.

Em suma, entende-se assim que, enquanto a criança brinca, desenvolve-se a todos os níveis, e através do BH e do CT, a criança e o bebé são capazes de se desenvolver e

explorar as suas competências de forma autónoma e espontânea, quer a nível físico, cognitivo e psicossocial.

## **CAPÍTULO 2 – PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA**

O capítulo que se segue tem como objetivo abordar a problematização e a metodologia do presente estudo.

Num primeiro ponto será explicitada a problemática deste estudo, bem como os objetivos, e as questões de pesquisa propostas. O segundo momento tem como finalidade justificar e apresentar o paradigma em que se insere o estudo. Num terceiro ponto, o capítulo abordará as estratégias e os procedimentos utilizados na recolha e análise dos dados do presente estudo.

### **2.1 – PROBLEMÁTICA EM ESTUDO**

A escolha do tema deste projeto baseou-se no interesse em conhecer o método BH e em identificar as respostas educativas com vista a clarificar de que modo o mesmo poderia auxiliar no desenvolvimento infantil.

Com esta pesquisa pretendeu-se demonstrar que o método BH seria uma mais valia a acrescentar nas instituições de creche como método pedagógico e lúdico.

Outro fator que conduziu o tema foi a intenção de conhecer as respostas das educadoras de infância face ao BH, visto que é um método pouco usual.

Considerando a pesquisa realizada no primeiro capítulo, sabemos que a primeira infância é marcada com uma grande evolução a nível do desenvolvimento e da aprendizagem, sendo importante as crianças serem acompanhadas desde cedo por profissionais conscientes pelas suas ações (Portugal e Carvalho, 2017). Goldschmied e Jackson (2007) afirmam que o BH envolve a criança num contexto real, pois através da utilização de objetos do quotidiano, o bebé explora os materiais espontaneamente,

proporcionando experiências significativas para o seu desenvolvimento. Assim, as crianças em valência de creche têm de ter contacto, desde cedo, com materiais diversificados, experienciando métodos de aprendizagem significativos para o seu desenvolvimento e, portanto, cabe ao educador proporcionar e gerir essas vivências.

Em relação às orientações pedagógicas de creche, como menciona Carvalho e Portugal (2017), “(...) resta ainda um longo caminho a percorrer” (p.13). Nesse sentido, é importante que o educador pesquise sobre métodos de prática educativa e possa inserir na sua própria sala aquilo que acredite ser pertinente para o seu grupo. Assim sendo, introduzindo o BH como uma abordagem a aplicar em creche, julgamos que possa auxiliar no combate à ausência de um currículo específico a seguir.

A partir da problemática envolvida neste estudo, surgiram três questões de pesquisa:

- Em que consiste e como pode ser aplicado o método Brincar Heurístico?
- De que forma o Brincar Heurístico influencia o desenvolvimento das crianças nos seus primeiros anos de vida?
- Quais as apreciações dos educadores de infância acerca do método Brincar Heurístico?

Destas questões de investigação, e de forma a orientar este estudo, definiram-se três objetivos principais que conduziram todo o processo de investigação:

- Conhecer o BH em creche;
- Perceber como o BH influencia no desenvolvimento infantil;
- Compreender como os profissionais de educação vêem o BH.

## **2.2 – PARADIGMA**

O processo de investigação deve ser orientado de maneira a produzir respostas às questões formuladas inicialmente por forma a atingir o objetivo proposto no trabalho investigativo. A abordagem deste estudo baseou-se no paradigma qualitativo para facilitar uma interação entre o investigador e o investigado (Creswell, 1994, citado em

Melo, 2013). Nesse sentido, recorreu-se a entrevistas e a uma observação naturalista para a recolha de dados (Fernandes, 1991).

Guba (1990, citado por Aires, 2015) defendia que o esquema interpretativo se concentrava num conjunto de ideias que encaminham a investigação e criam um fio condutor, sendo estas ideias os objetivos orientadores idealizados no início de todo o processo investigativo, pois foram estes que encaminharam este projeto.

O presente estudo corresponde a um paradigma qualitativo, em primeiro lugar porque surgiram um conjunto de questões que orientam todo o processo de investigação (Guba, 1990, citado por Aires, 2015). E também porque durante o estudo recorreu-se à análise de entrevistas e observações, sendo que nestes não se obtiveram dados matemáticos, pois segundo Melo (2013), numa abordagem quantitativa obtém-se dados estatísticos ou matemáticos. Neste estudo, obteve-se dados qualitativos através da opinião e experiências dos investigados.

## **2.3 – PARTICIPANTES**

### **2.3.1 – Educadoras Entrevistadas**

Para recolha de dados referentes à investigação recorreremos a dois tipos de participantes: educadoras conhecedoras do método e educadoras que podiam ou não conhecer o método. Foram elaborados dois guiões distintos, sendo que, tal como supracitado, no grupo de educadoras que poderiam ou não conhecer o método, caso não conhecessem, era realizado uma breve introdução ao tema de forma a conseguirmos uma resposta, dando-nos o seu parecer acerca do mesmo.

Num primeiro momento, entrevistámos seis educadoras que já utilizam o BH como método pedagógico na sua sala. Num segundo momento, entrevistámos algumas educadoras de outras instituições escolares, de forma a fornecer-nos uma amostra mais ampla. Desta forma, tendo ido ao encontro de profissionais de locais distintos, deu-nos uma melhor perceção de dados práticos no que concerne a esta metodologia.

### 2.3.2 – Grupo de crianças observado

No processo de investigação foram observadas oito sessões com apenas seis grupos de crianças diferentes, pois dois grupos tiveram a oportunidade de usufruir de um momento de exploração duas vezes distintas.

A primeira sessão foi realizada por uma educadora (E3<sup>9</sup>) cujo o seu grupo era constituído por crianças entre os oito meses e os trezes meses de idade. Nesta sessão estiveram seis crianças presentes e, perto do fim da sessão, chegou a sétima criança, usufruindo pouco do momento exploratório.

A segunda sessão observada, foi também implementada por uma educadora (E2) em que o seu grupo de crianças tinha um ano de idade, sendo que, no total, eram dez crianças.

A terceira e quarta sessões foram realizadas pelo mesmo grupo de crianças, sendo que este pertencia à faixa etária dos dois e os três anos. No entanto, mesmo tendo sido o mesmo grupo, nas diferentes sessões, estiveram presentes crianças distintas. Ou seja, algumas crianças estiveram presentes em ambas as sessões e outras só estiveram numa sessão e, conseqüentemente, na terceira sessão participaram dezasseis crianças e, na quarta sessão, doze crianças.

Na quinta e sexta sessões repetiu-se o mesmo padrão que no grupo anterior, ou seja, nestas duas sessões foi o mesmo grupo que usufruiu dos mesmos estímulos. Este grupo tinha crianças entre um ano e dois anos de idade. Na quinta sessão participaram onze crianças e na sexta apenas seis crianças.

A sétima sessão foi realizada para crianças de berçário, em que os bebés ainda não tinham dozes meses e apenas gatinhavam. Nesta sessão estiveram apenas três crianças.

---

<sup>9</sup> Educadora Entrevistada 3

A oitava e última sessão foi programada também para um grupo de berçário, mas estes bebés já tinham mais de doze meses e andavam. Nesta sessão participaram oito crianças.

Com isto, foram observadas diversas sessões e, no total, conseguimos observar setenta e três crianças com idades entre os oito meses e os três anos. De seguida, apresentamos uma tabela que auxilia na leitura da caracterização da amostra.

*Tabela 1 - Caracterização das Crianças Observadas*

	<b>S1</b>	<b>S2</b>	<b>S3</b>	<b>S4</b>	<b>S5</b>	<b>S6</b>	<b>S7</b>	<b>S8</b>
<b>Idades</b>	8/13 M	1/2 A	2/3 A	2/3 A	1/2 A	1/2 A	- 12 M	+ 12 M
<b>Nº Crianças Observadas</b>	Sete	Dez	Dezasseis	Doze	Onze	Seis	Três	Oito

**Legenda da tabela:** M - Meses; A - Anos

## 2.4 – INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A escolha dos instrumentos de recolha de dados faz parte de uma etapa que o investigador não pode desvalorizar, pois “(...) são destes que depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo” (Aires, 2015, p.24).

Os instrumentos de recolha de dados presentes neste estudo foram: as observações, as entrevistas às educadoras, os registos nos diários de bordo, as conversas informais e os registos fotográficos.

Acreditamos que um dos instrumentos mais relevantes no nosso estudo foram as observações, pois, sem elas, não teríamos conseguido aprender tanto relativamente a este tema. Tuckman (2000) afirma que, na investigação qualitativa, a observação tem como finalidade explorar o ambiente através de um esquema geral para nos orientar,

sendo que o produto dessa observação é registado em notas de campo. A observação ajuda bastante na recolha dos dados, pois permite comparar aquilo que se diz ou não diz teoricamente, com aquilo que se faz ou não na prática. Procurámos observar atentamente as crianças no sentido de compreender tanto quanto possível as suas ações, sem influenciar o decorrer normal dos acontecimentos (Tuckman, 2000).

Outro instrumento de recolha de dados que utilizamos foi a entrevista, uma vez que é um dos instrumentos mais usados para a recolha de informação em estudos de natureza qualitativa (Pacheco, 1995). O objetivo das entrevistas é entrar no mundo do entrevistado e, deste modo, compreender o seu pensamento (Patton, 1990).

Em relação aos restantes instrumentos, os diários de bordo, conversas informais e registos fotográficos, ou seja, as técnicas indiretas e não-interativas (Segundo Colás (1992, citado por Aires, 2015) foram igualmente importantes e enriquecedoras para a concretização e conclusão deste estudo.

#### **2.4.1 – Entrevistas**

As entrevistas são muito valorizadas, pois elas são importantes para o estudo e compreensão do ser humano. É através desta técnica que os investigadores conseguem estudar as opiniões dos indivíduos, sendo esta a mais utilizada como recurso para uma investigação social (Fontana e Frey, 1994, citado por Aires, 2015).

Segundo Duarte (2005), existe uma grande variedade de entrevistas, sendo caracterizadas como “(...) abertas, semi-abertas e fechadas, originárias, respetivamente, de questões não estruturadas, semi-estruturadas e estruturadas” (p.2).

Duarte (2005) afirma que as entrevistas de carácter aberto e semi-aberto caracterizam-se pela sua flexibilidade e por conseguirem explorar o máximo de informação. As entrevistas fechadas são mais direcionadas para investigações quantitativas quando se quer obter uma informação representativa de um conjunto de indivíduos.

Na presente investigação, em concreto, recorreu-se a entrevistas semi-abertas com questões semi-estruturadas, sendo este o método que nos pareceu mais adequado, uma vez que, desta forma, os dados recolhidos seriam mais enriquecedores e a obtenção de informação relevante dos entrevistados seria maximizada.

Como já referimos, elaborámos dois guiões de entrevistas distintos. O primeiro foi direccionado às educadoras que conheciam e praticavam o método e, o segundo guião, foi realizado para educadoras que poderiam ou não conhecer o método BH.

O primeiro guião de entrevista<sup>10</sup> tinha como objetivo questionar as educadoras conhecedoras do BH para que nos dessem o seu parecer e revelassem as suas experiências. As questões foram feitas de uma forma livre para que desse abertura às entrevistadas de responderem de forma espontânea, não havendo quaisquer constrangimentos nas suas respostas. Durante as entrevistas, foi necessária a adaptação de certas questões de forma a obter as informações pretendidas, uma vez que, certas respostas, não eram esclarecedoras ou não iam ao encontro da questão colocada.

O segundo o guião<sup>11</sup> tinha como objetivo questionar educadoras desconhecidas da nossa parte, de forma aleatória, para compreender se o método era conhecido pelas mesmas ou não. Esta entrevista seguiu o mesmo padrão da entrevista anterior, mas com perguntas mais direccionadas.

## **2.4.2 – Observações**

Como já citámos, a observação foi crucial no nosso estudo e é de extrema importância, pois este registo deve ser realizado de um modo sistemático, sempre através do contacto direto com a ação (Aires, 2015).

Segundo Aires (2015), a observação pode ter três alternativas genéricas diferentes para o processo de uma observação científica. A primeira alteração diz

---

<sup>10</sup> Ver anexo nº1

<sup>11</sup> Ver anexo nº4

respeito ao grau de controlo, a segunda ao grau de estruturação e a terceira tem que ver com a participação do observador no momento em análise.

Neste estudo, tivemos dois tipos de alterações nas observações a nível da participação do observador, ou seja, tivemos dois tipos de observador durante a recolha dos dados.

Ao longo de toda a recolha de dados, existiram dois momentos diferentes de observação. O primeiro momento foi relativo às duas primeiras educadoras entrevistadas que realizaram uma sessão com seu grupo de crianças, tendo havido um papel de observador passivo, apontando algumas notas e colocando as mesmas no diário de bordo descritas ao pormenor.

O segundo momento, foi proporcionado após a realização da segunda entrevista a um conjunto de educadoras que aparentemente não conheciam o método, mas ficaram com curiosidade de observar uma sessão. Neste sentido, foram criadas seis sessões para os seus grupos de crianças. O observador, aqui, teve um papel participativo, pois além de retirar notas também realizou as sessões de BH para cada grupo de crianças.

### **2.4.3 – Diários de bordo, Conversas informais e Registo fotográfico**

O diário de bordo foi diretamente relacionado com as observações realizadas, como já foi mencionado anteriormente, pois foi neste que ficaram registadas todas as situações que aconteceram durante cada sessão, “este processo possibilita a reestruturação dos vários acontecimentos relevantes das pessoas ou grupos sociais (Aires, 2011, citado por Antunes, 2016, p.34).

O registo em forma de diário de bordo e outros métodos de forma escrita são bastante importantes para o investigador ter presente todas as informações necessárias. E, segundo Ramos, é o que caracteriza as notas de campo/diário de bordo “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e

refletindo sobre os dados” (2012, p.72). Desta forma, o diário de bordo representa não só uma fonte importante de dados, mas também um suporte para o investigador, na medida em que o pode ajudar a acompanhar a progressão do estudo.

Outros métodos de recolha de dados utilizados foram as conversas informais a algumas educadoras e os registos fotográficos de sessões de BH. Através destes registos fotográficos e das respetivas notas de campo, é possível compreender detalhadamente o que se passou em cada sessão e, ainda, recorrer ao diário de bordo detalhando todas as informações partilhadas pelas educadoras.

Alguns registos fotográficos, além de ser fornecido pelas educadoras, também foram utilizados no início de cada sessão, de forma a demonstrar como se organiza a sala e, portanto, toda a sessão de BH.

## **2.5 – TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS**

Quanto ao tratamento e análise de dados este constitui um ponto fundamental para toda a investigação, podendo este também ser um elemento problemático ao estudo (Aires, 2015). Segundo Miles & Huberman, (1994, citado por Aires, 2015), “o investigador dispõe de diversos métodos de recolha de material empírico que vão da entrevista à observação direta, à análise de artefactos, documentos, registos culturais, registos visuais ou experiências pessoais (...)” (p.43). Contudo, Aires (2015) afirma que com a diversidade de métodos e técnicas o investigador consegue tratar a sua informação de forma minuciosa em todo o processo.

Neste tópico será abordado como toda a investigação começou e decorreu ao longo de todo o processo de análise.

A recolha de dados cumpriu-se com o que estava planeado, ou seja, primeiramente, construiu-se dois guiões das entrevistas, pois eram guiões com objetivos distintos. Seguidamente, foram feitas as entrevistas às educadoras, que foram gravadas para posterior análise detalha.

A seguir às entrevistas e à sua transcrição, surge, portanto, a construção da grelha de análise de conteúdo conjunta que aglomera os tópicos centrais de todas as entrevistas a educadoras que conheciam e implementavam o método BH, realizada da seguinte forma:

*Tabela 2 - Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo das entrevistas a Edu. que conheciam o método*

Categorias	Subcategorias
1 – Método Brincar Heurístico	1.1 – Importância da Brincadeira; 1.2 – Introdução ao Brincar Heurístico; 1.3 – Importância do Brincar Heurístico; 1.4 – O porquê da implementação do BH; 1.5 – Organização da sessão; 1.6 – Apresentação dos materiais; 1.7 – Limitações do BH;
2 – Caracterização do grupo	2.1 – Caracterização geral do grupo; 2.2 – Diferenças notadas no grupo; 2.3 – Importância do método na aprendizagem do grupo; 2.4 – Competências desenvolvidas em sessões;
3 – Opiniões	3.1 – Opinião dos pais; 3.2 – Sensibilização de outros para o método; 3.3 – Opinião a cerca da não implementação do método noutros colégios;

Devido à realização de duas entrevistas diferentes, foram construídas duas grelhas de análise de conteúdo com tópicos diferentes. De seguida, será apresentada também a construção da grelha de análise de conteúdo conjunta, mas das educadoras que não conheciam o método:

*Tabela 3 - Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo das entrevistas a Edu. que não conheciam o método*

Categorias	Subcategorias
1 – Método Brincar Heurístico	1.1 – Importância da Brincadeira; 1.2 – Tempo das Brincadeiras Orientadas/Não Orientadas; 1.3 – Primeiro contacto com Brincar Heurístico; 1.4 – Implementação do Brincar Heurístico; 1.5 – Competências desenvolvidas; 1.6 – Vantagens do material; 1.7 – Desvantagens do material; 1.8 – Opinião atual do Brincar Heurístico;

Nesta investigação foram realizadas também sessões de BH, nas quais tivemos a colaboração de algumas educadoras para a implementação do método e noutros foram elaboradas algumas sessões para a contribuição de informações para esta pesquisa. Durante as observações das sessões, optámos por realizar uma observação naturalista para uma melhor captação e registo dos dados. Segundo Pinto em 1990 (citado por Santos, 1994), “(...) a observação naturalista é uma técnica de investigação integrada no método descritivo (...) objetivo é caracterizar, do modo mais completo possível ... observador não é seletivo, procurando registar tudo (...) obter o máximo de dados possíveis (...)” (p.9).

Em cada sessão BH foram registados todos os momentos realizados pelas crianças e os objetivos que iam ao encontro da realização daquela sessão.

No total existiram doze sessões de BH, destas foram observadas apenas oito, pois a quatro primeiras sessões foram realizadas pelas educadoras entrevistadas e estas passaram-nos as informações pormenorizadamente, das quais foram registadas em diários de bordo. As restantes oito sessões foram observadas e implementadas com o observador em ação, e este teve a oportunidade de registar tudo em grelhas de observação naturalista.

Depois de tudo registado, foi construída uma grelha de análise de conteúdo conjunta como foi feito para as entrevistas, mas esta estava adaptada e correspondia a tópicos criados através da análise dos momentos de BH, a grelha é apresentada seguidamente:

*Tabela 4 - Categorias e Subcategorias das Observações*

Categorias	Subcategorias
1 – Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças; 1.2 – Local da sessão; 1.3 – Faixa etária dos indivíduos;

2 – Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados; 2.2 – Organização do espaço;
3 – Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão; 3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão; 3.3 – Ações das crianças durante a sessão;
4 – Caracterização geral	4.1 – Pontos positivos e negativos; 4.2 – Opinião da Educadora cooperante;

Após a apresentação de todos os instrumentos utilizados para a recolha e tratamento de dados, recorreu-se à triangulação dos mesmos de modo a conciliar os diferentes métodos de recolha de dados, como menciona Zappellini e Feuerschutte (2015) a triangulação dos dados “(...) é um procedimento que combina diferentes métodos de coleta de dados” (p.241), tendo sempre o objetivo de “(...) consolidar suas conclusões a respeito do fenômeno que está a ser estudado” (Zappellini e Feuerschutte, 2015, p.241).

Sendo assim, no próximo capítulo, tratando neste a apresentação e discussão dos resultados, iremos recorrer a este procedimento para responder às questões orientadoras, obtendo as conclusões a esta investigação.

### **CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os resultados obtidos através da análise de conteúdos dos diários de bordo, das observações e das entrevistas.

Dado isto, organizamos este capítulo em função das questões orientadoras, sendo estas:

- Em que consiste e como pode ser aplicado o método Brincar Heurístico?
- De que forma o Brincar Heurístico influencia o desenvolvimento das crianças nos seus primeiros anos de vida?

- Quais as apreciações dos educadores de infância acerca do método Brincar Heurístico?

Através das observações, dos testemunhos das educadoras e do quadro teórico foi analisado o conteúdo obtido e retirado os resultados relevantes para esta pesquisa.

## **Brincar heurístico em contexto educativo**

Este método pode ser determinado como “(...) uma brincadeira de descobrir e explorar”<sup>12</sup> (p.1), sendo que “(...) o adulto está mais na retaguarda a observar (...)” (E1\_L68)<sup>13</sup> as diferentes formas das crianças explorem os materiais e as suas potencialidades.

Goldschmied e Jackson (2007) afirmam que para apresentar o BH, não existe uma forma correta nem errada. O que é necessário é de ter ideias. Pessoas diferentes têm as suas próprias ideias e escolhem e exibem os seus materiais da forma, segundo a sua opinião, mais ideal.

É importante ter em conta que os materiais e a sua apresentação têm de atrair a atenção da criança, para que esta se sinta motivada a explorá-los (Araújo, 2018).

Para a criança se sentir motivada a explorar é importante que o adulto quando idealizou a sessão foi com o objetivo de ir ao encontro “(...) dos interesses deles ... o essencial é os interesses do grupo e eu procuro ir ao encontro disso (...)” (E2\_L94-97).

“(...) tentar ir ao encontro daquilo que estava a ser o interesse deles naquele momento (...)” (E4\_L176-177).

Sendo o educador o promotor das atividades heurísticas tendo um papel fundamental, deve contribuir em alguns aspetos, pois este antes da sessão deve “(...)

---

<sup>12</sup> Acesso a 06/02/2020, através de <http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/materiais-naturais-e-nao-estruturados-e-pouca-intervencao-externa-conheca-o-brincar-heuristico/?fbclid=IwAR3w1kSyjTaBeBHsC-Trhj4v7i8c3iIVCBkGvoAYfGQPslkM7GSq7H6a1kY>

<sup>13</sup> Legenda: (Entrevista1\_Linha68)

fazer uma seleção e manutenção de materiais, saber preparar um espaço com os materiais (...)”<sup>14</sup> (p.1).

Os materiais “(...) não são despejados assim para o tapete, eles são colocados no tapete de forma, assim com um cuidado estético, pode ser por pequenos grupos ... de diferentes formas ... organiza-se o espaço de forma a que seja estético e convidativo à exploração” (E1\_L91-95).

Devemos ir ao encontro das suas necessidades e “(...) em berçário gosto muito de utilizar o cesto, pois eles são pequenos e ainda não gatinham, o cesto dos tesouros, e nesse cesto pode conter vários materiais (...)” (E2\_L101-103). O cesto dos tesouros é idealizado para uma faixa etária de crianças que ainda não sejam autônomas na sua mobilidade pela sala.

Sendo importante termos atenção aos interesses e às necessidades, volta-se a mencionar que a estética da sessão BH é fundamental.

“(...) montei tudo em forma de círculo e como só tinha um pneu esse ficou no meio (...) por ser grande e juntando os elementos pequenos, ter aqui uma organização, também para ficar bonita à vista (...)” (E4\_L190-192).

O educador tem também a função de, durante a iniciação da sessão, idealizar competências e objetivos que pretenda que a criança desenvolva e, por isso, a seleção dos materiais ser tão valorizada. Este tem ainda o papel de realizar o encerramento da mesma, levando-o a ter de “(...) saber observar e documentar, interpretar e compreender o modo com que as crianças estão explorando (...)”<sup>15</sup> (p.1). É necessário fazer este paralelismo porque o educador não é um mero observador.

De seguida, serão apresentadas algumas competências expectáveis em determinadas propostas heurísticas, justificando as decisões das educadoras com fundamentos teóricos.

---

<sup>14</sup> Acesso a 06/02/2020, através de <http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/materiais-naturais-e-nao-estruturados-e-pouca-intervencao-externa-conheca-o-brincar-heuristico/?fbclid=IwAR3w1kSyiTaBeBHsC-Trhj4v7i8c3iIVCBkGvoAYfGQPsIkM7GSq7H6a1kY>

<sup>15</sup> Acesso a 06/02/2020, através de <http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/materiais-naturais-e-nao-estruturados-e-pouca-intervencao-externa-conheca-o-brincar-heuristico/?fbclid=IwAR3w1kSyiTaBeBHsC-Trhj4v7i8c3iIVCBkGvoAYfGQPsIkM7GSq7H6a1kY>

## Competências expectáveis pelos organizadores da sessão

O BH é um conjunto de aprendizagens e, o educador, quando prepara cada proposta tem de ter em atenção os materiais que escolhe e quais as suas finalidades para o desenvolvimento do grupo, pois quando se dá início a uma sessão deve ser a pensar no desenvolvimento das competências e dos interesses dos sujeitos em questão.

Constatámos que algumas educadoras associam o BH ao desenvolvimento da criatividade das crianças. Tal como a E1 mencionou, a mesma idealizou uma sessão em que o objetivo seria a exploração do som através do corpo, uma vez que era um interesse global do grupo. Com isto, o grupo desenvolveu a sua “(...) *imaginação através da exploração dos sons e da exploração do seu corpo para produzir outros sons*” (DB2\_L6-7)<sup>16</sup>.

Quando questionados acerca dos objetivos idealizados para as sessões de BH, os organizadores das mesmas sessões mencionam recorrentemente as seguintes palavras e frases:

*“(...) a desenvolver (...) a criatividade, partilha, comunicação e interação”* (ON4\_C2; L31-33)<sup>17</sup>.

*“(...) a exploração dos materiais, a criatividade, partilha, comunicação e interação”* (ON6\_C2; L31-33).

A criatividade está sempre presente no brincar heurístico, pois a criança tem tendência para inventar e transformar os objetos em elementos impensáveis. Fochi et al. (2016) defendiam que uma sessão de exploração dá asas à imaginação promovendo a criatividade do indivíduo, mas o BH leva também ao desenvolvimento de outras competências cognitivas.

Hirsh-Pasek e Golinkoff (2008), referem que BH desenvolve capacidades cognitivas, tais como a leitura e a matemática, isto porque o método está relacionado

---

<sup>16</sup> Legenda (Diário de Bordo2\_Linha6a7)

<sup>17</sup> Legenda (Observação Naturalista4\_Coluna2; Linha31a33)

com diversos processos de aprendizagem, mesmo não sendo estes os objetivos mencionados pelo educador.

Numa das observações realizadas, a educadora teve como objetivo desenvolver competências nestes âmbitos. Desenvolver as crianças no âmbito da matemática oferecendo materiais que pudessem potencializar o desenvolvimento de *“(...) conceitos matemáticos, como a contagem, enfiamento das rolhas”* (ON4\_C2; L64-65)<sup>18</sup>, disponibilizando, a educadora, materiais como tampas e rolhas de cortiça para a realização do enfiamento e, também, da contagem.

Numa outra sessão observada, igualmente outra educadora quis trabalhar a matemática: *“(...) o objetivo de trabalhar o encaixe, as contagens (...)”* (ON8\_C2; L8-9), utilizando rolhas, tampas e as caixas de ovos.

Enquanto a criança brinca tem tendência para chamar o outro à atenção, seja a tirar objetos, seja a envolver-se com os mesmos objetos e isto leva a interação do grupo com os materiais que, por sua vez, *“(...) a interação deles com os materiais são possibilitadores de aprendizagem (...)”* (E1\_L55-56).

Durante a brincadeira, a criança quando explora influencia o outro a explorar e, num momento heurístico, o grupo é capaz de desenvolver competências como a *“(...) partilha, comunicação e interação (...)”* (ON6\_C2; L133), pois enquanto eles brincam, aprendem uns com os outros e desenvolvem-se mutuamente, ajudando-se uns aos outros nas suas conquistas e aprendizagens.

Concluindo assim, com algumas observações de competências que os educadores de infância têm delineadas, iremos fazer o paralelismo com as reais competências desenvolvidas sem o adulto as incutir.

---

<sup>18</sup> Legenda (Observação Naturalista4\_Coluna2; Linha63-65)

## Competências desenvolvidas espontaneamente pelas crianças

Neste subcapítulo é essencial abordar as competências que as crianças trabalharam durante as sessões de BH, pois como anteriormente mencionado, os educadores idealizaram algumas competências e assim será compreendido se essas competências foram desenvolvidas ou se as crianças durante a sessão desenvolveram essas e/ou outras capacidades.

Uma vez que a criança durante a brincadeira interage com o seu meio envolvente, Crespo (2016), afirma que a brincadeira e a sua interação social desenvolvem as crianças a nível pessoal, social e motor. No decorrer da brincadeira a criança é confrontada com muitos estímulos, levando-a a desenvolver a sua criatividade e concentração.

Durante uma sessão de BH foi observado um grupo de dois/três anos de idade a desenvolver diversas competências:

*“(...) está a utilizar a caixa dos ovos como um objeto que apanha outros, tenta imitar um camião, sendo que a caixa escava/apanha coisas do chão (...)”* (ON4\_C2; L15-17), esta criança encontra-se a explorar a sua criatividade e imaginação através da brincadeira faz de conta.

*“(...) menina (...) está a fazer contagens, pega num ovo imaginário e diz “um ovo, dois, três, quatro, cinco, seis” e depois retira todos os ovos imaginários e coloca novamente, faz este processo várias vezes”* (ON4\_C2; L17-19), esta menina tinha três anos e estava a pôr em prática conceitos matemáticos, como a contagens sendo que também estava a desenvolver a sua criatividade. Sendo uma criança muito persistente, repetiu várias vezes o processo.

Em berçário, conceitos matemáticos também são desenvolvidos, durante a sessão foi observado um bebé *“(...) muito concentrado nos seus materiais (...) ele pegou nas formas grandes e nas pequenas, separou todos e agora tenta voltar a encaixar umas nas outras, mas não está a conseguir, repete o processo várias vezes até que tem todas as formas empilhadas (...)”* (ON7\_C2; L80-84). Neste pequeno momento o bebé,

sozinho, conseguiu estar concentrado por um determinado tempo e desenvolver competências como o encaixe das formas. Percebeu que umas formas não encaixavam nas outras e ao separar as formas por tamanhos, formando conjuntos, percebeu quais se encaixariam umas nas outras, arranjando assim solução para o seu problema, ou seja, o bebê desenvolveu capacidades relacionadas com conceitos matemáticos, como o encaixe e a resolução de problemas.

Abordando ainda competências relacionadas com alguns conceitos matemáticos, foi observado um menino a brincar sozinho (de um ano e meio) “(...) *a fazer conjuntos. Garrafas pesadas num lado e garrafas vazias noutro*” (ON8\_C1; L64-68), esteve a separar as garrafas, compreendendo que existiam garrafas de água com água e sem água, pois umas estavam mais pesadas que as outras.

Numa entrevista, a E2 menciona também que as crianças, durante uma sessão e independentemente da faixa etária, é visível o desenvolver de competências “(...) *matemáticas, muitas mesmo a nível da matemática, conceitos espaciais e noções espaciais, a exploração do dentro e fora, o empilhar (...)*” (E2\_L189-191).

Em diferentes sessões, foram observadas crianças desde o berçário até à sala dos três anos a trabalharem a sua criatividade e conceitos matemáticos, tais como, a contagens de objetos, o encaixe das formas e a realização de conjuntos por igualdade, conceitos espaciais, noções de tempo, a noção do conceito dentro e fora e o empilhar dos objetos, desenvolvendo-se assim a nível cognitivo.

Foram também observadas competências a nível social, tais como a interação entre as crianças, a entreaajuda, a comunicação oral e o brincar ao faz de conta, desempenhando papéis sociais. Em seguida, serão apresentados alguns momentos em que as crianças desenvolveram estas capacidades.

Durante a sessão “(...) *um menino aleijar-se e diz “ai ai” e outro amigo que estava perto dirige-se a ele e ajuda-o, tirando os outros do pé dele, e ele conversa com eles (...)*” (ON4\_C2; L44-46), eram dois meninos ainda com dois anos e a entreaajuda entre ambos foi notória, a preocupação do outro, o amigo acabou por imitar a educadora quando repreende alguma criança, conversando com ele, desenvolvendo assim a sua comunicação oral e a interação entre os pares.

Numa sessão da sala de um ano *“(...) um menino vai dando à boca dos outros meninos o que tem dentro das formas e ... riem-se e um menino disse “está bom”, outro menino diz “hummm” (...)”* (ON8\_C2; L67-68), interagindo uns com os outros, desenvolvendo competências como a imitação de ações observadas no seu quotidiano, como o experimentar da comida e dar a sua opinião, desempenhando papéis sociais nas brincadeiras espontâneas.

É importante lembrar que, durante estas sessões, as competências motoras também estão muito presentes, pois estas crianças são muito pequenas e ao deslocarem-se de um lado para o outro desenvolvem a sua marcha. Ao pegarem nas peças e explorarem ou realizarem o encaixe dos garrafões, por exemplo, estão a trabalhar a motricidade fina e capacidade oculo-manuais.

*“(...) bebé 2 depois de explorar as formas coloca-as dentro do cesto e o bebé 1 aproveita para se sentar perto do cesto e com uma colher começa a mexer tudo (...)”* (ON7\_C2; L98\_101), desenvolvendo assim capacidades motoras quer finas como grossas.

Sendo importante realçar, como afirma E6, *“(...) o facto de ter acontecido e terem feito não quer dizer que tenham desenvolvido (...)”* (E6\_L207-209), contudo é de valorizar que as crianças estão sozinhas, sem o adulto a incutir expectativas de como as diversas atividades devem ser realizadas e dinamizadas, pois não é à primeira que se adquirem algumas competências, mas trabalhando e estimulando várias vezes a mesma aptidão a criança vai adquirindo.

Em suma, podemos compreender que as crianças desenvolvem imensas competências, indo um pouco ao encontro do que os organizadores da sessão idealizam. São capazes de ter uma reação ou fazer algo que o observador pensou, mas os objetivos pensados para a sessão convergem com o que as crianças realizam.

Assim sendo, serão abordadas em seguida as opiniões e os pontos de vista do educador, visto ser este o responsável pela organização e realização das sessões de BH.

## Opiniões e pontos de vista dos educadores de infância

O educador, segundo Fochi et al. (2016), tem um papel de facilitador e observador quando organiza a sessão, sendo que este não deve criar expectativas. O esperado das sessões é que a criança usufrua do processo de aprendizagem de forma livre e espontânea.

Em seguida, iremos reunir algumas opiniões das educadoras face ao BH:

*“(...) o que me agrada muito também na brincadeira heurística, porque a criança passa a ter um papel principal e o adulto está mais na retaguarda a observar (...) e brincadeira heurística (...) é dar voz à criança, é muito mais isso” (E1\_L66-72).*

*“(...) sentir que o adulto não está a orientar e ser a criança a descobrir todas as suas potencialidades (...) e isso para mim é muito importante, ser a criança manipular, ser ele o protagonista da sua aprendizagem” (E2\_L75-78).*

O adulto “(...) não interfere, não brinca junto, não sugere e, preferencialmente, não conversa com as crianças durante a sessão. O ato explorador requer concentração e liberdade das crianças para que explorem livremente os elementos dispostos” (Fochi et al, 2016, p.45).

*“(...) é no fundo a criança poder escolher, e o adulto poder observar (...) o brincar heurístico ajudou-me também a ver os interesses deles e as suas aprendizagens (...) numa sessão estamos todos centrados (...) quando eles chegam e eles sentavam-se primeiro para poderem observar, para enquanto sentados poderem ver e escolher o que queriam ir mexer, e pensarem “o que será que é aquilo?” e são tudo vantagens e é essencialmente essa escolha que eu acho muito importante” (E4\_L154-172).*

É crucial, como menciona Fochi et al. (2016), dar liberdade e espaço às crianças para se desenvolverem e escolherem como querem aprofundar as suas competências. No BH, a criança desempenha o papel principal do seu processo de aprendizagem, sendo o educador apenas um espetador da sua aprendizagem.

O BH como método de aprendizagem *“(...) dá à criança oportunidade de não estar orientada pelo adulto e este poder observar, poder escolher, poder envolver-se com*

*os materiais sem ser de forma orientada, conhecer as coisas sem ser a ouvir falar, sem ser de uma história, toca, mexe, sente, sente a temperatura, o peso, as sensações que lhe causa, a partilha entre eles (...)*” (E4\_L123-127).

Sendo a criança ou o bebé a usufruir desta abordagem, o educador deve ter em conta que é um método pedagógico e que deve ser oferecido ao seu grupo de crianças sempre que acredite ser benéfico para o desenvolvimento das mesmas.

O educador consegue através do BH, sendo este destinado ao grupo, “(...) perceber como é que eles brincam, como é que eles exploram, como é que eles estão perante os objetos, como é que eles exploram esses objetos e que utilidade é que eles dão aos objetos que supostamente não são brinquedos e como é que eles são capazes de criar brincadeiras a partir de coisas que não são brinquedos. E brincar sem brinquedos estimula bastante a criatividade, ou seja, eles vão fazer coisas que nem eu própria pensaria em fazer (...) é rico por isso, porque eles criam potencialidades nesses objetos extraordinários” (E2\_L80-91).

Apresentando a opinião de duas educadoras que pensámos não conhecerem o BH, uma vez que uma conhecia a outra não, no entanto, as suas opiniões acerca do método são bastantes interessantes.

A seguinte opinião é da educadora que não conhecia o método, mas teve contacto com este através da entrevista. A sua opinião no final da sessão foi “(...) ao brincarem livremente com tudo o que lhes apresentam, com a própria curiosidade que eles têm eles vão aprendendo com os próprios brinquedos, com o que têm, não há nada impingido (...)” (E7\_L45-47).

A segunda educadora, a que já tinha conhecimentos do BH, mas no fim da entrevista mencionou que “(...) devem ser sessões fantásticas, acredito que na primeira sessão pode não correr tão bem ... eu já estou a tentar introduzir isso na sala, mas acho que não estou a fazer corretamente (...) acho uma experiência fantástica” (E9\_L165-168).

É importantíssimo olhar para o BH como um método promotor do conhecimento. Com este, a criança desenvolve-se a todos os níveis, tal como mencionado por muitas educadoras entrevistadas, o BH leva as crianças a

desenvolverem-se a nível social, cognitivo e motor. De acordo com o que foi dito anteriormente, brincar sem brinquedos estimula a criatividade, e não só, pois a criança nesse momento está envolvida em diferentes emoções e experiências, criando assim, brincadeiras por elas inventadas através de objetos do quotidiano.

## **CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Chegando ao último capítulo deste estudo, é revelante afirmar que, mais do que o produto final, o processo em si, e já falando numa perspetiva pessoal, reflete-se neste projeto todo o processo de formação pessoal e profissional.

A realização dos vários estágios no âmbito da formação para a prática da docência, exerce uma grande importância, pois através destes foi possível interligar a teoria com a prática em ambientes pedagógicos reais. A oportunidade de vivenciar ambientes pedagógicos reais possibilita desenvolver, não só competências intrínsecas à disposição desta profissão (como flexibilidade, criatividade e disponibilidade), assim como refletir sobre situações autênticas vividas no contexto real. Só a partir deste confronto com a realidade é possível dar sentido à base teórica desenvolvida ao longo da formação. As reflexões que emergem das situações vividas em estágio, permitem-nos uma maior tomada de consciência para a nossa futura realidade e como devemos agir sobre ela.

A formação conjunta que advém da prática profissional, é outro aspeto considerado muito importante. A cooperação entre o investigador e as educadoras cooperantes, contribuiu para aprofundar os conhecimentos, melhorar práticas a adotar e aperfeiçoar o desenvolvimento das capacidades do investigador, contribuindo assim, para uma aprendizagem plena e harmoniosa.

O estabelecimento de um modelo de trabalho baseado na perspectiva colaborativa com fins e interesses comuns implica momentos de partilha de experiências e ajuda entre pessoas, permite refletir sobre o que cada um faz e pensa e pressupõe a vontade de introduzir outras formas e outros métodos de abordagem e de ação,

sobre tudo quando alicerçados em programas de integração curricular e de cooperação profissional (Formosinho, Machado & Mesquita, 2015, p.15).

A aprendizagem entre “intergerações” foi um aspeto muito sentido neste último estágio, pois através desta, mesmo com profissionais que não conheciam o objeto de estudo (o BH), foi possível beneficiar da experiência profissional das educadoras já no ativo, pela da troca de ideias dos diferentes pontos de vista com o objetivo de melhorar a qualidade dos métodos pedagógicos.

Por outro lado, também foi sentido que as sessões de BH realizadas e proporcionadas a este grupo de crianças foram valorizadas pelas educadoras, na medida em que despertou o interesse de todas, trazendo os benefícios que acreditamos que este método pedagógico traz a uma sala de creche.

Por conseguinte, e de acordo com o que foi observado nos contextos, enquanto observador, cresse que as educadoras devem estar mais atentas/despertas para o brincar espontâneo das crianças, nomeadamente na organização dos espaços, bem como das estruturas mobiliárias e dos materiais disponibilizados, alterados ou até inseridos de acordo com os interesses e necessidades das crianças quer individuais ou de grupo (Goldschmied e Jackson, 2006); na liberdade de ação dada à criança, na independência e na exploração livre; na sua postura face à qualidade do brincar, nomeadamente como proporcionam sessões de aprendizagem intencionais e altamente significativas para crianças, uma vez que para ter sucesso enquanto profissional é necessário ter consciência do seu papel enquanto exemplo a seguir, assim como um conhecimento do seu grupo (Fochi et al, 2017). “Da relação constante e inevitável entre docentes e alunos, nasce a educação e para que esta interação seja efectivamente rica, cabe ao docente tentar compreender melhor a realidade que o cerca de modo a melhor interagir com ela” (Pinto et al.,2001, p.270).

São refletidas, ainda, as limitações sentidas ao longo deste percurso. Logo no início, constatou-se que o BH era um método pouco abordado e, por isso, toda a informação disponível, quer em literatura, quer em documentos, era escassa para desenvolver a sua investigação.

Outra limitação sentida, foi a nível das observações naturalistas, uma vez que, em algumas sessões, participaram um grande número de crianças e isso dificultou a

observação individual de cada criança, carecendo os diários de bordo. Para tentar contornar esta situação, foi solicitado às instituições a gravação das sessões, apenas e só para fins acadêmicos. No entanto, este pedido foi negado, ainda que sendo pretendido manter a confidencialidade e privacidade de todos os participantes. Infelizmente, não foi possível analisar todas as crianças durante cada sessão, tanto quanto era desejado.

Relacionando a prática pedagógica supervisionada com o relatório final, acredita-se que esta foi uma mais valia, pois permitiu colocar em prática ideias defendidas pelo investigador e verificar o resultado das mesmas. Todo este processo contribuiu para uma maior tomada de consciência de todo o percurso evolutivo e, como consequência, promoveu um amadurecimento quer a nível pessoal, profissional e também certificar a escolha certa relativamente às metodologias pedagógicas a seguir pelo investigador.

Foi gratificante registar que este projeto foi bem acolhido pelas crianças, e que, por isso, o BH pode e deve ser inserido em creche como opção pedagógica. Foi compensador, também, ver as crianças tão pequenas, no final de cada sessão, mostrarem terem gostado e vontade de repetir. Esta motivação e interesse por parte das crianças evidenciou que o presente estudo estaria a ir ao encontro dos objetivos que levaram à implementação inicial deste projeto.

Durante o decorrer deste projeto, foi claro que o BH é uma área ampla onde ainda há muito por explorar e que devido aos seus benefícios nas aprendizagens será com certeza uma ferramenta a explorar.

Atingidos os objetivos que foram propostos no início do presente trabalho, torna-se relevante estipular novas metas de forma a dar continuidade ao tema que se pretende explorar, ou seja, o BH como método pedagógico em creche e como facilitador de aprendizagens. Assim, são apresentadas de seguida algumas sugestões de possíveis hipóteses para a continuidade deste projeto.

Acredita-se que os pais podem e devem ter um papel ativo no desenvolvimento das crianças, e por isso, seria interessante verificar se o seu contributo associado ao BH traz benefícios ao desenvolvimento das aprendizagens das crianças. É possível que hajam lares sem os recursos estereotipados, ou seja, sem os típicos brinquedos

comprados em lojas, e, nesse sentido, o material heurístico está intrínseco a todas as habitações, isto é, não há uma casa que não tenha uma mola, uma palhinha, uma rolha, uma colher de pau, um rolo de papel higiênico, etc. Será uma mais valia que os pais e as famílias (inclusive os avós) saibam a importância destes materiais existentes nos seus lares, pois a imaginação e a criatividade não surgem apenas de objetos exclusivos para crianças. Há todo um manancial de material disponível que, por falta de conhecimento, se torna “obsoleto” nos lares de cada um de nós, que nós nem imaginamos. Por fim, cremos que seria interessante abordar estas questões aos pais, nem que seja em momentos ou sessões criadas especificamente para explanar e clarificar esta metodologia aos pais. Todas estas ideias enquadram-se nos princípios defendidos neste estudo, e por isso, é pretendido futuramente explorar esta área, oferecendo aos mais pequenos um ambiente prazeroso, onde sintam vontade de regressar todos os dias para poderem desfrutar do seu presente na sua plenitude:

*Serem crianças.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. (1ªed) Lisboa: Universidade Aberta

ANJOS, A. M., AMORIM, K. S., VASCONCELOS, C. R. F. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (2004). *Interações de bebés em creche*. (3ªed) Universidade São Paulo: Ribeirão Preto, Estudos de Psicologia 9

ANTUNES, T. F. L. (2016). *A dinamização da biblioteca escolar: Um contributo para a promoção da leitura*. [Dissertação Mestrado: Instituto Superior de Educação e Ciências – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico]

ARAÚJO, R. K. C. (2018). *Os bebés e o Brincar Heurístico: Narrativas de professoras de creche*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Educação, Porto Alegre

AZEVEDO, S. C. M. (2011). *O Papel da Creche na Adaptação da Criança ao Contexto de Jardim-de-Infância*. [Relatório de Estágio: Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação]

BRAZELTON, T. B. (1995). *O Grande Livro da Criança: O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. (1ªed). Lisboa: Editorial Presença

CARVALHO, A. M., ALVES M. M. F. & GOMES, P. L. D. (2005). *Brincar e Educação: Concepções e Possibilidades*. Maringá, Artigo publicado: Psicologia em Estudo, vº10, nº2

CARVALHO, C. M. & PORTUGAL G. (2017). *AVALIAÇÃO EM CRECHE: CRECHendo com qualidade*. (1ªed). Porto: Proto Editora

CAVICCHIA, D. C. (2010). *O Desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista

CORDAZZO, S. T. D. & VIEIRA, M. L. (2007). *A brincadeira e as suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento*. Artigo publicado: Estudos e Pesquisas em Psicologia, Ano 7, nº1

CARDONA, M. J. (2006). *Educação de Infância: Formação e Desenvolvimento Profissional*. Santarém: Edições Cosmos

CRESPO, T. P. N. (2016). *A importância do Brincar para o desenvolvimento da criança*. [Relatório Final: Instituto Politécnico de Portalegre: Escola Superior de Educação]

DUARTE, J. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas

FERNANDES, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas da investigação em educação*. Artigo publicado: Noesis, Edição: 18

FLEMING, J. S. (2018). *Erikson's Psychosocial Developmental Stages*. Editora Copyright

FOCHI, P., ESPÍNDOLA, I., JOSIANE, P. D. C., CONSANI, N. C. (2016). ***Brincar Heurístico***. (1ªed). São Paulo: Ateliê Carambola & Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica

FORMOSINHO, J.; Machado, J. & Mesquita. E. (2015). *Formação, trabalho e aprendizagem. Tradição e inovação nas práticas dos docentes*. Lisboa: Edições Sílabo

GESELL, A. (2000). *A Criança dos 0 anos 5 anos*. (4ªed). Lisboa: Dom Quixote

GOLDSCHMIED, E. & JACKSON, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: o Atendimento em Creche*. (2ªed). Porto Alegre: Artmed

HIRSH-PASEK, K. & GOLINKOFF R. M. (2008). *Por que brincar = Aprender*. Temple University, EUA, University of Delaware, EUA.

LOPES, R. M. F., NASCIMENTO, R. F. L., SOUZA S. G. & MALLET L. G. (2010). *Desenvolvimento cognitivo e motor de crianças de zero a quinze meses: Um Estudo de Revisão*. Artigo publicado: O portal dos Psicólogos, Psicologia.com.pt

MELCHIOR, L. E. & BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2002). *Comportamento de bebés na rotina diária da creche*. (2ªed). Revista Brasileira: Crescimento Desenvolvimento Humano, São Paulo: 12

MELO, M. F. (2013). *Propostas metodológicas e aplicabilidade do paradigma qualitativo de análise*. [Tese de Doutorado: Universidade do Minho: Centro de Investigação em Ciências Sociais]

PACHECO, J. A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editor.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W. & FELDMAN, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. (8ªed). Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda

PATTON, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. London: Sage Publications.

PINTO, C. A., ESTEVE, J. M., ESTELA, M. T., NIAS, J., TEIXEIRA, M., PRATA, M. C. & CARVALHEIRO, M. G. (2001). *Ser professor no limiar do século XXI*. Braga: ISET

RAMOS, V. M. B. (2012). *O currículo na valência de creche*. [Tese de Mestrado em Ciências de Educação: Escola Superior de Educação João de Deus]

SANTOS, M. (1994). *A observação científica*. Porto: Centro de Psicologia Social, Faculdade de Psicologia e de ciências da Educação

SHANAHAN, K. (2005). *Springboard to learning through play – How parents can help their children from birth to 6 years*. (1ªed). Australia: IBIS Publishing

TUCKMAN, B. W. (2000). *O papel da investigação*. In Fundação Calouste Gulbenkian (Ed.), *Manual de Investigação em Educação*.

WAJSKOP, G. (2012). *Brincar na educação infantil: Uma história que se repete*. (9ªed). São Paulo: Cortez Editora

ZAPPELLINI, M. B. & FEUERSCHUTTE, S. G. (2015). *O uso da Triangulação na Pesquisa Científica Brasileira em Administração*. Artigo publicado: *Ensino e Pesquisa*, vº16, nº2, Rio de Janeiro

# ANEXOS

1. Guião da Entrevista a Educadoras que conheciam o Método;
2. Transcrição das Entrevistas;
3. Análise conteúdo destas Entrevistas;
4. Guião da Entrevista a educadoras que não conheciam o Método;
5. Transcrição das Entrevistas;
6. Análise conteúdo destas Entrevistas;
7. Diários de Bordo;
8. Observações Naturalistas;
9. Análises de Conteúdos das Observações;

**1. Guião da Entrevista a Educadoras que  
conheciam o Método;**

BLOCOS	OBJETIVOS	TÓPICOS/ OBSERVAÇÕES	GUIÃO DE QUESTÕES
<b>BLOCO A</b> Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elucidar a entrevistada acerca do estudo em que se enquadra a entrevista;</li> <li>- Obter concordância da educadora para participação no estudo;</li> <li>- Garantir confidencialidade da informação prestada, no âmbito do trabalho a desenvolver;</li> <li>- Obter permissão para registo áudio da entrevista.</li> </ul>		
<b>BLOCO B</b> Dados Caracterização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o percurso académico da educadora;</li> <li>- Obter informação acerca da experiência da educadora;</li> <li>- Saber o tempo de docência no Colégio.</li> </ul>	Fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e profissional.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Em que universidade estudou?</li> <li>2. Há quanto tempo trabalha como educadora?</li> <li>3. Qual a sua formação académica?</li> <li>4. Quais as funções que exerce atualmente?</li> <li>5. Porque escolheu esta profissão? E qual a sua maior motivação?</li> </ol>
<b>BLOCO C</b> Método Brincar Heurístico	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a opinião da educadora qual ao tema brincar;</li> <li>- Saber o tipo de brincadeiras;</li> <li>- Compreender como é feita a gestão da brincadeira em sala;</li> <li>- Saber como teve acesso ao brincar heurístico;</li> <li>- Conhecer o método BH;</li> <li>- Saber o que acha mais relevante no BH;</li> <li>- Compreender a importância da abordagem para a educador e o porquê de o desenvolver;</li> <li>- Saber quais as dificuldades sentidas pela educadora;</li> <li>- Conhecer a forma de abordar o método BH em sala;</li> </ul>	<p>Na sua experiência como educadora qual o papel que tema brincadeira em contexto de creche? No dia-a-dia como se desenvolve essa brincadeira?</p> <p>Nota: Procure, dentro destas questões, explorar o mais possível, para que as respostas não sejam telegráficas (Exemplos)</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>6. Quanto tempo é dedicado à brincadeira?</li> <li>7. Que tipo de brincadeiras?</li> <li>8. Orientadas/Não orientadas?</li> <li>9. Espaços e tempos das brincadeiras.</li> <li>10. Como conheceu o método Brincadeira Heurística?</li> <li>11. O que acha da Brincadeira Heurística?</li> <li>12. O que é mais importante para si neste método?</li> <li>13. O porquê de trabalhar esta abordagem?</li> <li>14. Como desenvolve cada sessão?</li> <li>15. Em relação aos materiais como os disponibiliza ao grupo?</li> <li>16. No seu grupo porquê que é importante desenvolver este método?</li> <li>17. Na sua opinião podemos encontrar algumas limitações neste método BH? Quais?</li> <li>18. Como se sente quando explora esta abordagem? Tanto a nível da preparação, como a nível do envolvimento do grupo.</li> </ol>
<b>BLOCO D</b> Caracterização do grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as características do grupo;</li> <li>- Saber quais os interesses, brincadeiras, preferências e curiosidades do grupo;</li> <li>- Conhecer abordagem BH aplicada ao grupo;</li> </ul>	Retirar o máximo de informação possível, procurar exemplos e ideias que a educadora tenha.	<ol style="list-style-type: none"> <li>19. De forma geral, como caracteriza o grupo?</li> <li>20. Como caracteriza o comportamento do grupo?</li> <li>21. Quais os interesses/curiosidades mais notórias do grupo?</li> <li>22. Das sessões realizadas que mudanças notou no grupo?</li> <li>23. Acha que este método é fundamental para o grupo e o seu desenvolvimento?</li> <li>24. Durante uma sessão que competências já viu desenvolvidas?</li> </ol>
<b>BLOCO E</b> Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a opinião que os pais têm a cerca desta abordagem;</li> <li>- Conhecer a opinião das educadoras em relação à divulgação deste método.</li> </ul>	<u>Gostaria de acrescentar algo mais que não tenha sido abordado durante a entrevista?</u>	<ol style="list-style-type: none"> <li>25. Na sua opinião qual a forma como os pais veem esta abordagem educativa à brincadeira? Qual foi a sua primeira reação? Conhecem bem esta abordagem e como funciona?</li> <li>26. Acha importante sensibilizar outros colégios para esta prática educativa? Porquê?</li> <li>26. Na sua opinião porque é que acha que outros colégios ainda não implementam este método?</li> </ol>

## **2. Transcrição das Entrevistas;**

## Transcrição da Entrevista 1

22/01/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber mais a cerca do método Brincadeira Heurística desenvolvido num colégio da região norte de Lisboa. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Em que universidade estudaste?

**Educadora 1:** Na ESE de Lisboa, na Escola Superior de Educação de Lisboa.

**Entrevistadora:** Melhor dizendo fala-me um pouco do teu percurso académico é mais fácil.

**Educadora 1:** O meu percurso académico? Eu tirei a licenciatura pós Bolonha na ESEL e depois comecei a trabalhar e tenho estado a fazer algumas formações esporadicamente, mas limita-se a isso. Trabalho como educadora já há 12 anos.

**Entrevistadora:** Porque escolhes-te esta profissão?

**Educadora 1:** (riso) Por várias razões, uma delas foi o meu educador ter sido um exemplo para mim, então a partir daí quis e depois de ele me ter elogiado e de o ver trabalhar com os meninos eu comecei logo com vontade de quer ser educadora de crianças pequeninas, desde esse tempo. Esta noção de que nós estamos a criar o futuro, um futuro cidadão, porque nesta fase eles ainda são tão pequeninos que adquirem a maior parte das capacidades que eles possam ter e, que estas são as sementes que eles têm a criar e que se vão servir no futuro e é isto tudo que faz com que eu goste tanto desta profissão.

**Entrevistadora:** Na tua experiência como educadora qual é o papel que tem a brincadeira na creche?

**Educadora 1:** Tem uma importância muito grande, eu acredito que é a brincar, com o brincar que a criança aprende e é assim eu ela apreende as coisas, é a brincar e a interagir com os materiais e a interagir com os outros que o que ela está a fazer torna-se significativo e efetivo para ela. Ahh se for incutido não acredito que para ela seja apreendido, que fique lá.

**Entrevistadora:** Então aqui no colégio quando tempo mais ou menos é dedicado à brincadeira?

**Educadora 1:** Dependendo da rotina, porque temos atividades, de música, de dança, de teatro, de inglês e a ginástica que nos ocupa muito tempo durante a semana. Mas fora esse tempo sempre que estamos dentro da sala, aaah são momentos de brincadeira, constante.

**Entrevistadora:** Existem mais brincadeiras orientadas ou não orientadas?

**Educadora 1:** As brincadeiras orientadas, é mais numa situação de brincar heurístico, é no sentido em que nós pensamos nos materiais e montamos uma provocação e é nesse sentido. Esses momentos de brincadeira heurística, acontecem pelo menos quando é na sala ao mesmo tempo da brincadeira livre.

**Entrevistadora:** Agora mais relacionado com o brincar heurístico, como conheces-te o Brincar Heurístico?

**Educadora 1:** Eu comecei a ler um livro que comprei sobre educação por acaso, e deparei com um parágrafo de brincadeira heurística e pensei o que é isto? E comecei a ler e foi o primeiro contacto que tive realmente com a brincadeira heurística. Depois, entretanto, ficou assim um bocadinho esquecida, porque estava no pré-escolar e quando voltei para a creche fui a uma formação sobre brincadeira heurística e foi novamente o lembrar destas coisas e tentar então implementar isso.

**Entrevistadora:** Então e qual é a tua opinião a cerca do brincar heurístico? O que é o brincar heurístico? O que é o mais importante neste método?

**Educadora 1:** É perceber, ahh que eles, que a interação deles com os materiais são possibilitadores de aprendizagem, com diversos tipos de materiais, não precisam de ser brinquedos não é, podemos ir para os reciclados, para materiais naturais, podemos, acabamos por ter uma panóplia maior de materiais que eles podem manusear. Podes repetir a pergunta se faz favor?

**Entrevistadora:** Primeiro o que acha do brincar heurístico? E o que é mais importante nele.

**Educadora 1:** Pronto é isso, o facto dele ser feito por parte dele, a exploração ser feita por eles e que aquilo que vão descobrindo, é intrínseco, vem mesmo de dentro para fora, ahh parte da observação, como eles vão imitar, ah observar os materiais, manuseá-los, ver os outros a brincar com ele e depois eles vão aprendendo uns com os outros, imitando-se, contagiando-se. Ah esta noção de que a criança é um ser capaz. É o que me agrada muito também na brincadeira heurística, porque a criança passa a ter

um papel principal e o adulto está mais na retaguarda a observar, ele não se anula, mas o centro realmente é aquela interação com os materiais, interação entre eles, o centro não é tanto a criança, mas estas relação que eles vão criando com o espaço, com os materiais, com os outros ... e brincadeira heurística é mais coisa, é dar voz à criança, é muito mais isso. É importante.

**Entrevistadora:** Como é que desenvolves cada sessão?

**Educadora 1:** Como é que eu desenvolvo? No sentido...

**Entrevistadora:** Parte dos interesses, de uma temática que queiras trabalhar.

**Educadora 1:** sim, tem haver com um interesse que foi observado, ah por exemplo, começamos a vê-los a construir, montar pecinhas, aproveitamos e trazemos mais materiais de construção, que eles possam brincar, numa situação de brincadeira heurística, uma temática em si, por exemplo o carnaval e trazer materiais diversos que tenha haver com este momento festivo, que eles possam usufruir, pode ter haver com uma, por exemplo este ano tivemos a trabalhar o projeto da foca, porque eles tiveram muito interesse em saber o que era a foca, o que ela faz, o que ela consegue fazer, e viram que ela tinha, que ela conseguia segurar uma bolana ponta do nariz, então fomos explorar e acabamos por trabalhar o círculo, o movimento circular, porque eles estão numa idade que já começam a fazer movimento circular na garatuja e fomos muito por aí, tanto quando se pensou em brincadeiras heurísticas nesse projeto da foca foi muito ir ao encontro do movimento circular, com cartão, com madeiras, para dar resposta ao projeto em si, mas também a algumas necessidades e competências.

**Entrevistadora:** Por exemplo em relação aos materiais, como é que os disponibilizas ao grupo?

**Educadora 1:** Eles estão sempre concentrados num tapete, eles não são despejados assim para o tapete, eles são colocados no tapete de forma, assim com um cuidado estético, pode ser por pequenos grupos, montinhos, podem estar numa forma circular, pode ser por tamanhos, de diferentes formas, depende do material em si, ah organiza-se o espaço de forma a que seja estético e convidativo à exploração.

**Entrevistadora:** Porquê que neste grupo é importante trabalhar o Brincar Heurístico?

**Educadora 1:** Eu na minha opinião não acho que seja só neste grupo, que se devia trabalhar em todos os grupos, então com as crianças pequenas porque elas estão ansiosas de mexer e de explorar, faz todo o sentido do que fazer atividades pré formatadas. Com este grupo eu não acho que seja com este grupo, eu acho devido à faixa etária, porque acho que as crianças são ansiosas de, é porque faz sentido não só

nesta faixa etária, acho que faz sentido, não sei como é que hei de explicar. Porque realmente temos aqui momento que se concentram muito nestes momentos, momentos de exploração e no geral são crianças que exploram e que se concentram, se fosse um grupo muito agitado realmente acho que a brincadeira heurística permite que eles fiquem menos agitados, acaba por ser menos barulhento e acaba por não existirem tantos conflitos com os outros porque a brincadeira heurística tem de ter muitos materiais para possibilitar as trocas, para que não haja conflitos entre eles por causa da falta de material. Eu comecei já com este grupo no início na sala de um ano e portanto, a postura que eles têm vindo a mostrar até agora, o contacto com esta forma de trabalhar faz com eles sejam um grupo calmo, curioso e interessado e é tudo o que a gente pretende que as crianças no futuro também sejam, porque um dia mais tarde as profissões que eles vão ter requerem criatividade, requerem que sejam capazes de resolver problemática e eles têm de estar em situações que se ponham a pensar e a brincadeira heurística obriga de uma forma lúdica a pensar como é que isto cair e porquê que caí, trabalha a matemática trabalha todas as áreas.

**Entrevistadora:** Na tua opinião podemos encontrar algumas limitações neste método?

**Educadora 1:** se podemos encontrar limitações?

**Entrevistadora:** Sim, algumas situações que podemos nos deparar e pensar pode não ser bom por isto.

**Educadora 1:** Não.

**Entrevistadora:** Ou já se deparou com alguma situação durante uma sessão que a fizesse pensar, não posso fazer isto assim porque pode haver conflitos.

**Educadora 1:** Às vezes pode ter haver com o tipo de material que se ponha à disposição, que possam colocar mais na boca ou pegar num pau e começar a bater num colega, mas são situações que se vão resolvendo no momento, como quando eles começam a mandar as peças para o ar, aí temos realmente que intervir, mas até agora não encontrei nenhum momento que não tivesse feito sentido, há provocações, ou seja, instalações que eu tenha feito que eles procuram mais que outras e que realmente estiveram mais envolvidos numas do que noutras, agora não houve nenhuma que eu achasse que não é adequado de todo, não faz sentido. Não.

**Entrevistadora:** E quando, quando prepara uma sessão e a apresenta ao grupo como é que se sente? A preparar, a forma de pensar na organização. E depois o posterior quando eles a recebem. Qual é o sentimento?

**Educadora 1:** Ah sim, porque nós temos sempre uma expectativa e nós temos de fugir a essa expectativa que nós criamos, porque nós quando pomos um determinado material já pensamos nas várias hipóteses que aquele material vai ser usado, mas a criança se calhar vai fazer completamente diferente, e acho que não nos podemos agarrar às nossas expectativas porque isso causa-nos ansiedade e se calhar as vezes até podemos realmente sentir isso que estamos agarrados aquilo que esperaríamos que eles conseguissem.

**Entrevistadora:** E depois da sessão o que é que sentes? Em relação ao envolvimento do grupo.

**Educadora 1:** Depois quando eles estão envolvidos no material, como estamos numa postura de observação, o sentimento é muito prazeroso, porque estamos ali a ver com olhos de ver e apercebemo-nos de coisas que não tínhamos pensado e ficamos uau. Nem sequer tinham pensado nisso e eles chegaram lá. E olhamos realmente para as capacidades que cada um tem e acaba por ser um momento muito bom, não me causa ansiedade nenhuma, se calhar tenho mais ansiedade a preparar porque tenho de pensar na estética, tenho de pensar na quantidades dos materiais, tenho de pensar se realmente faz sentido ou não, se é realmente este o caminho que eles nos estão a mostrar e se calhar nessa parte da reflexão inicial sinto-me mais angustiada do que propriamente depois quando eles estão a usufruir.

**Entrevistadora:** Agora mais direccionado para o grupo, já me disseste que os caracterizas como um grupo calmo e curioso. E que aceitam muito bem este método

**Educadora 1:** Sim, eles são um grupo calmo e curioso. Desde que estão comigo tiveram em contacto com ele, eu peguei neles com um ano e por isso há dois anos, sempre foram habituados a esta forma de estar em sala. A diferença entre o ano passado e este ano é que a brincadeira heurística acontecia de forma mais esporádica e em momentos mais concentrados para brincadeira heurística, neste momento a brincadeira heurística acontece em sala constantemente. Já não é um momento específico só para a brincadeira heurística, os materiais estão à disposição, umas vezes de forma livre outras vezes já com uma instalação, mas é constante. **Entrevistadora:** Ao longo das sessões notasse alguma diferença neles, que eles se entregam mais.

**Educadora 1:** Diferenças depende do material que eles têm à sua disposição, sinto muito isso, que tem haver muito com os materiais.

**Entrevistadora:** E não com o facto de eles já estarem mais habituados, tem haver mais com os materiais e com os interesses deles.

**Educadora 1:** Sim. Sim.

**Entrevistadora:** Que interesses e curiosidades sentes mais no grupo?

**Educadora 1:** Eles neste momento estão muito virados para tudo o que faz som, som a bater, som a soprar, som a raspar, tudo o que faça som eles estão muito virados para esse tipo de brincadeira.

**Entrevistadora:** Como no outro dia, com as panelas?

**Educadora 1:** Sim, e com as tampas.

**Entrevistadora:** Achas que este método é fundamental para qualquer grupo? Para o desenvolvimento de qualquer grupo?

**Educadora 1:** Sim, sim, e não somente na creche. Eu acho que quem faz, faz muito na creche e depois para e eu acho que a brincadeira heurística deveria se manter sempre.

**Entrevistadora:** E manter-se até aos 5 anos.

**Educadora 1:** Sim, sem dúvida alguma.

**Entrevistadora:** Durante uma sessão que competências já viste desenvolver? Quase todas?

**Educadora 1:** Sim, ah parte motora sem dúvida, a parte da motricidade fina do enroscar e desenroscar, encher, esvaziar, transportar, trasvazar, ah o montar o desmontar, parte da linguagem também está lá sempre presente, a forma como eles vão verbalizando, o que eles vão dizendo aos colegas, relativamente ao material, portanto a socialização é a olhos vistos, quando eles olham para o outro e vêem o que o outro está a fazer e vão repetir e depois já se juntam e já fazem a pares, já fazem em grupo, portanto aí também está muito presente, a matemática também está lá sempre presente, nas quantidades, nos volumes, nas alturas, na lateralidade, só não acontece de uma forma muito formatada, temos de estar a olhar ...

**Entrevistadora:** Para se conseguir identificar e verificar essas competências, não é uma coisa que seja dita pelo adulto, mas sim é espontânea deles.

**Educadora 1:** Sim, sim, exatamente, quando eles põem as pecinhas em fila, já temos aqui uma noção matemática, essa é a nossa leitura porque sabemos o que a matemática trabalha, eles não sabem que estão a trabalhar matemática, mas os conceitos estão presentes e estão a ser desenvolvidos.

**Entrevistadora:** No teu grupo como é que os pais veem esta abordagem?

**Educadora 1:** Estão muito satisfeitos, se eles até então não entendiam muito este ano como temos uma avaliação diferente, por portefólio digital em que os pais têm acesso a fotografias e vídeos.

**Entrevistadora:** Ah então como é digital estão sempre em contacto?

**Educadora 1:** Sim, e vão sempre recebendo as novidades, e os vídeos dão muito a perceber o que é a dinâmica, o que está a acontecer e depois nós vamos fundamentando também aquilo que está a acontecer e explicamos o porquê, mas eles estão muito satisfeitos.

**Entrevistadora:** eles conhecem bem este método?

**Educadora 1:** Bem, eles sabem aquilo que a gente lhes transmite, se calhar um ou outro já possa ter pesquisado sobre o assunto, mas já sei que alguns pais já vão fazendo algum deste tipo de brincadeiras em casa, já vão dando massas para eles brincarem, já vão dando as tampas e as panelas para eles brincarem, vão dando caixas de sapatos e outras para eles manusearem. Estão muito sensíveis para este trabalho desenvolvido.

**Entrevistadora:** E inicialmente qual foi a primeira reação dos pais?

**Educadora 1:** Eles nunca verbalizaram muito, acho que eles ficaram na expectativa de ver o que é que isto ia dar, mas nunca verbalizaram que não gostavam ou que não.

**Entrevistadora:** Ficaram muito há retaguarda, a observar o que acontecia?

**Educadora 1:** Sim, sim.

**Entrevistadora:** Agora na tua opinião achas que é importante sensibilizar outros colégios para esta prática educativa?

**Educadora 1:** Eu acho que era essencial para que todos os colégios trabalhem com crianças destas idades e maiores eu acho que é muito importante que todos, não só a brincadeira heurística, mas que todos os colégios estejam sensíveis á brincadeira, quer seja o heurístico ou não, mas que tenham noção que o brincar tem muitas noções não é preciso ir buscar mais além, porque quando nós nos lembramos da nossa infância, daquilo que aprendemos, do que é que nós nos lembramos das brincadeiras essencialmente, não nos lembramos dos conceitos que nós trabalhamos, lembramos das brincadeiras, se queremos que as aprendizagens sejam efetivas têm de ficar nas memórias e para que fique nas memórias tem de ser através do brincar, de uma forma lúdica. Se a preocupação dos colégios é ter um bom ranking, ter um bom desempenho, tem de cada vez mais apostar no brincar.

**Entrevistadora:** E porquê que achas que isto acontece? Porquê que os colégios não apostam no brincar?

**Educadora 1:** Eu acho que tem muito a ver com a formação académica, com a cultura, nós estamos muito ligados aos conhecimentos, preocupamo-nos muito, se sabem as

cores, se sabem os números, se sabem as letras, estamos muito preocupados com isto sempre, na realidade acho que o mais importante é olhar mais para as competências e não tanto para os conteúdos, porque as cores eles vão aprendendo, os números eles vão aprendendo, eles vão ouvindo e vão assimilando. O saber estar com os outros, o ir á procura, o tentar analisar o tentar perceber, como é que as coisas funcionam, acaba por ir um bocadinho mais além. Mas muitos colégios como têm o ranking e têm de ficar bem vistas e depois os pais também procuram muito escolas que trabalhem a matemática e o português, acabam por esquecer outras partes muito importantes.

**Entrevistadora:** Gostarias de acrescentar mais alguma coisa?

**Educadora 1:** Agora uma preocupação minha em relação à brincadeira heurística é sensibilizar a nossa equipa de sala e não só das regras da brincadeira heurística, não é bem regras, mas os princípios que estão lá, que é não falar, nós temos muito tendência de interagir, intrometer-nos nas brincadeiras e isto é ás vezes uma dificuldade que sinto na equipa. Chegamos a uma altura e começamos a intrometer-nos e vamos interagindo com a criança quando não devíamos, pois devíamos deixar as coisas acontecerem por elas. Tanto o falar baixo, a voz do adulto não ser a predominante, tem de ser a voz da criança que predomine. Continuamos a olhar com olhos de criança, porque às vezes na própria brincadeira heurística nós olhamos com olhos de adulto e não olhos de criança. Isto ainda é uma dificuldade que ainda sinto e que tenho de trabalhar. Acho que basicamente essas são as duas dificuldades que sinto.

**Entrevistadora:** Agora em relação mais ao método gostarias de acrescentar mais alguma coisa?

**Educadora 1:** O que eu estou a fazer aprendi porque eu li, fiz uma formação e estou a implementar, até que ponto estou a fazer de forma correta, também não tem a certeza que esteja a fazer bem, mas acho que se não estamos a ir ao enquanto da brincadeira heurística estamos muito perto. É possível que possa haver um ou outro erro que cometemos, mas acho que o essencial está lá. E depois como não há muita gente que faça brincadeira heurística não temos orientação , o ideal era ter alguém que viesse observar e que nos desse também algumas pistas, mas temos ainda tão poucas pessoas que se interessam por esta área que acabamos por não ter espaço de reflexão para ver como correu, o que é que faltou, o que podíamos fazer melhor. Acabamos por ir muito pela nossa intuição, porque é muita falta de informação, apesar de haver um ou outro livro, mas vêm todos do brasil, nós aqui em Portugal não temos e temos muito pouca informação.

**Entrevistadora:** Obrigada pela participação.

## Transcrição da Entrevista 2

30/01/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber mais a cerca do método Brincadeira Heurística desenvolvido num colégio da região norte de Lisboa. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Para começarmos podia falar-me um bocadinho a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 2:** O meu percurso académico, tirei o meu curso na Escola Superior Almeida Garrett em Bolonha e tirei o mestrado na Escola Superior João de Deus, depois fui fazer uma substituição em primeiro ciclo, ou alias enquanto tirei o curso estava a trabalhar noutra área saí e fui fazer uma substituição em primeiro ciclo, ah depois entretanto, enquanto estava a fazer a substituição no final do terceiro período tive uma proposta para ir trabalhar para uma creche, ali em Odivelas, e permaneci lá por seis anos, fiz lá creche e pré-escolar e depois saí de lá e vim para aqui. Pronto, ou seja, no primeiro ciclo tive no colégio Manuel Bernardes e depois estive no espantalho encantado e agora no colégio Cesário Verde.

**Entrevistadora:** Porquê a escolha desta profissão? Qual a sua motivação?

**Educadora 2:** Porque sempre foi algo que eu me identifiquei desde que terminei o secundário, ah e fiquei sempre com a ideia de fazer o curso, porque eu terminei o secundário e não fui lá fazer o curso, ah fiz outras coisas primeiro e só fui fazer o curso já tinha 25 anos e porque fiquei sempre com o bichinho de quer ser educadora, ah porque também gostava muito, ah lá está não e que seja o mais importante, mas identificava-me muito com as crianças e estar com elas e fazer coisas com elas, portanto sempre foi algo que me interessou e então tomei a decisão de fazer o curso.

**Entrevistadora:** Há quanto tempo leciona no colégio?

**Educadora 2:** Neste há cinco anos, no total desde que saí da faculdade estou a trabalhar nesta área á 12 anos.

**Entrevistadora:** Dirigindo a nossa entrevista para o tema brincar, qual é para si a importância da brincadeira em creche?

**Educadora 2:** A importância do brincar para mim é o principal em termos do meu trabalho, é a partir dele que faço, que tenho os meus pontos de partida para as minhas atividades, para os conhecer melhor, para fazer as suas aprendizagens também através da brincadeira, é um meio privilegiado para mim, ah portanto a brincadeira é o meio por onde eles podem aprender. Ah de uma forma mais privilegiada, mais efetiva, participativa da parte deles, sem ser eu a ter de comandar as aprendizagens.

**Entrevistadora:** Dentro da sala existem brincadeiras orientadas ou não orientadas?

**Educadora 2:** Há muita brincadeira livre, porque também permito isso, porque segundo aquilo que acredito, acredito na simultaneidade de atividades, porque enquanto está a haver algo orientado eles podem estar a brincar livremente nas suas áreas, nas várias áreas da sala, ah sem estar especificamente na atividade que eu propus, que eu trago ou na novidade que lhes levo, se o interesse for geral eles aproximam-se, se não for vão vindo de acordo com o seu interesse. Por isso enquanto isso acontece eles vão brincando livremente.

**Entrevistadora:** Então quando a atividade é proposta, mas não é com o grupo todo e para todo ao mesmo tempo?

**Educadora 2:** Não, não é dirigido, não é com o grupo todo, não tem de ser necessariamente, ou seja, parte da motivação deles para a atividade e para participarem e se houver quem não queira participar para mim não é importante.

**Entrevistadora:** E como é que conheceu o método brincadeira heurística?

**Educadora 2:** Como é que o conheci, conheci uma pequena abordagem na faculdade, muito muito pequena, ou quase nada, apenas só alguns autores, mas o brincar heurístico nunca foi uma forma privilegiada para a aprendizagem. Durante a minha formação profissional principalmente, por exemplo na João de Deus isso não foi abordado, porque o ensino é muito tradicional. Ah mas também foi mais a minha procura na formação após a conclusão do curso e sentir que em creche tinha muitas lacunas em termos de prática e precisava de muito mais bagagem para poder estar a trabalhar com crianças tão pequenas e como a minha formação foi sempre tudo tão orientado para o pré-escolar, ah senti que estava muito desprevenida e que não estava muito preparado, porque não sabia o quê que podia fazer com crianças tão pequenas e foi aí através de formações que fui procurando que fui encontrando imensas opções e uma delas foi a brincadeira heurística que fui conhecendo em formações já após a minha formação e foi assim que eu descobri o brincar heurístico.

**Entrevistadora:** Então já conhece a algum tempo este método?

**Educadora 2:** Sim, sim já, foi quase logo após a minha formação, mais ou menos quando comecei a trabalhar em creche. Pois senti necessidade de saber mais métodos de trabalho.

**Entrevistadora:** O quê que acha mais importante no brincar heurístico? Ou porquê que é importante?

**Educadora 2:** Primeiro é importante porque pela forma, ah pela forma como potência a exploração, a exploração livre, o brincar livre, ah sentir que o adulto não está a orientar e ser a criança a descobrir todas as suas potencialidades em termos de brincadeira. Ah e isso para mim é muito importante, ser a criança manipular, ser ele o protagonista da sua aprendizagem.

**Entrevistadora:** E porquê trabalhar esta abordagem?

**Educadora 2:** O porquê de trabalhar esta abordagem? Para já porque é excelente em termos de desenvolver a criatividade, e porque é um tipo de brincadeira que proporciona aprendizagens que eu enquanto adulto não posso, por mais que eu orienta-se e pensa-se em atividades se calhar não iriam ser tão eficazes como num brincar heurístico e também permite perceber como é que eles brincam, como é que eles exploram, como é que eles estão perante os objetos, como é que eles exploram esses objetos e que utilidade é que eles dão aos objetos que supostamente não são brinquedos e como é que eles são capazes de criar brincadeiras a partir de coisas que não são brinquedos. E brincar sem brinquedos estimula bastante a criatividade, ou seja, eles vão fazer coisas que nem eu própria pensaria em fazer, se calhar se fosse eu a orientar aquela brincadeira. E é rico por isso, porque eles criam potencialidades nesses objetos extraordinários.

**Entrevistadora:** Como é que desenvolve uma sessão? Pensa num tema e desenvolve esse tema?

**Educadora 2:** Depende do quê que o grupo está interessado, tudo depende dos interesses deles e também da faixa etária do grupo que se está a trabalhar e a desenvolver, mas o essencial é muito dos interesses das crianças e eu procuro ir ao encontro disso, do que eles querem e procuro depois encontrar nesse tema objetos e outras formas de desenvolver aquele tipo de temática ou interesses que as crianças possam estar a ter.

**Entrevistadora:** Em relação aos materiais como é que os disponibiliza ao grupo?

**Educadora 2:** Depende também do que seja, por exemplo se for em berçário gosto muito de utilizar o cesto, de decorrer ao cesto, o cesto dos tesouro, e nesse cesto pode

conter vários materiais, não só elementos da natureza bem como podem ser cestos temáticos, alusivos a alguma época do ano, por exemplo se for o natal eles gostam muito de explorar as bolas da árvore de natal e coisas relacionadas com o natal, portanto promovo atividades nesse sentido em berçário. Na sala de um ano, por exemplo se tiverem um ano puderam ser dentro dessa natureza ou então mais direcionados, como já aconteceu eles andam muito à volta com tudo o que tem haver com as garatujas, dos círculos da forma “espiralizada”, e então procurei promover alguma atividades que fossem ao encontro dessa forma, e então consegui em conjunto com outras colegas juntar uma serie de material com essa forma circular e assim eles puderam explorar as potencialidades desse material, e portanto, foi um pouco ao encontro daqui que eles estavam interessados e que fazia sentido para o grupo, portanto foi nesse sentido, depende daquilo que o grupo está a viver e que faça sentido.

**Entrevistadora:** O seu grupo acha que é importante trabalhar esta abordagem?

**Educadora 2:** Sim, sim, sem duvida, sem duvida, porque saímos do contexto habitual, do que é que é esperado, portanto fora daquilo que eles têm ao seu alcance e por isso vão sair do seu ambiente natural e portanto vão encontrar uma novidade, exposta de maneira diferente, que não tem nada haver com aquilo que eles estão habituados a encontrar não só em casa como também na sala, o que vai promover o efeito surpresa e logo fazer crescer uma enorme curiosidade na criança e até mesmo no grupo.

**Entrevistadora:** Na sua opinião podemos encontrar algumas limitações no Brincar Heurístico?

**Educadora 2:** É assim as limitações que eu tenho encontrado por vezes é em encontrar o momento em que nós adultos possamos dizer não terminou a atividade, qual é o momento para nós dizermos que terminou a atividade. Porque a exploração é continua, porque agora exploram uns a seguir exploram outros menos e a seguir está o grupo todo a explorar em simultâneo porque estão a ser contagiados pelo comportamentos dos outros e por brincadeiras dos outros, e porque há momentos que aparentemente parece que já se estão a desinteressar-se e voltam a interessar-se, e perceber qual é o momento em que o adulto deve decidir que terminou a atividade e vamos arrumar, para mim é o momento mais difícil, mais limitante, ou seja, o momento que eu decidi ou pensei eu que seria o ideal se calhar não teria sido. Quais são esses sinais que para nós façam sentido que é naquele momento que devemos terminar essa é uma das limitações que eu sinto, quando é que posso estar a dar um final que se calhar se tivesse prolongado mais um bocadinho tivesse sido melhor ainda. Isso para mim é uma das limitações maiores, porque em termos de brincar heurístico nunca senti que fosse

limitante, portanto, e muito pelo contrário sempre foi uma porta aberta para uma série de aprendizagens, aquisições, brincadeiras muito criativas.

**Entrevistadora:** Durante uma sessão enquanto olhas para o teu grupo o que é que sentes ao observá-los?

**Educadora 2:** Ahh felicidade em primeiro lugar, surpresa também, é um misto de surpresa e felicidade no sentido em perceber que eles estão a fazer descobertas que nem eu se calhar pensaria delas e portanto fico muito deliciada ao ver a forma como eles se movimentam, escolhem, inventam brincadeiras, como dispõem o matérias, isso para mim é muito prazeroso.

**Entrevistadora:** E quando estás a preparar a atividade?

**Educadora 2:** Nessa altura é a preocupação de como vou expor o material de forma a criar neles mais expectativa, mais interesse. Será que ponho ali, ponho ou será que é melhor por um monte ali, monto de uma forma. Será que naquela é que vai ser mais interessante para eles, devo organizar mais o espaço ou não devo organizar tanto o espaço. Devo expor mais as coisas no chão, também depende do material que possa estar a usar, como é que eu posso tornar o ambiente mais rico e mais apelativo, de forma a que eles cheguem e queiram logo manipular e explorar os objetos.

**Entrevistadora:** Falando um pouco mais acerca do grupo, como é que tu os caracterizas perante estes materiais?

**Educadora 2:** O que eu senti é que eles se envolvem logo na descoberta numa maioria, ficam uma primeira fase a observar muito, porque é algo novo, diferente, mas depois eles começam a querer explorar todos os objetos, de todas as formas possíveis e imaginárias, envolvendo-se muito na atividade.

**Entrevistadora:** Já alguma vez surgiu algum momento de conflito?

**Educadora 2:** Acontece, pontualmente, tento não intervir, tento esperar para ver se as crianças conseguem resolver o conflito sem ter que eu ir lá, intervir de alguma forma, porque também conhecendo o grupo como conheço também sei como é que eles vão resolver o conflito e se pode evoluir para pior ou não, e tento lhes dar espaço para aqueles possam resolver o conflito entre eles e vou intervir sim se verificar que vai haver uma dentada ou qualquer coisa que os possa colocar em perigo aí sim vou intervir, mas até lá deixo que sejam as crianças a resolver o conflito.

**Entrevistadora:** Das sessões realizadas já notaste alguma diferença no grupo?

**Educadora 2:** Não, eles exploram muito, podem não estar tão interessados, mas na maioria das vezes envolvem-se muito com os materiais.

**Entrevistadora:** Já mencionou que eles têm interesse que nas garatujas, nas formas circulares, já notaste mais alguma curiosidade/interesse neles?

**Educadora 2:** Sim, há outros interesses, mas ainda não estou a pensar fazer alguma atividade direcionada para o brincar heurístico para desenvolver nesses interesses, este sim proporcionou, mas não quer dizer que no desenrolar da promoção desses interesses não possa vir a surgir uma brincadeira heurística, ah mas para já ainda não.

**Entrevistadora:** E este método sente que é fundamental para o desenvolvimento do grupo e de cada um?

**Educadora 2:** sim, sem dúvida, mas não é a principal, para mim a brincadeira heurística vem só acrescentar e valorizar ou melhor potencializar ou tipo de brincadeiras de explorações, mas não é atividade central e exclusiva de promoção de aprendizagens e até mesmo de brincadeiras, mas é algo que eu acredito e sempre que faz sentido eu recorro para complementar atividades ou descobertas de brincadeiras.

**Entrevistadora:** Durante uma sessão que competências já observou a serem trabalhadas/desenvolvidas?

**Educadora 2:** Durante uma sessão, competências? Matemáticas, muitas mesmo a nível da matemática, conceitos espaciais e noções espaciais, a exploração do dentro e fora, o empilhar, o tentar colocar os objetos dentro um do outro, o quer espreitar ou até procurar nem só na matemática como em outras, na área do conhecimento do mundo que quando os vejo a tentar observar o mundo de outras formas, através de outros objetos, espreitando através de uma frecha, espreitando através de alguma coisa de forma a ver o mundo de outra perspetiva, portanto e até mesmo da comunicação eles mesmo não verbalizando muita coisa, eles vão conversando daquilo que eles sabem dialogar, vão já dizendo as suas palavrinhas, neste caso tenho um grupo de um dois anos já vão estabelecendo algumas conversas e algumas trocas comunicacionais durante essas brincadeiras, durante essas explorações, portanto não precisando do adulto seja para o que for, para poder potencializar a brincadeira e então eles já fazem essas trocas durante a brincadeira heurística e isso é ótimo, existe já ali uma comunicação espontânea.

**Entrevistadora:** Na tua opinião como é que os pais vêem esta abordagem?

**Educadora 2:** Vêm de uma forma muito positiva, porque eu também vou divulgando junto dos pais e mostrando as potencialidades desse tipo de atividades e justificando também quando faço alguma divulgação para os pais de fazer perceber qual é a importância dessa brincadeira e até mesmo ilustrando com algumas fotografias desses momentos e para que se possa perceber a potencialidade desta brincadeira.

**Entrevistadora:** Os pais conhecem bem, e quando souberam tiveram uma boa reação a este método?

**Educadora 2:** Sim, sim, porque quando eu faço reuniões com os pais eu também explico aos pais a minha forma de trabalhar e o que é que eu acredito e portanto uma das coisas que falo é que privilegio este tipo de brincar, sem brinquedos, é a forma que eu melhor vendo é dizer que é um brincar sem brinquedos e que estimula bastante a criatividade e passo esta mensagem aos pais para que eles acolham também e percebam a importância deste brincar.

**Entrevistadora:** Já alguma vez sentiu que os pais tinham curiosidade de fazer este tipo de brincadeira com os seus filhos em casa?

**Educadora 2:** Já, mas não necessariamente de criar, por exemplo quando um estava no berçário de criar um cesto dos tesouros, não, mas senti que por exemplo para eles já não era um problema se eles fossem brincar com os tachos e as panelas dos armários ou que fossem as gavetas tirar os tupperware e fazer este tipo de brincadeira, começaram a perceber melhor que isso era um ato natural e portanto já não olhavam para aquele tipo de desarrumar como um tipo de exploração e não como uma desarrumação e portanto aí senti que por parte dos pais que eles já valorizavam esse tipo de situações e não de aí temos de arrumar que desgraça. E tive muito esse feedback dos pais.

**Entrevistadora:** Em relação à divulgação deste método qual a tua opinião, porque por exemplo na minha faculdade nunca me falaram deste método.

**Educadora 2:** Na minha também não, aliás aparecia em texto o Brincar Heurístico, mas nunca foi aprofundado.

**Entrevistadora:** Eu nunca ouvi falar, só conheci mesmo o brincar heurístico aqui no colégio e depois claro fiz a minha pesquisa pessoal e descobri o que era, mas antes disso não sabia o que era. E na tua opinião achas que é importante sensibilizar outros colégios para esta prática?

**Educadora 2:** Eu acho extremamente importante e tenho pena que mais pessoas não o conheçam.

**Entrevistadora:** E porquê que achas que outras pessoas não o conhecem, por falta de informação? Divulgação? Porque não têm interesse? Por causa dos colégios onde trabalham?

**Educadora 2:** Eu acho que é por um conjunto de coisas, tem haver com alguns colégios, porque por vezes há colégios que ainda não estão sensibilizados para este tipo de

práticas e então as educadoras que saibam da existência deste tipo de atividades acabam por não promover porque estão constrangidas pela própria comunidade educativa e portanto acabam por não usar e se usam em momentos que sentem que podem acontecer e se também as próprias instituições não acreditarem neste tipo de brincar e não valorizar este tipo de atividades em vez das atividade em papel, é difícil nós implementarmos este tipo de brincar nas salas, porque a prioridade é fazer os trabalhos de mesa, de papel, de parede e este tipo de brincadeira não vai para as paredes a não ser que seja através de fotografias, não á uma amostra, não se pode por na capa, não há uma produção final e há muito processos vividos que não é possível serem colocados numa folha de papel. E por outro lado também é por muita falta de informação, claro que sim. No sentido de muitas educadoras não procurarem saber um bocadinho mais, eu descobri também porque fui á procura.

**Entrevistadora:** Surgiu-me uma questão enquanto falava, acha que não existir um suporte em papel com o produto final para os pais é uma limitação?

**Educadora 2:** Não haver um produto final para mim, é claro que me é indiferente para mim haver ou não, para mim o que interessa é o que aconteceu e o quanto importante isso é para a criança e para o grupo, mas a cima de tudo tento sempre envolver as famílias neste tipo de abordagem e até é mesmo preciso às vezes fazê-los vivenciar este tipo de brincadeira para perceberem o quão ou qual é a potencialidade deste tipo de brincar e fazer um pouco da leitura do que aconteceu numa brincadeira e desmistificar aquela ideia de que “isto é um tacho é pesado vai magoar”, “ele vai dar com aquilo na cabeça”, “aí agora vamos por aqui uma colher de metal, ele vai se magoar”, “ah agora vamos por nozes isso é muito pequenino” eu tenho situações, melhor tive situações, não só pelas famílias, até mesmo com colegas de sala a dizerem-me “então agora vais por uma noz e eles vão se engasgar, eles vão engolir” e portanto não acontecia nada disso, desde que nós saibamos as referencias que os objetos devem ter pelo menos um tamanho superior a de uma moeda de cinquenta cêntimos, portanto a partir daí eles não se vão engasgar, o que é certo é que eles exploravam as nozes sem receio algum, portanto não é evitando determinados objetos que também vai fazer com que as coisas também não aconteçam, o disponibilizar às vezes esses materiais é que também vão fazer com que essas coisas não aconteçam, porque eles também vão aprender a manipular esses objetos com mais segurança, vão perceber que acontece alguma coisa quando a noz toda dentro da boca que não conseguir mante-la toda na boca e acabam por tirar e pôr e tirar e pôr, ah e portanto também é importante isso ser desmistificado e vivido. Porque quando vimos a nossa primeira reação é “aí não vamos tirar porque é pequeno” porque se calhar vai acontecer alguma coisa e quando

vimos alguns destes tipo de objetos dentro de um cesto dos tesouros criam algum receio, mas isso também é importante depois passar não só para as equipas de sala como também para os pais e claro que tudo isto é supervisionado e eles não ficam entregues ao cesto dos tesouros ou a um brincar heurístico sozinhos e portanto a nossa intervenção pode acontecer, mas é como eu digo se todos os materiais que nós colocamos quer num cesto quer num brincar heurístico nós temos sempre em conta a para te segurança, como é obvio, é muito importante que isso aconteça e por isso nós também confiamos neste tipo de brincadeira, porque aquilo que eu vou disponibilizar eu sei que vai ser passível de utilizar para criança tão pequenas. Isto é tudo uma questão de preconceitos e só os resolvemos junto das famílias das instituições, porque faz maravilhas.

**Entrevistadora:** Obrigada pela sua disponibilidade e participação.

### Transcrição da Entrevista 3

30/01/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber mais a cerca do método Brincadeira Heurística desenvolvido num colégio da região norte de Lisboa. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

#### **Conversa anterior não gravada acidentalmente ...**

**Entrevistadora:** Direcionando a nossa entrevista qual a sua opinião em relação à brincadeira, como esta pode ser ou não importante em berçário?

**Educadora 3:** Para mim é o momento e a forma que eles têm para se expressarem no fundo não é, e mostrarem o que estão a sentir como é que vêm as coisas e a partir daí vão provocando todo o seu desenvolvimento num todo, é a linguagem deles e tem que se por aí, valorizar esses momentos e tentar ir alimentando e percebendo que a partir daqui eu vou fazer diversas coisas, como a questão do papel, do rasgar, percebi que eles já estavam curiosos era uma textura diferente, tentei trazer e é assim eu vamos fazendo um bocadinho a ponte e ajudando e alimentando por um lado esse brincar que eles precisam.

**Entrevistadora:** No berçário existem mais brincadeiras orientadas ou não orientadas?

**Educadora 3:** Existem mais livres, penso eu, tenho intencionalidade e tenho sempre alguma coisa estruturada, mas vou tentando sempre chegar e tentar perceber e sentir como estão as coisas e se for preciso, por exemplo na semana passada na quinta e na sexta acabamos por ir lá para fora, nem sempre conseguimos gerir as coisas, o tempo também estive assim um bocadinho mais confortável, eles são mais pequeninos, temos de ter em atenção a isso, é muito importante ir lá para fora, mas temos de gerir e verificar uma data de coisas, mas foi possível e acabaram por mudar de espaço, o que é muito importante, porque também estarem sempre fechados aqui na sala, acabam por ser muitos dias sempre seguidos no mesmo espaço, e por isso vou tentando ajustar e perceber quais são os interesses e o que os está a mover na parte do desenvolvimento e o que é importante para eles naquela fase, naqueles períodos e tento sempre encontrar formas de os ajudar. Este dia até foi mais tranquilo, hoje temos aqui uma menina que está numa fase mais complicada e acabamos por estar mais com as coisas

da sala, interagimos com os materiais da sala, criar ali pequenas interações e provocar algumas situações ver que respostas é que eles também dão, estar com eles, que também é muito importante, dar colinho, miminhos, estarmos ali muito próximos e é assim que nós podemos olhar e perceber também os interesses e como é que eles estão, estivemos mais aconchegados na sala por causa daquela menina, mas acabaram por beneficiar todos dessa situação, porque até era para fazer hoje uma atividade da natureza, mas achei que precisávamos aqui de uma manhã mais tranquila que aquela menina está a estranhar a proximidade dos amigos e a precisar mais da presença do adulto agora depois do natal alterou-se tudo um bocadinho e andamos a tentar perceber o que podemos fazer e então a manhã foi mais direcionada para lhes dar atenção e carinho, mas foi muito boa, porque percebi que os mais velhos estão cheios de vontade de quer começar a andar a quer subir para cima de coisas, outros desafios, outros interesses, pronto a partir daqui dá-me um leque muito grande para continuar nos próximos dias.

**Entrevistadora:** Em relação ao brincar heurístico, como é que conheceu este método?

**Educadora 3:** Foi através de formações.

**Entrevistadora:** Na faculdade teve algum conhecimento deste método?

**Educadora 3:** A faculdade que estudei foi a Maria Ulrich entre 94/97 e depois o complemento já foi posterior.

**Interrupção por causa de uma chamada de uma mãe para saber como estava a filha, pois está em fase de adaptação.**

**Entrevistadora:** Então foi mais através de pesquisas pessoais e formações que descobriu este método?

**Educadora 3:** Sim, sim, foi posterior á faculdade, em pesquisas e formações.

**Entrevistadora:** O quê que para si é mais importante neste método? E o porquê de trabalhar este método?

**Educadora 3:** É dares a possibilidade a eles, respeitar o ritmo da criança e dar-lhes o espaço para serem eles a descobrirem de uma forma inteira as coisas.

**Entrevistadora:** O quê que acha do brincar heurístico? Qual a sua opinião acerca desta abordagem?

**Educadora 3:** A minha opinião sobre o brincar heurístico? Ah eu acho que, desta tendência e neste respeito pela individualidade da criança acho que é uma forma de proporcionar momentos com uma variedade muito grande de materiais, oferecer muita

coisa que está no mundo exterior e infelizmente como não temos a possibilidade em termos, é porque nós acabamos por dar um leque muito alargado de materiais e não estou só a fazer da parte de natureza nem desse tipo de materiais como podemos lhes apresentar os tecidos os metais uma data de coisas, é conseguir trazer um bocadinho do mundo de lá de fora cá para dentro e eles poderem logo desde cedo começarem a explorar.

**Entrevistadora:** Como é que desenvolve uma sessão de brincar heurístico? Como é que pensa nela? Como é que lhes apresenta?

**Educadora 3:** Eu vou tentando perceber alguns interesses ou tendências do grupo e depois sou eu a fazer a seleção, às vezes nem sempre é fácil para nós arranjar os materiais, eu agora também pedi alguma colaboração aos pais e às famílias, sensibilizando um bocadinho mais para o tipo de brincar heurístico, do cesto dos tesouros. Falei agora nesta avaliação e mostrei alguns registos através das fotos do que já tínhamos feito, embora eles fossem vendo na plataforma porque nós vamos publicando, porque eles agora têm muito mais feedback do que se passa, mas tentei falar e sensibilizá-los um bocadinho mais pedindo a ajuda deles, fiz uma notícia para pôr na plataforma a falar um bocadinho mais do que é este tipo de brincar para eles também irem trazendo materiais e olharem em casa enquanto brincam com eles estarem mais sensibilizados para este tipo de brincar, tentarem um bocadinho desligarem-se dos brinquedos comprado na loja e que tudo à nossa volta pode significar e ser importante, é engraçado e alguns deles já viveram isso em casa e procuram espontaneamente, porque os pais já vão alimentando o que é bom. E desculpa estavas a perguntar em relação há organização, e vou tentando encontrar tendo em conta os interesses deles e vou seleccionando e depois fiz na semana passada e vou fazer nesta dois momento não quer dizer para a semana vá fazer outra vez e depois para mim é importante poder repetir alguns dos materiais, voltar a usá-los para ver de que forma passado algum tempo voltam a utilizá-los.

**Entrevistadora:** Na sua opinião acha que este método é importante para o grupo com que está a trabalhar?

**Educadora 3:** Às vezes é difícil responder a isso porque nós acreditamos que sim, mas acho que sim, porque entretanto a nível do desenvolvimento acho que na parte da autonomia da socialização acho que trás imensos benefícios, a parte de desenvolver a mais ainda a parte do exploratório, ainda hoje a Catarina (auxiliar da sala) estava a ver a fotografias que eu já tinha estado a pôr na plataforma e dá-nos muito a sensação que eles se movem para o que surge e isso é uma forma que a curiosidade está a ser

salvaguardada e está a ser nutrida no fundo, se uma criança que lhe surja algo novo ele não se move para, temos de verificar se é em tudo ou não, mas também é muito engraçado ver que com alguns materiais chamam a atenção mais a uns do que a outros mais tudo bem, isso não faz mal é mesmo assim.

**Entrevistadora:** Já sentiu ou sente alguma limitação neste método? Durante a organização ou em relação a conflitos que possam existir entre eles?

**Educadora 3:** Não, entre estas experiências que tenho proporcionado não tido assim, entre eles não tenho de todo sentido, é mesmo na questão da recolha de materiais e tentar conseguir encontrar é mais nesse sentido porque depois no momento em si que está a acontecer, pelo menos nestas experiências que já tivemos, têm sido calmas não tem existido nada relevante nesse sentido.

**Entrevistadora:** Durante uma sessão enquanto eles estão a explorar como é que se sente ao observar o grupo a viver esta experiência?

**Educadora 3:** Gosto muito (risos) porque nesse momento o nosso papel também é muito importante, não é, porque é ali que percebemos também o que lhe está a interessar o que os está a mover o que é que eles gostam, e aí dá-nos imensa informação sobre a criança que temos à nossa frente e a nível de envolvimento como é que eles estão. Por isso sinto-me muito confortável e já por mim sou muito de estar a observar e não interferir e neste papel sinto-me muito confortável como observadora das suas explorações. Tenho muita facilidade neste campo. Porque acho que eles precisam do seu espaço e tempo para explorar e descobrir as coisas sem a nossa intervenção constante.

**Entrevistadora:** Durante a preparação tem sentido alguma dificuldade?

**Educadora 3:** Às vezes quero ter mais material e não consigo, além disso não, é tentar gerir, e depois era o que eu te estava a dizer é que já percebi que ali no espaço sala tendo em conta que alguns já se movem já é mais difícil, por exemplo na última sessão eu acabei por não ter tempo de organizar o espaço e fiz na sala deles, ou seja no berçário, por não vim organizar a tempo uma sala que está ao lado do berçário, e a auxiliar Inês estava com eles ao fundo e eu fui colocar e organizar os materiais à frente deles, teve de ser algo mais rápido, mas tudo bem, porque eles já estão na fase de gatinhar. E agora à partida sexta vou voltar a fazer e já tinha pensado fazer nessa sala que está livre de objetos e já posso organizar melhor, e como são alguns elementos da natureza, pôr e dispor, e ter algum cuidado na forma como vão estar organizados, tenho que criar noutra espaço, senão estou a contrariar o efeito de surpresa, porque eles estão a ver eu a preparar os espaço. Porque daquele dia tive de preparar tudo muito rápido

porque eles queriam todos vir e isso fez com que a apresentação não estivesse no seu melhor e quebrou ali o elemento de surpresa.

**Entrevistadora:** Em relação ao comportamento do grupo, como é que os sente durante uma sessão?

**Educadora 3:** Curiosos, exploradores, tranquilo sobre tudo o que está a acontecer, sim basicamente é isso.

**Entrevistadora:** Desde que começou a fazer estas sessões notou alguma diferença no grupo?

**Educadora 3:** Eu acho que pode ser um bocadinho precoce, visto que só ainda fiz duas sessões, mas a nível de forma de estar, depois do momento do brincar heurístico se formos alimentando e disponibilizando os objetos e a sala de uma forma a que eles se possam mover e chegar a tudo, sinto-os muito curiosos e a moverem-se muito bem no espaço, a explorarem e a quererem ir mais além das suas capacidades, não sei se tem haver só com o brincar heurístico ou também com tudo o que eu tenho proporcionado além destas sessões e também eu transmitir e proporcionar uma liberdade de deixá-los estar muito no espaço deles, no fundo não é só naquele momento que eu tenho o papel de observadora é claro que eu estou lá e quando é preciso eu intervenho, mas de um modo geral tento lhes dar o seu espaço e o tempo que eles precisam.

**Entrevistadora:** Durante uma sessão que competências já viu trabalhadas?

**Educadora 3:** Imensas, de todo o tipo, basta nós darmos-lhes os materiais adequados e específicos e eles trabalham as competências que nós planeamos e pensamos e muitas vezes vão mais além, melhor dizendo quase sempre.

**Entrevistadora:** Já falamos dos pais, mas como se sentem os pais em relação a esta abordagem?

**Educadora 3:** Eu sensibilizei-os agora mais, mas antes do natal tinha feito mais aquele momento em si e como já é a terceira vez que estão meninos a entrar para o grupo estamos sempre numa fase de adaptação e não acontece tudo de uma vez e assim mais formal o primeiro cesto foi na altura do natal e agora em janeiro já houve dois momentos que já é um misto entre o cesto e o brincar heurístico porque alguns já gatinham. E então agora como abordamos este método sensibilizei-os um bocado, para que eles em casa também procurem continuar um bocadinho este processo.

**Entrevistadora:** Como é que acha que eles reagiram?

**Educadora 3:** Eles reagiram bem no geral, sim, agora vamos ver até que ponto, vou fazer agora outra publicação e aqui tenho que trabalhar muito e não colhemos logo os frutos e isto vem devagar tudo com muito tempo, nada de pressas.

**Entrevistadora:** Os pais tiveram uma boa reação ao facto de não terem logo um produto final visível?

**Educadora 3:** Esta idade eles não vêm muito á procura do produto final logo, eles sabem que nesta idade leva tempo, mas a partir do momento que eles vêm as fotos que eu vou publicando e que mostrei na avaliação e nesta expliquei o conteúdo de cada foto e de cada momento, quando eles começam a perceber os benefícios deste método, como o envolvimento dos filhos e do que são capazes porque têm um leque de vários materiais para poderem explorar e que nesta fase é muito importante terem um máximo de coisas diferentes para que possam ter estas oportunidades, é claro que como infelizmente hoje em dia existe uma grande correria e que por mais que nós queiramos abrandar e levar as coisas com calma é difícil e às vezes é complicado para o pais disponibilizarem mais do seu tempo para estarem assim com os seus filhos em casa.

**Entrevistadora:** Acha que é importante sensibilizar outros colégios para esta prática educativa?

**Educadora 3:** Eu acho que cada vez mais há escolas e colégios a trabalharem, mas sim há colégios que não o fazem e eu acho que a sensibilização é muito para esta forma de estar com os miúdos e que eles têm tudo neste método é preciso é darmos-lhes espaço e os objetos e deixarem-nos fazer as suas explorações e conquistas, mas sim, claro seria importante levar este método aos maior número de locais.

**Entrevistadora:** Porquê que acho que alguns colégios não implementam?

**Educadora 3:** Não sei, falta de informação.

**Entrevistadora:** Obrigada pela sua disponibilidade e participação.

## Transcrição da Entrevista 4

07/02/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber mais a cerca do método Brincadeira Heurística desenvolvido num colégio da região norte de Lisboa. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Para começar fala-me um pouco sobre o teu percurso académico e profissional

**Educadora 4:** Então, comecei em 2004 acabei em 2008. Tirei o curso, a licenciatura em educação de infância, na altura ainda não havia mestrado.

**Entrevistadora:** Sim, por isso eram 4 anos.

**Educadora 4:** Sim sim, tirei no Isec que foi onde tu também tiraste...

**Entrevistadora:** Sim sim.

**Educadora 4:** ...e depois em 2008 comecei logo a trabalhar num colégio em Massamá, que comecei com estágio profissional numa sala de 1 ano. Eu não sei precisar agora os anos todos, mas eu estive sempre em creche. Eu creio que tive 2 anos na sala de 1 ano, repeti a mesma sala, depois, entretanto fiquei lá. Tive a sorte de ficar. Depois fui para sala dos 2, voltei para sala de 1 ano, portanto eu sou educadora vai fazer agora 11 anos, só que neste percurso eu estive sempre na sala de 1 ano, sempre em creche aliás. Entretanto uma colega esteve de baixa e eu fui para o ATL, portanto eu antes de vir para aqui, estou aqui há 3 anos este é o quarto, estive 3 anos em ATL. Portanto já não estava há muito tempo em creche. Quando vim para aqui, portanto eu vim em 2016 fazer uma substituição numa sala de 4 anos, nunca tinha estado em jardim de infância. Depois acompanhei o grupo nos 5 anos. O ano passado estive na sala de 1 ano e agora estou na sala dos 2 anos, tenho 16 crianças. Entretanto iniciei um mestrado em intervenção precoce, só que não concluí, fiquei só com pós-graduação porque no local onde eu trabalhava não podia fazer estágio nem tinha disponibilidade de horário para o fazer, pronto tive ali alguns entraves então não consegui concluir. Depois sempre procurei sair de onde estava, procurar algum sítio melhor e encontrei.

**Entrevistadora:** Ainda bem. E porquê ser educadora? Porquê esta profissão?

**Educadora 4:** Olha, não foi a minha primeira opção. Eu andava numa fase da minha vida que não sabia muito bem o que queria mas a minha opção era terapia da fala, só que sempre que pensava nisso, pensava sempre muito direcionado com as crianças. Os sonhos de pequenina era pediatra. Não era médica, era pediatra portanto sempre ali à volta das crianças. E tentei, pronto, terapia da fala. Sempre estive no agrupamento de ciências, portanto, se a minha ideia inicial fosse educadora de infância, não era necessário estar ali, não é? E candidatei-me duas vezes, não consegui entrar e depois pensei: “O que é que eu vou fazer? O que é que eu gosto? Ou seja que alternativa é que eu terei aqui?”. Não sei bem como surgiu. Tinha uma amiga minha que estava a tirar o curso de 1º ciclo no ISEC e ela falava muito da faculdade e que gostava muito do ambiente. E eu a pensar que não me imaginava professora porque ainda pensava muito no método tradicional mas sempre gostei muito de expressão plástica, de histórias e eu comecei a pensar, não é? A refletir. Há aquela altura em que começamos a pensar um bocadinho “o que é que vai ser o nosso futuro?”, e pensei que seria feliz nesta profissão. Pronto, e até hoje eu estou contente, não estou arrependida e foi sempre sendo uma descoberta e não sinto que vou parar por aqui aliás, eu ainda não tirei este gosto ou interesse pela terapia da fala.

**Entrevistadora:** Por isso o mestrado, também...

**Educadora 4:** Não sei, quem sabe. Um dia aventurar-me nessa área também.

**Entrevistadora:** Sim, é sempre bom abrir novos horizontes. Agora mais relacionado com a brincadeira. O que é que é para ti a brincadeira? Em contexto de sala, creche, também pode ser de rua. Qual é, portanto, a importância que a brincadeira tem?

**Educadora 4:** Eu vou sempre buscar experiências que tive, e se calhar isso também me levou para esta profissão porque eu fui muito feliz num jardim de infância, andava numa IPSS em que era valorizado muito o brincar. O que eu me lembro de lá não era das histórias que eu ouvia da sala nem de estar sentada, tínhamos um recreio com areia, escorregas, baloiços e o que eu me lembro daquele tempo era do brincar. E pude depois também ao longo do curso, do estágio e depois enquanto educadora, ir vendo o que é isto do brincar, não é? O que é que acontece enquanto se brinca, que experiências são estas? Eu agora vejo-o como um tempo de experiências, de descoberta em que tento cada vez mais dar importância e valorizar. Ainda tinha muito aquele receio de não saber muito bem como fundamentar, como dizer que isto não é só brincar, que é brincar mas que no brincar é que está a importância, o que é que a criança aprende, o que é que desenvolve. O que eu vejo essencialmente no brincar, e agora falo em contexto de pares ou grupos, é a relação com o outro, “o outro não faz sempre o que eu quero”, “ele

vai tirar o brinquedo”, e a criança vai ter de reagir a isso e como é que vai gerir isso, daí vêm as emoções, vem a escolha “o que quero fazer ou não”, deixa de ser uma coisa imposta e passa a ser a sua própria decisão. O brincar que pode ser um brincar orientado, pode ser estar num espaço e a criança explorar os materiais sozinha, pode ser o correr o esconder, o empurrar e ver o outro cair. Tenho visto no brincar uma grande importância nas suas conquistas, no desenvolvimento que este leva.

**Entrevistadora:** Na tua sala existem mais brincadeiras orientadas ou não orientadas?

**Educadora 4:** Na sala em que estou em questão, com este grupo, há quase sempre um momento orientado, numa das mesas, normalmente na mesa central, mas há toda uma escolha que eles podem fazer, o que eu tenho feito agora, neste período, é perguntar, “queres ir brincar onde?” uma coisa que eu nunca tinha feito numa sala de dois anos, eu achava, é verdade eu achava que eles não iam escolher, e depois vão todos para o mesmo sítio é verdade ainda vão, mas vão para o que naquele momento lhes interessa ou por está lá uma criança naquele momento que lhe interessa, pronto, portanto há sempre uma brincadeira mais orientada, mas eu questiono-os sempre para onde querem ir e até costuma acontecer eu não perguntar a algum menino e ele vir ter comigo e pergunta-me “e eu?”. Ainda oriento muito as atividades em sala, mas tento já deixá-los escolher o que querem fazer, a atividade orientada não é de todo obrigatória a todos, só faz quem quer. Tenho lido muito e agora já consigo ver e perceber a diferença de quando é orientada e não é orientada.

**Entrevistadora:** Sem querer te interromper, podes-me explicar essa diferença?

**Educadora 4:** A diferença é que quando tu orientas tu acabas por dizer o que é que eles têm que fazer, não vai ser uma descoberta, quando lhes dizes “olha escreve nesta linha” se eu quisesse escrever com um tamanho maior já vou escrever com um tamanho mais pequenino. Eu já fiz por exemplo uma brincadeira heurística onde explorei a forma circular para o grupo todo com rodas porque eles andavam muito interessados no recreio nos sons dos carros e sempre que ouviam uma mota, por exemplo diziam “mota, mota”, ouviam um carro “ah o tinoni”, então comecei a entrar por aí, e eu trouxe umas rodas de bicicletas de carros e fizemos e aproveitamos começamos a trabalhar o movimento circular e eu tinha uns cartões com uns círculos e eu pus na mesa um copo com marcadores e não disse o que é que tinham de fazer e se eu dissesse provavelmente eles chegavam e faziam o que eu dizia, mas o que aconteceu também foi um bocadinho isso, eles começaram a desenhar dentro dos círculos, mas lá está uns fizeram isso, outros começaram a riscar o cartão, pronto assim existem diversas experiências e é em atividade ou ação espontânea deles.

**Entrevistadora:** Em relação ao brincar heurístico, como é que conheces-te este método?

**Educadora 4:** Eu conheci o brincar heurístico .... Eu já tinha ouvido falar no cesto dos tesouros, na faculdade, o brincar heurístico conheci numa formação que fui com uma senhora que é a Célia Gandres, em que nos mostrou um livro, fui com algumas colegas aqui do colégio, e explicou-nos o que era o brincar heurístico e depois conheci um livrinho que a tua educadora de estágio acho que te passou ...

**Entrevistadora:** Sim, sim.

**Educadora 4:** Mas antes disso sinceramente não conhecia, no início fiquei muito entusiasmada, será que isto resulta, e lembro-me que antes de vir para a sala de um ano, no final dos cinco anos, então eu comecei logo a pensar como é que havia de fazer para o ano, pensei que se calhar devia organizar, dividir o grupo e organizar uma sala para realizar as sessões, ia com imensas ideias, mas depois não consegui concretizar assim tão bem, foi sempre de uma forma mais esporádica, mas pronto foi numa formação que conheci o brincar heurístico.

**Entrevistadora:** E o que é que tu achas do brincar heurístico?

**Educadora 4:** O que é que eu acho? Vai em semelhança com o que estava a dizer à pouco dá à criança oportunidade de não estar orientada pelo adulto e este poder observar, poder escolher, poder envolver-se com os materiais sem ser de forma orientada, conhecer as coisas sem ser a ouvir falar, sem ser de uma história, toca, mexe, sente, sente a temperatura, o peso, as sensações que lhe causa, a partilha entre eles, isto na visão da criança. Agora em relação ao adulto nem sempre consegui fazer coisas como tentar não interagir, às vezes tive de interferir porque ou iam a morder-se ou a bater com algo pesado, mas conseguir observar, ver, porque eu ainda hoje estou tão envolvida em dizer o que é para fazer, cuidado olha a tinta que caí, que acabo por não ver o que a criança está a sentir a aprender, quais as sensações ou aprendizagens que estão a disputar nela e quando experimentei a brincadeira heurística consegui pôr-me à margem, estar ali, mas posso ver e observar, não consigo observar todos, ainda assim à muita coisa que me passa sem eu ver, e no início estava muito focada nas fotografias e se calhar perdi ali algumas coisas, e sempre fiz com o grupo todo e acho que não funciona com o grupo todo, mas não tinha forma de fazer diferente, se calhar tinha, mas nunca experimentei dividir o grupo, mas acho que resultaria melhor.

**Entrevistadora:** E porquê que tens essa opinião?

**Educadora 4:** Porque como eu disse chego a um ponto e não consigo observar cada um.

**Entrevistadora:** Ah então achas que seria melhor para o adulto, num sentido de conseguir fazer uma melhor observação do grupo e não por causa de ser o grupo todo e isso prejudicar a exploração de cada um?

**Educadora 4:** E também de eles explorarem porque também embora eu tente sempre que os materiais estivessem sempre em quantidade suficientes para todos explorarem, sentia que como é muito aquela fase do “é meu” gerava algumas disputas pelos objetos e acabava depois por eu tentar resolver o conflito e já perdi um bocadinho o que um ou outro estava a experimentar e acabavam por não serem eles a resolver e na minha visão não funciona tão bem com muitas crianças ao mesmo tempo por eles próprios não aproveitam tão bem. Mas como disse ainda não experimentei o contrário.

**Entrevistadora:** O que é mais importante para ti neste método?

**Educadora 4:** se calhar vou-me repetir um bocadinho, mas é no fundo a criança poder escolher, e o adulto poder observar, porque por exemplo eu agora só á dois anos ou três é que comecei verdadeiramente a tentar compreender esta questão da avaliação da creche, porque no colégio anterior as avaliações são todas através das check-lists e não era muito só do que eu observava e haviam coisas que eu achava que sim, não tinha bem a certeza porque será que já vi isto ou não, e eu agora começo a ver que existem outras formas de eu poder avaliar e não só do que a criança já faz, mas qual é o interesse dela para depois lhe poder dar mais e eu só via a avaliação num sentido avaliar e registar para os pais levarem para casa e poderem ver e comecei a ver outra forma de avaliação quando vim para este colégio, pois a avaliação é através do método do portefólio que me ajudou muito a ver isso, que é avaliar para intervir e nisto o brincar heurístico ajudou-me também a ver os interesses deles e as suas aprendizagens, por em sala eles estão em sítios diferentes a fazer coisas diferentes e eu não consigo por num canto como observador passivo a registar e numa sessão estamos todos centrados nos mesmo e por isso dispor tudo muito em circulo e como normalmente já está tudo montado quando eles chegam e eles sentavam-se primeiro para poderem observar, para enquanto sentados poderem ver e escolher o que queriam ir mexer, e pensarem “o que será que é aquilo?” e são tudo vantagens e é essencialmente essa escolha que eu acho muito importante.

**Entrevistadora:** Quando pensas numa sessão como o fazes, como a planeias/organizas?

**Educadora 4:** Pensam numa brincadeira mais específica, a primeira que fiz este ano, aquela que falei á pouco das rodas, porquê? Porque eles falavam muito, tentar ir ao encontro daquilo que estava a ser o interesse deles naquele momento, era muito os

meios de transporte, o que eles ouviam, os que passaram a ver e como eles se deslocam quase todos de carro daqui para casa, e não podendo trazer um carro cá para dentro, havendo alguma limitação de levá-los ao exterior, porque não trazer-lhes as rodas, também pensando no movimento circular, porque também já estão numa fase que já começam a dar algum sentido aquilo que desenham, uns fazem alguns rabiscos e então foi tentar alinhar uma coisa à outra. Em relação aos materiais tentei junto das minha colegas recolher alguns materiais e uma deu-me uma medidas circulares, eu consegui uns arcos em cartão e coisas que tínhamos em sala, tampas e rolhas, e depois pensei no pneu, que os levava aos carros e às motas que era aquilo que era o foco deles, também me arranjaram uma rodas de bicicleta e este material foi entrando na sala aos poucos, houve um dia que lhes mostrei umas rodas outras noutra até que depois fiz uma brincadeira heurística com estes materiais e como é que foi nesse dia, montei tudo em forma de círculo e como só tinha um pneu esse ficou no meio e tento sempre cumprir uma organização ao dispor os objetos, por exemplo por grande pequeno ter aqui uma organização, também para ficar bonita à vista, depois coloquei um papel de cenário grande na parede com marcadores e lápis de cera, mas eu quis controlar ali um bocadinho eu não disponibilizei logo aqueles materiais e pronto montei tudo. Depois chamei-os e disse-lhes para irmos a uma sala e que tinha uma surpresa preparada para eles. Eles sentaram-se lá e foi muito engraçado ver a reação deles por ficaram entusiasmados ao verem e reconhecerem que aquilo eram rodas e que pertenciam aos carros e às bicicletas portanto associaram a algo que já tinham visto. É engraçado também ver quem é o primeiro a ir ao encontro dos objetos e assim que o primeiro vai, os outros vão logo também. Nesta brincadeira concreta que te estou a falar começou por ser um caos porque eram pontapés e materiais por todo o lado e eu pensei que aquilo não estava a funcionar e não tinha corrido bem até que começo a ver um que estava a alinhar as tampas, outro a colocar-se dentro do arco, um a segurar no pneu e o outro a passar por dentro. E, o que no principio parecia um caos, começa-se a ver o como eles se apropriam dos materiais e têm ali brincadeiras e descobertas que parecem coisas tão simples mas que se calhar nunca tinham tido oportunidade para fazer. Posteriormente então, disponibilizei marcadores mas não chamei ninguém até que uma criança me viu com os marcadores e veio busca-los e vieram então os outros e fizeram um desenho coletivo muito bonito. No meio desta atividade toda fui registando num bloco de notas o que é que eles diziam, e o que é que eles iam fazendo. Tirei também fotografias e um vídeo ou outro e terminei então a atividade. Nos dias que se seguiram tentava sempre pegar em elementos que achei pertinentes para usar na sala novamente.

**Entrevistadora:** No teu grupo em específico, achas que é importante trabalhar este método?

**Educadora 4:** Até agora ainda não fiz mais nenhuma porque ainda não senti que os interesses deles pudessem ser associados a objetos possíveis de serem dispostos desta forma para eles os explorarem. Tenho feito de forma diferente, um grupo de quatro crianças na mesa com objetos. Eu vejo o brincar heurístico nesta brincadeira no sentido em que eu não estou a orientar diretamente, eu disponibilizo o material organizadamente e eles exploram como querem e eu estou ali a observar. Tenho sentido necessidade mais em pequeno grupo do que em grandes grupos talvez porque na primeira experiência que tive este ano ter sentido alguma desorganização um bocadinho maior, mas é o que eu digo, no meio daquela desorganização depois vou vendo como eles se vão apropriando dos materiais e vão descobrindo eles o que é que podem fazer com aqueles elementos. Contudo, neste grupo tenho sentido alguma dificuldade estando o grupo todo e por isso tenho feito tanto, portanto não tenho visto uma mais-valia, mas também não tenho experimentado e é o que eu dizia no início, ainda não experimentei dividir o grupo apesar de ver que funciona em grupos pequenos. Acho que aqui também se sente um bocadinho a minha inexperiência ainda e como sinto esta insegurança acabei por não arriscar tanto e é essa a minha visão neste grupo, que também é um grupo mais desafiador e portanto tenho sentido mais dificuldade.

**Entrevistadora:** Falámos na limitação de ser um grupo grande. Para além dessa, sentes mais alguma dificuldade com o método?

**Educadora 4:** Como ainda não estou a cem por cento, às vezes tenho algumas dificuldades em organizar e criar atividades e pensar em materiais a partir dos interesses deles. Por exemplo, na brincadeira heurística que fiz do Outono, tive ali uma dificuldade que tinha a ver com o material, ou seja, eu queria muito a participação da família, eu pedi a participação à família em termos de materiais e chegou muito pouco. Chegaram meia dúzia de folhinhas, umas sementes mas também eu não expliquei que queria em quantidades grandes, então aí tive que recorrer mais uma vez a uma colega, e esta partilha entre salas também é muito bom. E pronto às vezes vejo que em termos de material, quero fazer uma atividade nova em que os materiais não são de desperdício nem nada e tenho que investir, mas isso também já sou eu a por alguns entraves antes de estar a cem por cento.

**Entrevistadora:** Como é se sente, tem alguns receios ou inseguranças, aquando da fase da preparação de uma atividade?

**Educadora 4:** Acho que na preparação não tenho nenhum tipo de apreensão. Faço uma atividade de brincar heurístico quando acho que faz sentido haver uma exploração que não seja orientada. A dificuldade que senti desta última vez foi eu achar que, como o material era à base de folhas e o grupo naturalmente rasgou-as, e acabei por ver que estava já a ficar sem folhas para haver alguma exploração mais produtiva e eu achei que então não estava a acontecer nada. Eu acho que é a minha expectativa perante o que vai acontecer que por não se concretizar acabo por me sentir insegura. Mas a parte do preparar é o que eu gosto, preparar e imaginar a reação deles porque quando estou a preparar uma atividade destas tenho que ter um objetivo apesar de não ser orientada. Por exemplo, o ano passado fiz uma atividade com caixas simples de cartão para eles abrirem, fecharem, tirarem e porem coisas dentro. Era uma atividade simples mas tinha um objetivo. Já com outra brincadeira, havia bolas e rolos e tinham visto num livro a bola em cima do rolo e então e disponibilizei os tais materiais para ver o que é que eles fariam com isso. Se iriam conseguir reproduzir o que tinham visto ou se iriam enveredar por uma coisa completamente diferente. Se fosse noutra altura, se calhar, eu sentava-os numa mesinha punha os materiais em cima da mesa e explicava como é que eles teriam que fazer mas optei por fazer uma coisa diferente. Tal que durante a atividade lá vi um ou dois meninos a conseguirem fazer, imitaram, repetiram e reproduziram o que tinham visto. Tomei também atenção a atitudes como a iniciativa porque uns iam ter com as coisas enquanto outros ficavam sentados, a autonomia também porque outros foram à procura do livro em si e diziam bola. Isto tudo na sala de um ano. Outra coisa muito importante é que a equipa da sala esteja toda envolvida nisto porque eu sei que causei algum pânico aqui neste porque algumas auxiliares diziam que eles podiam por as coisas na boca e eu mostrei que para isso é que o adulto está lá perto. Uma atividade na sala de um ano que eu achei maravilhosa foi a do Outono porque adorei o interesse que eles mostraram nos cestos e nas pinhas ao porem e tirarem as pinhas dos cestos ou a passarem as pinhas uns aos outros, enquanto uma menina, no meio da confusão toda, concentrou-se a partir as folhinhas e teve um cuidado imenso a pegar nos ouriços por exatamente já sabia que eles picavam e nunca se magoou. Apesar de ainda ter aqueles medos que eles são muito pequeninos e que se podem aleijar, mas eles têm que experimentar porque por mais que eu os avise que isto ou aquilo pica e para não mexerem que aleija, só quando eles mexerem é que vão perceber o que eu estou a falar. E precisamente por isto tudo é que eu acho que o brincar heurístico é uma vantagem porque é exatamente a criança a aprender ao experimentar e mexer e com isso imaginar e criar outras situações.

**Entrevistadora:** Já comentaste que achas maravilhoso e adoras vê-los a fazer as atividades mas, se conseguires, podes-me falar mais dos teus sentimentos e sensações enquanto espectadora a olhar para eles?

**Educadora 4:** É delicioso porque eles estão a descobrir coisas que nunca conheceram. Quando foi aquela atividade das rodas, eu lembro-me que havia uma roda de madeira que tinha uns buraquinhos, e a roda andou por aqui até que eles viram os marcadores e uma menina que foi pegar nos marcadores e começou a enfiá-los dentro daqueles buraquinhos. Eu nunca teria ligado os marcadores à atividade que estava a acontecer e três meninos associaram as rodas a carros e pegaram nas rodas e vieram para o pé das mesas fazer de conta que eram carros e a fazer os barulhos e tudo.

**Entrevistadora:** Que competências já viste desenvolvidas ou já viste em ação durante uma sessão?

**Educadora 4:** O ano passado fiz uma brincadeira heurística com tachos, panelas, pratos, feijões, massas mas em grande grupo e na maioria deles o que eu vejo mais é o deslocar objetos de um lugar para o outro, o equilibrar as sementes na colher, o imitar quer o que o outro faz quer seja reproduzir o que é feito no quotidiano com certo objeto, o faz de conta, o partilhar com os pares, a motricidade fina, entre muitas outras. Depende, lá está, de o que se organiza, como se organiza e o que se pretende. Não quero dizer, claro, que em todas as atividades, todas as competências são desenvolvidas mas tem-se uma ideia geral quando se planeia uma atividade, de quais as competências mais prováveis de virem a ser desenvolvidas.

**Entrevistadora:** Gostava de saber a tua opinião o percepção de como é que os pais vêm este método?

**Educadora 4:** O feedback que eu tenho dos pais foi mais nos momentos de avaliação e não me manifestam opinião muito formada. Eu na primeira reunião falei aos pais do brincar heurístico, mostrei algumas imagens, mostrei quais eram as vantagens e quais as competências importantes que viriam a ser desenvolvidas. No fundo eles olham e percebem o porque das crianças já fazerem certas coisas em casa e ficam admirados de como eles já fazem certas coisas sozinhos. Já fiz uma atividade com água em que tinha vários recipientes que eles podiam encher e esvaziar de água e ao contar isto aos pais eles percebem o porquê de eles em casa já tentarem passar a água do copo do pai para o copo dele. O que eles me transmitem é que vêm o processo e a evolução em casa e não só os resultados e nisso acho que o portefólio teve um papel muito importante o ano passado e este ano em que utilizámos o Child Diary. E assim os pais ficam a perceber que o que às vezes é mais importante e o que nos interessa é o

processo, é o brincar para depois eles ficarem mais autônomos e aprenderem outras competências.

**Entrevistadora:** Este método não é muito popular, não há muitos colégios que o implementam. Gostava de saber a tua opinião em relação a isso e porque é que achas que isso não acontece?

**Educadora 4:** Eu sempre tive esta ideia que o educador de infância não pode ser aquele que tirou o curso, tem um diploma e pronto. Eu acho que é uma profissão que está em constante evolução e que requer constante aprendizagem por parte do educador. E tenho muita pena que realmente no nosso curso, falo pelo menos na altura em que eu o tirei, houve tanta coisa que não foi falada, que não foi mostrada, que não foi divulgada e que faria todo o sentido ter sido abordado de outra forma. Por exemplo, uma coisa muito simples que não tem diretamente a ver com o brincar heurístico mas vai ali na mesma corrente e que eu nunca tinha ouvido falar foi da Emmi Pikler, porque tem a ver com o respeito pela criança e as oportunidades que lhe damos e eu nunca tinha ouvido falar disto. Há uns tempos fui fazer uma formação em conjunto com professoras de cursos de educação, portanto que formam educadoras e nem mesmo essas tinham ouvido falar desta senhora. Portanto eu acho que é uma falha muito grande, não quer dizer que todo o educador tem que tomar este percurso porque eu acho que existem vários, mas eu acho que a brincadeira heurística se adapta a diferentes modelos de pedagogia mas claro que deve fazer sentido para cada um e não simplesmente fazer por fazer. Dito isto, eu ainda estou à procura do meu caminho, por isso é que também digo que não estou a cem por cento e acho que nem a cinquenta por cento ainda, mas vejo a importância e, portanto, acho que faz falta sim na formação ouvir-se falar da brincadeira heurística, mesmo do cesto dos tesouros. Eu já tinha ouvido mas não era uma coisa por aí além, mas era apenas umas ideias soltas, nada concreto.

**Entrevistadora:** Obrigada pela sua disponibilidade e participação.

## Transcrição da Entrevista 5

07/02/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber mais a cerca do método Brincadeira Heurística desenvolvido num colégio da região norte de Lisboa. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Pode-me falar um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 5:** Então, eu primeiro comecei na Almeida Garrett, mas queres só a faculdade ou também de trabalho onde eu já estive a trabalhar?

**Entrevistadora:** Sim, faculdade e percurso profissional.

**Educadora 5:** Ah ok, então antes disso, eu estive a trabalhar como auxiliar num colégio no Rei Bebé. Estive lá um tempo e foi a partir daí que eu vi que gostava e que não queria ser só auxiliar e que queria mais responsabilidade. Fui, então, para a Faculdade Almeida Garrett, tirei lá a Licenciatura, depois saí e estive novamente no Rei Bebé durante mais tempo, mas como voluntariado digamos assim, que era para ver se gostava. Surgiu posteriormente a oportunidade de ir para lá trabalhar durante 2 anos como auxiliar, mas já com mais responsabilidades. Entretanto fui para o ISEC onde tirei o Mestrado em Pré-Escolar, não quis tirar para o 1º ciclo porque não me preenchia e tirar um curso só porque é mais uma coisinha não faz sentido. Não foi algo que eu quis logo não tirei. Depois estive a estagiar em dois sítios, um deles foi neste colégio e foi por isso que comecei a trabalhar aqui. Portanto eu estive a estagiar aqui há dois anos aqui na creche, estive só uns meses e comecei a trabalhar aqui ainda não tinha entregado a tese, ainda estava a fazê-la. Comecei a trabalhar, mas como substituição, entretanto saí e fui para outro lado, para uma instituição católica e IPSS. Estive lá no berçário, até tencionava ficar lá, mas contactaram-me daqui e voltei ficando então à frente de um grupo na sala dos 3 anos e o intuito é continuar. Só comecei com este grupo este ano, por isso eu estou a trabalhar como educadora á dois anos, mas ainda não tinha o meu curso terminado quando comecei.

**Entrevistadora:** Porquê a escolha de ser educadora?

**Educadora 5:** Porque sempre me identifiquei muito e desde cedo e dei e tomei com de criança e sempre imaginei o meu futuro a incentivá-los e a ajudá-los a crescer.

**Entrevistadora:** Em relação à brincadeira em si. Acha a mesma importante? E de que forma?

**Educadora 5:** Eu acho não só a brincadeira heurística propriamente mas o brincar, acho que é muito importante e eu aqui com eles tento sempre apesar de nós termos um horário às vezes um pouco preenchido porque temos concertos de música e todas essas atividades, mas eu faço sempre questão que todos os dias eles brinquem o máximo tempo que eu consiga porque acho que é através do brincar que eles aprendem muito e também que nós vemos o que é que realmente eles sabem. Muitas vezes em momento de conversa ou em atividades, às vezes até parece que eles até podem não conseguir fazer ou que não sabem, mas às vezes não é bem assim. Às vezes eles sentem-se intimidados ou não lhes apetece e então, em brincadeira, é que se vê que eles conseguem contar que sabem mais do que às vezes demonstram. Eles próprios vão aprendendo porque aprendem a estarem com os outros, a interagir, a respeitarem o espaço uns dos outros e o arrumar. Todas essas coisas são muito importantes e acho que é através da brincadeira que eles conseguem fazer isso, portanto aqui não estou a falar de uma brincadeira mais dirigida, mas uma brincadeira livre é muito importante. No entanto, também existe outra parte da brincadeira que é a educadora que, tendo um propósito, coloca uns materiais específicos que eles podem então explorar livremente e isso também é uma brincadeira e acho que as atividades propriamente ditas também é bom passarem por esse estado que é então a brincadeira heurística. Nessa mesma brincadeira põem-se os objetivos específicos pretendidos pela educadora para eles depois explorarem à vontade e a partir daí é que a educadora vê os resultados e as possibilidades que advêm daí e isso eu acho que é essencial mesmo e não concordo muito, respeitando claro, com aquelas educadoras que acham que o brincar não é muito essencial. Eu, pelo contrário acho que é essencial até mesmo na sala dos 5 anos porque eu quando estive a substituir uma colega, comecei numa sala dos 4 anos e fui para os 5 também e eu queria todos os dias que eles tivessem um bocadinho para brincar porque também eu via que mesmo eles sentiam falta porque têm tempo quando forem para o 1º ciclo e etc para não brincar tanto porque não vão ter tempo para isso.

**Entrevistadora:** Em sala existem muitas brincadeiras orientadas ou é mais brincadeira livre?

**Educadora 5:** É assim, depende um bocadinho. Às vezes há algumas coisas que realmente eu quero e que coloco alguns objetos, alguns elementos, por exemplo eu

coloquei na sala e já propositadamente, uma área da descoberta em que tenho lá uns elementos da Natureza porque eu quero que eles comecem a lidar com esses objetos e não os vejam só como algo que está na rua e que não tem importância nenhuma. Quero que a partir desses objetos, eles criem coisas, que brinquem, que experimentem e às vezes até acontece. Tenho pinhas, pedras, folhas, tudo um bocadinho incluindo algumas imagens, portanto vou pondo essas coisinhas. E às vezes faço algumas brincadeiras mais orientadas, mas confesso que nem sempre, às vezes deixo-os explorar livremente porque eles também gostam, pelo menos o meu grupo, por isso nem sempre faço as coisas orientadas.

**Entrevistadora:** Onde é que conheceste o brincar heurístico? Como é que soubeste deste método?

**Educadora 5:** É assim, através da faculdade ouvi falar, mas sinceramente não aprofundámos. Foi quando vim para aqui para este colégio que começaram a falar sobre isso e eu também comecei a interessar-me e comecei a investigar um bocadinho e como falo muito com colegas aqui no colégio sobre esse assunto e acabou então por surgir. Fiz então na minha sala, gosto e quero fazer mais vezes. Ainda não fiz muitas vezes, só fiz uma vez uma atividade maior do género, mas foi mesmo a partir daqui e não da faculdade. Acho que é uma daquelas coisas que uma pessoa tem mesmo que pesquisar livremente e infelizmente nem mesmo na faculdade têm muito conhecimento a cerca deste assunto.

**Entrevistadora:** E o que é que acha do brincar heurístico? O que é que este método traz lá criança? Tu estás com um grupo de três anos, não é?

**Educadora 5:** Sim, eu sei que dizem que o brincar heurístico é só para creche, mas depende um bocadinho, porque se calhar há coisas que não fazem muito sentido, mas depende dos objetos que tu colocas, dos elementos podes colocar coisas que aches mais apropriadas para o grupo em questão. Eu para mim o brincar heurístico é escolher determinados elementos que tu queres trabalhar por alguma razão, que eu depois posso te dar o meu exemplo específico, e que os dispões na sala ou num sítio que tu escolhas e que tu queres ver o quê que vai sair dali, em que as crianças vão e tu mencionas poucas coisas, mas depois eles exploram livremente e o adulto não diz grande coisa só observas o que vai sair dali, porque muitas vezes saem dali coisas que tu não esperas, às vezes até te pode desiludir ou não, que depois também vais ganhando mais experiência e vamos ver o quê que pode funcionar mais ou menos, o número de elementos que também é muito importante, porque se pusermos pouca coisa também acaba por não resultar porque eles acabam por disputar quem é que fica e quem é que

não fica, porque não há muito elementos e têm que se ter estas coisas em questão, mas basicamente para mim é isso, mas acho que talvez quatro e cinco anos, pronto tem de ser ver dentro dos objetivos e dos elementos e depois também depende da educadora que é mesmo assim, o que é que tu achas que faz sentido para ti e para o grupo, porque podes ter um grupo de três anos e a educadora achar que não faz sentido para aquele grupo, pode também haver uma educadora na sala dos dois anos e achar também que não faz sentido, cada um tem de apropriar e gerir consoante onde está.

**Entrevistadora:** Como me disse só realizou uma sessão e como é que organizou essa mesma sessão? Como pensou em toda a organização?

**Educadora 5:** Tudo isto surgiu porque houve uma criança que trouxe uma história sobre o mar, não sei como é que se chamava a história, mas era qualquer coisa do fundo do mar, eu vou aproveitando muito todo o material que eles me vão trazendo e ela trouxe essa história e eu contei a história e até é daquelas pop-up, e eles adoraram e ficar super entusiasmados e então eu comecei a explorar algumas vertentes desse tema, não propriamente todos os animais que existem, mas exploramos o som porque eles gostaram muito do som do mar, as cores, alguns animais, mas não muito detalhado, pronto alguns pormenores que eu vi que lhes chamou à atenção e então fui fazendo alguns atividades relacionadas, como por exemplo fizeram uma pintura ao som do fundo do mar e depois achei que fazia sentido e gostava de experimentar uma brincadeira heurística, então o que eu fiz foi colocar um som de fundo, portanto, fui aqui para este salão que é mais amplo, mas sinceramente até não é muito bom porque tem alguns elementos e o ideal é que não tenha móveis nem outros brinquedos que os possam fazer fugir ao foco, então por isso posteriormente farei de forma diferente no futuro nesse sentido, mas coloquei o som do fundo do mar, fui buscar o datashow e projetei um vídeo que eu fui buscar á internet também com o fundo do mar, onde iam aparecendo vários peixes, pus a sala um pouco escura e depois fui buscar papel celofane azul e coloquei nas janelas para eles verem tudo azul quando olham cá para fora, para dar mesmo a entender que estavam no fundo do mar, depois coloquei vários elementos que eu tinha na sala, conchinhas, búzios, coisas dessas e fui expondo pela sala, coloquei mais papel celofane solto há vontade, pronto para ele poderem explorar como quisessem, coloquei uma garrafas que tinham búzios lá dentro, ou seja, coloquei lá garrafas sensoriais, coloquei também rafia azul, dando a parecer as algas, tentei criar ali um ambiente do fundo do mar e quando ele entraram eu não disse grande coisa, disse que havia uma surpresa e só por aí eles ficaram todos contentes e depois quando saímos da nossa sala começaram logo a ouvir a música e quando entraram ficaram todos espantados e eles adoram o som do fundo do mar, e então foi muito giro porque até ainda agora eles

me pedem para por o som do fundo do mar, e pronto depois vi eles brincaram, foram tirando as coisas e até acontecer que uns começaram a dançar com o papel celofane azul, começaram a abanar criando assim o efeito das ondas, outros que pegaram no papel celofane fizeram uma cama e depois taparam-se que era o lençol, também utilizaram as garrafas para fazer algum som, e o que eles gostaram muito foi como estava a ser projetado o fundo do mar na parede eles punham lá a mão e depois viam aquilo a passar e viam que a mão fazia sombra e depois também gostaram de ver, como o datashow estava ao fundo e ele perceberam que se metessem á frente ia aparecer as sombras deles e se colocassem o papel celofane à frente mudava a cor da projeção, então começaram a por e a ver as sombras, através das mãos ou até mesmo do corpo, foi muito giro ver a surgir estas coisas, a única coisa que eu tinha feito diferente é que tinha colocado mais, apesar de ter colocado alguns como eles são dezanove devia ter colocado mais elementos porque eles já são um grupo de muita disputa e mesmo assim com aqueles elemento ainda haviam alguma disputa porque queriam mais elementos e depois foi essa a questão do espaço, foi o espaço que tinha disponível na alguma, mas acho que o ideal teria sido outro. Criei aquele momento porque foi ao encontro com aquilo que eles estavam a afalar e achei que fazia todo o sentido e depois deixei-os explorar livremente e até que chegou a altura em que já não estava a ser tão produtivo, mas não sei quanto tempo é que tivemos lá, talvez uns vinte minutos e no final guardamos as coisinhas eu levei para a sala e guardei também para eles explorarem na sala.

**Entrevistadora:** Como se sente ao preparar uma atividade? A nível da preparação e do envolvimento do grupo?

**Educadora 5:** Só ainda realizei uma como já te disse, e em relação á preparação não senti nada de especial, achei difícil encontrar muitos materiais do mesmo elemento, mas de resto acho que correu bem. Em relação ao grupo sinto que é muito bom para eles, adoro ver eles a descobrirem coisas novas e foi muito bom mesmo, estar ali a observar as descobertas sozinhas deles.

**Entrevistadora:** Porquê que acha importante para o seu grupo e para outros grupos trabalhar o brincar heurístico?

**Educadora 5:** Isso para mim tem haver com o que eu te disse á bocado sobre a brincadeira que é o que eu acho da brincadeira em geral, acho que é muito produtivo, que a partir daí é mesmo uma forma que eles têm de desenvolver mais, de tocarem em elementos e desenvolverem brincadeiras, que noutra altura não tinham disponibilidade para e conseguimos ver naturalmente o que é que eles fazem, o que é que eles querem

fazer, o que surge dali e não é nada muito produtivo é algo espontâneo e conseguimos ver espontaneamente o que é que cada um faz, como é que cada um reage aquela situação em concreto, ah aliás até tive uns meninos que pegaram nas conchas e que estavam a fazer instrumentos musicais, portanto tu consegues ver a criatividade de cada um, o que é que cada um faz, o que é que cada um quer fazer e as ideias que tem, também haviam uns que não exploravam calmamente estavam mais numa de brincadeira virada para a loucura, mas há outros que não que olham para tudo e que fazem coisas que te surpreendem e acho que é por aí que é bom, e nós somos nós que conduzimos, deixamos eles conduzirem, deixamos que eles façam, nós preparamos as coisas e a partir daí pode surgir tudo e mais alguma coisa, portanto não existe um trabalho muito orientado e nesse aspeto é muito bom, porque tu tens atividades muito esquematizadas, primeiro vamos fazer isto, a seguir isto e ali não deixas eles explorarem livremente e portanto nesse aspeto acho que é bom, é positivo. Não quer dizer que é uma coisa que eu vá fazer muito frequentemente, mas de vez em quando é bom fazer e eles também gostam bastante porque sentem surpreendidos e não estão à espera e, portanto, têm ali elementos diferente que não estão á espera. Acho que é muito produzido neste sentido.

**Entrevistadora:** Durante uma sessão que competências já viu desenvolvidas?

**Educadora 5:** Nesta sessão que fiz vi muitas, como te disse eles trabalham a música, a expressão plástica, através da rafia, das conchas, ah também a matemática porque tive alguns meninos que estavam a fazer conjuntos com os materiais mais pequenos, como as conchas, búzio, a motricidade fina e motora, a socialização foi muito trabalhada, através das partilhas e das conversas que eles mantinham uns com os outros.

**Entrevistadora:** Alguma vez abordou esta abordagem aos pais? Que ias experimentar este método com o grupo.

**Educadora 5:** É assim o que eu disse aos pais no início do ano, portanto na primeira reunião foi que eu ia partir muito dos interesses deles, iam surgir as temática a partir daí ia explorar e trabalhar os conceitos necessário, mas nunca disse propriamente que ia fazer a brincadeira heurística como estamos a falar, não disse só que partiria daí e não iria ter tema, como por exemplo agora vou falar sobre as cores, agora vou falar sobre os números, tento fazer a partir do que eles se interessam, por exemplo quando estamos a falar sobre os animais aproveito e fala sobre os números, só expliquei isso, nunca referi quais e como iria desenvolver o trabalho com eles. O que eu fiz foi como nós temos a plataforma do child diary e então expos lá o que eu fiz e eles também ficaram muito

admirados e gostaram bastante, até por norma é os pais, mas claro os pais não são todos iguais, mas eles gostaram muito porque também é uma coisa diferente, não se vê muito também depende das escola é certo, mas eles gostaram bastante, mas não foram informados.

**Entrevistadora:** Qual a sua opinião em relação à divulgação deste método?

**Educadora 5:** Eu acho que é pouco divulgado tanto este como todas as outras coisas diferentes, eu acho que infelizmente nas faculdades que é muito direcionado para o método tradicional e que não exploram o resto e depois nós caímos aqui no trabalho e muitas vezes não sabemos como é que havemos de explorar as coisas de formas diferentes porque estamos habituados a sermos nós a comandar e eles a ouvirem e acho que isso às vezes nos prende um bocadinho e não nos deixa sair dali, acho que neste aspeto não só na brincadeira heurística, mas sim em tudo, devia ser mais explorado, mas claro também parte de nós pesquisar essas coisas, porque também não pode ser a faculdade a dar-nos tudo, mas pelo menos dar-nos a conhecer um bocadinho mais do que o tradicional, eu acho que é muito importante, por exemplo se calhar se eu não tivesse vindo para este colégio onde gosta de inovar e as educadoras trazem coisas novas eu não teria conhecido e ido por esta vertente, também não sei não é, mas acho que tive a sorte de vir para aqui e como falo com as minha colegas elas deram-me a conhecer este método e acho que foi muito bom. Acho que na faculdade não dão muito ênfase, mas deveria porque a sociedade está a evoluir e o método tradicional já ficou lá a trás á muito tempo. É muito importante evoluirmos, cada um toma a decisão se quer ou não fazer, mas pelo menos os conteúdos deveriam ser passados na faculdade, pelo menos os nomes e se tu estiveres interessada pesquisa o resto, mas ao menos conheces.

**Entrevistadora:** E noutros colégios acha que este método é desenvolvido?

**Educadora 5:** Eu não sei sinceramente, mas pela pouca informação que existe a cerca desta abordagem, não acredito que muitos colégios os apliquem, se calhar algumas educadoras o façam, mas é um método pouco divulgado e muito pouco conhecido.

**Entrevistadora:** Obrigada pela sua participação.

## Transcrição da Entrevista 6

22/02/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber mais a cerca do método Brincadeira Heurística desenvolvido num colégio da região norte de Lisboa. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Para iniciarmos a nossa entrevista pode falar um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 6:** Sim, então o meu percurso académico comecei por tirar desporto no secundário, nesses anos comecei a trabalhar com crianças em festas aos fim-de-semanas e foi por causa disso que depois vim para educadora de infância, não me apeteceu ficar muito longe de casa então fiquei a estudar na escola Almeida Garrett que pertence á lusófona e tirei a licenciatura. Realizei os estágios nas diferentes valências menos na creche e depois quando comecei a trabalhar comecei a trabalhar em creche, com um grupo misto de dois anos, três anos e a meio do ano fiquei com algumas crianças de um ano, portanto tudo aquilo que a gente imagina que não acontece foi o que me aconteceu, eu cheguei a ter vinte e três crianças sem nenhuma auxiliar, estava a trabalhar na costa da Caparica e o que era muito bom era o espaço livre, até mesmo dentro da escola havia numa espaço ao ar livre, com relva, tínhamos animais dentro do colégio (cabras, porquinho da índia, galinhas), tinha uma desvantagem eles trabalhavam com livros e os meninos tinham de fazer as fichas do livros, mas nunca me impuseram que só podiam fazer aquilo eu se quisesse podia fazer outras coisas com eles, mas aquilo tinha de aparecer feito, as coisas depois foram evoluindo, contrataram mais pessoas e o método mudou um bocadinho, posterior a isso eu passei para o ATL, estive com miúdos até ao nono ano, depois fui trabalhar para colégio onde estive com os cinco anos e com o ATL, depois quando vim para aqui é que apanhei novamente a creche, agora já dei a volta e estou novamente na creche, voltei ao principio, já estou aqui à cinco anos e nunca me preocupei muito em seguir por um modelo próprio, onde tenha que fazer isto e aquilo, porque tudo o que vivi na faculdade e nestes colégio, acho que a gente deve aproveitar todos os modelos e o pouco que cada um nos pode dar e este ano senti necessidade em termos de, como é que ei-de explicar, ahh ter mais material de sustentação para dar mais credibilidade ao trabalho que a gente faz e senti

necessidade de procurar e acabei por me fascinar por algumas coisas que li a cerca de MEM e acabei por me inscrever numa oficina de MEM em creche, mas com muita calma e tranquilidade, porque eu este ano senti mesmo necessidade de procurar me informar mais porque às vezes já fazemos tudo de uma forma tão mecânica, e acho que agora já vejo os miúdos de forma diferente que não via à cinco anos atrás. Eu já estou a trabalho á 10 anos na área.

**Entrevistadora:** Porque razão escolheu ser educadora? Como começou no desporto, porque veio parar ao mundo da educação?

**Educadora 6:** Porque eu sempre quis dar aulas, sempre quis ser professora, mas na altura não queria era ser professora dos pequeninos, graças a deus que mudei de opinião, porque os mais velhos não sei se tinha muita paciência para ele, mas eu sempre quis e o facto de ter estado a trabalhar mesmo com miúdos, porque para além das festas nós fazíamos umas atividades com eles e estávamos com eles, é ali que tudo começa e se nós conseguimos passar um bocadinho que seja de alguns valores, algumas coisinhas que os possa ajudar a crescer é ali que começa.

**Entrevistadora:** Há quantos anos já tirou o curso?

**Educadora 6:** Então eu terminei em 2012, eu fiz o pré Bolonha, graças a deus, porque foram menos anos e mesmo assim perdi um ano no décimo segundo.

**Entrevistadora:** Segundo a sua experiência qual é o papel que a brincadeira em contexto creche tem no desenvolvimento da criança?

**Educadora 6:** É o mais importante em creche, aliás tudo o que eles aprendem é através da brincadeira, a gente por muitas atividades que faça nós mesmo quando apresentamos uma atividade orientada é uma brincadeira, na minha opinião não há aprendizagem na creche sem haver brincadeira ponto.

**Entrevistadora:** No dia-a-dia da sua sala como é que se desenvolvem as atividades, existem mais atividades orientadas ou brincadeira livre?

**Educadora 6:** Este ano a sala de um ano até tem muito tempo livre para brincar, porque mesmo quando há aquelas pausa para as atividades das professoras que vêm de fora é uma brincadeira e participa na atividade quem quer, portanto não é obrigatório, tanto nas atividades propostas, por exemplo de manhã eu chego, a maneira que arranjei para ao acalmar porque a sala é a que faz o acolhimento de manhã é menino vamos comer a bolachinha e eles já sabem que vamos para o tapete sentam-se, comem a bolachinha, bebem água, marcam a presença e vão brincar, mesmo que eu depois queira fazer uma atividade orientada é depois de eles já estarem a brincar, que eu apresento a atividade

e vem quem quer, portanto não é uma coisa obrigatória e estanque, mesmo a brincadeiras não são estanques, eles podem passar de uma brincadeira para a outra quando quiserem. Eu até posso ter uma atividade planeada, mas se percebo que eles querem ir para a casinha ou estão na casinha a brincar, não vejo mal nenhum em ir para o pé deles sentar-me e brincar, nós temos muito que nos orientar consoante como está o grupo e por muito que uma atividade orientada esteja muito bem planeada às vezes não dá para fazer, para que eles possam escolher nós temos que lhes apresentar e a sala também tem de estar organizada para o fazer, mas não é nada que seja agora tens de estar aqui e acabou, mesmo que te apetece ir fazer outra coisa, não isso já não existe pelo menos na minha perspetiva já não existe, mesmo tudo bem apresentamos ao grande grupo, mas se grupo todo não quiser fazer tudo bem faz um grupo pequeno ou faz só um.

**Entrevistadora:** Eu acho que esta forma de trabalhar acaba por chamar o grupo todo, porque se estão uns ou outros interessados porque não ir ver o que estão a ver e isso acaba por fazer com que todos participem de forma espontânea.

**Educadora 6:** Sim, principalmente se as atividades forem chamativas, lúdicas, novidades mesmo que seja só um a fazer os outros acabam por ir ver e acabam por se aproximar todos ou quase todos.

**Entrevistadora:** Falou na casinha, por isso quer dizer que criou cantinhos na sala?

**Educadora 6:** Sim tenho, não é obrigatório eles brincarem com aqueles materiais naqueles sítio, mas a sala está organizada com as coisas eles acabam por espalhar, têm a organização deles, mas eles sabem como é os espaços, normalmente quando eles estão na casinha eles não trazem as coisas para tapete é raro, mas foi um coisa trabalhada com eles, porque nós ao brincarmos com eles, eles acabam por ir aprendendo, mas ainda espalham muita coisa o que é normal é a organização deles e mesmo assim quanto está aquela confusão toda se eu lhes pedir uma das coisas que está naquela confusão eles sabem perfeitamente onde é que ela está.

**Entrevistadora:** É a organização deles, claro.

**Educadora 6:** Mas por exemplo eu tenho os lápis às mãos de semear, tenho uma folha na parede e eles sabem que quando querem pintar vão buscar os lápis e que é naquela folha que têm de pintar, às vezes acontece e pintam a parede, mas nós vamos e explicamos que se pinta na folha, mas a maioria já sabe onde é para pintar. Por muito que saibam muitas das vezes querem ir pintar noutra sítio, mas saber eles sabem que é ali.

**Entrevistadora:** Em relação ao brincar heurístico onde é que conhecestes este método?

**Educadora 6:** Conversas entre colegas, internet, Facebook, isto hoje em dia, tudo se descobre, mesmo que a gente não queira as coisas aparecem-nos à frente, mas mais foi até em conversas com colegas.

**Entrevistadora:** Já fez alguma formação ou foste a um encontro onde falaram nisto?

**Educadora 6:** Não, não, ainda não, foi mesmo através de conversas e a gente acaba por ir vendo e vai lendo e experimentando, não é uma coisa que eu tenha como princípio fazê-lo, mas quando lhes apresento as coisas, muitas das vezes dou-lhes os materiais e eles exploram como querem, entretanto, acabamos por ... eu também tenho a minha ideia e faço parte do grupo e gosto de explorar à minha maneira e acabamos também por explorar e normalmente à segunda vez eles já vão fazer como nós fizemos, mas normalmente deixo-os estar a explorar os materiais, depois nós entramos e exploramos com eles, porque todos fazemos parte do grupo.

**Entrevistadora:** O que é que é para si o mais importante neste método? Qual a sua opinião a cerca desta abordagem?

**Educadora 6:** A exploração, a criatividade, aquilo que eles imaginam, eles vêm coisas que nós não vemos, eles têm outra perspetiva, porque nós normalmente vemos as coisas de cima e eles nem sempre, por isso a perspetiva deles é sempre diferente da nossa, portanto eles nunca vão fazer aquilo que a partida nós iríamos fazer ou o que achamos que eles vão fazer, por isso o brincar heurístico é uma descoberta para eles e para mim.

**Entrevistadora:** Porquê que é importante trabalhar este método?

**Educadora 6:** Tal como as outras, não acho nenhum mais importante que outro, eu não acho que haja atividades mais importante que outras, tal como os modelos eu não acho que nenhum é mais importante que outro, tudo depende do grupo e o que faz sentido para eles.

**Entrevistadora:** E neste caso achas que faz sentido trabalhar o brincar heurístico no teu grupo?

**Educadora 6:** Eu estes meus meninos ainda não acho que eles tenham essa perceção, eles entendem, eles experimentam, mas eles ainda vão muito por aquilo que conhecem, para eles não faz muito sentido, mas lá está também porque eu posso não estar tão á vontade e acabo também por não lhes proporcionar tantas vezes.

**Entrevistadora:** Na tua opinião este método tem alguma limitação?

**Educadora 6:** Depende, acho que quem põem as limitações somos nós os adultos, depende das minhas limitações, eu acho que o método em si não, nem as crianças, o adulto sim.

**Entrevistadora:** E que tipo de limitações o adulto pode por neste método?

**Educadora 6:** Porque nós vemos perigos em todo o lado, e muitas vezes se nós os deixarmos estar eles não o fazem e não se torna perigoso eu acho que nós já vemos as coisas muito mais à frente e estamos sempre a pensar. Aqui a limitação é o adulto, porque se ele se magoa, já temos os pais, a direção e acho que é mais por aí, acho que é um problema de encaixe do adulto e não das crianças em si.

**Entrevistadora:** Em relação aos materiais como os disponibiliza, como pensas neles. Como é que organiza uma sessão?

**Educadora 6:** Depende, dependo do que se vai fazer, depende dos materiais que forem, portanto eu normalmente quando o faço espalho mesmo na sala e deixo estar, não faço grande diferença entre o tipo de material que é, se é de madeira, se é redondo se é quadrado, deixo o estar e depois a gente vê. Depois á medida que as atividades vão decorrem nós podemos utilizar ou mais uns ou mais outros, depende, por exemplo se eu agora fizer algum tipo dessa atividade seria com coisas redondas porque eles estão a descobrir que as coisas rebolem, mas se calhar colocaria lá alguns materiais que não rebolessem para eles perceberem a diferença e portanto tudo depende daquilo que o grupo está a explorar, está a elevar e aquilo que a gente também queremos desenvolver na altura.

**Entrevistadora:** Quando prepara uma sessão de brincadeira heurística o que é que tu sentes? Quando estás na fase do planeamento e organização de materiais? Se pode correr mal desta forma ou não?

**Educadora 6:** Eu raramente penso que pode correr mal, posso pensar que isto vai ser complicado, mas não para eles lá está, tem o seu grau de dificuldade, mas para isso é que elas são desafiadoras para eles é isso que os faz crescer, às vezes o ser complicado é o conseguir organizar as coisas, mais num sentido logístico, se tenho as auxiliares na sala, se tenho espaço ou preciso mais, como é que faço porque depois tenho outras atividades é mais por aí como é que eu vou organizar as coisas de forma a que eles possam ter tempo suficiente para explorarem à vontade e não atrasar, e como vivemos em sociedade temos de cumprir horários e como é que iremos conseguir conciliar tudo. Essa é a grande preocupação, como é que vamos fazer as coisas e não estar à pressa, mas ao mesmo tempo não estar a prejudicar outros tempos.

**Entrevistadora:** E agora o outro lado, como é que se sente ao observá-los enquanto eles exploram e brincam com os materiais?

**Educadora 6:** Depende, se eles estão a gostar ou não. Se eles estão a gostar sinto-me feliz, porque se eles estão a gostar estão se a divertir, a interagir e cima de tudo a aprender e a desenvolver e isso quer dizer que eu fiz um bom trabalho. Se eles não estiverem a gostar e não quiserem participar provavelmente terei de pensar e alterar, pois terei de fazer de outra forma, por isso tudo depende.

**Entrevistadora:** Na tua opinião o brincar heurístico têm influência no comportamento do grupo?

**Educadora 6:** Tem momento, no início estão mais agitados, mas ao estarem envolvidos na sessão acabam por se acalmar. Depende, este meu grupo tem tendência para no início ser tudo ao “monte”, como se costuma dizer, querem tudo e tiram tudo das mãos uns dos outros esse estiverem tempo para estar, então aí já estão mais calma e terminam mais calmos. Estamos a galar em termos gerais do grupo, porque eu depois tenho aqueles que quando chegam não vão, precisam de um tempo, mas tenho um ou dois em nove, mas depois acabam por ir, têm o tempo deles, há uns que gostam de ser os primeiros em tudo, a mexer, a fazer, não têm receio de nada, como há outros que precisam de ver os outros a fazer para perceber que podem ir.

**Entrevistadora:** Já realizou algumas sessões com este grupo?

**Educadora 6:** Com este grupo em questão da sala de um ano só realizei uma vez.

**Entrevistadora:** Sente alguma diferença neste grupo ao realizar este método para outras atividades? Mas como foi só uma sessão não consegue ter comparação possível

**Educadora 6:** Pois eu ainda não tenho comparação para te poder dizer isso, mas posso te dizer que no meu grupo anterior, o dos cinco anos, notasse porque lá está eles nas primeiras vezes era sempre uma novidade e a partir daí quando se apresentava eles já testavam de outra forma, eles já tentavam fazer outras coisas, às vezes até mais complicadas, há sempre uma evolução, pelo menos nesse grupo houve.

**Entrevistadora:** Que competências já viu serem desenvolvidas durante uma sessão de Brincar Heurístico?

**Educadora 6:** Com este grupo não te consigo responder a isso. Desculpa, é muito cedo para apontar já competência trabalhadas. Porque o facto de ter acontecido e terem feito não quer dizer que tenham desenvolvido uma competência, por vezes eles fazem porque lhes é natural ou porque calhou, ainda não consigo dizer que foi por causa daquela atividade que eles aprenderam a fazer isto ou desenvolveram isto, não.

**Entrevistadora:** Alguma vezes abordou este método ao pais?

**Educadora 6:** Não porque nós temos o método CV e não podemos estar a especificar outros métodos, por exemplo agora em relação à formação do MEM eu não posso dizer aos pais que estou a desenvolver na sala, que na verdade não estou, porque não posso dizer só porque fiz esta oficina que estou a trabalhar MEM, porque ainda estou a experimentar, mas para os pais o que nós dizer é que estamos a desenvolver o método CV.

**Entrevistadora:** Para finalizarmos acha importante este método em contexto de creche?

**Educadora 6:** Para mim tudo depende do facto se a pessoa se identifica ou não, porque se uma pessoa não se identifica é escusado estar a dizer que vai fazê-lo porque não vai conseguir passar essa mensagem, e depende sempre do grupo e além disso eu acho que em creche o importante é brincar seja ela de que maneira for, é brincar, criar afetos e relações com as crianças enquanto brincamos e eu acho eu isso é o mais importante.

**Entrevistadora:** Acha que este método está pouco divulgado? Acha que outros colégios conhecem ou não?

**Educadora 6:** Acho que não é um método muito conhecido, mas muitas das vezes as educadoras conhecem, mas não aplicam esta abordagem porque não vai de encontro ao que o colégio desenvolve e por vezes tentam fazê-lo, mas não é transmitido porque não é base do colégio. Mas acima de tudo devia ser mais divulgado principalmente nas faculdades, o meu curso já terminou a alguns anos longos, mas o que eu ouvi falar foi por colegas e elas ouviram falar em formações que iam.

**Entrevistadora:** Obrigada pela participação, já terminou.

### **3. Análise Conteúdo destas Entrevistas;**

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto
1 – Método Brincar Heurístico	1.1 – Importância da Brincadeira;	<p>“... uma importância muito grande, eu acredito que é a brincar, com o brincar que a criança aprende e é assim eu ela apreende as coisas, é a brincar e a interagir com os materiais e a interagir com os outros ... ela está a fazer torna-se significativo e efetivo para ela. Ah se for incutido não acredito que para ela seja apreendido, que fique lá.” (E1_L29-33)</p> <p>“... brincar para mim é o principal em termos do meu trabalho, é a partir dele que faço ... os meus pontos de partida para as ... atividades, para os conhecer melhor, para fazer as suas aprendizagens ..., portanto a brincadeira é o meio por onde eles podem aprender. Ah de uma forma mais privilegiada, mais efetiva, participativa da parte deles, sem ser eu a ter de comandar as aprendizagens.” (E2_L35-40)</p> <p>“... é o momento e a forma que eles têm para se expressarem ... e a partir daí vão provocando todo o seu desenvolvimento num todo, é a linguagem deles ... valorizar esses momentos e tentar ir alimentando e percebendo que a partir daqui eu vou fazer diversas coisas ...” (E3_L14-21)</p> <p>“... agora vejo-o como um tempo de experiências, de descoberta em que tento cada vez mais dar importância e valorizar ... como dizer que isto não é só brincar, que é brincar, mas que no brincar é que está a importância, o que é que a criança aprende, o que é que desenvolve. O que eu vejo essencialmente no brincar, e agora falo em contexto de pares ou grupos, é a relação com o outro ... brincar que pode ser um brincar orientado, pode ser estar num espaço e a criança explorar os materiais sozinha, pode ser o correr ... no brincar uma grande importância nas suas conquistas, no desenvolvimento ...” (E4_L64-76)</p> <p>“... acho que é muito importante e eu aqui com eles tento sempre apesar de nós termos um horário às vezes um pouco preenchido ... faço sempre questão que todos os dias eles brinquem o máximo tempo que eu consiga porque acho que é através do brincar que eles aprendem muito e também que nós vemos o que é que realmente eles sabem ... vão aprendendo porque aprendem a estarem com os outros, a interagir, a respeitarem o espaço uns dos outros e o arrumar ... acho que é essencial até mesmo na sala dos 5 anos ...” (E5_L40-44; L49-62)</p> <p>“É o mais importante em creche, aliás tudo o que eles aprendem é através da brincadeira, a gente por muitas atividades que faça ... é uma brincadeira, na minha opinião não há aprendizagem na creche sem haver brincadeira ...” (E6_L58-61)</p>
	1.2 – Introdução ao Brincar Heurístico;	<p>“... comecei a ler um livro ... um parágrafo de brincadeira heurística e pensei o que é isto? E comecei a ler e foi o primeiro contacto que tive realmente com a brincadeira heurística. ... e quando voltei para a creche fui a uma formação sobre brincadeira heurística ...” (E1_L47-51)</p> <p>“... conheci uma pequena abordagem na faculdade, ... quase nada ... e foi aí através de formações ... já após a minha formação e foi assim que eu descobri o brincar heurístico.” (E2_L55-67)</p> <p>“Foi através de formações ... em pesquisas e formações.” (E3_L52; L60)</p> <p>“... já tinha ouvido falar no cesto dos tesouros, na faculdade, o brincar heurístico conheci numa formação ...” (E4_L108-112)</p> <p>“... faculdade ouvi falar, mas sinceramente não aprofundámos. Foi quando vim para aqui para este colégio que começaram a falar sobre isso e eu também comecei a interessar-me e comecei a investigar ...” (E5_L82-86)</p> <p>“Conversas entre colegas, internet, Facebook ... mais foi até em conversas com colegas.” (E6_L108-110)</p>
	1.3 – Importância do Brincar Heurístico;	<p>“... perceber ... que eles, que a interação deles com os materiais são possibilitadores de aprendizagem, com diversos tipos de materiais ... o facto dele ser feito por parte dele, a exploração ser feita por eles e que aquilo que vão descobrindo, é intrínseco, ... parte da observação, como eles vão imitar, a observar os materiais, manuseá-los, ver os outros a brincar com</p>

		<p><i>ele e depois eles vão aprendendo uns com os outros, imitando-se, contagiando-se ... esta noção de que a criança é um ser capaz. É o que me agrada muito também na brincadeira heurística, porque a criança passa a ter um papel principal e o adulto está mais na retaguarda a observar ... centro realmente é aquela interação com os materiais, interação entre eles, o centro não é tanto a criança, mas estas relação que eles vão criando com o espaço, com os materiais, com os outros ... e brincadeira heurística é mais coisa, é dar voz à criança, é muito mais isso. É importante.” (E1_L55-56; L62-72)</i></p> <p><i>“... pela forma como potência a exploração, a exploração livre, o brincar livre, ah sentir que o adulto não está a orientar e ser a criança a descobrir todas as suas potencialidades ... e isso para mim é muito importante, ser a criança manipular, ser ele o protagonista da sua aprendizagem.” (E2_L74-78)</i></p> <p><i>“... eu acho que, desta tendência e neste respeito pela individualidade da criança acho que é uma forma de proporcionar momentos com uma variedade muito grande de materiais, oferecer muita coisa que está no mundo exterior ... dar um leque muito alargado de materiais e não estou só a fazer da parte de natureza nem desse tipo de materiais como podemos lhes apresentar os tecidos os metais uma data de coisas, é conseguir trazer um bocadinho do mundo de lá de fora cá para dentro e eles poderem logo desde cedo começarem a explorar.” (E3_L67-75)</i></p> <p><i>“... é no fundo a criança poder escolher, e o adulto poder observar ... o brincar heurístico ajudou-me também a ver os interesses deles e as suas aprendizagens ... numa sessão estamos todos centrados ... quando eles chegam e eles sentavam-se primeiro para poderem observar, para enquanto sentados poderem ver e escolher o que queriam ir mexer, e pensarem “o que será que é aquilo?” e são tudo vantagens e é essencialmente essa escolha que eu acho muito importante.” (E4_L154-172)</i></p> <p><i>“... o brincar heurístico é escolher determinados elementos que tu queres trabalhar por alguma razão ... e que os dispões na sala ... eles exploram livremente e o adulto não diz grande coisa só observas o que vai sair dali ... o número de elementos que também é muito importante, porque se pusermos pouca coisa também acaba por não resultar porque eles acabam por disputar ...” (E5_L96-99; L104-106)</i></p> <p><i>“... exploração, a criatividade, aquilo que eles imaginam, eles vêm coisas que nós não vemos ... a perspectiva deles é sempre diferente da nossa, portanto eles nunca vão fazer aquilo que a partida nós iríamos fazer ou o que achamos que eles vão fazer, por isso o brincar heurístico é uma descoberta para eles e para mim.” (E6_L122-127)</i></p>
	<p><b>1.4 – O porquê da implementação do BH;</b></p>	<p><i>“... devia trabalhar em todos os grupos, então com as crianças pequenas porque elas estão ansiosas de mexer e de explorar, faz todo o sentido do que fazer atividades pré formatadas ... um dia mais tarde ... eles vão ter requerem criatividade, requerem que sejam capazes de resolver problemática e eles têm de estar em situações que se ponham a pensar e a brincadeira heurística obriga de uma forma lúdica a pensar como é que isto cair e porquê que caí, trabalha a matemática trabalha todas as áreas.” (E1_L97-116)</i></p> <p><i>“... porque é excelente em termos de desenvolver a criatividade, ... é um tipo de brincadeira que proporciona aprendizagens que eu enquanto adulto não posso, .... e também permite perceber como é que eles brincam, como é que eles exploram, como é que eles estão perante os objetos, como é que eles exploram esses objetos e que utilidade é que eles dão aos objetos que supostamente não são brinquedos e como é que eles são capazes de criar brincadeiras a partir de coisas que não são brinquedos. E brincar sem brinquedos estimula bastante a criatividade, ou seja, eles vão fazer coisas que nem eu própria pensaria em fazer ... é rico por isso, porque eles criam potencialidades nesses objetos extraordinários.” (E2_L80-91)</i></p> <p><i>“É dares a possibilidade a eles, respeitar o ritmo da criança e dar-lhes o espaço para serem eles a descobrirem de uma forma inteira as coisas.” (E3_L63-64)</i></p>

		<p>“... dá à criança oportunidade de não estar orientada pelo adulto e este poder observar, poder escolher, poder envolver-se com os materiais sem ser de forma orientada, conhecer as coisas sem ser a ouvir falar, sem ser de uma história, toca, mexe, sente, sente a temperatura, o peso, as sensações que lhe causa, a partilha entre eles ...” (E4_L123-127)</p> <p>“Tal como as outras, não acho nenhum mais importante que outro ... tudo depende do grupo e o que faz sentido para eles ... meus meninos ainda não acho que eles tenham essa percepção, eles entendem, eles experimentam, mas eles ainda vão muito por aquilo que conhecem, para eles não faz muito sentido...” (E6_L129-132; L135-137)</p>
	<p><b>1.5 – Organização da sessão;</b></p>	<p>“... tem haver com um interesse que foi observado, ah por exemplo, começamos a vê-los a construir, montar pecinhas, aproveitamos e trazemos mais materiais ... brincadeira heurística, uma temática em si, por exemplo o carnaval e trazer materiais diversos que tenha haver com este momento festivo, que eles possam usufruir, pode ter haver com uma, por exemplo este ano tivemos a trabalhar o projeto da foca, porque eles tiveram muito interesse ... então fomos explorar e acabamos por trabalhar o círculo, o movimento circular, ... quando se pensou em brincadeiras heurísticas nesse projeto da foca foi muito ir ao encontro do movimento circular, com cartão, com madeiras, para dar resposta ao projeto em si, mas também a algumas necessidades e competências.” (E1_L76-88)</p> <p>“... tudo depende dos interesses deles e também da faixa etária ... mas o essencial é os interesses do grupo e eu procuro ir ao encontro disso” (E2_L94-97)</p> <p>“... vou tentando perceber alguns interesses ou tendências do grupo ... nem sempre é fácil para nós arranjar os materiais, eu agora também pedi alguma colaboração aos pais e às famílias, sensibilizando um bocadinho mais para o tipo do brincar heurístico, do cesto dos tesouros ... vou fazer ... dois momento não quer dizer para a semana vá fazer outra ... para mim é importante poder repetir alguns dos materiais, voltar a usá-los para ver de que forma passado algum tempo voltam a utilizá-los.” (E3_L78-96)</p> <p>“... tentar ir ao encontro daquilo que estava a ser o interesse deles naquele momento ... era muito os meios de transporte ... havendo alguma limitação de levá-los ao exterior, porque não trazer-lhes as rodas, também pensando no movimento circular, porque também já estão numa fase que já começam a dar algum sentido aquilo que desenham ... materiais tentei junto das minha colegas recolher alguns materiais ... houve um dia que lhes mostrei umas rodas outras noutra até que depois fiz uma brincadeira heurística com estes materiais ...” (E4_L176-189)</p> <p>“... isto surgiu porque houve uma criança que trouxe uma história sobre o mar ... e eles adoraram e ficar super entusiasmados e então eu comecei a explorar algumas vertentes desse tema ...” (E5_L116-121)</p> <p>“... se eu agora fizer algum tipo dessa atividade seria com coisas redondas porque eles estão a descobrir que as coisas rebolam ... colocaria lá alguns materiais que não rebolassem para eles perceberem a diferença ... tudo depende daquilo que o grupo está a explorar ... aquilo que a gente também queremos desenvolver na altura.” (E6_L156-160)</p>
	<p><b>1.6 – Apresentação dos materiais;</b></p>	<p>“... concentrados num tapete, eles não são despejados assim para o tapete, eles são colocados no tapete de forma, assim com um cuidado estético, pode ser por pequenos grupos ... de diferentes formas ... organiza-se o espaço de forma a que seja estético e convidativo à exploração.” (E1_L91-95)</p> <p>“... em berçário gosto muito de utilizar o cesto , pois eles são pequenos e ainda não gatinham, o cesto dos tesouro, e nesse cesto pode conter vários materiais, não só elementos da natureza bem como podem ser cestos temáticos, alusivos a alguma época do ano ... se tiverem um ano ... eles andam muito à volta com tudo o que tem haver com as garatujas ... e então procurei promover alguma atividades que fossem ao encontro dessa forma ...” (E2_L101-110)</p> <p>“... sexta vou voltar a fazer e já tinha pensado fazer nessa sala que está livre de objetos e já posso organizar melhor, e como são alguns elementos da natureza, pôr e dispor, e ter algum cuidado na forma como vão estar organizados ...” (E3_L135-141)</p>

		<p>“... montei tudo em forma de círculo e como só tinha um pneu esse ficou no meio ... por grande e o pequeno ter aqui uma organização, também para ficar bonita à vista ... coloquei um papel de cenário grande na parede com marcadores e lápis de cera, mas eu quis controlar ali um bocadinho eu não disponibilizei logo aqueles materiais ...” (E4_L190-194)</p> <p>“...projetei um vídeo ... com o fundo do mar, onde iam aparecendo vários peixes, pus a sala um pouco escura e depois fui buscar papel celofane azul e coloquei nas janelas para eles verem tudo azul quando olham cá para fora ... depois coloquei vários elementos que eu tinha na sala, conchinhas, búzios, coisas dessas e fui expondo pela sala, coloquei mais papel celofane solto há vontade, pronto para ele poderem explorar como quisessem ... coloquei lá garrafas sensoriais, coloquei também rafia azul, dando a parecer as algas, tentei criar ali um ambiente do fundo do mar ... quando entraram ficaram todos espantados e eles adoram o som do fundo do mar, e então foi muito giro ... foi muito giro ver a surgir estas coisas, a única coisa que eu tinha feito diferente é que tinha colocado mais, apesar de ter colocado alguns como eles são dezanove devia ter colocado mais ...” (E5_L131-143; L154-156)</p> <p>“... dependo do que se vai fazer ... eu normalmente quando o faço espalho mesmo na sala e deixo estar, não faço grande diferença entre o tipo de material que é, se é de madeira, se é redondo se é quadrado, deixo o estar e depois a gente vê.” (E6_L151-154)</p>
	<p><b>1.7 – Limitações do BH;</b></p>	<p>“Não ... Às vezes pode ter haver com o tipo de material que se ponha à disposição, ... mas são situações que se vão resolvendo no momento, ... mas até agora não encontrei nenhum momento que não tivesse feito sentido, há provocações, ou seja, instalações que eu tenha feito que eles procuram mais que outras e que realmente estiveram mais envolvidos numas do que noutras, agora não houve nenhuma que eu achasse que não é adequado de todo ... uma preocupação minha é sensibilizar a nossa equipa de sala e não só das regras da brincadeira heurística, não é bem regras, mas os princípios que estão lá, que é não falar, nós temos muito tendência de interagir, intrometer-nos nas brincadeiras ... devíamos deixar as coisas acontecerem por elas. Tanto o falar baixo, a voz do adulto não ser a predominante, tem de ser a voz da criança que predomine...” (E1_L121; L249-256)</p> <p>“... limitações que eu tenho encontrado por vezes é em encontrar o momento em que nós adultos possamos dizer não terminou ... brincar heurístico nunca senti que fosse limitante ... muito pelo contrário sempre foi uma porta aberta para uma série de aprendizagens, aquisições, brincadeiras muito criativas.” (E2_L125-140)</p> <p>“Não, entre estas experiências que tenho proporcionado não ... eles não tenho de todo sentido, é mesmo na questão da recolha de materiais e tentar conseguir encontrar é mais nesse sentido porque depois no momento em si que está a acontecer ... têm sido calmas ...” (E3_L111-115)</p> <p>“... tenho algumas dificuldades em organizar e criar atividades e pensar em materiais a partir dos interesses deles ... uma dificuldade que tinha a ver com o material, ou seja, eu queria muito a participação da família, eu pedi a participação à família em termos de materiais e chegou muito pouco ...” (L) “... adulto nem sempre consegui fazer coisas como tentar não interagir, às vezes tive de interferir porque ou iam a morder-se ou a bater com algo pesado, mas conseguir observar, ver, porque eu ainda hoje estou tão envolvida em dizer o que é para fazer ... e quando experimentei a brincadeira heurística consegui pôr-me à margem, estar ali, mas posso ver e observar, não consigo observar todos, ainda assim à muita coisa que me passa sem eu ver ... e sempre fiz com o grupo todo e acho que não funciona com o grupo todo ... mas nunca experimentei dividir o grupo, mas acho que resultaria melhor.” (E4_L236-241; L127-130; L132-138)</p> <p>“... este salão que é mais amplo, mas sinceramente até não é muito bom porque tem alguns elementos e o ideal é que não tenha móveis nem outros brinquedos que os possam fazer fugir ao foco, então por isso posteriormente farei de forma diferente no futuro nesse sentido ...” (E5_L127-130)</p>

		<p>“... quem põem as limitações somos nós os adultos ... acho que o método em si não, nem as crianças, o adulto sim ... nós vemos perigos em todo o lado, e muitas vezes se nós os deixarmos estar eles não o fazem e não se torna perigoso ... é um problema de encaixe do adulto e não das crianças ...” (E6_L140-142; L144-148)</p>
2 – Caracterização do grupo	2.1 – Caracterização geral do grupo;	<p>“eles são um grupo calmo e curioso...” (E1_L156)</p> <p>“... eu senti é que eles se envolvem logo na descoberta numa maioria, ficam uma primeira fase a observar muito, porque é algo novo, diferente, mas depois eles começam a quer explorar todos os objetos, de todas as formas possíveis e imaginárias, envolvendo-se muito na atividade.” (E2_L158-161)</p> <p>“Curiosos, exploradores, tranquilo sobre tudo o que está a acontecer ...” (E3_L144-145)</p> <p>“... é um grupo mais desafiador ...” (E4_L232-233)</p> <p>“... são um grupo de muita disputa ...” (E5_L156)</p>
	2.2 – Diferenças notadas no grupo;	<p>“A diferença entre o ano passado e este ano é que a brincadeira heurística acontecia de forma mais esporádica e em momentos mais ... neste momento a brincadeira heurística acontece em sala constantemente. ... Diferenças depende do material que eles têm à sua disposição, sinto muito isso, que tem haver muito com os materiais.” (E1_L158-161; L166-167)</p> <p>“Não, eles exploram muito, podem não estar tão interessados, mas na maioria das vezes envolvem-se muito com os materiais.” (E2_L171-172)</p> <p>“... precoce, visto que só ainda fiz duas sessões, mas a nível de forma de estar, depois do momento do brincar heurístico se fomos alimentando e disponibilizando os objetos ... sinto-os muito curiosos e a moverem-se muito bem no espaço, a explorarem e a quererem ir mais além das suas capacidades ...” (E3_L148-158)</p> <p>“Até agora ainda não fiz mais nenhuma porque ainda não senti que os interesses deles pudessem ser associados a objetos possíveis de serem dispostos desta forma para eles os explorarem.” (E4_L216-218)</p> <p>“... ainda não tenho comparação ... mas posso te dizer que no meu grupo anterior, o dos cinco anos ... notasse porque lá está eles nas primeiras vezes era sempre uma novidade e a partir daí quando se apresentava eles já testavam de outra forma, eles já tentavam fazer outras coisas, às vezes até mais complicadas, há sempre uma evolução, pelo menos nesse grupo ...” (E6_L199-204)</p>
	2.3 – Importância do método na aprendizagem do grupo;	<p>“... na minha opinião não acho que seja só neste grupo, que se devia trabalhar em todos os grupos ... realmente temos aqui momento que se concentram muito nestes momentos ... se fosse um grupo muito agitado realmente acho que a brincadeira heurística permite que eles fiquem menos agitados, acaba por ser menos barulhento e acaba por não existirem tantos conflitos com os outros porque a brincadeira heurística tem de ter muitos materiais para possibilitar as trocas, para que não haja conflitos entre eles por causa da falta de material.” (E1_L97-109)</p> <p>“Sim, sim, sem dúvida ..., porque saímos do contexto habitual, do que é que é esperado ... o que vai promover o efeito surpresa e logo fazer crescer uma enorme curiosidade na criança ...” (E2_L117-122)</p> <p>“Não, entre estas experiências que tenho proporcionado não ... eles não tenho de todo sentido, é mesmo na questão da recolha de materiais e tentar conseguir encontrar é mais nesse sentido porque depois no momento em si que está a acontecer ... têm sido calmas ...” (E3_L111-115)</p> <p>“... neste grupo tenho sentido alguma dificuldade estando o grupo todo e por isso tenho feito tanto, portanto não tenho visto uma mais-valia, mas também não tenho experimentado e é o que eu dizia no início, ainda não experimentei dividir o grupo apesar de ver que funciona em grupos pequenos.” (E4_L226-230)</p>

		<p>“... acho que é muito produtivo, que a partir daí é mesmo uma forma que eles têm de desenvolver mais, de tocarem em elementos e desenvolverem brincadeiras, que noutra altura não tinham disponibilidade para e conseguimos ver naturalmente o que é que eles fazem, o que é que eles querem fazer, o que surge dali e não é nada muito produtivo é algo espontâneo e conseguimos ver espontaneamente o que é que cada um faz, como é que cada um reage aquela situação em concreto ... não existe um trabalho muito orientado e nesse aspeto é muito bom, porque tu tens atividades muito esquematizadas ...” (E5_L175-181; L189-190)</p>
	<p><b>2.4 – Competências desenvolvidas em sessões;</b></p>	<p>“Sim, ah parte motora sem dúvida, a parte da motricidade fina do enroscar e desenroscar ... socialização é a olhos vistos ... juntam e já fazem a pares, já fazem em grupo, portanto aí também está muito presente, a matemática também está lá sempre presente ... só não acontece de uma forma muito formatada, temos de estar a olhar.” (E1_L186-194)</p> <p>“... Matemáticas, muitas mesmo a nível da matemática, conceitos espaciais e noções espaciais, a exploração do dentro e fora, o empilhar ... área do conhecimento do mundo que quando os vejo a tentar observar o mundo de outras formas ... mesmo da comunicação eles mesmo não verbalizando muita coisa, eles vão conversando ... portanto não precisando do adulto ..., para poder potencializar a brincadeira ...” (E2_L189-202)</p> <p>“Imensas, de todo o tipo, basta nós darmos-lhes os materiais adequados e específicos e eles trabalham as competências que nós planeamos e pensamos e muitas vezes vão mais além, melhor dizendo quase sempre.” (E3_L160-162)</p> <p>“... o imitar quer o que o outro faz quer seja reproduzir o que é feito no quotidiano com certo objeto, o faz de conta, o partilhar com os pares, a motricidade fina, entre muitas outras. Depende ... o que se organiza, como se organiza e o que se pretende ... todas as competências são desenvolvidas ...” (E4_L300-305)</p> <p>“... trabalham a música, a expressão plástica ... a matemática porque tive alguns meninos que estavam a fazer conjuntos com os materiais mais pequenos ... a motricidade fina e motora, a socialização foi muito trabalhada, através das partilhas e das conversas ...” (E5_L197-202)</p> <p>“Com este grupo não te consigo responder a isso ... é muito cedo para apontar já competência ... o facto de ter acontecido e terem feito não quer dizer que tenham desenvolvido ...” (E6_L207-209)</p>
<p><b>3 - Opiniões</b></p>	<p><b>3.1 – Opinião dos pais;</b></p>	<p>“Estão muito satisfeitos, se eles até então não entendiam muito ... avaliação diferente, por portefólio digital ... acesso a fotografias e vídeos ... sei que alguns pais já vão fazendo algum deste tipo de brincadeiras em casa, já vão dando massas para eles brincarem ... tampas e as painéis para eles brincarem ... caixas de sapatos e outras para eles manusearem. Estão muito sensíveis para este trabalho desenvolvido.” (E1_L202-204; L212-216)</p> <p>“Vêm de uma forma muito positiva, porque eu também vou divulgando junto dos pais ... senti que por exemplo para eles já não era um problema se eles fossem brincar com os tachos e as painéis ... Tive muito este feedback ...” (E2_L204-208; L219-227)</p> <p>“Eles reagiram bem no geral, sim ... aqui tenho que trabalhar ... não colhemos logo os frutos ... nada de pressas ... quando eles começam a perceber os benefícios deste método, como o envolvimento dos filhos e do que são capazes porque têm um leque de vários materiais para poderem explorar e que nesta fase é muito importante ...” (E3_L173-175; L178-188)</p> <p>“O feedback que eu tenho dos pais foi mais nos momentos de avaliação e não me manifestam opinião muito formada ... eles olham e percebem o porque das crianças já fazerem certas coisas em casa e ficam admirados de como eles já fazem certas coisas sozinhos ... O que eles me transmitem é que vêm o processo e a evolução em casa ...” (E4_L309-310; L312-314; L317-318)</p> <p>“... nunca disse propriamente que ia fazer a brincadeira heurística ... que eu fiz foi como nós temos a plataforma ... expôs lá o que eu fiz e eles também ficaram muito admirados e gostaram bastante ... é uma coisa diferente ...” (E5_L207-208; L212-216)</p>

		<p><i>"Não porque nós temos o método CV e não podemos estar a especificar outros métodos ... aos pais o que nós dizer é que estamos a desenvolver o método CV." (E6_L213-218)</i></p>
	<p><b>3.2 – Sensibilização de outros para o método;</b></p>	<p><i>"... acho que era essencial ... acho que é muito importante que todos, não só a brincadeira heurística, mas que todos os colégios estejam sensíveis á brincadeira ... se queremos que as aprendizagens sejam efetivas têm de ficar nas memórias ... através do brincar, de uma forma lúdica ..." (E1_L224-234)</i></p> <p><i>"Eu acho extremamente importante e tenho pena que mais pessoas não o conheçam." (E2_L236-237)</i></p> <p><i>"... acho que cada vez mais há escolas e colégios a trabalharem, mas sim há colégios que não o fazem ... eles têm tudo neste método é preciso é darmos-lhes espaço e os objetos e deixarem-nos fazer as suas explorações e conquistas ..." (E3_L191-195)</i></p> <p><i>"... sempre tive esta ideia que o educador de infância não pode ser aquele que tirou o curso, tem um diploma e pronto ... é uma profissão que está em constante evolução e que requer constante aprendizagem ... tenho muita pena que realmente no nosso curso ... houve tanta coisa que não foi falada ..." (E4_L326-330)</i></p> <p><i>"... acho que é pouco divulgado tanto este como todas as outras coisas diferentes, eu acho que infelizmente nas faculdades que é muito direcionado para o método tradicional e que não exploram o resto ... É muito importante evoluirmos, cada um toma a decisão se quer ou não fazer, mas pelo menos os conteúdos deveriam ser passados na faculdade ..." (E5_L219-221; L234-237)</i></p> <p><i>"... acima de tudo devia ser mais divulgado principalmente nas faculdades, o meu curso já terminou a alguns anos longos, mas o que eu ouvi falar foi por colegas e elas ouviram falar em formações que iam." (E6_L232-234)</i></p>
	<p><b>3.3 – Opinião a cerca da não implementação do método noutros colégios;</b></p>	<p><i>"... acho que tem muito a ver com a formação académica ... estamos muito ligados aos conhecimentos, preocupamo-nos muito, se sabem as cores ... olhar mais para as competências e não tanto para os conteúdos ... colégios ... com ranking ... os pais também procuram muito escolas que trabalhem a matemática e o português ..." (E1_L237-246)</i></p> <p><i>"... acho que é por um conjunto de coisas, tem haver com alguns colégios ... E por outro lado também é por muita falta de informação ... muitas educadoras não procurarem saber ... mais ..." (E2_L241-254)</i></p> <p><i>"Não sei, falta de informação." (E3_L197)</i></p> <p><i>"... acho que faz falta sim na formação ouvir-se falar da brincadeira heurística, mesmo do cesto dos tesouros." (E4_L343-345)</i></p> <p><i>"... não sei sinceramente, mas pela pouca informação que existe a cerca desta abordagem, não acredito que muitos colégios os apliquem, se calhar algumas educadoras o façam, mas é um método pouco divulgado e muito pouco conhecido." (E5_L239-242)</i></p> <p><i>"... não é um método muito conhecido, mas muitas das vezes as educadoras conhecem ... não aplicam esta abordagem porque não vai de encontro ao que o colégio desenvolve e por vezes tentam fazê-lo, mas não é transmitido porque não é base do colégio ..." (E6_L229-232)</i></p>

## **4. Guião da Entrevista a educadoras que não conheciam o Método;**

BLOCOS	OBJETIVOS		GUIÃO DE QUESTÕES
<b>BLOCO A</b> Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elucidar a entrevistada acerca do estudo em que se enquadra a entrevista;</li> <li>- Obter concordância da educadora para participação no estudo;</li> <li>- Garantir confidencialidade da informação prestada, no âmbito do trabalho a desenvolver;</li> <li>- Obter permissão para registo áudio da entrevista.</li> </ul>	/	/
<b>BLOCO B</b> Dados de Caraterização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a educadora</li> <li>- Conhecer o percurso académico da educadora;</li> <li>- Obter informação acerca da experiência da educadora;</li> <li>- Saber o tempo de docência;</li> </ul>	Fale-me um pouco sobre o seu percurso académico e profissional.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Em que universidade estudou?</li> <li>2. Qual a sua formação académica?</li> <li>3. Quantos anos de experiência tem na área?</li> <li>4. Há quanto tempo leciona no colégio?</li> <li>5. Quais as funções que exerce atualmente?</li> <li>6. Porque escolheu esta profissão? E qual a sua maior motivação?</li> </ol>
<b>BLOCO C</b> Brincar Heurístico em creche  (onde se encaixa a descrição do método)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber como descobriu o método;</li> <li>- Conhecer a visão da educadora sobre a Brincadeira Heurística;</li> <li>- Verificar a aplicação da BH na prática pedagógica da educadora;</li> </ul>	<p>Na sua experiência como educadora qual o papel que tem a brincadeira em contexto de creche? No dia-a-dia como se desenvolve essa brincadeira?</p> <p>Alguma vez ouviu falar no conceito de brincar heurístico?</p> <p>Se não: Explicitar o conceito e solicitar à entrevistada o que acha deste tipo de brincadeira e qual a razão dessa opinião?</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>7. Quanto tempo é dedicado à brincadeira?</li> <li>8. Que tipo de brincadeiras?</li> <li>9. Orientadas/Não orientadas?</li> <li>10. Espaços e tempos das brincadeiras.</li> <li>11. Conhece o método Brincadeira Heurística? Se sim, o que entende por BH?</li> <li>12.. Em que contexto a conheceu?</li> <li>13. Já desenvolveu a BH com algum grupo?</li> <li>14. Consoante a definição dada, que competências acha que o BH desenvolve?</li> <li>15. Sendo um material de natureza quotidiana, que vantagens pode este trazer à criança?</li> <li>16. Considera que as utilizações dos mesmos materiais trarão desvantagens?</li> <li>17. Consoante a conversa e a sua opinião atual do BH, gostaria de o aplicar futuramente, e porquê?</li> </ol>
<b>BLOCO E</b> Opinião	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a opinião das educadoras em relação à divulgação do método BH;</li> <li>- Conhecer a opinião das educadoras em relação à aplicação do método BH;</li> </ul>	<p>Acha importante sensibilizar outros colégios para esta prática educativa? Porquê?</p> <p>Na sua opinião porque é que acha que outros colégios ainda não implementam este método?</p> <p>Gostaria de acrescentar alguma coisa sobre este tema, que não tenha ainda sido abordado na entrevista.</p>	<p>Nota: Só se aplica este bloco de perguntas a quem tenha dito que conhece o brincar heurístico.</p>

## **5. Transcrição das Entrevistas;**

## Transcrição da Entrevista 7

25/01/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber se conhece e mais a cerca do método Brincadeira Heurística. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Para começarmos fale-me um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional.

**Educadora 7:** Eu acabei o curso em 1997, tive um ano a saltitar de um lado para o outro a fazer baixas de parto, estive no outro ano, entrei num externato com um grupo misto, estive dois anos e depois vim para aqui, portanto desde 2000 que estou aqui, já á 19 anos.

**Entrevistadora:** Em que faculdade fez o curso?

**Educadora 7:** Estive na Maria Ulrich o bacharelato, e depois tirei no ISEC a licenciatura.

**Entrevistadora:** E porquê esta profissão?

**Educadora 7:** Porque sempre me fascinou as crianças, desde pequena que sempre me vi rodeada de crianças e sempre gostei pronto.

**Entrevistadora:** Em relação à sua experiência, como vê a brincadeira em creche, qual a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil?

**Educadora 7:** Com a brincadeira, eles com a brincadeira desenvolvem montes de aquisições, em vez de nós estarmos a impingir faz isto, faz aquilo, eles ao explorarem tudo o que está à sua volta deles, eles vão aprendendo.

**Entrevistadora:** Durante o seu percurso, tem observado mais brincadeiras orientadas ou não orientadas?

**Educadora 7:** Eles brincam muito livremente, mas cada vez mais a sociedade exige que a gente oriente a brincadeira. E é um erro, porque eles estão na altura de brincar, e a brincar é que eles fazem imensas aquisições mesmo a nível da social, socializando-se uns com os outros. Eles fazem muitas aquisições ao brincarem livremente. Mas a

sociedade às vezes empurra-nos para nós orientarmos mais o trabalho dos meninos, o que eu acho que não está muito correto.

**Entrevistadora:** Alguma vez ouviu falar do brincar heurístico?

A educadora revelou antes de iniciarmos a entrevista que não conhecia o método, e quando a diretora lhes falou da entrevista que ia ser realizada esta foi pesquisar a cerca do tema para estar preparada para responder às perguntas.

**Educadora 7:** Admito que ouvi falar quando a diretora nos disse que vinham cá fazer entrevistas, e então para estar preparada para alguma pergunta fui primeiro pesquisar sobre o tema, eu não conhecia o método.

**Entrevistadora:** Pronto, então pelo que pesquisou, o que é que acha que é o Brincar Heurístico?

**Educadora 7:** É isso mesmo que eu acabei de dizer, eles ao brincarem livremente com tudo o que lhes apresentam, com a própria curiosidade que eles têm eles vão aprendendo com os próprios brinquedos, com o que têm, não há nada impingido, ah eu li numa das minhas pesquisas que eles com os brinquedos sentem-se frustrados porque têm de fazer o que o brinquedo pede para fazer e com aqueles materiais não eles exploram de várias maneiras e não lhes é impingido é livremente é diferente, o prazer é completamente diferente.

**Entrevistadora:** Então nunca experimentou o brincar heurístico, com um grupo?

**Educadora 7:** Já, já eu já lhes dei os materiais, mas nem sabia que era o brincar heurístico. Eu não sabia que era esse método, não fazemos isso sempre, mas quando planeamos e fazemos essas sessões realmente o prazer deles é diferente, porque eles adoram brincar com tudo o que não é para brincar, por exemplo damos-lhes uns caixotes para as mãos e eles brincar de todas as maneiras, eles põem-se dentro e fazem casinhas, fazem carros, fazem montes de coisas e e fazem-no com uma satisfação e com um prazer completamente diferente do que quando nós estamos a orientar uma atividade.

**Entrevistadora:** Então os materiais que observou, são materiais naturais e do dia a dia, certo?

**Educadora 7:** Sim, certíssimo.

**Entrevistadora:** Qual é a sua opinião a cerca destes materiais?

**Educadora 7:** Olha agora fala-se muito da reciclagem, cada vez mais se fala na reciclagem e nós este ano também estamos a trabalhar a reciclagem, portanto esse

material faz todo o sentido, porque podemos aproveitar todo o material que vai para o lixo, muito desse material e eles aprenderem muito ao brincarem com ele aprendem imensas coisas não é.

**Entrevistadora:** Acha que este material traz mais benefícios do que um carro de plástico por exemplo.

**Educadora 7:** A nível, como é que eu hei de dizer, a nível da criatividade, sim. Porque com esse tipo de material podem fazer o que eles quiserem e com o carro eles só podem brincar como um carro.

**Entrevistadora:** Em relação ao que leu e com tudo o que falamos a cerca da sociedade, acha que este método tem “pés para andar” aqui em Portugal?

**Educadora 7:** Eu acho que sim. Quer dizer tem “pés para andar” fazendo sessões de vezem quando, porque trabalhar todos os dias, não.

**Entrevistadora:** Sim, claro, o brincar heurístico é um método e não um modelo

**Educadora 7:** Acho muito bom essas sessões por exemplo uma vez por semana, acho que seria muito muito bom.

**Entrevistadora:** E porquê que nunca ouvimos falar neste método?

**Educadora 7:** Eu já tirei o curso à muitos anos, mas sim foi agora a primeira vez que ouvi falar, mas se calhar é mesmo por isso por cada vez se falar mais do ambiente, do que estamos a fazer ao ambiente e as pessoas muito mais viradas para a natureza, as pessoas agora pensam muito mais nesse tipo de coisas do que antigamente se pensava na minha altura, começou-se a falar de reciclagem, foi quando se começou a fazer a reciclagem, a maior parte das pessoas não faziam e agora não já há um abertura conhecimento muito maior para esse tipo de coisas e pronto alguém criou esse método.

**Entrevistadora:** E alguém da criatividade como já falamos que mais competências acha que o brincar heurístico desenvolve?

**Educadora 7:** Primeiro como essas sessões são com vários materiais e com muito material, em crianças pequeninas até aos três anos é muito bom porque eles não precisam de partilhar inicialmente, pois nas primeiras sessões devem brincar muito sozinhas, depois ao fim de algumas sessões já começam a socializar-se uns com os outros e na exploração e a nível motor também ajuda, eu acho que os desenvolve a nível, a todos os níveis.

**Entrevistadora:** Para terminarmos, gostaria de acrescentar mais alguma coisa, alguma opinião sua que não foi falada ou alguma questão que tenha?

**Educadora 7:** Não, eu acho que é um método, que ainda bem que veio porque é um método que a gente pode começar a praticar.

**Entrevistadora:** Obrigada pela participação.

## Transcrição da Entrevista 8

25/01/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber se conhece e mais a cerca do método Brincadeira Heurística. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Boa tarde, para começarmos gostava que me falasse um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 8:** Então o meu percurso profissional, começou como auxiliar, eu não tinha curso, depois estive aqui para aí cinco anos e depois fui tirar o decimo segundo ano e depois fui para a faculdade, entrei na Piaget lá foi bom porque nós lá fazemos testes psicotécnicos para professora e educadora e eu deu-me para educadora, depois como era longe não consegui e congelei a matrícula, fui para a Maria Ulrich tirei lá bacharelato três anos e depois sempre estive aqui a trabalhar, sempre, depois do bacharelato tirei a licenciatura no ISEC passado quê, passado 10 anos é que tirei a licenciatura, depois disso não fiz mais nada, mas estive sempre aqui estou aqui á 30 anos.

**Entrevistadora:** E porquê querer ser educadora?

**Educadora 8:** Pronto, por isso mesmo, por isso é que eu comecei na Piaget, portanto quando eu entrei eu queria ir para professora primária, mas depois, o que foi bom e não estou arrependida digo-te, portanto ainda bem que eu fui para educadora, porque eu sempre quis ser professora primária desde criança. Só que como os testes deram para educadora eu assim olha se calhar o meu perfil é mesmo para educadora e então vim e daí eu ir para educadora, e não me arrependo, não, porque eu identifico-me mais com as crianças mais pequenas do que com as crianças mais velhas. Sem dúvida.

**Entrevistadora:** Mais relacionado com o brincar heurístico, que tem haver com creche, com meninos mais pequenos.

**Educadora 8:** Sim, eu sei eu estive a ver, para mim é um termo novo.

A educadora revelou que não conhecia o método, e quando a diretora lhes falou da entrevista que eu ia realizar esta foi pesquisar a cerca do tema para estar preparada para responder às perguntas.

**Educadora 8:** É um termo novo, sim. Eu quando ouvi falar na entrevista disse logo que sim, porque não me importava e não me importo porque acho que as pessoas têm de se prontificar para os outros conseguirem trabalhar, mas na altura estava a falar do teu tema que é o brincar heurístico, e pensei eu sei o que é isto, se ela me vem fazer perguntas, mas foi bom sabes porquê, porque despertou-nos a atenção a X e a X, e dissemos nós podemos fazer isto nem que seja uma vez por mês.

**Entrevistadora:** Se vocês quiserem eu até posso vir mostrar-vos uma ou outra sessão com os meninos.

**Educadora 8:** Sim, eu por acaso estava a pensar nisso

**Entrevistadora:** Eu posso estar um bocadinho com cada grupo e realizar uma ou duas sessões para cada sala.

**Educadora 8:** Era uma boa oportunidade, sim. E gostava muito, porque eu já pensei, eu estou na sala dos dois aos três anos. O brincar heurístico é realizado todos os dias ou é mais esporádico, certo?

**Entrevistadora:** Sim, o brincar heurístico não é todos os dias, é quando sentimos necessidade de o apresentar ao grupo, é um método muito centrado nos interesses da criança e surge com naturalidade, não tem de ser algo imposto uma data e um dia para o fazer. Por exemplo o grupo está muito interessado nos sons, e a educadora tentou apresentar uma brincadeira heurística sem som e eles não aderiram, porque eles queriam som, som.

**Educadora 8:** Pois, exato. Eu vi uns vídeos aqui, e gostei muito. O objetivo deste método qual é que é?

**Entrevistadora:** É a criança e a sua explora ao máximo. A voz ativa da criança.

**Educadora 8:** Mas é para eles...

**Entrevistadora:** Desenvolverem a criatividade, a calma, a partilha e o conhecimento entre eles.

**Educadora 8:** E aqui estou eu a fazer perguntas, pronto desculpa.

**Entrevistadora:** Mais relacionado com a brincadeira livre, qual é a tua opinião?

**Educadora 8:** Eu acho muito importante a brincadeira em todas as idades de jardim de infância e creche, porque é a brincar que eles vão explorar é a brincar que eles vão

aprender e vão adquirir muitos conhecimentos é através do brincar, sem dúvida que eu valorizo muito o brincar.

**Entrevistadora:** Brincar de uma forma orientada ou não orientada?

**Educadora 8:** Eu acho que tem de haver as duas coisas, tanto que na sala o que eu faço é há brincadeira livre, que eu chamo de brincadeira livre, mas depois também há a orientada, que são as atividades que eu faço com eles, ainda hoje eu fiz um jogo que é o jogo do cobertor, que é para explorar o esquema corporal e eu acho que correu muito bem foi um jogo, mas foi orientado e também transmitia calma porque eles tinham de estar calados, gosto muito deste jogo para começar o corpo humano, mas não foi porque antes disso já todos se observaram ao espelho.

**Entrevistadora:** Já falamos um bocadinho sobre o método e sem saberes que estavas a trabalhar o brincar heurístico alguma vez fizeste alguma atividade idêntica a esta abordagem?

**Educadora 8:** Sim, por exemplo eu até tenho e ainda não trouxe este ano, como eles têm a sessão de música com a professora, para mim é ótimo mas depois acabo por não fazer mas eu ainda tenho com o outro grupo, eu tinha garrafas de plástico com várias coisas lá dentro: com grão, com pedras, com areia, sei lá. E fazia uma sessão com sons, com um cd, com essas garrafas. E depois também há aquelas alturas que já fiz este ano também que é rasgagem onde eles têm fazer o enfiar na garrafa. Eu utilizo materiais de desperdício, isso eu tento e com rolos de papel higiénico também já temos feito. O que me despertou a atenção deste método e era isso que eu gostava de saber e fazer, que é ter, ao fim ao cabo, aquele dia que eu faço meditação que eu digo que é o jogo da viagem, fazer um jogo do tesouro que vocês chamam...

**Entrevistadora:** Ah!, o cesto dos tesouros

**Educadora 8:** Exatamente, que para ter na sala é mais difícil, no recreio é um espaço também muito grande e implica também o jardim de infância. E se eu tiver a caixa ou um cesto ou um saco, isso depois depende do que é que seja que se chame isso, para desenvolver, por isso é que eu queria também perceber

**Entrevistadora:** Sim sim, o Brincar Heurístico são sessões de 20 minutos a meia hora...

**Educadora 8:** Exato, também aquela meditação é isso

**Entrevistadora:** ...em que nós disponibilizamos, tem muito a ver com a estética porque é a estética que os vai chamar à atenção, a forma como nós pomos os materiais no chão. Porque se nós fizermos um monte no chão, eles podem...

**Educadora 8:** Atirar-se lá para cima

**Entrevistadora:** Pois e não ligam nenhuma ao que é.

**Educadora 8:** Eu achei interessante um que vi que é um fio ou uma corda e depois os rolos de papel higiênico e eles andam para ali para trás e para a frente. Aquele do lençol também gostei muito que é um lençol pendurado roto, engraçado, eles vão espreitar mas também tendo um cesto em baixo com bolas eles vão tentar tirar.

**Entrevistadora:** E há muitos que tentam se os buracos no lençol forem suficientemente baixos, eles tentam meter-se, se tiverem suficientemente tamanho, eles tentam passar lá. Ontem eu observei uma, que era de círculos ...

**Educadora 8:** Com jornais também e isso dá para fazer muito movimento, eles mais crescidos, com esta idade ainda não experimentei, mas já vi que se calhar também dá para fazer. Porque o que eu fazia era uma folha de jornal para cada um onde nós depois dávamos várias noções, aí não é como eles querem porque é assim, eu dizia vamos por os pés em cima, vamos por o jornal em cima da cabeça e vão dando estas noções com uma folha de jornal.

**Entrevistadora:** Claro, mas aqui (no método do Brincar Heurístico) o adulto está mesmo em silêncio, o adulto aqui não interage em nada. Interage se houver algum momento...

**Educadora 8:** O que eu gostava de saber, de tirar ideias, alguns materiais eu já vi mas o como expor aquilo que estás a dizer.

**Entrevistadora:** Mas sim eu depois posso vir cá.

**Educadora 8:** Eu não me importava nada se for possível.

**Entrevistadora:** Sim sim, é uma forma até, além de eu aprender mais porque acabo por sempre aprender mais.

**Educadora 8:** Aprendemos sempre, é o que eu digo sempre. A terapeuta também veio cá e aprendi imenso com ela, aprende-se sempre.

**Entrevistadora:** É sempre bom ouvirmos os outros e darmos as nossas...

**Educadora 8:** Eu cheguei a ir a ações de formações, agora já a algum tempo que não vou, sou sincera, mas fui a uma de creche que eu achei importante e tem a ver se calhar com isto, mas também ainda não consegui perceber como é que aquilo foi exposto. Que elas põem nas paredes aquilo para os bebés mais pequeninos, não é para os mais velhos porque acho que os mais velhos chegavam lá e arrancavam aquilo tudo, mas para eles mexerem mas não estão a mexer. É com tintas, é com vários materiais mas eu não sei é como é que eu hei de prender aquilo na parede, vou tentar descobrir.

**Entrevistadora:** Eu tive em berçário há alguns meses e fiz com sacos de congelação, pus tinta lá para dentro e eles mexiam.

**Educadora 8:** Mas era na mesa então?

**Entrevistadora:** Não, eu meti num vidro.

**Educadora 8:** Mas como é que colas?

**Entrevistadora:** Fita-cola, eu meti fita-cola em cima...

**Educadora 8:** Mas lá está, então aquilo não é para...

**Entrevistadora:** É para ficar fixo

**Educadora 8:** Fica fixo mas depois retira-se?

**Entrevistadora:** Sim

**Educadora 8:** Ah pronto! Eu faço essa pintura para aqueles meninos, porque é ótimo, eu tenho sempre meninos, há sempre no grupo quem não gosta de pintar com as mãos e então aprendi a por a tinta com o plástico por cima.

**Entrevistadora:** Eu fiz em berçário e eles andavam a gatinhar lá em cima.

**Educadora 8:** Foi tão engraçado porque ele fez e de repente olha para as mãos...

**Entrevistadora:** E estavam limpas!

**Educadora 8:** Exato! É ótimo isso e eu queria ter feito isso o ano passado por causa deste menino, mas nunca percebi... Portanto é sacos de congelação...

**Entrevistadora:** Depois mete-se a tinta lá dentro.

**Educadora 8:** Se calhar é uma boa ideia, tenho de experimentar.

**Entrevistadora:** Que competências achas que o brincar heurístico desenvolve?

**Educadora 8:** É assim nesta idade eu acho que é aqui que eles vão a nível sensorial, a nível emocional eles aprendem aqui nas áreas todas, e nós também a nível do comportamento também conseguimos identificar quando eles estão bem ou mal, daí depois ajudar-nos. Eu acho que eles desenvolvem tudo através da brincadeira.

**Entrevistadora:** E o material o quê que achas do material utilizado, o que é que é de diferente neste material?

**Educadora 8:** Pelo que eu percebi este é mais o material de desperdício, só?

**Entrevistadora:** Materiais de desperdício, do dia a dia, da natureza, é tudo o que possamos utilizar, sem serem brinquedos já pré formatados.

**Educadora 8:** Ah sim, as panelas, as colheres de pau, olha ia deitar fora as minhas colheres de pau e já não deito, irei utilizá-las.

**Entrevistadora:** Por exemplo eu ontem assisti a uma sessão que abordava a forma do círculo, ou seja, estavam a ser utilizados materiais de todo o tipo que tivessem a forma do círculo...

**Educadora 8:** Neste método trabalha-se por temas?

**Entrevistadora:** Depende do grupo e dos interesses do grupo, se sentirmos que o grupo está muito virado para os sons, podemos proporcionar uma sessão de produção do som.

**Educadora 8:** ah, sim sobre os interesses deles. Eu acho que o material é ótimo, porque são materiais diferentes, mas ao menos tempo iguais aos que eles já estão habituados em casa e no seu dia a dia e a ligação destas sessões com a natureza é espetacular.

**Entrevistadora:** Acha que este método é um método bom para implementar em Portugal?

**Educadora 8:** Isto não... lá está o que eu à bocado disse não é divulgado, mas eu acho que se fosse mais divulgado, se calhar havia para colégio a aderirem, porque eu tive curiosidade, eu e as minhas colegas. Eu e a X tivemos muita curiosidade, por exemplo há diversos materiais que nós podemos guardar. Por exemplo nós temos caixas enormes que utilizamos só no dia da criança e em vez de ser só no dia da criança podíamos fazer uma vez por mês, porque nós temos a oportunidade de ter as caixas e eles adoram, nós no dia da criança fazemos um dia diferente com materiais que lá está é no dia da criança é um dia por ano. Porque eles com as caixas fazem tanta coisa.

**Entrevistadora:** Há mais alguma coisa que queiras acrescentar ou alguma dúvida?

**Educadora 8:** Não, acho que deve ser mais divulgado, porque afinal nós já fazemos isto, mas assim fazemos com uma intenção diferente e com mais certezas do que estamos a aplicar.

**Entrevistadora:** Obrigada pela disponibilidade.

## Transcrição da Entrevista 9

25/01/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber se conhece e mais a cerca do método Brincadeira Heurística. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Pode me falar um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 9:** Então eu tirei o curso de educação de infância na escola superior de educação de leiria, fiz licenciatura não apanhei o bacharelato, foi licenciatura durante quatro anos em que terminei o curso em 2008, tive a trabalhar um ano e meio nos açores, que é de onde eu sou natural, tive lá a trabalhar em creche, também fiz um part-time em jardim de infância, no atl. Um ano e meio depois vim para lisboa tentar a minha sorte e arranjei colocação aqui no colégio e estou cá a trabalhar em creche desde 2010, ou seja, vai fazer nove anos e sempre estive na área da creche, sempre na mesma faixa etária um ano e dois anos. Estou a trabalhar na área já á 11 anos, mas só á nove é que é na faixa etária da creche. Pronto é uma faixa muito interessante, trabalhosa, mas muito interessante porque quando eles começam a dar os primeiros passos, ainda apanho alguns que vem a gatinhar, apanho essa fase de eles começarem a soltar-se dos objetos e a arriscarem andar sozinhos, as primeiras palavras também. A minha sala é heterogénea, tenho meninos de um ano e de dois anos, a partir de uma certa altura, dois meses depois, já começo a observar uma interação uns com os outros, até meados do mês de dezembro ainda estão cada um por si, são muito egocêntricos, a partir dai começam então a interagir e brincar uns com os outros e nota-se que eles se unem cada vez mais com o passar dos meses.

**Entrevistadora:** Então e porquê a escolha de ser educadora? Qual a sua motivação?

**Educadora 9:** Porquê quer ser educadora? Era a tal questão que me faziam sempre quando eu dizia que queria ser educadora e eu respondia “porque gosto muito de crianças”, era aquilo que eu dizia sempre porque o meu pai na altura era condutor da santa casa e sempre estive muito contacto com muitas crianças, porque apanhava

muitas vezes boleia com o meu pai e ia com as crianças quase todos os dias e apesar do momento da carinha não ser o mais calmo, nem o mais pacífico criou o bichinho e não sei, sempre me disseram para eu pensar melhor, mas eu segui o meu sonho, isto porquê, porque eu não me via a fazer mais nada. Inicialmente achei fascinante a área da pediatria, mas pronto isso exigia muito a nível de estudo então foi uma área que foi logo colocada de parte e então o mais perto de criança que poderia estar era ser educadora e fui para educação de infância.

**Entrevistadora:** Na sua experiência como educadora qual é a sua opinião da importância da brincadeira?

**Educadora 9:** A brincadeira, eu acho que a brincadeira é muito importante e às vezes dou por mim a pensar, será que os deixo brincar demais, depois penso, não, não eles precisam de brincar e por exemplo com esta faixa etária dos dois anos eu noto muito isso. Como o grupo dos dois anos passa por mim dois anos eu vejo aquela mudança deles e também eu noto muita diferença de menino para menina, o tipo de brincadeira que eles são capazes de inventar, de improvisar, de criar o que isso trabalha a imaginação. Acho muito importante o brincar e os desenhos acho que também é muito importante deixá-los desenhar, desenhar á vontade, é ótimo e fantástico para desenvolver a criatividade, para os deixar expandir e o brincar acho que é tudo. Para eles é tudo, é onde eles partilham, aprendem a ... na minha prática em sala tento fazer sempre uma atividade orientada, mas depois também tento que essa atividade, pode ser uma coisa planeada ... por exemplo no outro dia um menino trouxe uma história do panda com a banda do panda e deu-me assim um cliq de que há tanto tempo que eu não exploro os instrumentos musicais e eu aproveitei a história da criança e disse-lhes vamos ver se também temos esses instrumentos cá na escola e fui buscar e assim criei um atividade de exploração dos instrumentos e tento pegar muito no que eles me trazem de casa e às vezes não é fácil, mas tento sempre eu simular e adaptar alguma coisa através do que eles me dão.

**Entrevistadora:** Em relação a tempos e espaços, na sala existem cantinhos?

**Educadora 9:** A minha sala é mais livre, mais aberta, não tem muitos cantinhos, eu tento criar os cantinhos durante a rotina, não tenho assim estipulado o cantinho da casinha. Pronto a minha sala não tem cantinhos, eu improviso com eles, tenho uma mesa de atividades, mesas essas que são fáceis de mexer e o que é que eu faço durante o dia eles gostam muito de brincar ao faz de conta e então eu com eles crio o espaço para a casinha, onde eles podem brincar com as loiças, os bebês. Depois tenho os tapetes onde também organizo para eles brincarem com outros materiais.

**Entrevistadora:** Em relação aos tempos das brincadeiras, existem mais brincadeiras orientadas ou não orientadas?

**Educadora 9:** Sim por exemplo nós temos a rotina do almoço e temos de cumprir esses horários, então as atividades e as brincadeiras é sempre inserida antes desse horário, enquanto uns fazem uma atividade os outros estão a brincar, a brincar livremente, às vezes também orientadas por mim ou pela auxiliar da sala, tento sempre que eles tenham muito tempo para brincar, mas existe quase todos os dias uma atividade orientada em sala, não quer dizer que todos a realizem nesse dia, mas eu oriento uma atividade enquanto uns brincar outros fazem, não tem sempre atividades de grande grupo.

**Entrevistadora:** Como sabe eu vim cá por causa da minha tese sobre o brincar heurístico, e gostava de saber se alguma vez ouviu falar a cerca deste método?

**Educadora 9:** Sim, eu já ouvi falar, porque a diretora disse-nos que vinhas cá falar-nos e perguntar-nos coisas a cerca desse tema e acho que é um tema que eu tento aos poucos e pouco ir introduzindo na sala, mas se calhar não o estou a fazer de forma tão eficaz.

**Entrevistadora:** Mas está a tentar desde que a diretora falou consigo ou antes?

**Educadora 9:** Não, não já antes disso.

**Entrevistadora:** Ah então já conhecia antes disso.

**Educadora 9:** Sim já tinha ouvido falar mesmo, naquelas revistas de educador às vezes tem aqueles textos informativos, e na altura que a diretora nos falou nisso eu pensei logo, vou procurar aquele texto para ler um bocadinho sobre isso novamente porque queria saber um pouco, mas sim já ouvi falar e sei que mesmo nas redes sociais eu vejo muitas partilha a cerca de tema e acho que é fantástico, mas sinto que me falta é a disponibilidade e o material que é necessário arranjar. O que eu costumo fazer com eles é uma espécie de brincadeira heurística, é trazer caixas de cereais ou garrafas de água, material que eu tenha em casa, tampas, rolhas de cortiça, e então eu trago e deixo-os brincar livremente. Eu tenho sempre um objetivo por trás, por exemplo desenvolver a motricidade fina, quando é as garrafas de água com as rolhas eles adoram fazer enfiamentos, e quando terminam as rolhas tentam sempre improvisar com o que têm, mas acaba por ser uma atividade orientada por mim, eu acabo por dar instruções e estar com eles. É isto que é o jogo heurístico?

**Entrevistadora:** É assim a brincadeira heurística tem como objetivo central disponibilizar o material ao grupo e o adulto tem o papel fundamental como observador apenas

**(Expliquei o que era o método brincar heurístico, dando exemplos de materiais, da organização do espaço, tempo, entre outras observações)**

**Educadora 9:** É muito interessante, eu inconscientemente tento, acho que vou tentando fazer isso um bocadinho para a sala, se calhar não é com essa intenção tão livre, tão espontânea, eu acabo por levar sempre material a mais em grandes quantidades, mas que tenho sempre que intervir, mas talvez também desconhecia esta questão do adulto não intervém só assiste.

**Entrevistadora:** É difícil não intervir, eu na primeira vez que assiste a educadora disse-me, não, deixa-os.

**Educadora 9:** É uma educadora que já faz isso a algum tempo.

**Entrevistadora:** Sim, começou no ano passado, estava numa sala de um ano e acho que tinha de ter mais ferramentas para desenvolver atividade com o grupo e então conheceu o brincar heurístico numa formação. Uma coisa muito importante é que o brincar heurístico não é um modelo, mas sim um método e deve ser feito quando percebemos que é necessário, não precisa de ser uma rotina e numa sessão tem de existir sempre objetivos a desenvolver tal como todas as atividades propostas pelo educador.

**Educadora 9:** Sim, é curioso, agora que estavas a explicar eu estava-me a lembrar que vejo o meu grupo a brincar muito com os legos, eles brincam, constroem com os legos, mas também sinto muito que se eles tivessem na sala uma oficina, eles pegam nos legos e começam a martelar e eu comecei a pensar o que é que poderia fazer, o que é que poderia arranjar para eles poderem expandir aquela tendência que eles têm para martelar com qualquer objeto, eu sei que eles estão a improvisar, mas também acho que é importante eles perceberem que os legos não servem para bater e eu estive a pensar o que é que era bom. E se calhar tu é que és boa para me dar ideias? (risos)

**Entrevistadora:** Objetos bons podem ser blocos de madeira, e ver o que eles fazem com eles, deixarem o lego que é uma peça mais pequena para um objeto maior e ver o que eles acham e constroem com eles, que os leve se calhar a utilizar o objeto com martelos ou então arranjar diferentes formas de blocos, retângulos, triângulos, quadrados e ver o que eles a partir daí o que é que eles exploram e constroem.

**Educadora 9:** Sim, poderei tentar, sim é uma estratégia. O brincar heurístico é bastante interessante, já tinha lido sobre isto, mas estar a ouvir de alguém que já observou e realizou é muito diferente.

**Entrevistadora:** Consoante a definição dada que competências na tua opinião são desenvolvidas durante uma sessão de BH?

**Educadora 9:** Segundo o que falaste acho que todas as competências podem ser desenvolvidas numa sessão dessas, nós como educadores temos é de proporcionar materiais que o façam, mas acho que a mais trabalhada e desenvolvida é a criatividade, a imaginação, as interações entre eles, deve ser espetacular observar o trabalho desenvolvido por eles, porque enquanto faço uma atividade por vezes acabo por não observar e ver com olhos de ver como tu dizes o que eles fazem e o que eles adquirem. Acho que como disse todas as competências podem ser desenvolvidas, porque basta os educadores fornecerem materiais com objetivos intencionais.

**Entrevistadora:** Em relação aos materiais de este serem materiais do quotidiano, materiais de desperdício, materiais diferentes porque são do quotidiano e não brinquedos, que vantagens podem estes brinquedos trazer?

**Educadora 9:** Estes materiais podem ser melhores porque eles estão a contactar mais com a realidade, para depois futuramente, acho que acaba por ser melhor porque eles sabem que são objetos reais e não brinquedos de bebés ou de plásticos todos protegidos. E começam também a aprender por eles próprios a manusear e trabalhar com esses objetos. Por exemplo eu tenho um menino na sala que a mãe veio ter comigo e disse-me que eles não brincava com os brinquedos dele que ia aos armários da cozinha e brincava com tudo o que podia da mãe e tenho uma colega que é educadora de infância que os brinquedos que ela tem na sala dela são de materiais reais e não de plástico e eu acho que o material deve ser real, para o futuro deles, porque assim têm contacto com materiais verdadeiros.

**Entrevistadora:** Depois de tudo o que falamos qual é a tua opinião em relação ao brincar heurístico?

**Educadora 9:** Eu acho que devem ser sessões fantásticas, acredito que na primeira sessão pode não correr tão bem, como não estou habituada, mas depois com o avançar do tempo, eu já estou a tentar introduzir isso na sala, mas acho que não estou a fazer corretamente como já te tinha dito, mas acho uma experiência fantástica.

**Entrevistadora:** Ia te perguntar a tua opinião em relação á postura do educador, mas tu já me respondeste, mas achas que é importante e bom o educador ter esta postura?

**Educadora 9:** Eu acho que sim, pois assim o educador tem a oportunidade de observar o que eles fazem, todos os detalhes, ou melhor quase todos e assim também lhes damos a oportunidade de eles fazerem o que querem como querem, sem o adulto se intrometer. Acho como já disse uma tarefa difícil, mas com trabalho e dedicação acho que é ótimo para as crianças.

**Entrevistadora:** Eu mencionei à outra educadora que fiz a entrevista é que poderia vir realizar aqui algumas sessões para vocês poderem observar, eu vou falar com a diretora e depois logo se vê isso.

**Educadora 9:** Ah seria ótimo mesmo.

**Entrevistadora:** Achas que a utilização deste material poderia trazer alguma desvantagem?

**Educadora 9:** Para o grupo não, seria muito bom, para eles é ótimo coisas novas e diferentes e brincar com algo que não é brinquedos ainda melhor é, o problema para mim seria mais para os educadores porque esse material pode aleijá-los, porque os brinquedos hoje em dia são feitos de plástico para isso mesmo, para prevenir de eles se aleijarem, mas o adulto tem de esquecer essas coisas e ver o que esses materiais podem trazer de bom para eles e acho que é muito positivo, nada de mau.

**Entrevistadora:** Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

**Educadora 9:** Olha acho que tens feito um trabalho excelente e continua a partilhar essas experiências e esse conhecimento e além disso acho que o método é espetacular, porque durante uma sessão de BH acho que as crianças se libertam, passam a ser elas próprias e acho que é isso que elas devem ser, elas devem brincar explorar, conhecer por elas próprias e conhecer os materiais o para que é que servem por elas mesmas, a questão do gelo que falamos que a criança passou pelo ar quente e aqueceu ali as mão eu lembrei-me na altura que do inverno de fazer uma sessão com gelo, foi diferente porque foi mais orientada, fiz gelo com eles, coloquei a água dentro de uns cubinhos e expliquei-lhes que íamos por no congelador e depois fomos todos ao congelador ver e no dia a seguir fomos buscar e eles olhavam muito e tocavam e eu sempre a falar, a explicar-lhes. E lá está eu não devia ter falado devia ter os deixado falar. Expliquei que a água estava mais dura que era o gelo, o frio e depois retirei os cubos de gelo e dois a dois na mesa exploraram o gelo eles adoravam a exploraram e ver que o gelo desapareceu, ver a expressam deles é fantástico.

**Entrevistadora:** Obrigada pela participação.

## Transcrição da Entrevista 10

25/02/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber se conhece e mais a cerca do método Brincadeira Heurística. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Pode me falar um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 10:** Eu trabalho já á praticamente quase trinta anos, são vinte e sete anos, primeiro trabalhei como vigilante para saber o feedback meu e das crianças, para ver se nós tínhamos ligação e achei que sim, que era uma coisa que eu gostava e tinha uma boa relação com as crianças e as crianças comigo e resolvi tirar o curso de educadora, trabalhei como vigilante dois anos. Entretanto além de ser educadora de infância faço muito mais coisas por trás estou ligada á parte da arte, no bailado, dou aulas de ballet não nesta escola, mas sim noutra, sou a mulher da dança do exercício, eu aqui também aplico muito esse tipo de coisas que faço fora, faço muito expressão dramática com eles, aulas de improvisação e pronto e dou-lhes todo o tipo de música para ouvirem, desde do jazz, do blues, do rock, entre outros tipo de música, para eles terem a noção de todo o tipo de músicas e dança, para poderem explorar o próprio corpo e os movimentos. A minha parte académica é na base educadora de infância, mas também procurei todo outra parte da arte, agora estou ligada também ao ioga, dança oriental.

**Entrevistadora:** Em que faculdade se formou?

**Educadora 10:** Eu estudei na faculdade Maria Ulrich onde tirei o bacharelato e terminei em 1992.

**Entrevistadora:** Na sua experiência qual é a sua opinião em relação á importância da brincadeira em contexto de creche e pré-escolar?

**Educadora 10:** A brincadeira é uma maneira de estar, em que a criança pode se explorar a si próprio, aos outros, ao espaço e aos objetos e não se ensina a brincar,

brincar tem de ser uma coisa espontânea. E temos que respeitar o tempo da criança, no dia em que a criança esteja sentada a olhar para as coisas e não lhe apeteça pegar em nada é porque a criança não lhe apetece mesmo e temos que respeitar, podemos motivá-la com determinados objetos ou ter uma conversa com a criança. Em pequeninos as crianças podem ouvir o barulho e as cores e isso pode lhe chamar a atenção ou não, á que observar e temos de ter cuidado se é um espaço muito grande em que a criança não pega no brinquedo ou que não lhe apetece brincar, isto tanto na parte da creche como na parte do pré-escolar e pronto é através da brincadeira que nós podemos perceber se a criança está bem, o que é que ele explora e devemos observar o estado da criança, a nível emocional como psicológico, muitas vezes as brincadeiras das crianças alteram-se ou deixam de existir porque alguma coisa não está bem, em casa por exemplo há uma separação entre os pais isso pode afetar a criança e aparentemente não parece nada, ma através da brincadeira a gente pode perceber que algo não está bem. A brincadeira para mim é importante, até o mais importante para mim nesta fase. Aliás até o adulto, devíamos sempre brincar.

**Entrevistadora:** No dia a dia da sua sala existem mais brincadeira orientadas ou não orientadas

**Educadora 10:** Nem muita de uma nem de outra, eu gosto de orientar o trabalho e fazer algumas atividades com eles como também lhes dou muito tempo para brincadeira livre, onde cada um faz o que quer.

**Entrevistadora:** Conhece o método Brincar Heurístico? Já alguma vez ouviu falar?

**Educadora 10:** Não, desconheço o que seja. Já li muita coisa, mas não me lembro de ler nada relacionado com isso, mas é bom tu vires cá que assim aprendo mais e é sempre bom ter mais informação.

**(Expliquei o que era o método brincar heurístico, auxiliei a explicação mostrando fotografias de algumas sessões realizadas anteriormente)**

**Entrevistadora:** Segundo o que eu expliquei e mostrei qual a sua opinião a cerca deste método?

**Educadora 10:** Eu faço muito isso, de lhes dar os materiais para eles explorarem, não dessa forma esquematizada e organizada, sendo o adulto a observar sem intervir e apenas só os materiais para eles explorarem, mas de outra forma eu já faço isso. Eu não tenho nada contra, porque tudo o que seja para explorar e novidade para a criança é sempre bom e de louvar. Não é todos os dias, mas se fosse também não havia mal nenhum. O importante é termos disponibilidade para a criança, poder ouvi-la e observá-la e verificar se a criança também nos procura.

**Entrevistadora:** Que competências acha que este método pode desenvolver?

**Educadora 10:** Primeiro de tudo acho que é um método ótimo porque desenvolve neles a criatividade, a atenção, diversos conceitos, como matemáticos, desenvolve o relacionamento entre eles, a partilha, conhecem os materiais por eles próprios e não através do que o adulto diz, é muito bom dar espaço à criança como aprendiz.

**Entrevistadora:** Qual a sua opinião a cerca da postura do educador durante uma sessão de brincar heurístico?

**Educadora 10:** É assim, eu não sei se depois de tanto tempo com a postura que sempre tive conseguiria não intervir em nada, mas como já disse acho muito importante dar espaço à criança e isso também parte de deixá-la fazer as coisas por ela, por isso acho que é muito bom porque assim o educador também consegue observar e perceber muita na criança, quando estou a intervir não consigo observar tanto quanto desejava. Por isso acho que é uma postura ótima para conhecimento do grupo, mas difícil para muitas educadoras, de passar a ser apenas um observador.

**Entrevistadora:** Segundo o que já sabe acha que estes materiais trariam algumas vantagens ou desvantagens para o grupo? Seria bom a utilização destes ou não?

**Educadora 10:** Eu acho que os materiais do quotidiano são ótimos para o desenvolvimento deles, eu tento sempre trazer coisas de minha casa, nas épocas festivas trago sempre alguns elementos decorativos para lhes mostrar, e acho que eles brincarem com eles faz com que eles os conheçam por eles próprios e sem o adulto ter de lhes explicar, e acabam por associar o que os pais fazem em casa e imitam, e mesmo se não souberem para que servem inventam e logo aí é como disse há pouco é ótimo para a criatividade deles. Desvantagens, não acho que tenha.

**Entrevistadora:** Consoante a conversa e a sua opinião atual a cerca deste método, gostaria de conhecer mais e aplicar na sua sala?

**Educadora 10:** Sim gostaria muito, o que podíamos fazer era tu vires cá ao colégio e exemplificares uma vez para eu poder ter mais informações e poder observar uma sessão com eles.

**Entrevistadora:** Eu não poderei vir, mas posso pedir a um colega para o fazer.

**Educadora 10:** Obrigada.

**Entrevistadora:** Obrigada eu pela sua participação.

## Transcrição da Entrevista 11

25/02/2019

Queria pedir-lhe a sua colaboração para a realização desta entrevista, para a realização de um estudo para a minha tese no âmbito da Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar, com o objetivo de conhecer e saber se conhece e mais a cerca do método Brincadeira Heurística. A entrevista é completamente confidencial e a informação será cuidada e utilizada para fins académicos. Dá-me autorização de gravar esta entrevista?

**Entrevistadora:** Podia me falar um pouco a cerca do seu percurso académico e profissional?

**Educadora 11:** Sim, então basicamente tirei a licenciatura em educação, desde que me formei sempre trabalhei na área da educação enquanto educadora, eu trabalho á vinte e oito anos, sempre trabalhei desde um ano aos cinco anos, só mesmo nos meus dois primeiros anos como educadora é que trabalhei com turma de cinco anos depois mudei de escola e desde então tenho circulado em todas as idades.

**Entrevistadora:** Em que faculdade é que estudou e em que ano terminou a sua licenciatura?

**Educadora 11:** Eu terminei em noventa e estudei na escola superior de João de Deus.

**Entrevistadora:** Porque escolheu ser educadora? Qual a sua motivação?

**Educadora 11:** Porquê ser educadora? Então eu desde cedo sempre gostei muito de trabalhar com crianças e com arte, e ainda hoje e pronto é o meu sonho e naquela duvida quando terminamos o secundário, aí meu deus o que é que eu vou fazer agora ou o que é que eu vou seguir, queria realmente seguir artes, mas sempre com vertente de trabalhar com crianças e então educadora, conjuga-se perfeitamente no dia a dia este sonho que eu tinha e realmente verifica-se no trabalho.

**Entrevistadora:** Na sua experiência como educadora qual a sua opinião em relação á importância da brincadeira?

**Educadora 11:** É fundamental, é essencial na educação aliás eu não consigo ensinar sem ser a brincar, é o dia a dia deles aprendem a brincar é um bocadinho diferente do trabalho que os colegas da primaria depois aprendem, mas é precisamente o brincar a aprender e o aprender a brincar que é o meu trabalho diário.

**Entrevistadora:** Em relação ao que me trouxe aqui já alguma vez ouviu falar sobre o método brincar heurístico?

**Educadora 11:** Eu não conheço essa designação, ou melhor pode não me ser familiar, mas realmente já tinha ouvido falar, mas no fundo é o que nos fazemos no nosso trabalho, aliás na João de Deus é precisamente uma das coisas que nós aprendemos muito é precisamente a trabalhar com eles não o método montessoriano, a designação por exemplo é muito semelhante, mas é esse o nosso trabalho fornecer-lhes os materiais dos interesses ou focalizar-nos para um interesse que queiramos despertar neles através dos materiais, é trazer-mos o mundo do dia a dia para que eles possam lidar, trabalhar, para eles poderem perceber as coisas e isso vai dar um bocadinho a esse método.

**Entrevistadora:** E onde ouviu falar sobre o método?

**Educadora 11:** Ah, foi entre colegas e artigos que li.

**Entrevistadora:** Então na sua opinião acha que já faz um bocadinho deste método mesmo sem ter ouvido falar dele antes?

**Educadora 11:** Sem sombra de dúvida, sem sombra de dúvida.

**Entrevistadora:** E em qual é a sua opinião em relação ao facto de deixarmos durante trinta ou vinte minutos entregues a uns materiais, o que é que acha que isso desperta neles?

**Educadora 11:** Enquanto houver interesse é de todo o nosso interesse que eles explorem e esgotem tudo, desde o explorar, o tentar perceber os porquês de todo aqueles objetos que têm na mão e interagirem o máximo, a partir da altura que nós notamos que a criança começa a perder o interesse é evidente que temos que tentar retomar outra atividade ou mostrar-lhe um outro material que lhe volte a despertar o interesse, os vinte minutos aí é relativo, principalmente com crianças tão pequenas, acho que é demasiado tempo. Em creche até aos dois anos o tempo de concentração é um bocadinho limitado, por exemplo o meu grupo têm dois anos e o tempo de concentração é muito curto, iriam explorar um bocadinho e a partir daí iriam perder o interesse daquilo e iriam partir para outra e por aí acho que vinte minutos é um bocadinho excessivo, mas também não é por aí porque se uma criança conseguir pegar num material e conseguir estar com ele a explorá-lo durante vinte minutos excelente o tempo de concentração é excelente e á que deixá-lo aproveitar ao máximo.

**Entrevistadora:** Mas como sabe neste método a criança tem vários objetos e matérias para explorar, a sua concentração não iria estar concentrada apenas num material, mas sim em toda a sessão e todos os materiais disponíveis nessa.

**Educadora 11:** Sim, existem mais materiais, mas um grupo de dois anos são muito pequenos para conseguir estar numa sala agarradas a materiais durante tanto tempo. Eu para ser sincera não sei tudo a cerca desse método, ouvi falar.

**Entrevistadora:** Eu posso lhe explicar e mostrar algumas fotografias, melhor dizendo eu estou aqui também para isso. Para vos apresentar e depois saber a sua opinião a cerca do brincar heurístico.

**Educadora 11:** Ah tenho todo o gosto.

**(Expliquei o que era o método brincar heurístico, auxiliei a explicação mostrando fotografias de algumas sessões realizadas anteriormente)**

**Entrevistadora:** Depois do que lhe mostrei e do que lhe expliquei o que acha do método?

**Educadora 11:** É assim continuo a achar que já faço isso, mas não dessa forma, de ter uma sala vazia e colocar os materiais de certa forma, e de ter essa postura, mas sim com tanto material diferente acredito que eles consigam estar algum tempo envolvidos com os materiais.

**Entrevistadora:** E sendo um material de natureza quotidiana, que vantagens pode este trazer à criança?

**Educadora 11:** Acho espetacular, além de nos últimos tempos falarmos muito da reciclagem conseguimos demonstrar também isso através da reutilização de materiais do dia a dia para a brincadeira deles, e além disso faz com que a criança desenvolva a sua criatividade porque ao explorar um objeto que já tem um fim, mas por vezes ela pode não conhecer, porque se eles são tão pequenos podem nunca o ter visualizado, acho espetacular e deve ser interessantíssimo observar uma criança a descobrir e conhecer um material por si mesma, sem qualquer intervenção de um adulto, pois ela irá inventar e reproduzir coisas que nunca um adulto pode pensar, isto porque ela está a trabalhar a sua imaginação e a por em prática muito conceito que para ela ainda não conhecido, como conceitos matemático, do mundo social ou natural, até podem desenvolver aptidões motoras, desde da motricidade fina á grossa, acho que a exploração é muito vantajosa para qualquer criança.

**Entrevistadora:** Poderão existir algumas desvantagens ao utilizarmos este material?

**Educadora 11:** Eu acho que não, mas mesmo assim pode haver perigos em todo o lado, se não verificarmos e estivermos atentos sempre. Mas desvantagens acho que não existem.

**Entrevistadora:** Gostaria de apresentar uma sessão de brincar heurístico ao seu grupo, desde toda a organização á postura do educador como observador?

**Educadora 11:** Sim, são sempre coisas novas que é ótimo para eles, e explorar é uma atividade ótima para o desenvolvimento pessoal de cada um.

**Entrevistadora:** Obrigada pela sua disponibilidade e participação.

## **6. Análise Conteúdo destas Entrevistas;**

Categorias	Subcategorias	Unidades de Contexto
1 – Método Brincar Heurístico	1.1 – Importância da Brincadeira;	<p>“... eles com a brincadeira desenvolvem montes de aquisições, em vez de ... faz isto, faz aquilo, eles ao explorarem tudo o que está à sua volta deles, eles vão aprendendo ...” (E7_L25-27)</p> <p>“... acho muito importante a brincadeira em todas as idades ... é a brincar que eles vão explorar é a brincar que eles vão aprender e vão adquirir muitos conhecimentos é através do brincar, sem dúvida que eu valorizo muito ...” (E8_L66-69)</p> <p>“... acho que a brincadeira é muito importante e às vezes dou por mim a pensar, será que os deixo brincar demais, depois penso, não, não eles precisam de brincar ... tipo de brincadeira que eles são capazes de inventar, de improvisar, de criar o que isso trabalha a imaginação ...” (E9_L45-51)</p> <p>“... brincadeira é uma maneira de estar, em que a criança pode se explorar a si próprio, aos outros, ao espaço e aos objetos e não se ensina a brincar, brincar tem de ser uma coisa espontânea. E temos que respeitar o tempo da criança ... brincadeira para mim é importante, até o mais importante para mim nesta fase.” (E10_L33-34)</p> <p>“... fundamental, é essencial na educação aliás eu não consigo ensinar sem ser a brincar, é o dia a dia deles aprendem a brincar ... é precisamente o brincar a aprender e o aprender a brincar que é o meu trabalho diário.” (E11_L32-35)</p>
	1.2 – Tempo das Brincadeiras Orientadas/Não Orientadas;	<p>“... brincam muito livremente, mas cada vez mais a sociedade exige que a gente oriente a brincadeira ... é um erro ... e a brincar é que eles fazem imensas aquisições mesmo a nível da social ...” (E7_L30-33)</p> <p>“... acho que tem de haver as duas coisas ... há brincadeira livre ... também há a orientada, que são as atividades que eu faço com eles ...” (E8_L71-73)</p> <p>“... tento sempre que eles tenham muito tempo para brincar ... existe quase todos os dias uma atividade orientada ... não quer dizer que todos a realizem nesse dia, mas eu oriento uma atividade enquanto uns brincar outros fazem ...” (E9_L76-80)</p> <p>“Nem muita de uma nem de outra, eu gosto de orientar o trabalho e fazer algumas atividades com eles como também lhes dou muito tempo para brincadeira livre, onde cada um faz o que quer.” (E10_L52-54)</p>
	1.3 – Primeiro contacto com Brincar Heurístico;	<p>“Admito que ouvi falar quando a diretora nos disse que vinham cá fazer entrevistas, e então ... fui primeiro pesquisar sobre o tema, eu não conhecia o método.” (E7_L40-42)</p> <p>“Sim, eu sei eu estive a ver, para mim é um termo novo” (E8_L34)</p> <p>“... naquelas revistas de educador às vezes tem aqueles textos informativos ... sei que mesmo nas redes sociais eu vejo muitas partilhas a cerca de tema e acho que é fantástico, mas sinto que me falta é a disponibilidade e o material que é necessário arranjar ...” (E9_L90-95)</p> <p>“Não, desconheço o que seja.” (E10_L56)</p> <p>“... não conheço essa designação, ou melhor pode não me ser familiar, mas realmente já tinha ouvido falar ... entre colegas e artigos que li.” (E11_L38-39; L48)</p>
	1.4 – Implementação do Brincar Heurístico;	<p>“... já eu já lhes dei os materiais, mas nem sabia que era o brincar heurístico. Eu não sabia que era esse método, não fazemos isso sempre, mas quando planeamos e fazemos essas sessões realmente o prazer deles é diferente, porque eles adoram brincar com tudo o que não é para brincar ...” (E7_L53-56)</p>

		<p><i>"Sim, por exemplo ... fazia uma sessão com sons, com um cd, com essas garrafas ... também há aquelas alturas que já fiz este ano também que é rasgagem onde eles têm fazer o enfiar na garrafa ... utilizo materiais de desperdício, isso eu tento e com rolos de papel higiênico também já temos feito ..."</i> (E8_L81-90)</p> <p><i>"... eu costumo fazer ... é trazer caixas de cereais ou garrafas de água ... tampas, rolhas de cortiça ... deixo-os brincar livremente ... tenho sempre um objetivo ... desenvolver a motricidade fina, quando é as garrafas de água com as rolhas eles adoram fazer enfiamentos, e quando terminam as rolhas tentam sempre improvisar com o que têm, mas acaba por ser uma atividade orientada por mim, eu acabo por dar instruções e estar com eles ..."</i> (E9_L95-102)</p> <p><i>"Sem sombra de dúvida, sem sombra de dúvida."</i> (E11_L51)</p>
	<p>1.5 – Competências desenvolvidas;</p>	<p><i>"A nível, como é que eu hei de dizer, a nível da criatividade, sim ..."</i> (E7_L72-74)</p> <p><i>"... nesta idade eu acho que é aqui que eles vão a nível sensorial, a nível emocional eles aprendem aqui nas áreas todas, e nós também a nível do comportamento ... eles desenvolvem tudo através da brincadeira."</i> (E8_L158-161)</p> <p><i>"... acho que todas as competências podem ser desenvolvidas ... temos é de proporcionar materiais que o façam ... a mais trabalhada e desenvolvida é a criatividade, a imaginação, as interações entre eles ... como disse todas as competências podem ser desenvolvidas, porque basta os educadores fornecerem materiais com objetivos intencionais ..."</i> (E9_L142-149)</p> <p><i>"... é um método ótimo porque desenvolve neles a criatividade, a atenção, diversos conceitos, como matemáticos, desenvolve o relacionamento entre eles, a partilha, conhecem os materiais por eles próprios e não através do que o adulto diz, é muito bom dar espaço à criança como aprendiz."</i> (E10_L71-74)</p> <p><i>"... desde o explorar, o tentar perceber os porquês de todo aqueles objetos que têm na mão e interagirem o máximo ... como conceitos matemáticos, do mundo social ou natural, até podem desenvolver aptidões motoras, desde da motricidade fina á grossa, acho que a exploração é muito vantajosa para qualquer criança."</i> (E11_L56-57; L98-100)</p>
	<p>1.6 – Vantagens do material;</p>	<p><i>"... com esse tipo de material podem fazer o que eles quiserem e com o carro eles só podem brincar como um carro."</i> (E7_L73-74)</p> <p><i>"... acho que o material é ótimo, porque são materiais diferentes, mas ao menos tempo iguais aos que eles já estão habituados em casa e no seu dia a dia e a ligação destas sessões com a natureza é espetacular."</i> (E8_L176-179)</p> <p><i>"... podem ser melhores porque eles estão a contactar mais com a realidade ... acaba por ser melhor porque eles sabem que são objetos reais e não brinquedos ... também a aprender por eles próprios a manusear e trabalhar com esses objetos ..."</i> (E9_L153-157)</p> <p><i>"... os materiais do quotidiano são ótimos para o desenvolvimento deles, eu tento sempre trazer coisas de minha casa, nas épocas festivas trago sempre alguns elementos decorativos ... brincarem com eles faz com que eles os conheçam por eles próprios e sem o adulto ter de lhes explicar, e acabam por associar o que os pais fazem em casa e imitam, e mesmo se não souberem para que servem inventam e logo aí é como disse há pouco é ótimo para a criatividade deles ..."</i> (E10_L86-92)</p> <p><i>"Acho espetacular ... últimos tempos falarmos muito da reciclagem ... através da reutilização de materiais do dia a dia para a brincadeira deles ... faz com que a criança desenvolva a sua criatividade porque ao explorar um objeto ... acho espetacular e deve ser interessantíssimo observar uma criança a descobrir e conhecer um material por si mesma ... sem ... intervenção de um adulto, pois ela irá inventar e reproduzir coisas que nunca um adulto pode pensar, isto porque ela está a trabalhar a sua imaginação e a por em prática muito conceito que para ela ainda não conhecido ..."</i> (E11_L)</p>
	<p>1.7 – Desvantagens do material;</p>	<p><i>"Para o grupo não, seria muito bom, para eles é ótimo coisas novas e diferentes e brincar com algo que não é brinquedos ainda melhor é, o problema para mim seria mais para os educadores porque esse material pode aleijá-los, porque os brinquedos hoje em dia são feitos de plástico para isso mesmo, para prevenir de eles se aleijarem, mas o adulto tem de</i></p>

		<p>esquecer essas coisas e ver o que esses materiais podem trazer de bom para eles e acho que é muito positivo, nada de mau..." (E9_L182-187)</p> <p>"Desvantagens, não acho que tenha." (E10_L92)</p> <p>"... acho que não, mas mesmo assim pode haver perigos em todo o lado, se não verificarmos e estivermos atentos sempre. Mas desvantagens acho que não existem." (E11_L102-104)</p>
	<p>1.8 – Opinião atual do BH;</p>	<p>"... ao brincarem livremente com tudo o que lhes apresentam, com a própria curiosidade que eles têm eles vão aprendendo com os próprios brinquedos, com o que têm, não há nada impingido ..." (E7_L45-47)</p> <p>"... muita curiosidade, por exemplo há diversos materiais que nós podemos guardar. Por exemplo nós temos caixas enormes que utilizamos só no dia da criança e em vez de ser só no dia da criança podíamos fazer uma vez por mês, porque nós temos a oportunidade de ter as caixas e eles adoram ..." (E8_L184-189)</p> <p>"... devem ser sessões fantásticas, acredito que na primeira sessão pode não correr tão bem ... eu já estou a tentar introduzir isso na sala, mas acho que não estou a fazer corretamente ... acho uma experiência fantástica." (E9_L165-168)</p> <p>"... faço muito isso, de lhes dar os materiais para eles explorarem, não dessa forma esquematizada e organizada, sendo o adulto a observar sem intervir e apenas só os materiais para eles explorarem, mas de outra forma eu já faço isso ... tudo o que seja para explorar e novidade para a criança é sempre bom e de louvar ..." (E10_L63-67)</p> <p>"... continuo a achar que já faço isso, mas não dessa forma, de ter uma sala vazia e colocar os materiais de certa forma, e de ter essa postura, mas sim com tanto material diferente acredito que eles consigam estar algum tempo envolvidos com os materiais." (E11_L83-86)</p>
<p>2 – Apreciações</p>	<p>2.2 – Sensibilização de outros educadores para o método;</p>	<p>"... não é divulgado, mas eu acho que se fosse mais divulgado, se calhar havia para colégio a aderirem, porque eu tive curiosidade, eu e as minhas colegas ..." (E8_L182-184)</p> <p>"... acho que tens feito um trabalho excelente e continua a partilhar essas experiências e esse conhecimento e além disso acho que o método é espetacular ..." (E9_L189-191)</p>

## **7. Diários de Bordo;**

## Diário de Bordo 1

**Nome da educadora:** Educadora 1

**Data da sessão:** 16/10/2018

**Nº crianças:** 15 no total

**Local:** Colégio (Ginásio)

**Idades:** 2 anos

**Duração:** 30 minutos

**Data do registo:** 22/01/2019

### Contextualização:

Este registo foi realizado numa conversa informal com a educadora. Eu não assisti à sessão, a educadora partilhou algumas fotografias comigo, tal como partilhou a forma como organizou, tanto os objetivos pensados como a organização do espaço. Por fim partilhou comigo como

### Material utilizado:

- Papel cenário;
- Tinta;
- Pincéis;
- Guizos;

### Objetivos pensados pela educadora:

- Motricidade fina e grossa;
- Desenvolver o desenho;
- Expressão corporal;
- Exploração do som;

### Registo:

A educadora colocou papel de cenário no chão e há volta das paredes, ou seja, ela cobriu todas as paredes e todo o chão com papel de cenário. Retirou os sapatos a todos os meninos e colocou nos seus tomzelos fitas com guizos, para quando andassem fizessem sons. Arranjou muitos pincéis e várias caixas com tinta e colocou no meio da sala. A educadora pensou em fazer esta sessão porque o grupo está muito interessado nos desenhos e devido também à faixa etária e à necessidade do desenvolvimento da arte plástica. Ela quis observar o que eles faziam com a tinta tendo um espaço grande e livre para poderem explorar, não estando limitados ao espaço de uma folha. Os guizos nos pés foi uma ideia de eles criarem sons com o corpo, pois o grupo andava muito interessado nos sons e passavam muito tempo a bater nos materiais para obterem som.

Depois de tudo organizado levou os meninos para a sala e deixou-os entrar e não disse nada, ficou apenas a observar o que faziam. Este grupo já está habituado a estas sessões de brincar heurístico e não estranham quando lhes é apresentado atividades deste género.

A educadora disse que o grupo entrou na sala e foram logo pegar nos pincéis e começaram a pintar, “foi um momento puro de pintura”. Eles envolveram-se imenso nas tintas e exploraram todos os espaços livres no papel. Algumas crianças começaram por pintar com os pincéis, mas ao fim de algum tempo largaram e começaram a pintar com as mãos, molhando as mãos na tinta e posteriormente passando no papel. Eles desenharam riscos, fizeram manchas, alguns observam o que desenharam, outros estavam apenas a passar o pincel no papel e olhar para outro local, desenhavam de várias formas. Algumas crianças deitaram-se no chão, outros sentavam-se, outros estavam de pé, cada um escolheu a forma que se sentia mais confortável para desenhar.

Durante a pintura interagiam uns com os outros, pintam-se uns aos outros, brincando com os pincéis, mostrando os desenhos aos amigos, e conversando uns com os outros e alguns sozinhos acerca do desenho.

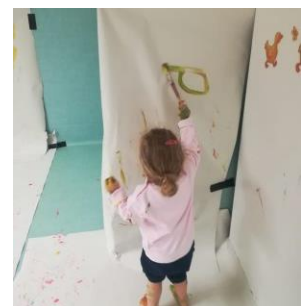
A educadora sentiu que a sessão a nível do desenho e da pintura foi muito prazeroso para o grupo, ajudou-os a explorar a tinta e os pincéis como queriam, tendo espaço e liberdade, mas a nível do som acha que não foi tão bom, o grupo não ligou aos guizos, inicialmente olharam e mexeram nos guizos, mas não se interessaram por estes.

A nível do movimento corporal através do som não houve muito impacto como a educadora previa, o grupo não se envolveu com o som dos guizos e acabou por ser um objeto inativo à sessão.

No geral a educadora caracterizou a sessão como boa para o desenvolvimento do grupo e dos interesses deles, acha que os guizos não estiveram presentes e não contribuíram com nada para a sessão, mas no geral caracteriza bem a sessão da pintura.

Posteriormente a educadora utilizou as pinturas no papel cenário para decorar as capas dos trabalhos de cada menino do grupo.

### Imagens ilustrativas da sessão realizada



## Diário de Bordo 2

**Nome da educadora:** Educadora 1

**Data da sessão:** 06/11/2018

**Nº crianças:** 10 no total

**Local:** Colégio (Sala Atividades)

**Idades:** 2 anos

**Duração:** 35 minutos

**Data do registo:** 22/01/2019

### Contextualização:

Este registo foi realizado numa conversa informal com a educadora. Eu não assisti à sessão, a educadora partilhou algumas fotografias comigo, tal como partilhou a forma como organizou, tanto os objetivos pensados como a organização do espaço. Por fim partilhou comigo como

### Material utilizado: Objetos de metal

- Tampas de metal;
- Colheres de sopas e sobremesa;
- Formas de bolos;

### Objetivos pensados pela educadora:

- Exploração do som;
- Desenvolvimento da imaginação;
- Contacto com música;
- Expressão corporal;

### Registo:

Esta sessão teve origem num interesse geral do grupo, o som, a educadora mencionou que já a algum tempo observava que eles estavam super direcionado e focados em bater nos objetos para obter som, ela observou várias vezes que eles agarravam num objetos e batiam nele para ouvir o som que fazia e repetiam isto várias vezes com diferentes materiais e por isso decidi explorar esse interesse do grupo utilizando diferente objetos feitos através do metal. Explorando a sua imaginação através da exploração dos sons e da exploração do seu corpo para produzir outros sons.

A educadora realizou esta sessão dentro da sala de atividades do grupo, a sala foi organizada enquanto o grupo estava com a auxiliar num espaço exterior, para existir o elemento surpresa. Esta utilizou tampas de tachos e panelas, colheres de sopa de madeira e colheres de sobremesa, utilizou também formas de bolos umas quadradas outras redondas, mas todo o material era de metal. A educadora organizou todo o material em cima do tapete de forma apelativa ao grupo.

Quando o grupo entrou na sala dirigiram-se aos materiais, observaram e de seguida pegaram logo nas tampas e começaram a bater umas com as outras e riam-se muito.

Durante a secção a educadora diz que observou eles a tentarem fazer música e a seguir um ritmo, quatro meninos que estavam a bater com as panelas, eles contavam 1, 2, 3 e batiam e depois paravam e repetiam isto várias vezes.

Enquanto idealizou a sessão a educadora pensou nela devido ao interesse do grupo no som e em produzirem sons e então deu-lhes estes materiais e achou que eles poderiam fazer coisas diferentes além de baterem com os objetos. Poderiam então, explorar os materiais de formas diferentes, não ser só bater, mas sim que eles apelassem à imaginação. Houve muita interação entre colegas, houve também a exploração e a observação dos materiais, mas acima de tudo foi o que a educadora esperava, era que eles produzissem som e brincassem com os sons diferentes, apelando à imaginação.

Eles produziram sons de todas as formas batendo os materiais uns nos outros, batendo com os materiais noutros que não estavam na sessão, houve até meninos que escutaram os diferentes sons e exploraram isso mesmo, como bater num metal faz um som e se batessem com o metal na madeira por exemplo surgia um som diferente.

A exploração dos sons e dos diferentes sons esteve muito presente nesta sessão. Todo o grupo interagiu e envolveu-se com os materiais. A educadora mencionou que na sua avaliação esta foi a sessão que eles mais interagiram e se divertiram a realizar.

A educadora disse também que o que mais gostou de observar foi a felicidade enorme de cada um a bater com as tampas e a felicidade geral que compartilhavam uns com os outros.

### Imagens ilustrativas da sessão realizada



## Diário de Bordo 3

**Nome da educadora:** Educadora 1

**Data da sessão:** 13/11/2018

**Nº crianças:** 16 no total

**Local:** Colégio (Sala de Atividades)

**Idades:** 2 anos

**Duração:** 35 minutos

**Data do registo:** 22/01/2019

### Contextualização:

Este registo foi realizado numa conversa informal com a educadora. Eu não assisti à sessão, a educadora partilhou algumas fotografias comigo, tal como partilhou a forma como organizou, tanto os objetivos pensados como a organização do espaço. Por fim partilhou comigo como

### Material utilizado:

- Terra;
- Feijões;
- Colheres;
- Massas;
- Rolos papel higiénico;
- Garrafas de água e iogurtes;

### Objetivos pensados pela educadora:

- Reutilização;
- Exploração do som;
- Exploração da natureza;
- Motricidade fina;
- Formação de encaixe;
- Formação de conjuntos;

### Registo:

A educadora sentiu necessidade de continuar a explorar o som, sente que o grupo requer isso e quer aproveitar se interesse para explorar diferentes materiais e observar como é que eles conseguem produzir sons com materiais naturais, a educadora disse-me que pensou nesta sessão, mas não disse ao grupo que queria que eles fizessem sons, apenas lhes apresentou os materiais e queria observar se eles realmente continuariam a tentar produzir sons ou explorariam o materiais de diferentes formas.

A sessão foi realizada também para desenvolver conceitos matemáticos, tais como o encaixe e a formação de conjuntos, desenvolvendo a motricidade fina também. Apelar à reutilização dos materiais naturais e do dia a dia.

Esta sessão foi também realizada na sala de atividades, em cima de uma mesa de trabalho, onde a educadora colocou os materiais, fornecendo três caixas, uma com terra, outra

com massas e outra com feijões, depois tinha também colheres, garrafas de plástico, tanto grandes e pequenas como de iogurte e rolos de papel higiénico.

O grupo quando entrou na sala dirigiu-se à mesa, e começaram a mexer na terra com as mãos, aos poucos foram pegando nas garrafas e nos iogurtes e começando a colocar as a terra para dentro das garrafas, também colocavam as massas dentro das garrafas.

O grupo esteve algum tempo a explorar a massa, a terra e a colocar ambas dentro das garrafas, houve meninos que faziam montem na mesa com as massas e com a terra, juntavam tudo e depois separavam.

Segunda a educadora esta sessão não estava a ter tanto interesse para eles, alguns participavam, mas outros saíram da mesa e dirigiram-se para outras áreas.

Na mesa um menino agarrou numa garrafa e numa colher e começou a raspar a colher do lado de fora da garrafa e começou a produzir som e com isso uma menina que tinha a garrafa com massas abanou a garrafa e também começou a produzir som, isto chamou a atenção do grupo e algumas crianças que não estavam a interagir comos materiais dirigiram-se para a mesa e alguns começaram a encher garrafas e a produzir sons outros batiam com as garrafas ou raspavam a garrafa imitando o amigo.

A educadora achou que a sessão foi muito boa porque eles exploraram a natureza, desenvolveram conceito matemático, mas ficou ainda melhor quando apareceu o som. Ela conclui que o grupo está mesmo direcionado para o som e tudo o que tem haver com elementos que eles possam adaptar e emitir som com eles. Expressa que iria tentar fazer uma sessão com esponja e mais algum material que não imitisse sons para ver a reação do grupo com os materiais.

### Imagens ilustrativas da sessão realizada



## Diário de Bordo 4

**Nome da educadora:** Educadora 2

**Data da sessão:** 05/12/2017

**Nº crianças:** 6 no total

**Local:** Colégio (No espaço exterior)

**Idades:** Berçário

**Duração:** 20 minutos

**Data do registo:** 20/01/2018

### Contextualização:

Este registo foi realizado numa conversa informal com a educadora. Eu não assisti à sessão, a educadora partilhou algumas fotografias comigo, tal como partilhou a forma como organizou, tanto os objetivos pensados como a organização do espaço. Por fim partilhou comigo como

### Material utilizado:

- Panela;
- Tampas;
- Elementos de metal;
- Elementos da natureza (nozes, pinhas);
- Brinquedos de borracha;
- Corda;
- Tecidos;
- Guizos;

### Objetivos pensados pela educadora:

- Concentração;
- Observação;
- Exploração;
- Motricidade fina;
- Proporcionar a descoberta dos objetos;
- Fornecer a experimentação de diferentes formas nos objetos;
- Criatividade;

### Registo:

A educadora criou um cesto dos tesouros e apresentou-o aos menino no espaço exterior, ela mencionou que acha relevante levar as atividades da sala para o exterior e o que fez foi isso colocou um tapete no chão e sentou os meninos todos e posteriormente trouxe o cesto que tinha preparado antes da sessão com alguns materiais, este colocou no meio do grupo e deixou-os explorarem.

O cesto dos tesouros continha uma panela, algumas tampas de metal, como também alguns elementos de metal utilizados na cozinha como a tenaz, colheres. Foram utilizados elementos da natureza como nozes, pinhas. Outros materiais foram brinquedos de borracha, cordas, tecidos e guizos.

A educadora sentou-se perto deles, mas sem interferir, não se quis afastar para não se sentirem sozinhos, mas não queria interferir com nada, então sentou-se e ficou a observar o que faziam.

O grupo inicialmente não reagiu, estavam apenas a observar e a olhar para a educadora, até que uma menina começa a pegar numa tampa e os outros foram atrás e começaram a colocar os objetos na boca, atirar para o chão ou apenas a segurá-los nas mãos.

O grupo reagiu bem à sessão tiveram todos a interagir com os materiais e a explorá-los, a educadora disse que acho incrível como eles se mantiveram vinte minutos a brincar, sem choros, ela gostou muito de tudo o que observou, diz que era notável a vontade que eles tinham de explorar cada objeto, de lhe mexer, pôr na boca tudo.

Durante a partilha a educadora não falou de algumas ações que as crianças tiveram, pois ela disse que já tinha passado algum tempo e não se lembrava bem, mas disse-me que foi com esta sessão que lhes apresentou o brincar heurístico e que o grupo adorou, eles estiveram vinte minutos envolvidos com os materiais, e que se calhar até poderiam ter estado mais, mas para a primeira sessão ela achou por melhor terminar sem os cansar, para se poderem habituar aos poucos. Em relação aos objetivos pensados a educadora mencionou que também não se lembrava muito bem, mas o que ela deveria querer que eles desenvolvessem seria a motricidade fina, a concentração, a observação, a exploração dos materiais, proporcionar a descoberta de diferentes texturas e materiais e a criatividade na exploração de cada objeto.

A educadora disse-me que sentiu que o grupo estava concentrado e ligado aos materiais e a forma como tinham lidado com esta nova experiência tinha sido ótima, ela achou que seria bom voltar a dar-lhes novamente os mesmos materiais passado uns tempos e verificar o que mudou no grupo, como estariam mais velhos o que iriam fazer de diferente.

Para primeira experiência tanto para a educadora como para o grupo ela diz que nesse dia se sentiu muito realizada por observar o potencial de cada menino e como estavam a evoluir.

### **Imagens ilustrativas da sessão realizada**



## **8. Observações Naturalistas;**

## Observação Naturalista 1

**Nome da educadora:** Educadora 2

**Data:** 24/01/2019

**Nº crianças:** 10 no total

**Hora do início:** 10:05h

**Idades:** 1 ano

**Hora do fim:** 10:35h

### Material utilizado:

#### (Materiais com a forma de círculo)

- 1 Pneu de um carro;
- Arcos pequenos;
- Arcos médios;
- Círculos de madeira;
- Tubos de plástico;
- Troncos de madeira;
- Tampas grandes de plástico;
- Peças de plástico e cartão;
- Tampas pequenas de plástico;

### (Não existe fotografia do espaço organizado)

Inferências e Notas	Registos Observados
<p>O objetivo desta sessão tal como foi mencionado pela educadora, seria trabalhar a forma circular, pois segundo o entendimento da mesma, o grupo tinha mostrado interesse em objetos com a mesma forma.</p> <p>A educadora não queria que uns entrassem primeiro que os outros, mas teve de ser porque</p>	<p>Antes do grupo chegar ao espaço onde seria realizada a sessão, os materiais selecionados foram colocados na sala segundo a seguinte disposição: os troncos de madeira e os círculos de madeira no centro da sala e os restantes materiais separadamente agrupados. O conjunto de arcos (grandes e pequenos) ficaram próximos do pneu, as tampas grandes e pequenas ficaram juntas enquanto as peças de plástico e cartão ficaram próximas dos tubos de plásticos.</p> <p>O grupo chegou à sala e a educadora sentou-os junto da parede, porque alguns meninos estavam ainda a chegar à sala. E ela queria que começassem todos ao mesmo tempo.</p>

<p>eles não podiam estar no corredor e assim uns tiveram mais tempo a observar que outros e por isso ela demorou um pouco mais a dar início à sessão, porque queria dar tempo a todos para se sentarem, acalmarem e observarem.</p> <p>Pareceu-me que ele estava a testar os diferentes sons que fazia a madeira ao bater.</p> <p>Acho que continuam à procura do som mais forte.</p> <p>Incrível a concentração que esta menina teve de ter para conseguir colocar algumas das formas em pé.</p> <p>A menina esteve desde o início sentada ao pé da auxiliar até que foi brincar e desde então não deixou nenhum amigo se aproximar do pneu, começava logo a chorar. Mas apenas esteve sentada no pneu a observar os outros e o</p>	<p>Assim que chegaram todos a educadora deixou-os estar um bocadinho sentados e depois disse-lhes “podem ir brincar”. Alguns meninos levantaram-se logo e começaram a mexer nos materiais, outros meninos ainda ficaram sentados a observar.</p> <p>Dois meninos dirigiram-se às argolas, a menina pegou numa argola e coloca na cabeça e diz “cabeu” e começa a olhar para o menino a rir e pega noutra argola e dá ao menino e ele experimenta colocar na cabeça e começa a agarrar nas outras argolas e a colocar vários na cabeça e começam a ri-se os dois.</p> <p>Está um menino a atirar com as rodelas de madeira para o chão e ri-se, até que a rodela bate noutra rodela e obtém um som diferente e ele faz uma cara esquisita e dirige-se à duas rodelas e começa a bater com uma no chão e com a outra também e depois de várias vezes a bater no chão bate com uma na outra e ri-se novamente, e continuou a explorar as madeiras.</p> <p>Um menino levantou-se agora e dirigiu-se às rodelas de madeira e sentou-se ao pé de algumas e ficou a observar a madeira, pega e olha até que começa a empilhá-las, faz torres de duas rodelas, destrói e volta a fazer, faz isto várias vezes.</p> <p>O pneu tem várias crianças à volta, mas uma menina chega-se à frente e tenta colocar-se lá dentro, levanta uma perna, mas não consegue, até que se coloca de gatas e se consegue colocar dentro do pneu, lá dentro levanta-se e diz “o cá, cá” e começa-se a rir para os amigos que estão à sua volta.</p> <p>Juntou-se um menino ao que estava a brincar com as rodelas de madeira, e estão os dois a observar as rodelas e a bater com elas no chão e uma contra a outra e riem-se quando batem uma contra a outra.</p> <p>Uma menina está a encostar à parede algumas formas de madeira que juntou ao pé dela, coloca cada uma em pé encostada á parede e forma uma fila, demorou algum tempo porque alguns elementos que ela tinha não se mantinham em pé, mas ela não desistiu e conseguiu colocar todas da mesma forma e depois começou a observar os amigos que estavam ao pé de si que continuavam a atirar com as rodelas de madeira para o chão. Sentada já a algum tempo a observar os amigos levantou-se e foi buscar uma rodela de madeira pequena e atirou ao chão e riu-se para os amigos e eles olharam para ela e começaram a rir e foram buscar a rodela e continuaram os três a brincar.</p> <p>Já estão todos os meninos a interagir com os materiais menos uma menina que está sentada perto de uma auxiliar, até que se levanta e vai em direção do pneu. Quando chega ao pneu senta-se na borda deste e começa a palrar cada vez mais alto e mais alto, até que parou e virou as pernas para dentro do pneu e começou a observar este e pega num círculo pequeno de plástico que estava dentro do pneu e começa a manuseá-lo sentada no pneu, uma menina aproxima-se dela e ela começa a chorar e a gritar, atira com o objeto que tem na mão e continua a chorar, a menina olha para ela e fica quieta. A menina que está a chorar levanta-se e sai do pneu e vai buscar o objeto que tinha na mão e fica a observar a menina que estava ao pé dela, esta vira as costas e vai-se embora, a menina fica a brincar no local onde apanhou o objeto até que um menino se dirige para o pneu e entra dentro do mesmo e começa a brincar. A menina levantou-se e dirigiu-se ao pneu e</p>
--	--

<p>círculo que encontrou dentro do pneu.</p> <p>Quando fica a observar a primeira vez o objeto parecia que estava à espera de alguma coisa, se calhar que o objeto ficasse diferente.</p> <p>Interagem uns com os outros através das caretas que fazem.</p> <p>Quando o menino bate as palmas e começa a falar ou melhor a emitir sons e a apontar o dedo parecia que estava a ralar com eles e que queria a atenção deles, mas ninguém olhou para ele.</p> <p>A partilha de objetos.</p> <p>Estava auxiliar no final da sessão começou a interagir, utilizando alguns materiais o que fez com que esta menina por exemplo a imitasse. A menina sempre que fazia algo de diferente tentava chamar a atenção da auxiliar.</p>	<p>começou a empurrar o menino e a choramingar, o menino desistiu e saiu do pneu e ela sentou-se novamente no pneu e ficou a observar os amigos e o círculo que tinha na mão.</p> <p>Um menino pega num objeto que tem dois círculos de cartão e uma peça em forma de tudo no meio a ligar os dois cartões, e o menino começa a puxar por um dos cartões, mas este descaí e vai parar junto ao outro cartão, então ele atira-o para o chão e fica a olhar para o objeto. Depois coloca o pé em cima do objeto e tenta subir para cima deste, mas o objeto escorrega e ele caí no chão, volta a atirá-lo e desta vez o objeto afastou-se muito dele e ele encosta-se à parede a observar.</p> <p>Estão três meninos a correr em direção ao espelho que está preso na parede e quando chegam perto deste colocam as mãos e caem no chão, olham uns para os outros e riem-se e fazem isto várias vezes, até que um menino bate com as mão no espelho e não caí e aproxima a cara do espelho e começa a fazer caretas e os dois amigos começam a imitá-lo, junta-se a ele uma menina que os imita e riem-se todos com o que estão a fazer.</p> <p>Está um menino a andar a algum tempo à volta de um pedaço de um tronco que está no meio da sala, tenta saltar para subir o tronco, mas não consegue, então coloca o joelho em cima do tronco e consegue subir e dá um salto para o chão, volta a subir e a descer, faz isto várias vezes. Até que volta a subir sempre com a ajuda do joelho e bate palmas, começa a gritar e a falar com os amigos, apontando o dedo e dizendo algo que não se entende, depois disto volta a descer e vai buscar o brinquedo que tem dois pedaços de cartão e um tubo de plástico no meio e começa a tentar retirar os pedaços de cartão, puxa, vira, olha de um lado e do outro, empurra o objeto contra o chão com os pés e tenta puxar um cartão com as mão, mas não conseguiu e então começou a girar os cartões e continuou por algum tempo a observar o objeto até que o deixou no chão e foi dá-lo a outro amigo que estava perto dele.</p> <p>Um menino viu o outro a dar o objeto e foi dar-lhe uma rodela de madeira que tinha nas mãos.</p> <p>Uma menina pegou numa tampa de plástico e dirigiu-se à auxiliar que estava sentada no chão e tinha uma tampa de plástico colocada na cabeça e a menina imitou, tentou colocar a tampa na cabeça, mas essa estava sem a cair, então ela sentou-se no chão ao lado da auxiliar e voltou a tentar e conseguiu ao fim de alguma tentativas que a tampo ficasse em cima da cabeça sem cair, até que se mexeu e caiu e ela disse “ó” e fez uma cara triste. Depois a auxiliar colocou uma argola no pescoço e a menina voltou a imitar e começa a rodopiar e a sorrir dizendo “olha eu” para a auxiliar.</p> <p>Três meninos colocam-se de baixo de uma mesa e começam a rir-se muito alto, falam uns com os outros e começam a empurrar-se uns aos outros, até que uma menina tenta juntar-se a eles levando uma argola e dando aos meninos e eles começam a mandar a argolas uns para os outros. Ao fim de algum tempo a argola sai fora da mesa e a menina vai ter com a argola e fica junto desta a brincar e os três meninos continuam de baixo de mesa a observar os outros amigos.</p>
--	--

A sessão terminou, a educadora pediu a ajuda do grupo para arrumar e levou-os para a sala, pois eles iriam ter uma aula de música e ainda precisavam de comer a maçã e beber água.

Nota: (conversa informal com a educadora)

A educadora mencionou que quando pensou nesta sessão quis ir ao encontro dos interesses do grupo e como tal seria a forma redonda, pois o grupo andava muito interessado em bola, arcos, entre outras coisas, dado isso ela pegou nesse interesse e criou esta sessão. Com tudo ela queria desenvolver além dos seus interesses a motricidade fina, criatividade, desejo pela exploração e descoberta de materiais novos e a concentração.

A educadora no fim da sessão mencionou que sempre que cria uma nova sessão eles a surpreendem, fazem sempre algo que ela não espera e por isso gostar tanto deste método.

## Observação Naturalista 2

**Nome da educadora:** Educadora 3

**Data:** 01/02/2019

**Nº crianças:** 7 no total

**Hora do início:** 09:55h

**Idades:** Berçário

**Hora do fim:** 10:15h

### Material utilizado:

- Troncos de madeira;
- Rodelas de madeira;
- Pinhas;
- Pedras pequenas;
- Pedras grandes;
- Fitas com guizos;

Obs.: Existia um cesto dos tesouros e um espaço todo organizado com os materiais iguais aos que estavam dentro do cesto. Está exemplificado nas imagens abaixo.



Inferências e Notas	Registos Observados
<p>O objetivo desta sessão tal seria apresentar e deixar o grupo explorar os elementos da natureza.</p> <p>Ao entrarem na sala o grupo parecia muito desconfiado e por isso alguns demoraram algum tempo a dirigir-se para os materiais e ficaram a olhar para a educadora.</p> <p>Quando a pedra caiu pareceu que a menina não entendeu porque de a pedra ter caído.</p> <p>Acho que a menina queria fazer barulho também e como não conseguiu ficou frustrada, mas arranjou uma solução.</p>	<p>Antes do grupo chegar ao espaço onde seria realizada a sessão, os materiais selecionados pela educadora foram elementos relacionados com a natureza. A educadora disponibilizou na sala, troncos com fitas e guizos levando as crianças a fazer som com estes. Existia também pinhas, pedras, rodelas de madeira, grossas e finas. A sala estava muito bem organizada, tinha um cesto dos tesouros e os materiais exposto pela sala. Os troncos de madeira juntos e em fila, depois surgia as pinhas em fila e por fim as pedras. Tudo estava organizado em conjuntos.</p> <p>Alguns meninos entraram sozinhos na sala a gatinhar e outros vieram ao colo. Os meninos dirigiram-se aos materiais, mas muito calmamente, olham muito para os materiais e para a educadora.</p> <p>Uma menina dirigiu-se para a zona onde se encontram as pedras e pega em duas, uma colocou na boca e a outra caiu e ela ficou a olhar para a pedra que caiu e olho para a mão e novamente para a pedra, então levanta-se e gatinha até às pinhas e volta a pegar em duas, mas agora só com uma mão, não consegue as pinhas estão sempre a cair e então ela pega uma pinha com uma mão e a outra pinha com a outra mão e começa a bater com as pinhas e olha muito espantada para as pinhas e volta a repetir o movimento e ri-se, volta a repetir o mesmo várias vezes e ri-se sempre que vê uma pinha a bater na outra.</p> <p>Um menino que está sentado ao pé do cesto dos tesouros pega numa pedra e fica a olhar para os outros objetos que estão dentro da caixa.</p> <p>Duas meninas pegam num pau que contém fitas com guizos, cada uma pegou numa ponta, mas uma das meninas largou e pegou uma rodela de madeira que estava ao seu lado e começam a abanar ambas os objetos e olham para a educadora. A menina que tem o pau com fita e guizos larga o pau e começa a mexer nas fitas e abanas muitos, obtém o som dos guizos, fica algum tempo a abanar as fitas e a ouvir o som dos guizos e a menina ao seu lado fica a observar o que esta está a fazer.</p> <p>Uma menina arrasta-se pela sala, com o rabo no chão movimenta-se pela sala e vai para o pé de um tronco com fitas mais pequenas e começa com as mãos a bater nas fitas e depois olha para a outra menina que faz barulho com as fitas e olha para o seu tronco e volta a bater e faz isto algumas vezes até que empurra o tronco e começa a choramingar. Passado algum tempo foi ter com o tronco que a outra menina tinha e começou a bater com as suas mãos nele.</p> <p>Uma menina que estava a gatinhar foi contra a caixa do cesto dos tesouros e senta-se em frente a esta, começa a tirar as pedras e coloca-as na boca. Ou menina que já estava sentada no chão, mas um pouco afastada da caixa passou a estar mais perto desta porque como a caixa foi empurrada chegou-se ao pé dela e ela começou a explorar os materiais também. Assim que a primeira menina larga as pedras a segunda pega nelas e coloca-as na boca também. A primeira menina retira as pinhas, as rodelas de madeira e explora todo o material existente na caixa colocando na boca e observando este. Uma terceira menina junta-se a ela e imita o que as outras duas meninas</p>

<p>A menina estava muito sossegada, mas o menino queria interagir com ela.</p> <p>O menino estava mesmo com febre e por isso o desconforto e a frustração dele.</p> <p>O ramo tinha as fitas e guizos e isso chamou a atenção dela e assim ela parou de chorar e ficou a brincar.</p> <p>Esta menina não estava muito envolvida com os materiais.</p> <p>Engraçado a partilha do seu bem mais precioso, a chucha, ela percebeu por duas vezes que a chucha acalmava a outra e sem problemas deu-lhe a chucha e ficou a brincar com o objeto que tinha.</p>	<p>fazem, pega primeiro numa pedra e coloca na boca, de seguida pega numa pinha e faz o mesmo.</p> <p>Chegou agora uma menina, está sentada no chão sozinha a observar, não se aproxima de nada nem se afasta, mantém-se no sítio que a educadora a colocou. Um menino dirige-se a ela e faz gestos e palra, mas ela não faz nada continua a observar tudo à sua volta, então o menino saí do pé dela a gatinhar e vai buscar uma pinha e volta para lhe dar, ela observou a pinha e o menino e pegou na pinha e colocou-a na boca, o menino sentou-se ao pé dela e começou a explorar uma pedra utilizando também a boca e as mãos para a manusear.</p> <p>O menino que estava sentado junto ao cesto dos tesouros ficou sem este quando a outra menina o empurrou, mas ele continuou com um saquinho de pedras na mão, o que já estava a explorar a algum tempo. Começou a chorar e então a educadora colocou-lhe mais alguns objetos à sua frente, ele acalmou-se, mas continuou a choramingar, afastando alguns objetos ficando apenas com o saco de pedras que tinha na mão. Ele estava muito calmo, quieto e vermelho nas bochechas e eu fui ao pé dele e coloquei a mão nas bochechas dele e na testa e ele estava muito quente, disse à educadora e ela foi com ele à sala medir a temperatura.</p> <p>Assim que a educadora saí uma menina olha para a educadora e começa a chorar e a levantar os braços, assim que levanta os braços, olha para a mão e para de chorar, e baixou o braço e ficou a olhar para o ramo que tinha na mão e volta a repetir o movimento e sorri, larga o ramo no chão e começa a puxar pelas fitas.</p> <p>Está uma menina desde o início da sessão a gatinhar de um lado para o outro da sala, de vez em quando para mexe nos troncos, mas anda a gatinhar sempre á volta deste, apenas mexe e gatinha e repete isto várias vezes, até que começa a andar novamente à volta da sala e ao pé das auxiliares.</p> <p>Uma menina dirigiu-se para o cesto dos tesouro e começa a mexer no objeto e pega num saco com pedras, agita-o e sorri, coloca-o uma pedra na boca, esta ainda dentro do saco, e volta a retirar, olhe para o objeto e volta a agitar o saco, para de agitar e observa novamente repete este processo várias vezes até que o larga e olha para uma menina que está a chorar ao seu lado, coloca-se em posição de gatas e vai ter com a menina, tira a sua chucha da boca e coloca na boca da outro menina que está a chorar e esta para de chorar e ficam a olhar uma para a outra. A menina que deu a sua chucha sorri e retira a chucha dela da boca da outra e volta a colocar na sua e vai novamente ter com o seu saco das pedras. A menina, entretanto, voltou a chorar, e a outra menina olhou para ela e deu-lhe a chucha novamente e ficou a brincar com o saquinho das pedras.</p> <p>Um menino veio ter comigo e sentou-se à minha frente a olhar para mim, eu sorri para ele e ele sorri. Sentado no chão olha á sua volta e encontra um pedaço de madeira pega nele e começa a rodá-lo, a bater com ele no chão e olha para mim e para o objeto. Coloca-se em posição de gatinhar e vai ter com uma pedra e volta a trazer para junto do pedaço de madeira e de mim e começa a bater com um no outro e a explorar os dois materiais.</p> <p>Observações:</p> <p>Alguns meninos já não estão a brincar, apenas estão a observar a educadora achou melhor terminar, já tinham passado vinte minutos e não valia a pena estar a continuar a sessão. Eles já tinham explorado imenso.</p>
--	--

O menino que estava muito quente, estava doente e com febre e por isso não aderiu bem á sessão.

A menina que andou o tempo todo de um lado para o outro, tinha começado no dia anterior a gatinhar, então ainda estava a explorar essa nova aquisição e estava a ganhar confiança nesse campo.

O que a educadora sentiu muito foi que o grupo procura o adulto, mas como ela mencionou está relacionado com a idade, e por isso não deve ser uma sessão muito extensiva, pois eles ainda necessitam muito do adulto e da presença deste nas suas aquisições.

Sendo assim para finalizar a educadora disse que achou uma sessão muito boa para o desenvolvimento do grupo, pois eles exploraram imenso e envolveram-se uns com os outros e com os materiais naturais, sendo esta a primeira desenvolvida com o grupo.

## Observação Naturalista 3

<b>Nome da educadora:</b> Educadora 8	<b>Data:</b> 13/02/2019
<b>Nº crianças:</b> 16 no total	<b>Hora do início:</b> 10:00h
<b>Idades:</b> 2/3 anos	<b>Hora do fim:</b> 10:30h

Material utilizado:
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Troncos de madeira;</li> <li>- Garrafas de plástico (14 garrafas 1 – 5L; 5 – 1,5L; 4 – 0,5L; 4 – 0,33L);</li> <li>- Bolas (3 grandes, 3 médias, 3 pequenas);</li> <li>- 4 Lenções;</li> <li>- 4 Lenços/Tules;</li> <li>- Caixas de ovos (6 grandes e 3 pequenas);</li> <li>- Rolhas;</li> </ul>

**(Não existe fotografia do espaço organizado)**

Inferências e Notas	Registos Observados
<p>Além de ser pensada para ir ao encontro dos gostos das crianças, foi também para apresentar o método à educadora e ao grupo em questão.</p> <p>Custou muito à educadora não</p>	<p>A sessão foi pensada em ir de encontro a alguns interesses do grupo, como as bolas, o gostarem de explorar materiais diferentes dos seus brinquedos. E alguns objetos como as rolhas, as tampas, as caixas de ovos foram pensados para as crianças desenvolverem a motricidade finas, a criatividade. Existiam também garrafas de águas, e lenços/tules e lenções pequenos.</p> <p>Quando se iniciou a sessão na sala de atividades o grupo andou de um lado para o outro a correr, passavam por as várias estações e só observavam.</p> <p>Foram direitos às bolas que estavam no meio da sala, começaram a correr e a atirar as bolas para todos os lados.</p> <p>O grupo continuou a andar de um lado para o outro, algumas crianças começaram a sentar a um canto junto às garrafas e três crianças em conjunto juntaram cinco garrafas e com uma bola destruíram o que</p>

<p>intervir, mas o grupo de quatro meninos conseguiram sozinhos resolver o problema.</p>	<p>tinham construído e ficaram todos contentes, repetiram este processo alguma vezes, até que outro menino apareceu e com o pé deu um pontapé nas garrafas e começou a rir-se para a garrafas a cair e para os amigos, mas eles não se riram, olharam para a educadora, esta não fez nada e eles foram ter com o outro menino e disseram “não”, ele começou a chorar e os quatros voltaram a olhar para a educadora, ela não fez nada e o menino que estava a chorar agarrou nas garrafas e colocou as todas juntas novamente e deu a bola aos outros meninos e assim ficaram os quatro a brincar, durante algum tempo. Alguns meninos continuavam a correr e a atirar as bolas e estavam a aleijar algumas crianças, não de propósito, mas as bolas batiam nos amigos, e então a educadora retirou as bolas e guardo-as na sala do lado.</p>
<p>A educadora achou que as bolas não estavam a resultar por isso removeu-as;</p>	<p>Havia outro grupo de meninos sentado ao pé das rolhas, das tampas e das caixas dos ovos, estes estavam a colocar as rolhas dentro das caixas dos ovos, uma rolha por buraquinho, e no fim contavam. Um menino empilhou várias rolhas e quando estas caíam todas no chão disse “oh não”, voltou a repetir o processo várias vezes, até que se cansou e foi ter com os colegas e começou a por essas tampas nos buraquinhos das caixas, tentavam pôr várias tampas dentro de cada um e depois mostrou ao amigos que tinha mais tampas que ele dentro dos buraquinhos e disse para ele “eu tenho uns vinte e tu não”.</p>
<p>O menino ficou muito triste;</p>	<p>Ao fundo da sala estavam os troncos de madeira e estes estavam tapados com um lençol, várias crianças já tinham estado ao pé do lençol, mas acabavam por ir embora, até que se juntou um grupinho de cinco crianças á volta dos troncos e iam falando uns com os outros e um menino chegou-se à frente e baixou-se para espreitar e depois afastou-se e olharam todos para a educadora, esta não lhes disse nada, outro menino chegou á frente e pegou no lençol e puxou o lençol e quando conseguiu destapar os troncos disse “oh Deus” e ficaram todos contentes e alguns até gritaram, um menino disse “é como a árvore do recreio”, começaram a brincar com os troncos, empilhavam, batem uns nos outros, e riem-se do som, tentam equilibrar alguns troncos.</p>
<p>O menino contou as tampas, mas não conseguiu contar corretamente e quando terminou a contagem estava no número vinte, ele só tinha 15 tampas;</p>	<p>Uma menina está junto das garrafas e tenta pegar uma de 1,5 litros e diz para a educadora “é pesada e grande, mas esta não é igual”, ficou a observar algum tempo ambas as garrafas e levou as duas consigo para o fundo da sala e depois observou um menino que estava a pôr a garrafa na boca e a menina começou a olhar para a garrafa dele e para as suas e pegou na garrafa vazia e imitou o gesto do menino, mas não aconteceu nada, depois fez o mesmo com a outra, custou-lhe, tinha muita água, mas ela conseguiu e fingiu que estava a beber água, tentaram ambos abrir as garrafas, mas essas estavam fechadas e seladas.</p>
<p>Algumas garrafas estavam cheias de água e outras não;</p>	<p>Outra menina começou a mexer nos lenços que estavam no chão, pois ainda ninguém tinha mexido, esta menina esteve sempre junto dos lenços, mas não fazia nada só observava e olhava muito para a educadora, até que avançou e retirou um tule rosa e a sua frente tinha um espelho e começou a dançar para este, dançou ballet durante a sessão toda, esteve o tempo todos a experimentar os tecidos e a dançar, e sempre que fazia algo diferente olhava para a educadora.</p>
<p>O menino estava a fingir que bebia da garrafa;</p>	
<p>A menina conseguiu perceber que uma tinha água e a outra não;</p>	
<p>Perguntei á educadora se a menina fazia ballet e ela respondeu-me que não, mas que a mãe já lhe tinha dito que a iria por no</p>	

<p>ballet, é um dos interesses da menina;</p> <p>Quando o garrafão caiu no chão e fez um grande barulho eles assustaram-se e olharam para a educadora para ver se irão ser repreendidos;</p> <p>A menina fez uma saia com o tecido;</p> <p>A menina conseguiu perceber que se lhe desse outra coisa ela irei deixar a sua garrafa e foi isso que fez;</p> <p>Perceberam que ao baterem com as garrafas na parede que tinha um colchão fazia um som diferente do que no chão. Então andaram a descobrir os sons;</p> <p>O menino percebeu que só as tampas pequenas é que passavam no gargalo e explicou isso ao amigo que estava a tentar pôr uma grande;</p>	<p>Depois de esta menina mexer nos tecidos alguns meninos se dirigiram aos tecidos e começaram a brincar, uns agarravam neles e enrolavam-se, outros corriam com o lençol, outros puxavam e depois caíam no chão juntos e riam-se imenso uns com os outros.</p> <p>A estação das caixas de ovos, das tampas e das rolhas tem muitas crianças, e eles continuam a fazer o mesmo, mas agora descobriram debaixo de um lençol um garrafão cheio de tampas e ficaram todos contentes, mas eles não conseguiam tirar e chamaram a educadora e esta disse-lhe “você conseguem”, eles abanavam, batiam, tentavam colocar na mão no gargalo do garrafão, mas não saíam, até que um menino abanou e caíram rolhas e eles ficaram a olhar muito e o menino viu uma abertura de lado e colocou lá a mão e começou a tirar e os outros também queriam, começaram a empurrar-se uns aos outros, até que o garrafão caiu no chão e eles ficaram a olhar e devagar começaram a tirar, deixando cada um tirar alguns.</p> <p>A menina que está a dançar com os tules, vestiu um, colocou-o á volta da cintura e esta estava sempre a cair até que ela o prendeu com as pontas nos bolsos e depois olhou para a educadora para mostrar o que tinha feito.</p> <p>Ao fundo da sala estavam duas meninas a puxar por uma garrafa, há uma que tem a garrafa desde o início da sessão, mas perdeu a garrafa para a outra, começou a chorar e foi ter com a educadora, a educadora disse-lhe “vai brincar, não precisas de chorar”. A menina foi buscar o garrafão que estava lá ao fundo e foi dar dá outra menina, pois ela larga a sua garrafa e então ela agarra na garrafa e começa a correr para o outro lado da sala, e senta-se no chão a brincar com a sua garrafa que tem desde que iniciou a sessão.</p> <p>Três meninos começaram a bater com as garrafas no chão e começaram-se a rir com o som que faziam, e então os três começaram a bater com as garrafas no chão com muita força e estavam a fazer um barulho muito grande até que um menino chega ao pé deles e tentar bater com uma garrafa que estava cheia de água, mas esta não fez o mesmo som, e os meninos olharam par ele e para a garrafa e um deles pegou na garrafa e bateu com ela no chão e disse “é pesada e tem um som diferente” e outro menino respondeu-lhe “isso é porque tem muita água lá dentro” e então deram ao menino uma garrafa vazia e continuaram a fazer sons com as garrafas e iam trocando o sitio onde batiam. O grupo de crianças que se encontra de volta do garrafão com as tampas já conseguiram tirar quase metade das tampas e então foram buscar o outro garrafão que havia na sala e começaram a encher com tampas pequenas e um menino disse para outro “estas não então, só estas”, o menino experimentou e viu que sim só as pequenas é que entravam pelo gargalo do garrafão.</p> <p>Falei com a educadora disse-lhe que seria melhor terminar, porque alguns meninos já não estavam interessados e assim terminámos.</p> <p>A educadora no fim disse que acho incrível como eles se envolveram com todos os materiais e os exploraram. E era notório que ao observá-los apenas conseguia perceber o que estavam a trabalhar, a desenvolver sozinhos, e que sentiu que era muito difícil não se envolver com eles.</p>
---	--

## Observação Naturalista 4

**Nome da educadora:** Educadora 8

**Data:** 21/02/2019

**Nº crianças:** 12 no total

**Hora do início:** 09:45h

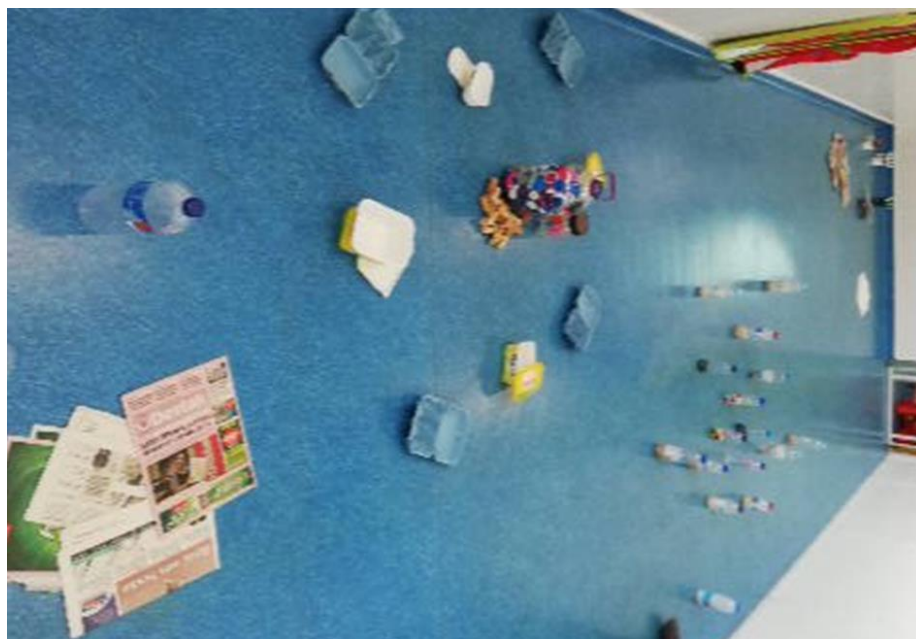
**Idades:** 2/3 anos

**Hora do fim:** 10:05h

### Material utilizado:

- Música de fundo (Mozart)
- 16 Garrafas sensoriais;
- Canetas/Lápis de cera;
- Rolhas/Tampas/Molas;
- Garrafão/Frasco plástico;
- 4 Caixas de ovos pequenas;
- Caixas plástico pequenas;

Folhas A4.



Inferências e Notas	Registos Observados
<p>Sentaram-se no chão a meio da sala a explorar as garrafas e a observar o que estava por dentro.</p> <p>Ele quando olha para a educadora é para verificar se esta o repreende.</p> <p>A menina esteve muito tempo de volta da garrafa.</p> <p>Muito engraçado vê-lo a arrumar e a dar á educadora, mas um deles conseguiu deixar essa vontade de arrumar e dar a uma amiga.</p>	<p>A sessão começou com o grupo todo sentado á volta da sala e depois a educadora disse “podem ir brincar” e aos poucos eles foram se levantando e quase todos os que se levantaram inicialmente dirigiram-se às garrafas sensoriais, mas não lhes tocaram, ficaram só a observar. Um menino pegou e abanou uma garrafa que tinha grão e os outros á volta observam o que ele faz e quando a garrafa imite som começaram-se a rir, e os outros pegam nas outras garrafas e começam a imitar.</p> <p>Algumas crianças não se dirigiram às garrafas sensoriais, observaram os amigos, mas dirigiram-se para as folhas de papel, revistas os lápis e começaram a desenhar, espalharam as canetas e os lápis, e fazem desenhos nas folhas, não ligaram às revistas, deixaram-nas como estavam. Começam a fazer desenhos e a mostrar uns aos outros, um menino diz “olha, olha o que fiz”.</p> <p>Na estação das caixas dos ovos e das tampas, estão poucos meninos, mas um menino que se encontra lá, está a utilizar a caixa dos ovos como um objeto que apanha outros, tenta imitar um camião, sendo que a caixa escava/apanha coisas do chão e uma menina ao lado dele está a fazer contagens, pega num ovo imaginaria e diz “um ovo, dois, três, quatro, cinco, seis” e depois retira todos os ovos imaginários e coloca novamente, faz este processo várias vezes.</p> <p>Os meninos que estão com as garrafas conversam muito, riem-se dos sons diferentes e repetem várias vezes os sons de cada garrafa para todos ouvirem, um menino bateu com a garrafa da mão e depois olha para a educadora, mas a educadora não disse nada e ele continua a olhar para a sua mão e depois esfrega as mãos e continua a brincar com os amigos. Os meninos começaram a tentar abrir as garrafas, mas não conseguiram, uma menina ao longe observa-os e chega-se perto deles e retira uma garrafa que tem elásticos às cores e água, pega na garrafa e volta para onde estava e começa a tentar fazer o que eles estavam a fazer, tenta abrir a garrafa.</p> <p>Uma menina está junto das caixas desde o início da sessão que está a pôr molas dentro da caixa de plástico e a retirar, ela coloca as molas e fecha a caixa e desseguida repete o processo.</p> <p>Dois meninos estão a brincar com os lápis, canetas e as caixas, primeiro pintaram as caixas de plástico, não conseguiram com os lápis, mas foram buscaras canetas e pintaram as caixas e desseguida colocam as canetas e os lápis dentro das caixas um diz “já tá”, e pegam nas caixas e vão dar á educadora, esta responde-lhes podem continuar a brincar com as canetas e um diz “mas já arrumámos”, a educadora responde “mas os amigos também podem quer brincar”, um dele pega numa caixa e vai dar a uma menina que está a pintar nas folhas.</p> <p>Ao fundo da sala estão três meninos a brincar com as rolhas e as tampas separadamente, até que um pega numa rolha e vai ter com outro e posteriormente o outro junta-se também, estão a brincar juntos,</p>

<p>O menino parecia estar a explicar-lhe que não podiam fazer aquilo, parecia estar a imitar a educadora.</p> <p>Foi muito interessante observar a menina com todo o cuidado e delicadeza a retirar os elásticos, no final ainda consegui ver que ela tinha retirado, num dez elástico de dentro da garrafa e não entronou quase água nenhuma.</p>	<p>encaixando as rolhas num frasco. Passado algum tempo os meninos começam a tentar tirar as tampas e as rolhas uns aos outros. Um menino aleijar-se e diz “ai ai” e outro amigo que estava perto dirige-se a ele e ajuda-o, tirando os outros do pé dele, e ele conversa com eles, e desseguida voltam a brincar os três e o quarto menino junta-se à brincadeira.</p> <p>A menina que estava com a garrafa de água com os elásticos continua a tentar abrir até que finalmente consegue, com muito cuidado ela começa a retirar os elásticos de dentro da garrafa, não vira a garrafa ao contrário, inclina a garrafa coloca o dedo lá dentro e um a um vai retirando os elásticos, conseguiu retirar imensos elásticos, entornou alguma água, mas sem quer, porque ela estava a ter muito cuidado a retirar cada elástico.</p> <p>Obs.: Tivemos de terminar a sessão porque eles tinham ginástica e tinham de ir para a aula, mas a educadora acho que a sessão estava a correr muito bem e eles desta vez estavam super calmos e entregaram-se muito á experiência.</p> <p>Em conversa com a educadora ela disse que achou que as folhas de papel e os lápis limitaram muitas crianças de explorar materiais que não tinham acesso todos os dias, mas ela disse que achava que eles iriam fazer coisas diferentes, mas não, ficaram apenas a desenhar, o que não é mau, mas podiam ter explorado mais. (Este material foi a educadora que quis experimentar, queria ver se o grupo explorava de forma diferente alguns materiais que é normal dos seus quotidianos, levando a desenvolver a criatividade, motricidade, conceitos matemáticos, como a contagem, enfiamento das rolhas). A educadora foi capaz não intervir o que foi ótimo para o grupo, ela manteve-se calma e afastada.</p>
--	--

## Observação Naturalista 5

**Nome da educadora:** Educadora 9

**Data:** 18/02/2019

**Nº crianças:** 11 no total

**Hora do início:** 10:00

**Idades:** 1/2 anos

**Hora do fim:** 10:30h

### Material utilizado:

- Música de fundo (Mozart)
- Troncos de madeira;
- Pedras;
- Pinhas;
- Ouriços;
- Lenços;
- Tules;



Inferências e Notas	Registos Observados
<p>O grupo da sala é constituída por dois faixas etárias seis de um ano e sete de dois anos.</p> <p>Foi o mais explorado das duas estações.</p> <p>Estava com receio de se voltar a picar.</p> <p>A menina é a mais nova do grupo todo.</p> <p>Ele estava muito feliz ao observar o tecido e a correr.</p> <p>Ambos se riam muito e olhavam para a educadora.</p>	<p>A sala estava organizada em duas estações, uma com elementos da natureza, pinhas, pedras, troncos de madeira, rodelas de madeira, ouriços e a outra estação continha elementos de pano, lenços, lençóis pequenos e tules.</p> <p>O grupo entrou numa sala grande, a qual se chama “mini salão”, as crianças assim que entraram sentaram-se junto à parede, a educadora disse que podiam ir brincar e eles devagar começaram a levantar-se. Houve várias crianças que não se levantaram logo e outras que demoraram algum tempo a fazê-lo, isto aconteceu com mais com o grupo de 1 ano.</p> <p>Assim que alguns meninos começaram a levantar-se dirigiram-se à estação dos elementos da natureza.</p> <p>Um menino assim que começa a pegar nos objetos pega num ouriço e diz “pica” e nisto larga-o logo no chão, mas como tinha retirado este de cima de um tronco ele tentou várias vezes até conseguir colocá-lo novamente em cima do tronco, mas tendo muito cuidado ao pega-lo, mas conseguiu voltar a pôr no sítio inicial, no fim ficou super animado. Agora deixa o ouriço e antes de pegar em algum objeto toca primeiro com muito cuidado.</p> <p>Um grupo de três meninos fizeram um monte com as pinhas e pedras, tentam equilibrar tudo, mas está sempre a cair, desistem deste material e pegam em troncos e castanhas e começam a fazer o mesmo e assim com as castanhas já conseguem colocar em cima do tronco e não caem, começaram a rir-se uns para os outros e olham para a educadora e um menino diz “assim não cai”, de seguida pegam nas pedras e começam a bater com estas em cima do tronco obtendo som e continuam por gostarem de observar as castanhas a saltarem em cima dos troncos.</p> <p>Os meninos mais novos do grupo, já se começaram a levantar-se, mas não aderiram aos materiais, alguns andam à volta das estações, outros estão a brincar às escondidas nos móveis ao fundo do salão, até que todos as crianças que tem um ano começam a brincar às escondidas e ficam algum tempo a brincar, sem ligarem aos objetos que se encontram no chão. Mas continua uma menina sentada no chão junto á parede apenas a observar.</p> <p>Um menino dirigiu-se aos tecidos e agarrou num comprido e começou a correr pelo salão agarrando apenas na ponta do tecido e deixando ele esvoaçar.</p> <p>Ele começou a passar perto dos amigos e observava a reação deles quando o tecido lhes tocava e ria-se para eles, vez várias vezes os meninos com várias crianças, até que levou dois tecidos um em cada mão e deixou um ao pé de um menino e este levantou-se e começou a imitá-lo. Correram imenso pelo salão, até que os restante rapazes imitaram-nos, alguns andavam com apenas um tecido, um agarrava á frente e outro atrás,</p>

<p>Foi muito interessante observar a mudança repentina de brincadeira, a forma como inventaram e se envolveram em algo novo foi espetacular.</p> <p>Os mais novos ainda estão a observar muito os materiais e o espaço.</p> <p>Quando a pedra se partiu ele ficou muito assustado e tentou a todo o custo arranjar, mas não dava.</p> <p>A alegria dele era notória, ele ficou mesmo feliz de ter conseguido se manter equilibrado em cima do tronco.</p> <p>Na realidade só tinham cinco pedras.</p> <p>Os meninos pareciam que embalavam as pedras para dormir.</p>	<p>estiveram algum tempo a correr, a mandar-se para o chão, a envolverem-se nos tecidos e riam-se bastante uns para os outros. Começaram a escorregar nos tecidos, porque estes se metiam debaixo dos seus pés, até que um menino caí no chão, dois meninos pararam e foram ter com ele e olharam para a educadora e depois novamente para ele, o menino que caiu ri-se e começa a mandar o tecido ao ar e começam a brincar a uma nova coisa, mudando de brincadeira, foram em direção ás estação dos tecidos e deitaram-se no chão e brincaram, fingiram que nadavam, que dormiam, várias coisas.</p> <p>Houve meninos que continuaram a brincar com os tules, mas deixaram de correr, começaram a andar pela sala e a agitar os tecidos e a fazer vento uns para os outros.</p> <p>A menina que estava sentada levantou-se e dirige-se aos materiais da natureza e senta-se junto dos outros meninos e começa a pegar nos objetos e os outros meninos mais novos juntaram-se a ela, mas ainda estão a observar, apenas se sentaram no chão.</p> <p>Um menino pega numa pedra e manda-a várias vezes ao chão, até que esta se parte ao meio. O menino tentou montá-la, juntando uma parte á outra mas esta não ficava junta, então olhou para a educadora e esta não disse nada e ele continuou a repetir o mesmo processo de a juntar e verificar se ficava, mas não resultava até que a colocou nos seus bolsos a pedra, uma metade em cada bolso e foi brincar com os tecidos, pois alguns meninos voltaram a correr pelo salão com os tecidos.</p> <p>Os mais novos já estão a interessar-se pelos materiais da natureza, pegam e brincar com as pinhas, as pedra e com os troncos, fazem pilhas, juntam, separam, várias coisas diferentes, mas continua um menino sem se interessar, apenas anda a volta dos objetos e dos amigos, sem pegar em nada.</p> <p>Está um menino com dois anos no meio do círculo dos elementos da natureza, estava a tentar subir para um tronco de madeira, mas era um pouco alto e ele não está a conseguir, mas não desiste, tenta várias vezes até que consegue subir e desequilibra-se, até que passado algum tempo de continuar a tentar de manter direito em cima do tronco grita de alegria, “eu consegui, tou alto” e nisto manda um enorme salto para o chão e começa a brincar com os outros meninos que estavam à sua volta.</p> <p>O grupo está a começar a acalmar-se, já quase nenhuns estão a correr, apenas dois meninos estão a correr com os tecidos, mas os restantes estão envolvidos com os materiais e a conversarem uns com os outros.</p> <p>Dois rapazes sentados no chão um em frente ao outro, criam um círculo com as pernas, juntando os pés, depois disso reúnem algumas pedras no centro do círculo, um menino diz “vamo por aqui as pedras”, e contam-nas e dizem que têm dez pedras, um menino pega num tecido e tapa as pedras e ambos começam a cantar, abam-se e começam a dar festinhas nas pedras tapadas pelo tecido.</p> <p>As crianças de um ano estão a brincar com as pinhas e amachucam as folhas secas e riem-se vendo estas destruídas no chão, um dele coloca um pedaço na boca e faz uma careta, e tira da boca a folha, começaram todos a colocar objetos na boca, primeiro uma menina põe uma pedra, que era demasiado grande e ela diz “na dá”, outro menino pega num pedaço de</p>
---	---

tronco e coloca na boca manda logo para o chão e continuaram a experimentar os objetos até que um menino pega num ouriço e diz “pica” mandando o mesmo para o chão e de seguida dá-lhe um pontapé dizendo para os colegas “é mau”, este menino só agora é que começou a interagir com os materiais, antes disto andava pelo salão ia ter com a educadora, mas não dava atenção aos objetos.

Alguns elementos do grupo já estão a ficar inquietos e começam a fazer asneiras e em conjunto com a educadora achamos que estava na hora de voltar a pedir para se sentarem e depois sim saírem com calma do salão.

A educadora conversou com o grupo e o menino que durante toda a sessão não fez nada agora sim quer brincar, a educadora levou o grupo para a sala enquanto eu fiquei no salão a arrumar e como percebemos que o menino queria brincar deixámos ele ficar comigo no salão enquanto eu arrumava. E este deixou de brincar para me ajudar, sem eu lhe pedir começou a colocar os objetos dentro dos sacos, imitando o que eu estava a fazer.

Esta sessão foi uma demonstração tanto à educadora como aos meninos da sala. Os objetivos pensados para a presente sessão foram a exploração livre, a motricidade fina e grossa, a criatividade e imaginação, a concentração, o desenvolvimento corporal, exploração da dança e a comunicação oral.

A educadora no fim mencionou que achou a sessão ótima e o método também, sentiu que era difícil para ela não interagir sistematicamente com o grupo, mas que tinha de o começar a fazer pois observou que eles sozinhos desenvolvem inúmeras competências. A educadora mencionou que eles se libertaram, mas conseguiram também se acalmar sozinhos.

## Observação Naturalista 6

**Nome da educadora:** Educadora 9

**Data:** 27/02/2019

**Nº crianças:** 6 no total

**Hora do início:** 9:45h

**Idades:** 1/2 anos

**Hora do fim:** 10:20h

### Material utilizado:

- Música de fundo (Mozart)
- Fervedores/Forminhas de metal;
- Tachos/Tampas de tachos;
- Frigideiras
- Colheres de pau/plástico;
- Caixas de plástico;
- Copos/taças de plástico;



Inferências e Notas	Registos Observados
<p>Já é a segunda sessão do grupo e queríamos observar como reagia o grupo desta vez.</p> <p>Hoje só estão seis meninos, cinco têm dois anos e apenas uma menina tem um ano.</p> <p>Engraçado ver que eles quando observam os outros amigos a brincar, perdem a vergonha e vão, não precisam que o adulto lhes diga para ir.</p> <p>O menino imita o que certamente já observou em casa.</p> <p>A criança sentiu-se aflita e começando a chorar, dirigindo-se logo á educadora, mas sozinho conseguiu solucionar o seu problema.</p>	<p>Esta sessão foi idealizada pela educadora, essencialmente pensada nos interesses momentâneos do grupo. Que é neste momento o cantinho da cozinha, e a educadora queria ver o grupo a explorar elemento relacionado com o quotidiano da cozinha.</p> <p>Os elementos selecionados foram forminhas de metal, tachos, frigideiras, fervedores e tampas de tachos. Continha também caixas de plástico de formas diferentes, colheres, copos, tigelas e molas. A sala disponível foi a sala de atividades do grupo e estava organizada em forma circular e em conjuntos, cada elemento estava em forma circular em conjunto com os utensílios iguais.</p> <p>Quando o grupo chegou sentaram-se junto á parede e a educadora sentou-se ao pé deles e não disse nada e esperamos e observamos o grupo.</p> <p>Os meninos começaram a olhar, olhavam uns para os outros e para a educadora, até que um menino diz “está ali uma mola”, e levanta-se e vai buscá-la, “está aqui outa” e pega nessa também e senta-se no chão junto dos materiais e começa a tentar abrir as molas e começa a brincar com estas.</p> <p>Outro menino levanta-se e vai para o pé das formas de metal e começa a separá-las e a colocá-las em fila umas ao pé das outras e volta a juntá-la e repete este processo várias vezes, até que começa a fazer grupo de formas, uns com quatro formas e outros com mais e entretém-se algum tempo com as formas.</p> <p>Os meninos começam todos a levantar-se e a dirigir-se aos materiais e sentam-se uns ao pé dos outros e brincam.</p> <p>Um menino começa a pegar todos os elementos de metal e colocou á sua volta, todos os materiais que eram de metal ele pegou e começou a brincar com eles, alguns meninos sentaram-se junto dele e ele pegou num tacho, numa frigideira e numa colher e começou a pôr qualquer coisa lá para dentro, imitando com a mão que estava a deitar algum liquido para dentro do tacho e ia mexendo com a colher e fez o mesmo com a frigideira, deixa-se estar a mexer e depois disto vai buscar algumas formas e começa a entornar e olha para os outros e diz “já tá”.</p> <p>O menino que estava a brincar com as molas continua a tentar abrir estas, e conseguiu abrir e começa a fazê-lo várias vezes até perceber que se aperta-se no fundo a mola abria, e então abriu e colocou um dedo na ponta e prendeu o dedo, ficou algum tempo a observar até que começou a chorar e foi ter com a educadora mostrando o dedo, esta disse-lhe tira, tu consegues, ele só olhava para</p>

<p>A educadora comentou comigo que o menino que começou a fazer isso adora comer.</p> <p>A menina parecia que só queria guardar e ter as coisas para si e não brincava.</p> <p>O menino estava muito curioso com o que estava dentro da caixa.</p> <p>Continua sem brincar, apenas se agarra aos materiais.</p> <p>O menino sente-se muito feliz com o que está a fazer.</p> <p>Os meninos ficaram durante algum tempo a brincar juntos, e enquanto isto iam se rindo muito.</p> <p>A educadora perguntou o que podia fazer nestes casos, e foi-lhe aconselhado a esperar para ver o que acontecia.</p>	<p>o dedo e para ela, até que com a outra mão tenta tirar e consegue abrir a mola e tira o dedo preso e riu-se para a educadora e foi brincar.</p> <p>Estão três meninos de volta das panelas, estes conversam entre si e partilham os materiais, pegando numas e noutras, até que um menino pega nas colheres e começa a mexer algo que têm dentro das panelas e começa a colocar a colher á boca para comer e diz “mmm muito bom” e todos se riem e começam a por as colheres nas panelas e começam a imitá-lo e riem-se todos uns com os outros.</p> <p>A única menina que está na sala, senta-se junto de alguns elementos e começa a guardá-los dentro de uma frigideira, coloca as colheres primeiro, depois as formas, pega em tudo o que está à sua volta, sem parar.</p> <p>Estava um menino junto a outros meninos a brincar, até que aos poucos começa a pegar em alguns materiais e afasta-se dos restantes meninos. Ele pegou em três panelas e leva para o canto da sala e começa a brincar sozinho com estes materiais e não deixa nenhum amigo se aproximar o que deixava os outros meninos tristes.</p> <p>Havia uma caixa pequena no meio dos materiais que continha uma rolha dentro e um menino desde o início da sessão que anda com a mão e olha muito para o interior desta. Tenta abrir, mas não consegue e volta a tentar várias vezes.</p> <p>A menina que estava a tentar guardar tudo, continua a fazê-lo agora tem mais algumas colheres, copos e tenta pôr tudo dentro da frigideira, agarra-se a tudo para que os outros meninos não lhe tirem nada.</p> <p>O menino que se afastou do grupo e está a brincar sozinho com as panelas está neste momento com uma colher de pau a mexer o que tem dentro da panela e vai deitando o que tem dentro da outra panela e enquanto o faz “xxxx” com a boca e com a ajuda da colher vai mexendo o que tem dentro das panelas e ri-se para o que está a fazer.</p> <p>Está um menino de volta das formas coloca as todas juntas e depois separas, repete isto várias vezes até que separa as formas todas que tem e depois pega num copo e começa a deitar algo que tem deito do copo para cada forma, levanta-se e vai buscar uma colher e começa a mexer o que tem dentro de cada forma e enquanto isto vai provando de cada forma e nisto chama um amigo e dá-lhe uma colher para provar e ficam os dois a provar o que estava dentro das formas.</p> <p>O menino que estava a brincar sozinho (menino Y) com as panelas recebeu uma companhia, um amigo (menino X) foi ter com ele e tentou tirar-lhe um tacho, ele conseguiu, mas que estava a brincar levantou-se e tirou-lhe o tacho. O menino que ficou sem o tacho começou a chorar e olhava para a educadora. O menino que anteriormente estava sentado a brincar voltou a sentar-se muito calmamente e voltou a brincar.</p> <p>O menino X agarrou no tacho e ambos começaram a puxar pelo tacho e o menino X como não estava a conseguir agarrou na tampa. O menino Y disse “falta a tampa a tampa é daqui o .... tiou a tampa jana” “ele não dami”, outro menino estava a ver o que estava a acontecer e chegou perto do menino X e retirou-lhe a tampa e disse “está aqui”</p>
---	--

<p>Um menino está a chorar muito o outro encontra-se muito calmo a tentar tirar os dois objetos.</p> <p>Ao fundo da sala está uma piscina de bolas que foi previamente tapada com um colchão.</p> <p>Foi retirado o tacho de ambos os meninos porque foi-lhes dado tempo para arranjam uma solução e eles não conseguiram e por isso nenhum poderia ficar com o tacho.</p> <p>Estava a ser difícil tanto abrir a caixa como as molas, mas este menino não desistiu enquanto não abriu ambas. E demonstrou-se muito feliz com a sua conquista.</p>	<p>dando ao menino Y. O menino X voltou a ir ter com o menino Y e retira-lhe a tampa novamente e o menino Y diz “ele está a abrir, jana ele está a abrir” e começa a chorar, o dois meninos continuam a disputar pela tampa e pelo tacho até que o menino X encostado á parede consegue muito calmamente retirar-lhe a tampa o outro menino continua a chorar e a gritar, o menino X tenta com muita calma sem chorar nem nada retirar o tacho também.</p> <p>O menino X ainda está a tentar tirar o tacho ao menino Y.</p> <p>Noutro espaço da sala está um menino que agarra num tacho e coloca-o na cabeça e finge que está a usar um chapéu.</p> <p>Estão dois meninos junto á piscina e começam a bater no colchão com as colheres de pau fazendo muito barulho o que chamou a atenção das outras crianças, olhando quase todas para eles, mas eles não deram muita atenção e continuaram a brincar batendo com a colher e depois colocavam esta na boca, faziam isto e olhavam para o adulto e riam-se um com o outro.</p> <p>Os dois meninos ainda estão a disputar o tacho, o menino X continua a tentar tirar o tacho ao outro menino que continua a chorar. Eu sem dizer nada retirei o tacho e a tampa, apenas cheguei ao pé dos meninos e peguei em ambas as coisas e levei.</p> <p>O menino X que se encontrava muito calmo, virou as coisas e foi brincar para outro sítio, o menino Y continuou a chorar e foi ter com a educadora, esta consolou o menino e este ficou bem e foi brincar.</p> <p>No inicio um menino que estava de volta de uma caixa pequena que continha la dentro um rolha, ele conseguiu abri-la e começou-se a rir, levantou-se e foi ao pé da educadora e disse “olha era uma roa” e esta diz-lhe “rolha” e ele repete corretamente e volta a sentar-se no chão e pega numas molas e tenta abri-las, está a ser difícil, ele tenta várias vezes até que utiliza as duas mão e a mola se abre, ele coloca então á volta da caixa que agora está aberta, levanta-se e vai buscar mais molas e coloca algumas à volta da caixa.</p> <p>Ao fundo da sala os dois meninos continuam a bater com as colheres no colchão e a eles junta-se a menina e mais uns meninos e como não havia colheres de pau para todos alguns meninos começaram a bater no colchão com as mãos e riam-se uns para os outros. Um menino chega ao pé da piscina e diz “olha já não há piscina”, aos poucos os meninos tentavam descobrir onde estava a piscina e a bolas. Tentando levantar, puxar e batendo no colchão, mas não descobriam a piscina. Até que dois meninos conseguiram levantar o colchão um pouco mais alto e assim viram as bolas e um gritando muito alto diz “as bolas”.</p> <p>Os meninos como não conseguiam levar o colchão subiram para cima dele e começaram a saltar em cima dele e os restantes meninos juntaram-se e subiram todos para cima do colchão.</p> <p>E assim achamos que seria uma ótima ideia para terminar a sessão.</p>
---	---

	<p>Quando a educadora pensou na sessão planeou alguns objetivos para as crianças a desenvolver, sendo estes a exploração dos materiais, a criatividade, partilha, comunicação e interação.</p>
--	--

A educadora no fim da sessão diz que notou uma enorme diferença no grupo, pois eram menos e o espaço era menor, logo aí eles sentaram-se logo e começaram a explorar os materiais. Achou que o grupo esteve muito calmo e conseguiram envolver-se muito com os materiais.

## Observação Naturalista 7

**Nome da educadora:** Educadora 7

**Data:** 20/02/2019

**Nº crianças:** 3 no total

**Hora do início:** 9:30h

**Idades:** Berçário

**Hora do fim:** 09:58h

### Material utilizado:

- Música de fundo (Mozart)
- Garrafas sensoriais;
- Fervedores/Forminhas de metal;
- Funil;
- Tachos;
- Colheres de pau;
- Molas/Rolhas;



Inferências e Notas	Registos Observados
<p>Estão a faltar muitas crianças neste dia. O bebé 1 demonstrava muito interesse no que estava dentro do cesto.</p> <p>O som da panela parece que convidou o outro bebé a juntar-se à brincadeira.</p> <p>Quando ele olhou para nós parecia que estava a pedir autorização para bater com a panela e como ninguém disse nada ele sentiu-se livre para o fazer. O bebé andava a experimentar/conhecer os diferentes sons.</p> <p>Como não obteve resposta do outro menino deixou e voltou à sua exploração, acho espetacular como ele tentou imitar o outro menino.</p>	<p>O cesto foi criado para observar o que os bebés iriam desenvolver, a educadora não tinha qualquer ideia de objetos que poderiam ser usados e para uma primeira vez foi selecionado alguns objetos diferente para visualizar os bebés a explorarem materiais do seu quotidiano, mas que por vezes nem sempre estão ao seu alcance.</p> <p>Os objetos selecionados foram seis garrafas sensoriais diferentes umas das outras, algumas rolhas de cortiça; colheres de pau, forminhas de metal, um fervedor, molas da roupa e o próprio cesto tinha fitas com guizos. O cesto foi colocado no meio da sala junto às crianças.</p> <p>Estão apenas três bebés, assim que a auxiliar e a educadora os senta no chão, um dos meninos começou logo a tentar gatinhar para ir em direção ao cesto, este encontrava-se no centro da sala e os meninos estavam à volta.</p> <p>O bebé 1 que era o que estava mais longe começou logo a gatinhar para ir ter com o cesto, foi o primeiro a tomar iniciativa os restantes dois estavam sentados a observar, o bebé 2 apontava e olhava para a educadora, mas não se aproximava.</p> <p>O bebé 1 está já junto do cesto e tentar pegar em alguns objetos, bate nestes com as mãos e ri-se.</p> <p>Os outros dois bebés estão ainda sentados afastados do cesto, estão muito concentrados no que se está a passa no cesto.</p> <p>Ele conseguiu tirar uma panela que estava dentro do cesto, mas assim que tira deixa-a cair, fazendo com que esta bate-se noutros objetos e fizesse barulho. O bebé 2 ri-se e levanta-se dirigindo-se ao cesto e tira a panela da mão do outro bebé e volta a sentar-se no chão e começa a bater com a panela no chão e ri-se ao ouvir os diferentes sons.</p> <p>O bebé 1 está a retirar os materiais de dentro do cesto, pega um e deita para o chão e faz isto várias vezes, ele pega nos materiais olha para eles, mexe e manda para o chão.</p> <p>O bebé 2 continua a bater com a panela no chão e de repente pára e olha para a educadora, para mim e para a auxiliar rindo-se. Depois levanta-se e vai em direção à parede e começa a bater com a panela na parede e no chão e percorre toda a sala assim, há também junto da janela um parapeito e ele também bate com a panela neste, anda pela sala a bater em locais diferentes com a panela.</p> <p>A outra bebé continua afastada do cesto e não se aproxima, virou-se de costa para o cesto para poder observar o adulto, pois assim encontra-se virada para a educadora.</p> <p>O bebé 1 observa o outro bebé e ri-se, pega então numa colher e bate com esta no chão e olha novamente para o outro menino, esperando a sua reação, o outro bebé continua a bater com a sua panela, não dando atenção ao que o outro faz, então o bebé 1 começa a bater com a colher em tudo o que tinha à sua volta, depois disso começa a explorar a colher, colocando-a na boca, mexendo-a com as mãos e olhando muito para esta.</p>

<p>A menina parece começou a envolver-se com o material, mas não sei se gostou tanto dele que não vai buscar outro ou apenas não quer sair do seu espaço seguro.</p> <p>Pareceu que ele se aleijou com a panela, mas como não disse nada, ninguém fez nada também.</p> <p>O bebé 2 nesta altura ficou super envolvido com os materiais.</p> <p>A menina ficou muito feliz com o que o bebé 1 fez.</p> <p>Eu não sei se ele percebeu o porquê das grandes só encaixavam nas grandes e vice-versa, mas que no final ele conseguiu deixar como estava no início conseguiu e percebeu que tinha conseguido, porque olhou para nós e demonstrou a sua felicidade.</p> <p>Esta menina depende muito da educadora, está sempre junto da educadora e por isso está sempre à procura desta.</p>	<p>Quando o bebé 1 batia em quase todos os materiais que estava no cesto e fora ia afastando dele os materiais que estavam fora do cesto e isso fez com que um funil fosse parar junto da menina que estava junto à parede virada para a educadora. A menina começou a olhar para o funil e pegou-lhe, ela começa a explorá-lo colocando-o na boca, mexendo com as mãos e observando muito este, esteve muito tempo de volta deste objeto, pois a menina não se mexia para ir buscar mais nenhum, mas também não o largava.</p> <p>O bebé 1 começou outra vez a tirar os objetos de dentro do cesto, já se mandou para dentro do cesto, está agora deitado dentro do cesto com duas colheres na mão a bater no chão, o cesto começa a fazer barulhos porque tinha guizos por cima e nisto o bebé anda para trás e começa a puxar e a abanar os guizos com uma mão e com a outra continua a bater com a colher em tudo o que aparece à frente.</p> <p>O bebé 2 continua a bater com a panela na parede, no chão, agora experimentou bater com esta na cabeça e ficou com uma cara muito seria e olha para a panela e depois leva a panela à cabeça novamente, mas apenas a coloca por cima da cabeça e deixa-se estar com ele na cabeça.</p> <p>A bebé que estava a brincar com o funil levantou-se e dirigiu-se ao cesto e retirou uma colher e começou a colocá-la na boca e agora está a explorar esta mais o funil.</p> <p>O bebé 2 também se dirigiu ao cesto e tirou uma colher pequena e pôs na boca e ria-se, depois começou a bater com esta no chão. Deixa a colher e começa e pega numa garrafa sensorial, depois larga esta e pega nas rolhas e começa a juntar tudo à sua volta e observa muito os materiais à sua volta.</p> <p>A menina começa a observar o bebé 1 que está a agarrar no cesto e a tentar levantá-lo, ela continua a explorar o funil e a colher.</p> <p>O bebé 1 está agarrado ao cesto e tenta virá-lo ao contrário, mas tem alguns objetos e não consegue, mas ao fim de várias tentativas consegue virar o cesto e deita os restantes materiais no chão e a menina que o observa começa a rir-se e a bater com as mãos no chão.</p> <p>O bebé 2 continua muito concentrado nos seus materiais, agora está de volta das formas, ele pegou nas formas grandes e nas pequenas, separou todos e agora tenta voltar a encaixar umas nas outras, mas não está a conseguir, repete o processo várias vezes até que tem todas as formas empilhadas, mas estão todas afastadas umas das outras e outras estão juntas, ele começa a apertar a formas para estas se encaixarem umas nas outras, mas não resulta, manda tudo para o chão e volta a tentar empilhar tudo e o resultado é o mesmo. Até que ao fim de algum tempo ele colocou todas ao lado das outras e viu que umas eram maiores que outras e agarra em algumas grandes e encaixa umas nas outras e repete o mesmo com as pequenas e depois de conseguir olha para a educadora e bate palmas a rir-se.</p> <p>O bebé 1 agora com os materiais todos no chão continua a explorar os objetos, está deitado no chão a puxar tudo para si e vai abanando os braços.</p> <p>A menina chegou-se perto dos objetos e pega numas molas e senta-se no chão a olhar para estas e para a educadora. Ela levanta-se e vai se sentar junto da educadora a observar as molas, coloca estas na boca, manda-as para o chão e apanha-as novamente.</p> <p>O bebé 2 depois de explorar as formas coloca-as dentro do cesto e o bebé 1 aproveita para se sentar perto do cesto e com uma colher começa a mexer tudo o que está dentro do cesto e a menina levanta-se</p>
--	--

<p>O bebé estava muito feliz com o facto de estar dentro do cesto e de estar a mostrar os objetos à educadora.</p> <p>Ele demonstrou-se muito interessado no som que a mola fez e na mola em si.</p> <p>Foi pena a menina só começar a envolver mais com os materiais no final, porque depois acabou por não usufruir tanto como os outros meninos.</p>	<p>e vai buscar duas formas, tenta por as mãos dentro do cesto e o bebé 1 para com a colher e a menina tira as formas e senta-se perto deste e começam a brincar juntos, fazendo sons e olhando um para o outro. O bebé 1 ao mexer com a colher deixou cair uma forma para fora do cesto e para ir busca-la tentou passar por dentro do cesto, ele não estava a conseguir porque ele tentava levantar a perna, mas não conseguia pôr-se dentro do cesto até que conseguiu e agora dentro do cesto pegou na forma e começou a brincar metade dele dentro do cesto e a outra metade fora, começou a rir-se e a olhar para a educadora. Pegou numa mola e começou a palrar e a mostrar a mola à educadora, ri-se muito como o que está a fazer.</p> <p>O bebé 2 agarra numa mola e atira-a e esta acerta dentro de uma panela e faz um barulho diferente e o bebé começa a olhar para o que fez e vai em direção à panela e fica muito tempo a observar e a atirar a mola para dentro da panela. Ele tenta abrir a mola, mas não tem força suficiente, consegue abrir um bocadinho, mas quase nada.</p> <p>A menina levanta-se e pega no cesto que só tem algumas formas e com este na mão começa a andar de um lado para o outro da sala, até que se senta e junto das garrafas sensoriais e começa a abanar estas, coloca-as na boca, está muito interessada nas garrafas e nos movimentos e barulhos que os objetos dentro das garrafas fazem.</p> <p>Os outros dois meninos já não estão a brincar, o bebé 1 vai ter com a educadora e pede colo e o outro vai também ter com esta.</p> <p>Achamos que seria a altura de terminar, deixando a menina a explorar mais um bocadinho, porque ela agora é que estava envolvida com os materiais, mas não ficou muito mais tempo porque eles tinha de ir tomar o reforço da manhã.</p> <p>A educadora mencionou que foi muito interessante e que é uma atividade os desenvolve imenso, pois o grupo é capaz de se entregar aos materiais e explorá-los sem o adulto presente. (Palavras da educadora) “Eu inicialmente não pensei em nenhuma competência mesmo que eles podiam desenvolver, mas consegui ver o grupo a desenvolver bastantes competências, como a interação, conceitos matemáticos como o encaixe das formas, a exploração dos materiais foi notória, motricidade fina e grossa, curiosidade e a criatividade. Foi muito bom mesmo.”</p>
---	--

## Observação Naturalista 8

**Nome da educadora:** Educadora 7

**Data:** 26/02/2019

**Nº crianças:** 8 no total

**Hora do início:** 9:40h

**Idades:** 1 ano

**Hora do fim:** 10:13h

### Material utilizado:

- Música de fundo (Mozart)
- Fervedores/Forminhas de metal;
- Tachos;
- Colheres de pau;
- Rolhas/Tampas;
- Caixas ovos
- Rolos de papel higiénico;



Inferências e Notas	Registos Observados
<p>A sala é muito pequena e eu estou sentada no chão junto dos meninos e por isso é que se calhar o menino largou logo a rolha porque como estou muito perto dele pode estar a interferir. Tentei me afastar, mas não tenho muito espaço.</p> <p>A menina como tinha tirado o que não lhe pertencia, devolveu à amiga as formas.</p> <p>Ainda ninguém tinha ido até essa estação.</p> <p>O menino começou a fazer conjuntos. Garrafas pesadas num lado e garrafas vazias noutro.</p>	<p>A atividade foi realizada na sala de atividades do grupo, e esteve organizada em três estações diferentes. Primeira tem elementos relacionados com a cozinha, destinada às crianças explorarem os utensílios do quotidiano (fervedores, forminhas de metal, tachos, colheres de pau), para investirem na sua criatividade e imaginação; a segunda tem diferentes elementos (caixas de ovos; rolos papel higiénico, rolhas de plástico e cortiça, garrafão cheio de tampas), com o objetivo de trabalhar o encaixe, as contagens, a criatividade, motricidade fina; a terceira e última tem algumas garrafas de água umas com água e outra não, e uma são maiores que outras, nesta estação temos como objetivo dar a conhecer as diferentes dimensões, o pesado e o leve, o vazio e o cheio, ou seja, mais direcionada para os conceitos matemáticos.</p> <p>Assim que os meninos chegam à sala a educadora pede-lhes que se sentem junto à parede e assim fizeram, até que todos os meninos se sentaram, posteriormente a educadora disse-lhes que podiam ir brincar.</p> <p>Quase todos se levantaram e dirigiram-se para os elementos da cozinha e começaram a mexer nas colheres, nas panelas, sentaram-se em rodinha à volta dos materiais e estiveram a brincar.</p> <p>Dois meninos estão a brincar com uma panela que contém rolhas lá dentro e um deles pegou numa rolha e colocou-a na boca, nisto ele olha para mim e manda a rolha para o chão.</p> <p>Uma menina senta-se ao pé dos rolos e come a tentar encaixar um rolo noutro.</p> <p>Um menino está com a panela e com uma colher a mexer e vai colocando a colher à boca imitando que está a comer.</p> <p>Chegou agora uma menina à sala, entro e ficou a observar os amigos, passado algum tempo dirigiu-se ao grupo que tinha os elementos da cozinha e sentou-se junto a eles, mas não interagiu com nada, ficou apenas a observar o que faziam.</p> <p>Está uma menina a brincar com algumas formas e outra chega-se perto desta e tira-lhe as formas, a menina que já estava a brincar começou a dizer “é meu, é meu”, começando a chorar até que a menina lhe devolveu as formas e sentou-se no chão a brincar sozinha com os pés.</p> <p>Dois meninos, um com a panela e outro com uma forma começam a bater com estas no chão e daí surge um som e eles riem-se um para o outro e começam a bater cada vez mais no chão, mais um meninos e duas meninas começam a imitá-los. Olham uns para os outros e riem-se imenso.</p>

<p>É impressionante como com um ano eles interagem uns com os outros através da brincadeira.</p> <p>Esta menina desde o início que ainda não brincou ou interagiu com um material, está sempre a tentar tirar os objetos aos outros.</p> <p>O menino acho que o que o outro estava a fazer era incorreta e corrigiu-o por isso como ele não lhe ligou ele foi-se embora.</p> <p>Quando tiravam a tampa e mostravam parecia que era um troféu a tampa.</p> <p>Ele não conseguiu abrir as garrafas que estavam cheias porque eles estavam seladas, ainda estavam fechadas.</p> <p>A partilha neste grupo era visível, nem nunca pensei ver em criança de um ano esta partilha tão grande, havia momentos de “eu quero”, mas depois acabavam por dar ao outro.</p>	<p>A menina que chegou mais tarde começa agora a interagir, está agora ao pé das tampas e das caixas e pega em algumas tampas e está a explorar está, tenta empilhá-las várias vezes, mas caíem sempre, ela repete o mesmo várias vezes.</p> <p>Um menino dirigiu-se à estação das garrafas, e começa a andar no meio e à volta das garrafas, mas nisto uma garrafa caí e ele ao tentar colocar a garrafa no sítio, as três garrafas no centro começam a rebolar e fazem outras garrafas vazias caírem. O menino está a colocar tudo no sítio até que mexe numa garrafa cheia de água, pois estas não caíram, só caíram as que estavam vazias e diz “é pesada” e depois pega numa vazia e diz “esta não” e começa a pegar as diferentes garrafas e coloca as garrafas pesadas todas umas ao pé das outras e as garrafas vazias umas ao pé das outras.</p> <p>Alguns meninos que estão com os elementos da cozinha já pararam de bater com as coisas no chão e estão a provar o que está dentro das formas e um menino vai dando à boca dos outros meninos o que tem dentro das formas e eles assim o menino coloca a colher na boca dele riem-se e um menino disse “está bom”, outro menino diz “humm” e vão se interagindo e rindo-se uns para os outros.</p> <p>A menina que estava a brincar sozinha com os pés está agora ao pé de outra menina e está a tentar tirar-lhe as formas que ela tem, chega perto da menina e pega nas formas, mas está não a deixou levar as formas e diz “não”, a menina que está a tentar tirar as formas começa a chorar e a olhar para a educadora, a menina que tinha as formas vira-lhe as costas e volta a brincar de novo.</p> <p>A menina continua a chorar e vem para o pé da educadora e fica neste registo durante algum tempo, até que uma menina chega ao pé dela e lhe dá a panela e senta-se ao pé dela e começam a brincar as duas.</p> <p>Um menino olha para outro menino e começa a dizer “aí aí aí” e esse risse pois ele está a fazer palhaçadas, está a pôr a colher na boca e depois pões na cabeça e repete isto várias vezes e risse, o outro menino diz-lhe que “não” e ele colocou a comer na cabeça dele e risse o menino vira-lhe as costas e vai para outro sítio, e o menino continuou com o que estava a fazer, até se cansar e ir para o pé do outro menino que está junto do garrafão.</p> <p>Estão alguns meninos de volta do garrafão que contém tampas lá dentro eles tentam tirá-las de lá, mas como querem tirar todas ao mesmo tempo não conseguem e depois de quase todos tentarem um menino tira uma e assim devagar eles vão conseguindo, quando tiram uma riem-se e mostram a tampa uns aos outros.</p> <p>Está um menino com uma garrafa cheia de água e uma vazia e tenta abrir a garrafa vazia e esta abre e ele levanta a rolha, mostrando aos outros, depois tenta tirar a rolha da garrafa cheia, mas não consegue, pega nela, abana-a, bate-lhe e volta a tentar, mas volta a não conseguir e assim vai buscar outras garrafas vazias e tira as tampas a todas e leva as tampas até aos meninos</p>
---	---

<p>Eles sabem perfeitamente que ali estão as bolas, mas como não as veem questionam a educadora.</p> <p>Esta menina acabou por não aproveitar nada da sessão porque só queria tirar os objetos aos outros, falei com a educadora sobre a menina e ela disse que ela era sempre assim.</p>	<p>que estão no garrafão e dá-lhes as tampas e depois senta-se ao pé deles para brincar com eles.</p> <p>Estão quase todos os meninos ao pé do garrafão, tanto que já está o garrafão, as rolhas e as tampas no meio da sala. Eles continuam a tirar as tampas de dentro do garrafão e de vez em quando um menino começa a colocar as tampas lá dentro e todos imitam, até que um começa a tirar e alguns tiram, e cada menino vai fazendo o que quer, de vez em quando começam a puxar e a choramingar porque cada um quer o garrafão para si, mas acabam por dar ao outro ou então estão várias a mexer ao mesmo tempo no garrafão. Uma menina que estava a brincar com as garrafas de água, tentou agarrar em duas garrafas cheias, mas não conseguiu, então agarrou numa com as duas mãos e levou até ao pé do grupo que estava ao pé do garrafão e depois foi buscar a outra garrafa e ficou com as suas garrafas a observar o que os meninos estavam a fazer com o garrafão.</p> <p>Estão dois meninos ao pé da piscina de bola e começam a atirar com as formas, com as rolhas para cima da piscina, esta está tapada, e um menino olha para a educadora e pergunta “a bô” e sobe para cima da piscina e vai buscar os materiais, outro menino começou a tentar levantar o colchão, que tapava a piscina, mas não conseguiu, então tentou subir para cima da piscina e foi buscar os objetos também e depois começaram a atirar os objetos para o chão. E repetiram este processo várias vezes, saíam da piscina e mandavam objetos e depois iam buscar, até que começaram a acertar com os objetos nos amigos e estes começavam a chorar.</p> <p>A menina que este a sessão toda a tentar tirar objetos aos outros meninos agora está de volta do garrafão a tentar tirar aos amigos e eles ralham com ela e não deixam e ela saí do pé deles e vai para o pé da educadora chorar.</p> <p>Foi nesta altura que eu e educadora achamos que devíamos terminar com a sessão, porque muitos já estavam a chorar, outros estavam cansados e já só estavam a fazer disparates.</p> <p>Observações: A educadora no fim da sessão conversou comigo e mencionou que o espaço era reduzido e tendo a piscina de bolas ali também interferiu com o fim da sessão, mas achou que a sessão foi ótima para eles. Sentiu que o grupo se envolveu bastante com os materiais e que o adulto não é necessário estar sempre presente porque eles conseguem solucionar os seus problemas.</p>
---	---

## **9. Análises de Conteúdos das Observações;**

## Diário de Bordo 1

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 15 crianças;</li> </ul>	"...15 no total." (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ginásio;</li> </ul>	"...Colégio (Ginásio)." (Introdução)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 anos</li> </ul>	"...2 anos" (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel cenário;</li> <li>• Guizos;</li> <li>• Pincéis;</li> <li>• Tintas;</li> </ul>	"... papel de cenário ... fitas com guizos ... pincéis e várias caixas com tinta ..." (L1_4)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todo o espaço estava coberto de papel cenário;</li> <li>• Nos tornozelos das crianças estavam fitas com guizos;</li> <li>• No meio da sala estavam pincéis e caixas com tinta;</li> </ul>	"... educadora colocou papel de cenário no chão e há volta das paredes ... Retirou os sapatos a todos os meninos e colocou nos seus tornozelos fitas com guizos ... Arranjou muitos pincéis e várias caixas com tinta e colocou no meio da sala." (L1_4)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motricidade fina e grossa;</li> <li>• Desenvolvimento das artes plásticas;</li> <li>• Expressão corporal;</li> <li>• Expressão musical;</li> </ul>	"... fazer esta sessão porque o grupo está muito interessado nos desenhos e devido também à faixa etária e à necessidade do desenvolvimento da arte plástica. Ela quis observar o que eles faziam com a tinta tendo um espaço grande e livre para poderem explorar, não estando limitados ao espaço de uma folha. Os guizos nos pés foi uma ideia de eles criarem sons com o corpo, pois o grupo andava muito interessado nos sons e passavam muito tempo a bater nos materiais para obterem som." (L5_9)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Desenho;</li> <li>• Interação/Comunicação;</li> <li>• Imaginação;</li> </ul>	"Eles desenharam riscos, fizeram manchas, alguns observam o que desenhavam, outros estavam apenas a passar o pincel no papel e olhar para outro local, desenhavam de fazias formas ... interagem uns com os outros, pintam-se uns aos outros, brincando com os pincéis, mostrando os desenhos aos amigos, e conversando uns com os outros e alguns sozinhos acerca do desenho." (L17_23)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As crianças pegaram logo nos pincéis;</li> <li>• Exploraram todos os espaços livres do papel;</li> <li>• Começaram a pintar com os pincéis;</li> <li>• Depois algumas mergulhavam as mãos na tinta e pintavam com as mãos;</li> <li>• Pintaram riscos;</li> <li>• Pintaram manchas;</li> <li>• Observavam os desenhos;</li> <li>• Cada criança escolheu a sua forma de pintar (sentada, de pé, deitada no chão);</li> <li>• Conversaram uns com os outros;</li> <li>• Conversaram sozinhas;</li> </ul>	"... o grupo entrou na sala e foram logo pegar nos pincéis e começaram a pintar, "foi um momento puro de pintura". Eles envolveram-se imenso nas tintas e exploraram todos os espaços livres no papel. Algumas crianças começaram por pintar com os pincéis, mas ao fim de algum tempo largaram e começaram a pintar com as mãos, molhando as mãos na tinta e posteriormente passando no papel. Eles desenharam riscos, fizeram manchas, alguns observam o que desenhavam, outros estavam apenas a passar o pincel no papel e olhar para outro local, desenhavam de fazias formas. Algumas crianças deitaram-se no chão, outros sentavam-se, outros estavam de pé, cada um escolheu a forma que se sentia mais confortável para desenhar. Durante a pintura interagiam uns com os outros, pintam-se uns aos outros, brincando com os pincéis, mostrando os desenhos aos amigos, e conversando uns com os outros e alguns sozinhos acerca do desenho. (L13_23)

Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O espaço livre para pintar;</li> <li>• A exploração da tinta;</li> <li>• O entusiasmo das crianças ao pintarem;</li> </ul>	<i>“... educadora sentiu que a sessão a nível do desenho e da pintura foi muito prazeroso para o grupo, ajudou-os a explorar a tinta e os pincéis como queriam, tendo espaço e liberdade ...” (L24_25)</i>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os guizos;</li> <li>• Inicialmente captaram a atenção das crianças, mas foi um elemento inativo ao longo de toda a sessão;</li> </ul>	<i>“...o grupo não ligou aos guizos, inicialmente olharam e mexeram nos guizos, mas não se interessaram por estes. A nível do movimento corporal através do som não houve muito impacto como a educadora previa, o grupo não se envolveu com o som dos guizos e acabou por ser um objeto inativo à sessão.” (L26_29)</i>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Opinião boa em relação à pintura;</li> <li>• Os guizos desiludiram, pois não tiveram impacto nenhum;</li> <li>• Mas a sessão foi ao encontro dos interesses deles;</li> </ul>	<i>a educadora caraterizou a sessão como boa para o desenvolvimento do grupo e dos interesses deles, acha que os guizos não estiveram presentes e não contribuíram com nada para a sessão, mas no geral carateriza bem a sessão da pintura. (L30_32)</i>

## Diário de Bordo 2

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 crianças;</li> </ul>	"... 10 no total." (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de atividades;</li> </ul>	"... Sala de atividades." (Introdução)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 anos</li> </ul>	"...2 anos" (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tampas de tachos e painelas;</li> <li>• Colheres de metal e madeira;</li> <li>• Formas de bolos;</li> </ul>	"... utilizou tampas de tachos e painelas, colheres de sopa de madeira e colheres de sobremesa, utilizou também formas de bolos umas quadradas outras redondas, mas todo o material era de metal." (L10_12)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O grupo estava fora da sala durante a organização;</li> <li>• Elemento surpresa;</li> <li>• Objetos encontravam-se em cima do tapete;</li> <li>• De forma apelativa;</li> </ul>	"... educadora realizou esta sessão dentro da sala de atividades do grupo, a sala foi organizada enquanto o grupo estava com a auxiliar num espaço exterior, para existir o elemento surpresa ... organizou todo o material em cima do tapete de forma apelativa ao grupo." (L8_13)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interesse do grupo;</li> <li>• Exploração do som;</li> <li>• Contacto com a música;</li> <li>• Desenvolvimento da imaginação;</li> <li>• Expressão corporal;</li> </ul>	"Esta sessão teve origem num interesse geral do grupo, o som, a educadora mencionou que já a algum tempo observava que eles estavam super direcionado e focados em bater nos objetos para obter som ... imaginação através da exploração dos sons e da exploração do seu corpo para produzir outros sons. (L1_7)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de música;</li> <li>• Interação/Comunicação;</li> <li>• Exploração dos materiais;</li> <li>• Observação;</li> <li>• Imaginação;</li> </ul>	"... tentarem fazer música e a seguir um ritmo, quatro meninos que estavam a bater com as painelas, eles contavam 1, 2, 3 e batiam e depois paravam e repetiam." (L16_18) "Houve muito interação entre colegas, houve também a exploração e a observação dos materiais, mas acima de tudo foi o que a educadora esperava, era que eles produzissem som e brincassem com os sons diferentes, apelando à imaginação." (L22_25)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bateram com os materiais;</li> <li>• Riram-se das suas ações;</li> <li>• Produziram ritmos musicais;</li> <li>• Repetiam várias vezes as suas ações;</li> <li>• Batiam com os materiais em outros que não estavam diretamente relacionado com a sessão;</li> <li>• Escutaram os sons diferentes, entre o metal e a madeira;</li> </ul>	"... observaram e de seguida pegaram logo nas tampas e começaram a bater umas com as outras e riam-se muito. Durante a secção a educadora diz que observou eles a tentarem fazer música e a seguir um ritmo, quatro meninos que estavam a bater com as painelas, eles contavam 1, 2, 3 e batiam e depois paravam e repetiam isto várias vezes. (L14_18) "... produziram sons de todas as formas batendo os materiais uns nos outros, batendo com os materiais noutros que não estavam na sessão, houve até meninos que escutaram os diferentes sons e exploraram isso mesmo, como bater num metal faz um som e se batessem com o metal na madeira por exemplo surgia um som diferente." (L26_29)
Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Felicidade das crianças;</li> </ul>	"... a felicidade enorme de cada um a bater com as tampas e a felicidade geral que compartilhavam uns com os outros." (L33_34)

	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existiram;</li> </ul>	
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi a sessão que o grupo mais interagiu e se divertiu;</li> </ul>	<p><i>“... exploração dos sons e dos diferentes sons esteve muito presente nesta sessão. Todo o grupo interagiu e envolveu-se com os materiais. A educadora mencionou que na sua avaliação esta foi a sessão que eles mais interagiram e se divertiram a realizar.” (L30_32)</i></p>

### Diário de Bordo 3

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 16 crianças</li> </ul>	"... 16 no total." (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de atividades</li> </ul>	"... sala de atividades." (Introdução)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 anos</li> </ul>	"...2 anos" (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 caixas (terra, massas, feijões);</li> <li>• Colheres;</li> <li>• Garrafas de plástico;</li> <li>• Iogurtes;</li> <li>• Rolos papel higiénico;</li> </ul>	"... três caixas, uma com terra, outra com massas e outra com feijões, depois tinha também colheres, garrafas de plástico, tanto grande e pequenas como de iogurte e rolos de papel higiénico." (L11_13)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mesa de trabalho estavam os materiais que a educadora selecionou;</li> </ul>	"... realizada na sala de atividades, em cima de uma mesa de trabalho, onde a educadora colocou os materiais ..." (L10_11)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração do som;</li> <li>• Exploração dos materiais de formas diferentes;</li> <li>• Desenvolver conceitos matemáticos (encaixe e formação conjuntos);</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Reutilização dos materiais;</li> </ul>	"... educadora sentiu necessidade de continuar a explorar o som ... e observar como é que eles conseguem produzir sons com materiais naturais ... pensou nesta sessão, mas não disse ao grupo que queria que eles fizessem sons, apenas lhes apresentou os materiais e queria observar se eles realmente continuariam a tentar produzir sons ou explorariam o materiais de diferentes formas." (L1_6) "... desenvolver conceitos matemáticos, tais como o encaixe e a formação de conjuntos, desenvolvendo a motricidade fina também. Apelar à reutilização dos materiais naturais e do dia a dia." (L7_9)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploraram a terra e os materiais;</li> <li>• Desenvolveram motricidade fina;</li> <li>• Desenvolveram conceitos matemáticos;</li> <li>• Interação entre eles;</li> <li>• Imitação;</li> </ul>	"... começaram a mexer na terra com as mãos, aos poucos foram pegando nas garrafas e nos iogurtes e começando a colocar as a terra para dentro das garrafas, também colocavam as massas dentro das garrafas." (L14_16) "... começou a raspar a colher do lado de fora da garrafa e começou a produzir som e com isso uma menina que tinha a garrafa com massas abanou ..." (L22_24) "... alguns começaram a encher garrafas e a produzir sons outros batiam com as garrafas ou raspavam a garrafa imitando o amigo." (L26_27) "... exploraram a natureza, desenvolveram conceito matemático ..." (L28_29)

	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dirigiram-se à mesa;</li> <li>• Interagiram com os materiais;</li> <li>• Colocaram os elementos dentro das garrafas (terra, massas, etc.);</li> <li>• Faziam montes com os elementos;</li> <li>• Separavam os elementos todos;</li> <li>• Produziram sons;</li> <li>• Interagiram uns com os outros;</li> <li>• Imitaram-se na produção dos sons;</li> </ul>	<p>“O grupo quando entrou na sala dirigiu-se à mesa, e começaram a mexer na terra com as mãos, aos poucos foram pegando nas garrafas e nos iogurtes e começando a colocar as a terra para dentro das garrafas, também colocavam as massas dentro das garrafas. O grupo esteve algum tempo a explorar a massa, a terra e a colocar ambas dentro das garrafas, houve meninos que faziam montem na mesa com as massas e com a terra, juntavam tudo e depois separavam.” (L14_19)</p> <p>“Na mesa um menino agarrou numa garrafa e numa colher e começou a raspar a colher do lado de fora da garrafa e começou a produzir som e com isso uma menina que tinha a garrafa com massas abanou a garrafa e também começou a produzir som, isto chamou a atenção do grupo e algumas crianças que não estavam a interagir como materiais dirigiram-se para a mesa e alguns começaram a encher garrafas e a produzir sons outros batiam com as garrafas ou raspavam a garrafa imitando o amigo.” (L22_27)</p>
Caraterização geral	4.1 – Aspectos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Som;</li> <li>• Influência que existiu entre crianças;</li> </ul>	<p>“... começou a produzir som, isto chamou a atenção do grupo e algumas crianças que não estavam a interagir como materiais dirigiram-se para a mesa e alguns começaram a encher garrafas e a produzir sons outros batiam com as garrafas ou raspavam a garrafa imitando o amigo.” (L24_27)</p>
	4.2 – Aspectos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existiu muito interesse por parte das crianças;</li> </ul>	<p>“... sessão não estava a ter tanto interesse para eles, alguns participavam, mas outros saíram da mesa e dirigiram-se para outras áreas.” (L20_21)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi uma boa sessão;</li> <li>• Desenvolveram o conceito matemático;</li> <li>• Ficou melhor quando apareceu o som;</li> </ul>	<p>“... educadora achou que a sessão foi muito boa porque eles exploraram a natureza, desenvolveram conceito matemático, mas ficou ainda melhor quando apareceu o som.” (L28_29)</p>

## Diário de Bordo 4

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 crianças</li> </ul>	"... 6 no total." (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recreio na rua</li> </ul>	"... Colégio (No espaço exterior)" (Introdução)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 0 anos ao 1 ano de idade</li> </ul>	"... Berçário." (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Panela e tampas de metal;</li> <li>• Tenaz e colheres de metal;</li> <li>• Nozes e pinhas;</li> <li>• Brinquedos de borracha;</li> <li>• Cordas, tecidos e guizos;</li> </ul>	"O cesto dos tesouros continha uma panela, algumas tampas de metal, como também alguns elementos de metal utilizados na cozinha como a tenaz, colheres. Foram utilizados elementos da natureza como nozes, pinhas. Outros materiais foram brinquedos de borracha, cordas, tecidos e guizos." (L6_9)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importante levar as atividades para o exterior;</li> <li>• Colocou um tapete no chão;</li> <li>• Sentou as crianças;</li> <li>• Trouxe o cesto que tinha organizado anteriormente;</li> <li>• Pôs este cesto no centro do grupo;</li> </ul>	"... ela mencionou que acha relevante levar as atividades da sala para o exterior e o que fez foi isso colocou um tapete no chão e sentou os meninos todos e posteriormente trouxe o cesto que tinha preparado antes da sessão com alguns materiais, este colocou no meio do grupo e deixou-os explorarem." (L2_5)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora não se recordava muito;</li> <li>• Mas observando as imagens e os seus apontamentos deveria quer desenvolver;</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Concentração/Observação;</li> <li>• Descoberta de diferente materiais e texturas;</li> <li>• Criatividade;</li> </ul>	"Em relação aos objetivos pensados a educadora mencionou que também não se lembrava muito bem, mas o que ela deveria quer que eles desenvolvessem seria a motricidade fina, a concentração, a observação, a exploração dos materiais, proporcionar a descoberta de diferentes textura e materiais e a criatividade na exploração de cada objeto." (L25_28)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora não se recordava muito;</li> <li>• O grupo adorou;</li> <li>• Estiveram 20 minutos envolvidos e poderiam estar mais;</li> <li>• A educadora sentiu que o grupo esteve concentrado;</li> <li>• Conectaram-se com os materiais;</li> </ul>	"... a educadora não falou de algumas ações que as crianças tiveram, pois ela disse que já tinha passado algum tempo e não se lembrava bem ... o grupo adorou, eles estiveram vinte minutos envolvidos com os materiais, e que se calhar até poderiam ter estado mais ..." (L20_23) "... sentiu que o grupo estava concentrado e ligado aos materiais ..." (L29)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inicialmente não reagiram;</li> <li>• Observavam os objetos e a educadora;</li> <li>• Até que começaram a pegar nos objetos;</li> <li>• Colocaram na boca;</li> <li>• Atiravam para o chão;</li> <li>• Tinham os nas mãos;</li> </ul>	"O grupo inicialmente não reagiu, estavam apenas a observar e a olhar para a educadora, até que uma menina começa a pegar numa tampa e os outros foram atrás e começaram a colocar os objetos na boca, atirar para o chão ou apenas a segurá-los nas mãos." (L13_15)

Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interagiram todos com os materiais;</li> <li>• Exploraram;</li> <li>• Estiveram vinte minutos envolvidos;</li> <li>• Não choraram;</li> <li>• Era notório a vontade de cada criança em explorar;</li> </ul>	<p><i>“... grupo reagiu bem à sessão tiveram todos a interagir com os materiais e a explorá-los, a educadora disse que acho incrível como eles se mantiveram vinte minutos a brincar, sem choros, ela gostou muito de tudo o que observou, diz que era notável a vontade que eles tinham de explorar cada objeto, de lhe mexer, pôr na boca tudo.” (L16_19)</i></p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existiram;</li> </ul>	
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sendo a primeira experiência por parte da educadora e do grupo;</li> <li>• Ela sentiu-se realizada;</li> <li>• Observou o potencial de cada criança;</li> <li>• Como cada um estava a crescer.</li> </ul>	<p><i>“Para primeira experiência tanto para a educadora como para o grupo ela diz que nesse dia se sentiu muito realizada por observar o potencial de cada menino e como estavam a evoluir.” (L33_34)</i></p>

## Observação Naturalista 1

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 crianças</li> </ul>	"... 10 no total." (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala</li> </ul>	"O grupo chegou à sala" (C2; L1)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 ano aos 2 anos de idade</li> </ul>	"... 1 ano" (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 Pneu de um carro;</li> <li>• Arcos pequenos;</li> <li>• Arcos médios;</li> <li>• Círculos de madeira;</li> <li>• Tubos de plástico;</li> <li>• Troncos de madeira;</li> <li>• Tampas grandes de plástico;</li> <li>• Tampas pequenas de plástico;</li> <li>• Peças de plástico e cartão;</li> </ul>	"... os troncos de madeira e os círculos de madeira no centro da sala e os restantes materiais separadamente agrupados. O conjunto de arcos (médios e pequenos) ficaram próximos do pneu, as tampas grandes e pequenas ficaram juntas enquanto as peças de plástico e cartão ficaram próximas dos tubos de plásticos." (C2; L2_7)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Troncos e círculos de madeira no centro</li> <li>• Restantes materiais dispostos em diferentes grupos ao redor dos materiais centrais</li> </ul>	"... os troncos de madeira e os círculos de madeira no centro da sala e os restantes materiais separadamente agrupados. O conjunto de arcos (médios e pequenos) ficaram próximos do pneu, as tampas grandes e pequenas ficaram juntas enquanto as peças de plástico e cartão ficaram próximas dos tubos de plásticos." (C2; L2_7)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar a forma redonda;</li> <li>• Motricidade Fina;</li> <li>• Criatividade;</li> <li>• Exploração e descoberta de materiais novos;</li> <li>• Concentração;</li> </ul>	"A educadora mencionou que quando pensou nesta sessão quis ir ao encontro dos interesses do grupo e como tal seria a forma redonda, pois o grupo andava muito interessado em bola, arcos, entre outras coisas, dado isso ela pegou nesse interesse e criou esta sessão. Com tudo ela queria desenvolver além dos seus interesses a motricidade fina, criatividade, desejo pela exploração e descoberta de materiais novos e a concentração." (C2; L109_114)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linguagem;</li> <li>• Sensibilidade auditiva;</li> <li>• Persistência;</li> <li>• Concentração;</li> <li>• Interação uns com os outros;</li> <li>• Partilha de objetos;</li> </ul>	"... e diz "cabeu" ..." (C2; L16) "... diz "o cá, cá" ..." (C2; L32) "... até que a rodela bate noutra rodela e obtém um som diferente e ele faz uma cara esquisita..." (C2; L21_22) "... está a encostar à parede algumas formas de madeira...demorou...porque alguns elementos...não se mantinham de pé, mas ela não desistiu..." (C2; L36_39) "Interagem uns com os outros através das caretas que fazem." (C1; L58_60) "Um menino viu o outro...e foi dar-lhe uma rodela de madeira" (C2; L88)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colocar os materiais encostados à parede;</li> <li>• Atirar os objetos ao chão;</li> <li>• Saltar para cima do tronco, e volta a saltar para o chão;</li> <li>• Em cima do tronco palra com o grupo;</li> </ul>	"... está a encostar à parede algumas formas de madeira...demorou...porque alguns elementos...não se mantinham de pé, mas ela não desistiu..." (C2; L36_39) "... um menino a atirar com as rodela de madeira para o chão e ri-se, até que a rodela bate noutra rodela e obtém um som diferente..." (C2; L20_21) "... tenta saltar para subir o tronco, mas não consegue, então coloca o joelho em cima do tronco e consegue subir e dá um salto para o

			<p><i>chão, volta a subir e a descer, faz isto várias vezes. Até que volta a subir sempre com a ajuda do joelho e bate palmas, começa a gritar e a falar com os amigos ...” (C2; L76_80)</i></p> <p><i>“... menina pegou numa tampa de plástico e dirigiu-se à auxiliar que estava sentada no chão e tinha uma tampa de plástico colocada na cabeça e a menina imitou ...” (C2; L90_92)</i></p>
Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Testar diferentes sons;</li> <li>• Concentração e persistência;</li> <li>• Interação entre as crianças;</li> <li>• A partilha;</li> </ul>	<p><i>“... ele estava a testar os diferentes sons que fazia a madeira ao bater.” (C1; L27_31)</i></p> <p><i>“... concentração que esta menina teve de ter para conseguir colocar algumas das formas em pé.” (C1; L35_39)</i></p> <p><i>“Interagem uns com os outros através das caretas ...” (C1; L58_60)</i></p> <p><i>“A partilha de objetos.” (C1; L69)</i></p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não existiram;</li> </ul>	
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gosto pelo método;</li> <li>• As crianças surpreendem-na sempre que fazer um BH diferente.</li> </ul>	<p><i>“A educadora no fim da sessão mencionou que sempre que cria uma nova sessão eles a surpreendem, fazem sempre algo que ela não espera e por isso gostar tanto deste método.”</i></p>

## Observação Naturalista 2

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 crianças;</li> </ul>	“... 7 no total ...” (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala atividades;</li> </ul>	“... entrarem na sala ...” (C1; L6)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dos 0 aos 15 meses;</li> </ul>	“... berçário ...” (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Troncos de árvores grossos e finos;</li> <li>• Fitas de cetim com guizos;</li> <li>• Pinhas;</li> <li>• Pedras;</li> </ul>	“... disponibilizou na sala, troncos com fitas e guizos levando as crianças a fazer som com estes. Existia também pinhas, pedras, rodela de madeira, grossas e finas.” (C2; L3_5)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existia um cesto dos tesouros;</li> <li>• O espaço da sala também estava organizado para o BH;</li> <li>• Bem organizado;</li> <li>• Tudo estava organizado em finas;</li> <li>• Troncos em finas;</li> <li>• Pinhas e as pedras de seguida;</li> <li>• Organizado pelos conjuntos;</li> </ul>	“Existia um cesto dos tesouros e um espaço todo organizado com os materiais iguais aos que estavam dentro do cesto.” (Introdução) “... sala estava muito bem organizada, tinha um cesto dos tesouros e os materiais exposto pela sala. Os troncos de madeira juntos e em fila, depois surgia as pinhas em fila e por fim as pedras. Tudo estava organizado em conjuntos.” (C2; L5_8)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar os materiais da natureza;</li> </ul>	“O objetivo desta sessão tal seria apresentar e deixar o grupo explorar os elementos da natureza.” (C1; L1_5)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação;</li> <li>• Interação;</li> <li>• Manuseamento dos materiais;</li> <li>• Exploração dos objetos e da sala;</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Partilha;</li> <li>• Motricidade grossa;</li> </ul>	“... menino que está sentado ao pé do cesto dos tesouros pega numa pedra e fica a olhar para os outros objetos ...” (C2; L21_22) “... uma menina, está sentada no chão sozinha a observar, não se aproxima de nada nem se afasta, mantém-se no sítio que a educadora a colocou. Um menino dirige-se a ela e faz gestos e palra, mas ela não faz nada continua a observar ...” (C2; L48_51) “... a explorar uma pedra utilizando também a boca e as mãos para a manusear.” (C2; L54_55) “... a partilha do seu bem mais precioso, a chucha ...” (C2; L40_42) “... menina desde o início da sessão a gatinhar de um lado para o outro da sala ...” (C2; L70_71)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brincadeira conjunta;</li> <li>• Imitarem-se uns aos outros;</li> <li>• Exploração do espaço e dos materiais repetitivamente;</li> </ul>	“Duas meninas pegam num pau que contém fitas com guizos, cada uma pegou numa ponta ...” (C2; L23_24) “Uma terceira menina junta-se a ela e imita o que as outras duas meninas fazem, pega primeiro numa pedra e coloca na boca ...” (C2; L45_46) “... menina desde o início da sessão a gatinhar de um lado para o outro da sala, de vez em quando para mexe nos troncos, mas anda a gatinhar sempre á volta deste, apenas mexe e gatinha e repete isto várias vezes ...” (C2; L70_72)

Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As crianças desenvolveram-se a diferentes níveis;</li> <li>• Interação do grupo uns com os outros;</li> <li>• Exploração dos materiais;</li> </ul>	<p>“... a educadora disse que achou uma sessão muito boa para o desenvolvimento do grupo, pois eles exploraram imenso e envolveram-se uns com os outros e com os materiais naturais ...” (C2; L105_107)</p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relacionado diretamente com a sessão não existiram;</li> <li>• Apenas uma criança estava doente;</li> </ul>	<p>“... menino que estava muito quente, estava doente e com febre e por isso não aderiu bem á sessão.” (C2; L96_97)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora acha que foi uma boa sessão;</li> <li>• Foi a primeira sessão e eles aderiram bem;</li> </ul>	<p>“... a educadora disse que achou uma sessão muito boa para o desenvolvimento do grupo, pois eles exploraram imenso e envolveram-se uns com os outros e com os materiais naturais, sendo esta a primeira desenvolvida com o grupo.” (C2; L105_107)</p>

### Observação Naturalista 3

Categories	Subcategorias	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 16 crianças;</li> </ul>	“... 16 no total ...” (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de atividades</li> </ul>	“... sessão na sala de atividades ...” (C2; L1)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo encontra-se entre os dois três anos;</li> </ul>	“... 2/3 anos ...” (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bolas;</li> <li>• Rolhas;</li> <li>• Tampas;</li> <li>• Caixas de ovos;</li> <li>• Garrafas de água;</li> <li>• Lenços/Tules;</li> <li>• Lenções pequenos;</li> </ul>	“... bolas, o gostarem de explorar materiais diferentes dos seus brinquedos. E alguns objetos como as rolhas, as tampas, as caixas de ovos .... Existiam também garrafas de águas, e lenços/tules e lenções pequenos.” (C2; L2_6)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bolas a meio da sala;</li> <li>• Garrafas a um canto;</li> <li>• Troncos de madeira também a um canto;</li> <li>• Não é mencionado onde estavam os restantes objetos;</li> </ul>	“Foram direitos às bolas que estavam no meio da sala ...” (C2; L9) “... algumas crianças começaram a sentar a um canto junto às garrafas ...” (C2; L11_12) “Ao fundo da sala estavam os troncos de madeira e estes estavam tapados com um lençol ...” (C2; L33_34)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ir ao encontro dos gostos das crianças;</li> <li>• Exploração de materiais diferentes do seu quotidiano;</li> <li>• Apresentar o método à educadora;</li> <li>• Levar o grupo a experimentar momentos diferentes de aprendizagem;</li> </ul>	“... sessão foi pensada em ir de encontro a alguns interesses do grupo, como as bolas, o gostarem de explorar materiais diferentes dos seus brinquedos.” (C2; L1_3) “... foi também para apresentar o método à educadora e ao grupo em questão.” (C2; L3_7)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceitos matemáticos;</li> <li>• Dança;</li> <li>• Exploração;</li> <li>• Observação;</li> <li>• Linguagem oral;</li> <li>• Interação uns com os outros;</li> </ul>	“... menino contou as tampas, mas não conseguiu contar corretamente ...” (C1; L19_22) “... puxou o lençol e quando conseguiu destapar os troncos disse “oh Deus” e ficaram todos contentes e alguns até gritaram, um menino disse “é como a árvore do recreio”, começaram a brincar com os troncos, empilhavam, batem uns nos outros, e riem-se do som, tentam equilibrar alguns troncos.” (C2; L40_44) “... retirou um tule rosa e a sua frente tinha um espelho e começou a dançar para este, dançou ballet durante a sessão toda, esteve o tempo todos a experimentar os tecidos e a dançar ...” (C2; L57_59)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceção e noção do peso;</li> <li>• Necessidade de olhar para a educadora;</li> </ul>	“... menina está junto das garrafas e tenta pegar uma de 1,5 litros e diz para a educadora “é pesada e grande, mas esta não é igual”, ficou a observar ...” (C2; L45_47) “... e sempre que fazia algo diferente olhava para a educadora ...” (C2; L59_60)

Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvência do grupo com os materiais;</li> <li>• Exploração;</li> <li>• Ao observar o grupo conseguia perceber as competências que desenvolviam sozinhos;</li> </ul>	<p>“... educadora no fim disse que acho incrível como eles se envolveram com todos os materiais e os exploraram. E era notório que ao observá-los apenas conseguia perceber o que estavam a trabalhar, a desenvolver sozinhos ...” (C2; L105_107)</p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As bolas não estavam a resultar;</li> <li>• Foram retiradas da sessão;</li> <li>• Necessidades constante da aprovação da educadora;</li> </ul>	<p>“A educadora achou que as bolas não estavam a resultar por isso removeu-as.” (C1; L14_17)  “... e sempre que fazia algo diferente olhava para a educadora ...” (C2; L59_60)  “... o garrafão caiu no chão e fez um grande barulho eles assustaram-se e olharam para a educadora para ver se irão ser repreendidos.” (C1; L45_51)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade em não intervir com as situações;</li> </ul>	<p>“Custou muito à educadora não intervir ...” (C1; L8_9)  “... educadora no fim disse que acho incrível como eles se envolveram com todos os materiais e os exploraram. E era notório que ao observá-los apenas conseguia perceber o que estavam a trabalhar, a desenvolver...” (C2; L105_107)</p>

## Observação Naturalista 4

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 crianças</li> </ul>	“... 12 no total ...” (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de atividades</li> </ul>	“... grupo todo sentado á volta da sala ...”
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 ou 3 anos de idade</li> </ul>	“... 2/3 anos ...” (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garrafas sensoriais;</li> <li>• Folhas de papel;</li> <li>• Revistas;</li> <li>• Lápis;</li> <li>• Canetas;</li> <li>• Caixas de ovos;</li> <li>• Tampas;</li> </ul>	<p>“... garrafas sensoriais, observaram os amigos, mas dirigiram-se para as folhas de papel, revistas os lápis ...” (C2; L8_9)</p> <p>“... estação das caixas dos ovos e das tampas ...” (C2; L14)</p>
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na observação não foi explícito como estavam organizados os materiais;</li> </ul>	
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criatividade;</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Conceitos matemáticos:</li> <li>• Contagem;</li> <li>• Enfiamento de rolhas e tampas;</li> </ul>	“... levando a desenvolver a criatividade, motricidade, conceitos matemáticos, como a contagem, enfiamento das rolhas.” (C2; L64_65)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação;</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Comunicação;</li> <li>• Partilha;</li> <li>• Imaginação/Criatividade;</li> <li>• Contagens;</li> <li>• Enfiamento das rolhas;</li> <li>• Entreajuda;</li> </ul>	<p>“... dirigiram-se às garrafas sensoriais, mas não lhes tocaram, ficaram só a observar.” (C2; L3_4)</p> <p>“Começam a fazer desenhos e a mostrar uns aos outros, um menino diz “olha, olha o que fiz.” (C2; L11_13)</p> <p>“... está a utilizar a caixa dos ovos como um objeto que apanha outros, tenta imitar um camião, sendo que a caixa escava/apanha coisas do chão ...” (C2; L15_17)</p> <p>“... menina ... está a fazer contagens, pega num ovo imaginária e diz “um ovo, dois, três, quatro, cinco, seis” e depois retira todos os ovos imaginários e coloca novamente, faz este processo várias vezes.” (C2; L17_19)</p> <p>“... encaixando as rolhas num frasco.” (C2; L42_43)</p> <p>“Um menino aleijar-se e diz “ai ai” e outro amigo que estava perto dirige-se a ele e ajuda-o, tirando os outros do pé dele, e ele conversa com eles ...” (C2; L44_46)</p>
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procura da aprovação ou reprovação da educadora;</li> <li>• Exploração das garrafas;</li> <li>• Delicadeza e concentração da criança a retirar os elásticos dentro de uma garrafa;</li> </ul>	<p>“Ele quando olha para a educadora é para verificar se esta o repreende.” (C1; L6_9)</p> <p>“... menina esteve muito tempo de volta da garrafa.” (C1; L10_12)</p> <p>“... muito interessante observar a menina com todo o cuidado e delicadeza a retirar os elásticos ... e não entronou quase água nenhuma.” (C1; L25_34)</p>

Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora conseguiu não interagir;</li> <li>• Esteve calma;</li> <li>• Deixou o grupo usufruir da sessão sozinhos;</li> </ul>	<p>“... educadora foi capaz não intervir o que foi ótimo para o grupo, ela manteve-se calma e afastada.” (C2; L64_66)</p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As folhas de papel;</li> <li>• Os lápis;</li> <li>• Limitaram as crianças;</li> <li>• A educadora achou que as crianças iriam fazer algo de diferente ao seu quotidiano;</li> </ul>	<p>“... conversa com a educadora ela disse que achou que as folhas de papel e os lápis limitaram muitas crianças de explorar materiais que não tinham acesso todos os dias, mas ela disse que achava que eles iriam fazer coisas diferentes, mas não, ficaram apenas a desenhar ...” (C2 ;L57_60)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A sessão correu muito bem;</li> <li>• Estavam mais calmos;</li> <li>• Envolveram-se bastante na sessão.</li> </ul>	<p>“... a educadora acho que a sessão estava a correr muito bem e eles desta vez estavam super calmos e entregaram-se muito à experiência.” (C2; L55_56)</p>

## Observação Naturalista 5

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 11 crianças;</li> </ul>	“... 11 no total ...” (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala grande;</li> <li>• Nome “mini salão”;</li> </ul>	“... numa sala grande, a qual se chama “mini salão” ...” (C2; L1)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entre 16 meses e 2 anos de idade;</li> </ul>	“... 1/2 anos ...”
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pinhas;</li> <li>• Pedras;</li> <li>• Troncos de madeira, rodelas de madeira;</li> <li>• Ouriços;</li> <li>• Lenços;</li> <li>• Tules;</li> <li>• Lençóis Pequenos;</li> </ul>	“... elementos da natureza, pinhas, pedras, troncos de madeira, rodelas de madeira, ouriços ... lenços, lençóis pequenos e tules.” (C2; L2_3)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizado em duas estações;</li> <li>• Elementos da natureza;</li> <li>• Elementos de pano;</li> <li>• No início sentaram-se a observar;</li> <li>• A educadora deu a ordem para brincarem;</li> </ul>	“... sala estava organizada em duas estações, uma com elementos da natureza ... e a outra estação continha elementos de pano ... O grupo entrou numa sala grande ... assim que entraram sentaram-se junto à parede, a educadora disse que podiam ir brincar ...” (C2; L1_6)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração livre;</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Motricidade grossa;</li> <li>• Criatividade;</li> <li>• Imaginação;</li> <li>• Concentração;</li> <li>• Desenvolvimento corporal;</li> <li>• Exploração da dança;</li> <li>• Comunicação oral;</li> </ul>	“... objetivos pensados para a presente sessão foram a exploração livre, a motricidade fina e grossa, a criatividade e imaginação, a concentração, o desenvolvimento corporal, exploração da dança e a comunicação oral.” (C2; L103_105)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Persistência;</li> <li>• Noção de dor;</li> <li>• Interação uns com os outros;</li> <li>• Motricidade grossa;</li> <li>• Expressão corporal;</li> <li>• Comunicação oral;</li> <li>• Conceitos matemáticos;</li> <li>• Contagens;</li> <li>• Música;</li> <li>• Imitação do quotidiano;</li> </ul>	<p>“... menino assim que começa a pegar nos objetos pega num ouriço e diz “pica” e nisto larga-o logo no chão, mas como tinha retirado este de cima de um tronco ele tentou várias vezes até conseguir colocá-lo novamente em cima do tronco ...” (C2; L11_14)</p> <p>“... meninos que continuaram a brincar com os tules, mas deixaram de correr, começaram a andar pela sala e a agitar os tecidos e a fazer vento uns para os outros.” (C2; L49_51)</p> <p>“... estava a tentar subir para um tronco de madeira ...” (C2; L68)</p> <p>Dois rapazes sentados no chão ... algumas pedras no centro do círculo, um menino diz “vamo por aqui as pedras”, e contam-nas e dizem que têm dez pedras, um menino pega num tecido e tapa as pedras e ambos começam a cantar, abam-se e começam a dar festinhas nas pedras tapadas pelo tecido. (C2; L70_75)</p>

	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criar vento com os tules;</li> <li>• Brincar uns com os outros;</li> <li>• Correr com tecidos;</li> <li>• Acalmar;</li> <li>• Parar de correr;</li> <li>• Exploração dos materiais;</li> <li>• Interação entre o grupo;</li> <li>• Observação dos materiais e do espaço;</li> <li>• Tentativa de correção do erro;</li> </ul>	<p>“... agitar os tecidos e a fazer vento uns para os outros.” (C2; L50_51)</p> <p>“... grupo está a começar a acalmar-se, já quase nenhuns estão a correr, apenas dois meninos estão a correr com os tecidos ...” (C2; L74_75)</p> <p>“... restantes estão envolvidos com os materiais e a conversarem uns com os outros.” (C2; L75_76)</p> <p>“Os mais novos ainda estão a observar muito os materiais e o espaço.” (C1; L24_26)</p> <p>“Quando a pedra se partiu ele ficou muito assustado e tentou a todo o custo arranjar, mas não dava.” (C1; L27_31)</p>
Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As crianças envolveram-se super bem;</li> <li>• Eles soltaram-se;</li> <li>• As crianças conseguiram acalmar-se sozinhos;</li> </ul>	<p>“... eles se libertaram, mas conseguiram também se acalmar sozinhos.” (C2; L109_110)</p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade em não interagir;</li> </ul>	<p>“... era difícil para ela não interagir sistematicamente com o grupo, mas que tinha de o começar a fazer ...” (C2; L106_107)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ótima sessão;</li> <li>• Método muito bom;</li> <li>• Dificuldade em não interagir;</li> <li>• Observá-los a desenvolver imensas competências;</li> <li>• Libertação deles sozinhos;</li> <li>• Conseguiram-se acalmar sozinhos também.</li> </ul>	<p>“... achou a sessão ótima e o método também, sentiu que era difícil para ela não interagir sistematicamente com o grupo, mas que tinha de o começar a fazer pois observou que eles sozinhos desenvolvem inúmeras competências. A educadora mencionou que eles se libertaram, mas conseguiram também se acalmar sozinhos.” (C2; L105_110)</p>

## Observação Naturalista 6

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caraterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 crianças</li> </ul>	"... 6 no total ..." (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de Atividades</li> </ul>	"... sala disponível foi a sala de atividades do grupo ..." (C2; L7_8)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cinco meninos têm dois anos;</li> <li>• Uma menina com um ano;</li> </ul>	"... estão seis meninos, cinco têm dois anos e apenas uma menina tem um ano." (C1; L5_8)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Forminhas de metal;</li> <li>• Tachos;</li> <li>• Frigideiras;</li> <li>• Fervedores;</li> <li>• Tampas de metal;</li> <li>• Caixas de plástico de diferentes tamanhos;</li> <li>• Colheres de plástico;</li> <li>• Copos e tigelas de plástico;</li> <li>• Molas;</li> </ul>	elementos selecionados foram forminhas de metal, tachos, frigideiras, fervedores e tampas de tachos. Continha também caixas de plástico de formas diferentes, colheres, copos, tigelas e molas." (C2; L5_7)
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização em círculo;</li> <li>• Conjuntos iguais;</li> <li>• Tudo em forma de círculos;</li> <li>• Espalhados pela sala;</li> </ul>	"... estava organizada em forma circular e em conjuntos, cada elemento estava em forma circular em conjunto com os utensílios iguais." (C2; L8_10)
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração dos materiais;</li> <li>• Criatividade;</li> <li>• Imaginação;</li> <li>• Partilha entre crianças;</li> <li>• Comunicação oral;</li> <li>• Interação entre o grupo;</li> </ul>	"... sessão planeou alguns objetivos para as crianças a desenvolver, sendo estes a exploração dos materiais, a criatividade, partilha, comunicação e interação." (C2; L31_33)
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação oral;</li> <li>• Partilha;</li> <li>• Interação entre as crianças;</li> <li>• Imitação de observações do quotidiano;</li> <li>• Persistência;</li> <li>• Reconhecimento das suas conquistas;</li> <li>• Imaginação/Criatividade;</li> </ul>	"... três meninos de volta das panelas, estes conversam entre si e partilham os materiais, pegando numas e noutras, até que um menino pega nas colheres e começa a mexer algo que têm dentro das panelas e começa a colocar a colher à boca para comer e diz "mmm muito bom" ..." (C2; L42_45) "... difícil tanto abrir a caixa como as molas, mas este menino não desistiu enquanto não abriu ambas. E demonstrou-se muito feliz com a sua conquista." (C1; L71_78) "... menino Y disse "falta a tampa a tampa é daqui o .... tiou a tampa jana" "ele não dami" ..." (C2; L84_85) "... um menino que agarra num tacho e coloca-o na cabeça e finge que está a usar um chapéu." (C2; L95_96)
	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Repetição de procedimentos;</li> <li>• Rir;</li> <li>• Divertir-se;</li> <li>• Comunicar com a educadora;</li> <li>• Persistência em quer abrir a caixa;</li> <li>• Criação de música;</li> </ul>	"... começa a guardá-los dentro de uma frigideira, coloca as colheres primeiro, depois as formas, pega em tudo o que está à sua volta, sem parar." (C2; L48_51) conseguiu abri-la e começou-se a rir, levantou-se e foi ao pé da educadora e disse "olha era uma roa" (C2; L111_112) "... a bater no colchão com as mãos e riam-se uns para os outros." (C2; 120_121)

Caraterização geral	4.1 – aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diferença no grupo;</li> <li>• Manteve-se calmo;</li> <li>• As crianças foram capazes de se envolverem com os materiais;</li> </ul>	<p>“... notou uma enorme diferença no grupo ...” (C2; L134_135)</p> <p>“... grupo esteve muito calmo e conseguiram envolver-se muito com os materiais ...” (C2; L136_137)</p>
	4.2 – aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disputa de duas crianças durante a sessão;</li> <li>• Um menino chorou muito;</li> <li>• Foi uma situação complicado de os meninos resolverem sozinhos;</li> </ul>	<p>“Os dois meninos ainda estão a disputar o tacho, o menino X continua a tentar tirar o tacho ao outro menino que continua a chorar.” (C2; L103_104)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi uma sessão em que notou uma enorme diferença do grupo de uma sessão para a outra.</li> </ul>	<p>“... diz que notou uma enorme diferença no grupo, pois eram menos e o espaço era menor, logo aí eles sentaram-se logo e começaram a explorar os materiais. Achou que o grupo esteve muito calmo e conseguiram envolver-se muito com os materiais.” (C2; L134_137)</p>

## Observação Naturalista 7

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 crianças;</li> </ul>	<i>“Estão apenas três bebés ...” (C2; L10)</i>
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de atividades;</li> </ul>	<i>“... sala junto às crianças ...” (C2; L9)</i>
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 meses e os 12 meses</li> </ul>	<i>“... Berçário ...” (Introdução)</i>
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 6 garrafas sensoriais;</li> <li>• Rolhas de cortiça;</li> <li>• Molas da roupa;</li> <li>• Colheres de pau;</li> <li>• Forminhas de metal;</li> <li>• Fervedor de metal;</li> <li>• Fitas com guizos;</li> </ul>	<i>“... objetos selecionados foram seis garrafas sensoriais diferentes umas das outras, algumas rolhas de cortiça; colheres de pau, forminhas de metal, um fervedor, molas da roupa e o próprio cesto tinha fitas com guizos.” (C2; L6_9)</i>
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cesto dos tesouros estava junto ao grupo de crianças;</li> <li>• Materiais estavam dentro do cesto;</li> </ul>	<i>“O cesto foi colocado no meio da sala junto às crianças.” (C2; L9)</i>
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cesto foi criado para observação da reação dos bebés;</li> <li>• A educadora não sabia que objetos utilizar;</li> <li>• Não existiram competência a desenvolver pensadas;</li> <li>• A educadora queria ver a primeira a reação das crianças;</li> </ul>	<i>“... cesto foi criado para observar o que os bebés iram desenvolver, a educadora não tinha qualquer ideia de objetos que poderiam ser usados e para uma primeira vez foi selecionado alguns objetos diferente para visualizar os bebés a explorarem materiais do seu quotidiano, mas que por vezes nem sempre estão ao seu alcance.” (C2; L1_5)</i> <i>“... inicialmente não pensei em nenhuma competência mesmo que eles podiam desenvolver ...” (C2; L132_133)</i>
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação entre eles;</li> <li>• Conceitos matemáticos;</li> <li>• Encaixe;</li> <li>• Motricidade fina e grossa;</li> <li>• Imitação;</li> <li>• Observação;</li> <li>• Exploração dos materiais;</li> <li>• Exploração dos sons;</li> <li>• Música;</li> <li>• Concentração;</li> <li>• Persistência;</li> </ul>	<i>“... consegui ver o grupo a desenvolver bastantes competências, como a interação, conceitos matemáticos como o encaixe das formas, a exploração dos materiais foi notória, motricidade fina e grossa, curiosidade e a criatividade.” (C2; L133_137)</i> <i>“... anda pela sala a bater em locais diferentes com a panela.” (C2; L35_36)</i> <i>“... bebé 1 observa o outro bebé ... pega então numa colher e bate com esta no chão e olha novamente para o outro menino, esperando a sua reação, o outro bebé continua a bater com a sua panela, não dando atenção ao que o outro faz, então o bebé 1 começa a bater com a colher em tudo o que tinha à sua volta, depois disso começa a explorar a colher, colocando-a na boca, mexendo-a com as mãos e olhando muito para esta.” (C2; L40_46)</i> <i>“O bebé 2 andava a experimentar/conhecer os diferentes sons.” (C1; L18_20)</i> <i>“... bebé 2 ... muito concentrado nos seus materiais ... ele pegou nas formas grandes e nas pequenas, separou todos e agora tenta voltar a encaixar umas nas outras, mas não está a conseguir, repete o processo várias vezes até que tem todas as formas empilhadas ...” (C2; L80_84)</i>

	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração do som;</li> <li>• Necessidade de aceitação pela educadora;</li> <li>• Necessidade da presença do adulto;</li> <li>• Pôr e tirar do cesto;</li> <li>• Mexer no cesto;</li> <li>• Exploração dos materiais;</li> </ul>	<p>“... bebê 2 continua a bater com a panela no chão e de repente pára e olha para a educadora ...” (C2; L31_32)</p> <p>“... outra bebê continua afastada do cesto e não se aproxima, virou-se de costa para o cesto para poder observar o adulto ...” (C2; L37_38)</p> <p>“... bebê 2 depois de explorar as formas coloca-as dentro do cesto e o bebê 1 aproveita para se sentar perto do cesto e com uma colher começa a mexer tudo ...” (C2; L98_101)</p>
Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora conseguiu observar diferentes competência a serem trabalhadas numa atividade;</li> </ul>	<p>“... inicialmente não pensei em nenhuma competência mesmo que eles podiam desenvolver, mas consegui ver o grupo a desenvolver bastantes competências ...” (C2; L132_133)</p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tempo;</li> <li>• Por vezes é muito para algumas crianças;</li> <li>• Para outras crianças é pouco;</li> </ul>	<p>seria a altura de terminar, deixando a menina a explorar mais um bocadinho, porque ela agora é que estava envolvida com os materiais, mas não ficou muito mais tempo porque eles tinha de ir tomar o reforço da manhã.” (C2; L125_128)</p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É muito interessante;</li> <li>• Atividade que os desenvolve bastante;</li> <li>• Exploração que eles são capazes de fazer sem o adulto;</li> <li>• Muito bom;</li> </ul>	<p>“... educadora mencionou que foi muito interessante e que é uma atividade os desenvolve imenso, pois o grupo é capaz de se entregar aos materiais e explorá-los sem o adulto presente.” (C2; L 129_131)</p> <p>Foi muito bom mesmo.” (C2; L136_137)</p>

## Observação Naturalista 8

Categories	Subcategories	Unidades de registo	Unidade de Contexto
Dados de Caracterização	1.1 – Número de crianças;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 8 crianças;</li> </ul>	“... 8 no total ...” (Introdução)
	1.2 – Local da sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de atividades;</li> </ul>	“... sala de atividades ...” (C2; L1)
	1.3 – Faixa etária dos indivíduos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 ano de idade;</li> </ul>	“... 1 ano ...” (Introdução)
Organização da sessão	2.1 – Objetos selecionados;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colheres de pau;</li> <li>• Forminhas de metal;</li> <li>• Fervedores de metal;</li> <li>• Tacho;</li> <li>• Garrafão cheio de tampas;</li> <li>• Rolhas de cortiça;</li> <li>• Tampas de plástico;</li> <li>• Caixas de ovos;</li> <li>• Rolos de papel higiénico;</li> <li>• Garrafas de água pequenas;</li> <li>• Garrafas de água grades;</li> </ul>	<p>“... utensílios do quotidiano (fervedores, forminhas de metal, tachos, colheres de pau) ...” (C2; L4_5)</p> <p>“... diferentes elementos (caixas de ovos; rolos papel higiénico, rolhas de plástico e cortiça, garrafão cheio de tampas) ...” (C2; L6_8)</p> <p>“... tem algumas garrafas de água umas com água e outra não, e uma são maiores que outras ...” (C2; L10_11)</p>
	2.2 – Organização do espaço;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 estações diferentes;</li> <li>• Primeira tem utensílios da cozinha;</li> <li>• Segunda tem diferentes elementos;</li> <li>• Terceira tem garrafas de água;</li> </ul>	<p>“... atividade foi realizada na sala de atividades do grupo, e esteve organizada em três estações diferentes.” (C2; L1_2)</p> <p>“Primeira tem elementos relacionados com a cozinha ...” (C2; L2_3)</p> <p>“... a segunda tem diferentes elementos ...” (C2; L6)</p> <p>“... a terceira e última tem algumas garrafas de água ...” (C2; L9_10)</p>
Objetivos propostos	3.1 – Objetivos idealizados para a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criatividade;</li> <li>• Imaginação;</li> <li>• Contagens;</li> <li>• Motricidade fina;</li> <li>• Conceitos matemáticos;</li> <li>• Dimensões;</li> <li>• Grande e pequeno;</li> <li>• Leve e o pesado;</li> <li>• Cheio e o leve;</li> </ul>	<p>“... para investirem na sua criatividade e imaginação ...” (C2; L5_6)</p> <p>“... com o objetivo de trabalhar o encaixe, as contagens, a criatividade, motricidade fina ...” (C2; L8_9)</p> <p>“... nesta estação temos como objetivo dar a conhecer as diferentes dimensões, o pesado e o leve, o vazio e o cheio, ou seja, mais direcionada para os conceitos matemáticos.” (C2; L11_13)</p>
	3.2 – O que as crianças desenvolveram durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conjuntos;</li> <li>• Persistência;</li> <li>• Exploração dos materiais;</li> <li>• Comunicação oral;</li> <li>• Noção do peso;</li> <li>• Partilha;</li> <li>• Interação entre eles;</li> <li>• Criatividade;</li> <li>• Imaginação;</li> </ul>	<p>“O menino começou a fazer conjuntos. Garrafas pesadas num lado e garrafas vazias noutro.” (C1; L64_68)</p> <p>pega em algumas tampas e está a explorar está, tenta empilhá-las várias vezes, mas caem sempre, ela repete o mesmo várias vezes.” (C2; L97_99)</p> <p>“... diz “é pesada” e depois pega numa vazia e diz “esta não” e começa a pegar as diferentes garrafas e coloca as garrafas pesadas todas umas ao pé das outras e as garrafas vazias umas ao pé das outras.” (C2; L106_109)</p> <p>“... um menino vai dando à boca dos outros meninos o que tem dentro das formas e eles assim o menino coloca a colher na boca dele riem-se e um menino disse “está bom”, outro menino diz “hummm” e vão se interagindo e rindo-se uns para os outros.” (C2; L112_116)</p> <p>Quando tiravam a tampa e mostravam parecia que era um troféu a tampa. (C1; L89_92)</p>

	3.3 – Ações das crianças durante a sessão;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração em conjunto;</li> <li>• Partilha;</li> <li>• Brincadeira em conjunto;</li> </ul>	<p><i>alguns meninos de volta do garrafão que contém tampas lá dentro eles tentam tirá-las de lá, mas como querem tirar todas ao mesmo tempo não conseguem e depois de quase todos tentarem um menino tira uma e assim devagar eles vão conseguindo, quando tiram uma riem-se e mostram a tampa uns aos outros.” (C2; L134_139)</i></p>
Caraterização geral	4.1 – Aspetos positivos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação das crianças umas com as outras;</li> </ul>	<p><i>impressionante como com um ano eles interagem uns com os outros através da brincadeira.” (C1; L27_32)</i></p>
	4.2 – Aspetos negativos;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço reduzido da sala;</li> <li>• Os adultos estão muito perto das crianças;</li> <li>• Interfere com a exploração das crianças;</li> </ul>	<p><i>“A sala é muito pequena e eu estou sentada no chão junto dos meninos e por isso é que se calhar o menino largou logo a rolha porque como estou muito perto dele pode estar a interferir. Tentei me afastar, mas não tenho muito espaço.” (C1; L1_13)</i></p>
	4.3 – Opinião da Educadora cooperante;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O espaço era reduzido;</li> <li>• Influenciou a sessão no fim;</li> <li>• Envolvimento do grupo com os materiais;</li> <li>• Adulto não necessita de estar sempre presente nas atividades;</li> <li>• As crianças conseguem solucionar os seus problemas sozinhos;</li> </ul>	<p><i>“... mencionou que o espaço era reduzido e tendo a piscina de bolas ali também interferiu com o fim da sessão, mas achou que a sessão foi ótima para eles. Sentiu que o grupo se envolveu bastante com os materiais e que o adulto não é necessário estar sempre presente porque eles conseguem solucionar os seus problemas.” (C2; L128_133)</i></p>